



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
Programa de Pós-graduação em Linguística-PROLING
Doutorado em Linguística

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM AGORA ATRAVÉS DOS
SÉCULOS: UMA ANÁLISE NA FALA E NA ESCRITA**

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA

JOÃO PESSOA
2018

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM AGORA ATRAVÉS DOS
SÉCULOS: UMA ANÁLISE NA FALA E NA ESCRITA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PROLING), área de concentração Teoria e Análise Linguística, como requisito para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva

**JOÃO PESSOA
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48m Oliveira, Maria José de.

A multifuncionalidade do item agora através dos séculos: uma análise na fala e na escrita / Maria José de Oliveira. - João Pessoa, 2018.
218 f. : il.

Orientação: Camilo Rosa da Silva.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Gramaticalização - Item agora. 3. Mecanismo de gramaticalização. I. Silva, Camilo Rosa da. II. Título.

UFPB/BC

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM AGORA ATRAVÉS DOS
SÉCULOS: UMA ANÁLISE NA FALA E NA ESCRITA**

Tese de Doutorado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Linguística.

Data: 28/02/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (UFPB/PROLING)
(Orientador)

Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde (UFRPE/PROFLETRAS)
(Examinador)



Profa. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos (UEPB)
(Examinadora)

Profa. Dra. Maria Cristina de Assis (UFPB)
(Examinadora)

Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira da Silva (UFPB/PROLING)
(Examinador)

Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz (UFPB/PROLING)
(Suplente)

Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis (UFPB/PPGL)
(Suplente)

JOÃO PESSOA
2018

AOS MEUS PAIS, por terem acreditado nas minhas potencialidades...

A OTTO GUILHERME E TOMÉ GALILEU, meus filhos amados...

A GISONALDO, esposo companheiro e parceiro acadêmico...

Aos meus IRMÃOS E IRMÃS...

Aos muitos SOBRINHOS E SOBRINHAS consanguíneos e afins...

Que este ideal seja AGORA de vocês

e tomara que vocês queiram...

e acreditem nas possibilidades do SONHO!!!

AGRADECIMENTOS

Depois de uma largada que durou quatro anos de dedicação exclusiva, eis que se chega ao final. E AGORA? O poeta diria: e agora, Maria José? [...] você marcha, Maria José! Maria José, para onde?

AGORA... com a licença do poeta...o instante embala “minha doce palavra”...

Se pela iconicidade, a informação mais importante vem em primeira ordem, agradeço, em primeiro lugar, a essa imensurável força interior que me impulsiona a seguir em frente na busca de provar minhas verdades que se alicerçam na crença de que sonhos podem se realizar. Essa força onipresente só pode ser patrocinada por DEUS. Sem Ele e o sonho... nada de mim teria existido.

Obrigada, DEUS, porque também me fez reconhecer que o anseio que ora se realiza depende de pessoas, instituições e até de coisas materiais. Assim, no *ranking* dos reconhecimentos, agradeço:

A minha família, base fundamental e necessária para compreender as adversidades. Aos meus pais, em especial, à minha mãe, por ter lutado com uma força hercúlea contra tudo, com o propósito de nos fazer maiores para absorvermos, que sem educação e gosto pelo ato de estudar - na sua (vã?) filosofia - não seríamos nada. A Gisonaldo, esposo companheiro e parceiro acadêmico, pela compreensão e por dividir com amor a tarefa de acompanhar e orientar nossos filhos, Otto Guilherme e Tomé Galileu, quando de minhas ausências para cumprir as atividades acadêmicas em João Pessoa. Aos meus filhos, por terem começado a entender que a minha permanência na frente de um computador já não era um mero exercício de lazer.

Igualmente, agradeço ao meu eterno orientador, professor Camilo Rosa, por compreender o seu papel social, conduzindo com competência e austeridade a orientação, as aulas e as leituras necessárias sem perder a ternura e a paciência que lhes são peculiares, pelo incentivo permanente, pela confiança e, sobretudo, pela oportunidade de reiterar uma amizade que vem perdurando ao longo dos anos.

Agradeço ainda...

Aos professore(a)s Marta Anaísa Bezerra Ramos e Francisco Eduardo Vieira da Silva pelas valiosas contribuições quando do exame de qualificação;

Aos professore(a)s do nosso bem conceituado PROLING: professora Luciene Espíndola, pelas encantadoras aulas sobre metáforas conceituais que me renderam o primeiro trabalho da qualificação; ao professor Rubens Marques Lucena, pela organização didática impressionante e pelo brilhante conhecimento transmitido nas aulas de Sociolinguística; a Mônica Trindade pela competência e suavidade com que conduziu os conceitos nas aulas de Semântica cognitiva.

Em especial, agradeço a professora Maria Alice Tavares (UFRN), pela indicação do *corpus* do português e outras dicas valiosas.

A amiga e professora, Célia Maria Medeiros (UFRN) pelas leituras, pela troca de ideias e angústias acadêmicas;

Ao IFRN, casa de educação da qual sou servidora, por ter concedido a licença necessária para eu realizar esta tarefa, sem a qual não seria possível cumpri-la no prazo estabelecido;

As queridas irmã e sobrinha, Elineuza dos Santos Mariz e Indira Medeiros, pelo apoio matemático na revisão das tabelas;

A Marinez e Marilene (Leninha), parentes por afinidade, por terem me acolhido em João Pessoa com a mais distinta atenção e carinho;

Aos demais familiares, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, sogro(a), cunhados(a), e outros... agradeço por terem me compreendido em alguns momentos não compartilhados, como também pela torcida.

A Noelma e sua família, pela acolhida em Campina Grande com toda a tranquilidade e bondade que emanam da sua presença, além das preciosas e convenientes caronas de Campina Grande a João Pessoa, as quais renderam grandes conversas acadêmicas e pessoais;

A Marta, também agradeço pela especial recepção e companhia agradável quando dos deslocamentos necessários em congressos e grupos de estudo;

Aos colegas do Grupo de investigações funcionalistas (GIF): Marta, Noelma, Jacinta, Macélio, Daiane, Raissa, Jackson e Aymée pelos animados e inesquecíveis encontros patrocinados por um misto de gramática funcional e afeto.

A todos...e AGORA... *aquele abraço* de gratidão!!!

JOSÉ¹

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. Olympio,

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar os usos e o processo de gramaticalização do item *agora* sob uma abordagem pancrônica correlacionada com a verificação de aspectos referentes à frequência de uso, funções sintático-semântico-discursivas, ordem de colocação e aplicação dos princípios e mecanismos da gramaticalização, considerando-se os períodos XIV até primeira metade de XVI; segunda metade de XVI – XVII e XVIII-XX em dados da escrita e XX e XXI em dados de fala e de escrita, propositando a verificação do que está se tornando regular na língua em relação ao comportamento funcional do elemento. Para isso, utiliza-se o *Corpus* do português-CDP (DAVIES; FERREIRA, 2006); *Corpus* CE-DOHS. *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB 5566/2010); *Corpus* Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA [org.], 2010), além do livro de crônicas *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (ANDRADE, 1974). É uma análise que se ancora na teoria funcionalista, especificamente voltando-se para os estudos de Givón (1979, 2001, 2005); Hopper e Traugott (2003); Heine e Kuteva (2007); Bybee (2006, 2010), entre outros. O trabalho se divide em dois focos de abordagem: o primeiro trata do *agora* através dos séculos em uma descrição evolutiva dos usos na perspectiva pancrônica em gêneros específicos da escrita (cartas e crônicas); o segundo foco trata do item nas modalidades de língua falada e escrita, mediante uma comparação entre usos conforme as modalidades, na perspectiva sincrônica dos gêneros carta e crônicas *versus* gênero conversa, de períodos mais recentes. Em relação aos valores assumidos pelo item, através dos tempos, os resultados apontam a tendência de o *agora* ocorrer em todas as sincronias num percurso escalar, advérbio > conjunção > marcador, no qual o valor temporal se destaca como função mais frequente, no entanto, é possível observar que as mudanças operam de forma paralela, pois, à medida que o item atua na função temporal, atua também com valores mais textuais/discursivos. Acerca da ordem sintática, a ordem AV é considerada a mais evidente da preferência do falante/escritor, tanto do ponto de vista sincrônico como diacrônico, sendo superado, nos períodos mais recentes, momento em que a função de juntor/conector torna-se mais saliente, favorecendo a ordem IO. Desse modo, é possível que haja uma correlação lógico-semântica entre valores semânticos e a ordem estabelecida. Assim, os dados instigam a se visualizar uma gramaticalização em processo quando atestam o item no exercício de valores cujo percurso pode ser representado pelo *cline* de TEMPO > TEXTO > DISCURSO, constatando uma migração gradativa do elemento na direção de valores (+referenciais) para valores (-referenciais), tanto na escrita através dos tempos, como na fala e na escrita dos séculos mais recentes. Essa mudança é também impulsionada pela ordem sintática que vai gradativamente mudando à medida que o item permuta a sua função.

Palavras-chave: *Agora*. Teoria funcionalista. Fala. Escrita.

ABSTRACT

This research aims to analyze the uses and process of grammaticalization of the item *now* under a panchronic approach correlated with the verification of aspects related to frequency of use, syntactic-semantic-discursive functions, order of placement and application of the principles and mechanisms of grammaticalization, considering the periods XIV until the first half of XVI; second half of XVI - XVII and XVIII - XX in data of writing and XX and XXI in data of speech and writing, aiming the verification of what is becoming regular in the language in relation to the functional behavior of the element. For this, the Portuguese-CDP Corpus (DAVIES; FERREIRA, 2006) is used; Corpus CE-DOHS. Electronic Corpus of Historical Documents of the Sertão (FAPESB 5566/2010); Banco conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA [org.], 2010), in addition to the chronicle of news & non-news chronicle (ANDRADE, 1974) is an analysis that is anchored in functionalist theory, specifically turning and the study of Givón (1979, 2001, 2005), Hopper and Traugott (2003), Heine and Kuteva (2007), Bybee (2006, 2010), among others. The work is divided into two focuses of approach: the first deals with the *now* through the centuries in an evolutionary description of uses in the panchronic perspective in specific genres of writing (letters and chronicles); the second focus deals with the item in the modalities of spoken and written language, through a comparison between uses according to the modalities of use, in the synchronic perspective of letter and chronic genres versus talk genre, of more recent periods. In relation to the values assumed by the item, through the times, the results indicate the tendency of the *now* occur in all the synchrony in a scalar path, adverb > conjunction > marker, in which the time value stands out as the most frequent function, however, it is possible to observe that the changes operate in a parallel way, because, as the item acts in the temporal function, it also acts with more textual / discursive values. Concerning the syntactic order, the AV order is considered to be the champion of the speaker / scribe preference, both from the synchronous and diachronic points of view, being exceeded, in the most recent periods, when the connector / connector function becomes more salient, favoring the order IO. In this way, it is possible that there is a logical-semantic correlation between semantic values and the established order. Thus, the data instigate to visualize an in-process grammaticalization when attesting the item in the exercise of values whose path can be represented by the cline of TIME > TEXT > SPEECH, verifying a gradual migration of the element in the direction of values (+ referential) values (-referential), both in writing through the ages, and in speech and writing of more recent centuries. This change is also driven by the syntactic order that gradually changes as the item changes its function.

Keywords: Now. Functionalist theory. Speaks. Writing.

RESUMEN

Esta investigación objetiva estudiar los usos y los procesos de gramaticalización del ítem *ahora* bajo una abordaje pancrónica armonizada con la verificación de aspectos que se refieren a frecuencia del uso, funciones sintáctico-semántico-discursivos, orden de colocación y aplicación de los principios y mecanismos de la gramaticalización, considerándose los períodos XIV hacia primera mitad de XVI; segunda mitad de XVI-XVII y XVIII-XX en datos de la escritura y XX y XXI en datos de habla y de escrita, hurgando la confrontación de lo que está se volviendo regular en la lengua en relación al comportamiento funcional del elemento. Por lo tanto, utilizase el *Corpus* del portugués-CDP (DAVIES; FERREIRA, 2006); *Corpus* CE-DOHS- Corpus Electrónico de Documentos Históricos del Sertão (FAPESB 5566/2010); *Corpus* Convencional de Natal (FURTADO DA CUNHA [org.], 2010), ala del libro de crónicas De noticias & no noticias se hace la crónica (ANDRADE, 1974). Es un análisis que se ancla en la teoría funcionalista, específicamente volviéndose para los estudios de Givón (1979, 2001, 2005); Hopper y Traugott (2003); Heine y Kuteva (2007); Bybee (2006, 2010), entre otros. El trabajo se comparte en dos focos de abordaje: el primero trata del *ahora* a través de los siglos en descripción evolutiva de los usos en la perspectiva pancrónica en géneros específicos de la escritura (cartas y crónicas); el segundo foco trata del ítem en las modalidades de lengua hablada y escrita, mediante una comparación entre usos conforme las modalidades de uso, en la perspectiva sincrónica de los géneros carta y crónicas *versus* genero conversa, de los periodos más recientes. En relación a los valores asumidos por el ítem, a través de los tiempos, los resultados apuntan la tendencia del *ahora* ocurrir en todas las sincronías en un camino escalar, adverbio > conjunción > marcador, en el cual el valor temporal se señala como función más frecuente, sin embargo, es posible observar que los cambios tocan de modo paralelo, pues, en el paso que el ítem actúa en la función temporal, actúa también con valores más textuales/discursivos. Acerca el orden sintáctica, el orden AV es considerada la campeona de la preferencia del hablante/escritor, tanto del punto de vista sincrónico como diacrónico, siendo superada, en los periodos más recientes, momentos en que la función de juntor/conector se vuelve más saliente, favoreciendo el orden IO. Del mismo modo, es posible que haya una correspondencia lógico-semántica entre valores semánticos y la orden establecida. Así, los datos incitan a visualizarse una gramaticalización en el proceso cuando atestan el ítem en el ejercicio de valores cuyo recorrido puede ser simbolizado por el *cline* de TIEMPO > TEXTO > DISCURSO, constatando una migración gradual del elemento en la dirección de valores (+referenciales) para valores (-referenciales), tanto en la escrita a través de los tiempos, como en el habla y en la escrita de los siglos más cercanos. Ese cambio es también lanzado por el orden sintáctico que va gradualmente cambiando al paso que el ítem canjea su función.

Palabras-clave: Ahora. Teoría funcionalista. Habla. Escrita.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Síntese geral da frequência do <i>agora</i> na sincronia XIV-XVI	119
Gráfico 2: Síntese geral da frequência do <i>agora</i> na sincronia XVI-XVII.....	120
Gráfico 3: Síntese geral da frequência do <i>agora</i> na sincronia XVIII-XX.....	120
Gráfico 4: Síntese do <i>agora</i> nas crônicas do período XIV-XVI	133
Gráfico 5: Síntese do <i>agora</i> nas crônicas do período XVI-XVII.....	133
Gráfico 6: Síntese do <i>agora</i> nas crônicas do período XVIII-XX.....	134
Gráfico 7: Síntese do <i>agora</i> nas cartas do período XIV-XVI	134
Gráfico 8: Síntese do <i>agora</i> nas cartas do período XVI-XVII.....	135
Gráfico 9: Síntese do <i>agora</i> nas cartas do período XVIII-XX.....	135
Gráfico 10: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XIV-XVI-Ordem AV.....	151
Gráfico 11: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XVI-XVII- Ordem AV	152
Gráfico 12: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XVIII-XX- OrdemAV	152
Gráfico 13: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XIV-XVI- Ordem PV.....	153
Gráfico14: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XVI-XVII- Ordem PV	153
Gráfico 15: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XVIII-XX - Ordem PV	153
Gráfico 16: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XIV-XVI- Ordem IO	154
Gráfico 17: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XVI-XVII- Ordem IO.....	154
Gráfico 18: Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos XVIII-XX- Ordem IO	155
Gráfico 19: Síntese do <i>agora</i> na modalidade de língua oral	175
Gráfico 20: Síntese do <i>agora</i> na modalidade de língua escrita.....	175
Gráfico 21: Síntese das funções do <i>agora</i> na modalidade oral - Ordem AV	191
Gráfico 22: Síntese das funções do <i>agora</i> na modalidade escrita- Ordem AV.....	191
Gráfico 23: Síntese das funções do <i>agora</i> na modalidade oral- Ordem PV.....	192
Gráfico 24: Síntese das funções do <i>agora</i> na modalidade escrita- Ordem PV	192
Gráfico 25: Síntese das funções do <i>agora</i> na modalidade oral- Ordem IO/IT.....	193
Gráfico 26: Síntese das funções do <i>agora</i> na modalidade escrita- Ordem IO/IT	193

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos clássicos de gramaticalização	39
Quadro 2: Fases da gramaticalização.....	42
Quadro 3: Parâmetros envolvidos na gramaticalização	52
Quadro 4: Categorização semântica do item <i>agora</i>	70
Quadro 5: Quantidade de dados por sincronia	78
Quadro 6: Periodização da língua portuguesa.....	82
Quadro 7: Descrição das etapas do trabalho nos períodos.....	91
Quadro 8 : Funções e subfunções do item <i>agora</i>	98
Quadro 9: Marcação funcional da complexidade estrutural na língua escrita	157
Quadro 10: Marcação funcional da complexidade cognitiva na língua escrita	158
Quadro 11: Marcação funcional quanto à frequência na língua escrita.....	159
Quadro 12: Marcação funcional em relação à complexidade estrutural na modalidade oral ..	195
Quadro 13: Marcação funcional em relação à complexidade estrutural na modalidade escrita.....	195
Quadro 14: Marcação funcional em relação à complexidade cognitiva na modalidade oral ...	197
Quadro 15: Marcação funcional do <i>agora</i> em relação à complexidade cognitiva na modalidade escrita	197
Quadro 16: Marcação funcional em relação à frequência nas modalidades oral e escrita.....	198

LISTA DE TABELAS

Tabela1: Funções do <i>agora</i> em uma visão panorâmica.....	99
Tabela 1.1: <i>Agora</i> dêitico temporal	104
Tabela 1.2 : <i>Agora</i> conector/juntor nas sincronias.....	111
Tabela 1.3: <i>Agora</i> marcador nas sincronias.....	116
Tabela 2: Funções do <i>agora</i> conforme o gênero textual	122
Tabela 3: Funções do <i>agora</i> no gênero crônica nas sincronias	123
Tabela 4: Funções do <i>agora</i> no gênero carta nas diversas sincronias	128
Tabela 5: A ordem AV/PV/IS/FS/funções nas sincronias.....	139
Tabela 5.1: A ordem AV nas sincronias.....	140
Tabela 5.2: A ordem PV nas sincronias	143
Tabela 5.3: A ordem IS nas sincronias	146
Tabela 6: Funções do <i>agora</i> nas modalidades oral e escrita	163
Tabela 6.1: <i>Agora</i> dêitico temporal nas modalidades.....	165
Tabela 6.2: <i>Agora</i> conector/juntor nas modalidades.....	168
Tabela 6.3: <i>Agora</i> marcador discursivo nas modalidades.....	171
Tabela 7: A ordem AV/PV/IO/FO/funções nas modalidades.....	179
Tabela 7.1: A ordem AV/funções nas modalidades	181
Tabela 7.2: A ordem PV/funções nas modalidades	183
Tabela 7.3: A ordem IO/IT/funções nas modalidades.....	185
Tabela 7.4: A ordem FO/FT/funções nas modalidades	187

LISTA DE SIGLAS

AV- anteposta ao verbo

PV- posposta ao verbo

IO- início de oração

IT- início de turno

FO- final de oração

FT- final de turno

CDP- *corpus* do português

CE-DOHS- *Corpus* eletrônico do português histórico do Sertão

L1- leitor 1

L2- leitor 2

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 Estatuto categorial do <i>agora</i>	16
2 Questões, hipóteses e objetivos da pesquisa	20
3 Justificativa	23
4 Organização da pesquisa.....	24
1 BASE TEÓRICA: FUNCIONALISMO E GRAMATICALIZAÇÃO	26
1.1 Funcionalismo	26
1.2 Da concepção de gramática	27
1.2.1 Gramática funcional e cognição	29
1.3 Princípios do funcionalismo.....	30
1.3.1 Da noção de iconicidade.....	30
1.3.2 Da noção de protótipos.....	31
1.3.3 Da noção de marcação.....	33
1.3.4 Da gramaticalização	34
1.3.4.1 Sobre a frequência de uso.....	44
1.3.4.2 Do Princípio da unidirecionalidade	45
1.3.4.3 Dos Mecanismos de gramaticalização.....	46
2 SITUANDO O AGORA NA LITERATURA.....	56
2.1 <i>Agora</i> sob o olhar de gramáticas representativas da tradição em contraponto com a linguística.....	56
2.2 Advérbio <i>agora</i> sob o olhar de outros pesquisadores linguísticos.....	60
2.2.1 Propriedades semântico-discursivas do <i>agora</i>	62
3 METODOLOGIA.....	76
3.1 O percurso de pesquisa e as escolhas realizadas.....	76
3.2 Dos <i>corpora</i> utilizados e o recorte da amostra	79
3.2.1 Da seleção da amostra	81
3.2.2 Dos gêneros escolhidos	83
3.2.2.1 O gênero carta.....	83
3.2.2.2 O gênero crônica.....	87
3.2.2.3 O gênero conversa	89
3.2.3 Das obras selecionadas	91
3.3.1 Breve histórico dos textos selecionados	92
4 DA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DO ITEM AGORA EM GÊNEROS ESCRITOS AO LONGO DAS SINCRONIAS	97

4.1. O item <i>agora</i> em diferentes sincronias- de uma visão panorâmica a uma visão específica	97
4.1.1 <i>Agora</i> dêitico temporal	101
4.1.1.1 <i>Agora</i> dêitico temporal nas sincronias	104
4.1.2 <i>Agora</i> conector/ juntor	108
4.1.2.1 <i>Agora</i> conector/juntor nas sincronias	111
4.1.3 <i>Agora</i> marcador discursivo	115
4.1.3.1 <i>Agora</i> marcador discursivo nas sincronias	116
4.1.4 Síntese das funções do <i>agora</i> nas três sincronias	119
4.2 Funções do <i>agora</i> conforme o gênero textual	121
4.2.1 Do gênero crônica	123
4.2.1.1 Funções do <i>agora</i> no gênero crônica nas sincronias	124
4.2.2 Do gênero carta	127
4.2.2.1 Funções do <i>agora</i> no gênero cartas	129
4.2.3 Síntese das funções do <i>agora</i> nos três períodos conforme o gênero textual	133
4.3 Ordem sintática relacionada às funções nas sincronias	136
4.3.1 Ordem AV/funções nas sincronias	140
4.3.2 Ordem PV/funções nas sincronias	143
4.3.3 Ordem IO/funções nas sincronias	146
4.3.4 Ordem FO/funções nas sincronias	149
4.3.5 Síntese das funções do <i>agora</i> nos períodos conforme a ordem	151
4.4 Da aplicação do princípio da marcação nos dados dos séculos remanescentes	156
 5 DA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DO ITEM AGORA EM GÊNEROS DA FALA E DA ESCRITA EM SINCRONIAS MAIS ATUAIS	161
 5.1 O item <i>agora</i> em gêneros da fala e da escrita e da escrita em sincronias mais atuais- de uma visão panorâmica a uma visão específica	161
5.1.1 <i>Agora</i> dêitico temporal nas modalidades	165
5.1.2 <i>Agora</i> conector/juntor nas modalidades	168
5.1.3 <i>Agora</i> marcador discursivo nas modalidades	172
5.1.4 Síntese das funções do <i>agora</i> nas modalidades	174
5.2 Ordem sintática relacionada às funções nas modalidades	175
5.2.1 Ordem AV nas modalidades	181
5.2.2 Ordem PV nas modalidades	183
5.2.3 A ordem IO/IT nas modalidades	185
5.2.4 A ordem FO/FT nas modalidades	187
5.2.5 Síntese da gramaticalização do <i>agora</i> na fala e na escrita	190
5.3 Da aplicação do princípio da marcação nos dados da fala e da escrita de séculos mais recentes	194
5.4 Gramaticalização do <i>agora</i> nas modalidades oral e escrita	199
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
 REFERÊNCIAS	210

INTRODUÇÃO

Esta introdução se tece pela necessidade de definir o estatuto categorial do objeto de estudo, delimitar os dados, definir termos, objetivos, questões e hipóteses, assim como justificar e defender o esteio teórico base deste estudo, cuja organização será explicitada sumariamente ao final desta seção. Para esboçar um estatuto do *agora*, convém, em primeiro lugar, refletir um pouco sobre a divisão das palavras em classes.

1 Estatuto categorial do *agora*

Embora tenha avançado no nível das perspectivas, o trabalho com a divisão de palavras em classes remonta à história dos gregos, sendo considerada prática comum até hoje. Segundo Furtado da Cunha e Bispo (2016, grifos dos autores)

A categorização permeia nossa relação com o mundo físico e social e com nosso intelecto. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de *categorias de coisas*. E isso se dá também no domínio linguístico: do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua.

Assim, a categorização faz parte da nossa inserção nas versões do mundo, sendo fundamental para compreender as coisas do universo. Essa relação com o mundo físico e social também se instaura na língua. Por isso, esta análise envereda pelo caminho das categorizações, mas sob a perspectiva do contínuo entre as classes.

O item *agora* é visto pelos gramáticos tradicionais como advérbio de tempo ou como palavra de difícil classificação (MELO, 1978; CEGALLA, 1997; CUNHA e CINTRA, 2007; BECHARA, 2010), inserindo-se em uma classe que tradicionalmente o considera uma palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou o próprio advérbio, haja vista que é esse o conceito de advérbio que ecoa pela maioria dos gramáticos. Porém, estudos linguísticos ampliam tal conceito e discutem a categorização do item restrita ao valor de advérbio, uma vez considerada insustentável essa classificação, e comprovada a incursão desse elemento por caminhos mais textuais e discursivos (DUQUE (2002, 2009), MARTELOTTA (2004), RISSO (1998, 2006), OLIVEIRA (2009), RODRIGUES (2009), SILVA E OLIVEIRA (2013) comprovam a polifuncionalidade do item em *corpora* de língua oral e escrita.

Isso significa que, acostumada aos exercícios de imposição apriorística das normas de uso, sem discussões aparentemente mais efetivas, a gramática tradicional traz contribuição para a descrição das línguas, mas parece incorrer em generalizações descuidadas e incômodas categorizações, tendo em vista que não considera a língua em uso, ou talvez dela se descuide, com uma aparente resistência a aceitar os valores constantes que a língua adquire nos momentos de interação. A respeito do rótulo, Castilho² (2010, p. 542), revendo tal conceito e verificando as circunstâncias que se enquadram na categoria de advérbios de tempo, argumenta que “análises críticas desse modo de ver as coisas têm apontado para o acerto em identificar na modificação/predicação o traço forte dos advérbios e, ao mesmo tempo, a dificuldade de explicar por esse processo a totalidade dos tipos aí arrolados”. Assim sendo, o autor comenta sobre a não absolutização do conceito de modificador/predicador, haja vista não se aplicar a todos os advérbios, como os circunstanciais ou dêiticos (nicho prototípico do *agora*) e os verificadores. Some-se a isso outro fator que também se impõe como contestável em relação ao conceito de advérbio. Tal fator concerne à fluidez categórica da fronteira entre ele e os adjetivos, quase sempre muito tênue.

De acordo com Neves (2011, p. 266), o *agora* se insere na categoria dos circunstanciais de tempo, em específico, entre os circunstanciais de situação, cujo tempo envolvido é não cronológico, ou seja, não se liga com o calendário, conforme atestam os exemplos apresentados pela autora a seguir replicados:

AGORA= neste momento

- Só AGORA é que a senhora se lembrou disso? (A)

AGORA= na época atual

Estava dizendo um matuto, na venda, que Aparício anda AGORA com mais de duzentos homens. (CA)

AGORA= neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este

Mas vamos passar AGORA à parte principal do nosso programa (RV)

AGORA= no momento/período imediatamente anterior a este.

E AGORA houve uma mula que tinha parido? (PRO)

AGORA= nos últimos tempos

A vida da gente é esta mesma que está aqui e o melhor é acabar com ela. E AGORA aparece menino novo, para ainda mais me sucumbir. (CA)

² Segundo o autor, alguns advérbios tomam por escopo o verbo, mas não transferem propriedades para este, como é o caso, por exemplo, “*um médico era [só] médico o engenheiro era [só] engenheiro... pelo menos naquela altura*” (D2 SP 360).

Conforme se pode analisar, na condição de circunstanciador de situação, Neves (2011) acusa o exercício do item com valores de *neste momento* e *na época atual*, além do momento presente se instanciando para o futuro e passado imediatos, como também, com o valor de *nos últimos tempos*.

Pesquisas outras, como a de Duque (2009) e Rodrigues (2009), registram o *agora* em função de exofórico (ou dêitico); endofórico; juntivo e discursivo. Rodrigues (2009) o apresenta com as funções gerais de tempo, conexão e marcação discursiva. Em Oliveira (2009), defendeu-se pesquisa de mestrado sobre os adversativos na fala do natalense, em cujo âmbito tratou-se do item na função de adversativo, desvelando-se também suas funções textuais e discursivas na língua falada. Certamente nada disso é algo tão novo assim, entretanto, analisar as construções que envolvem o item de um ponto de vista sintático-semântico-discursivo, captando mudanças sintáticas e semânticas, sob a perspectiva da multifuncionalidade, nas duas modalidades de língua, parece ser um diferencial em relação aos estudos anteriores, os quais ou o contemplam na oralidade ou na escrita, sem, porém, analisá-lo nas duas modalidades.

Para melhor direcionamento da pesquisa e do objeto de estudo, convém esclarecer que a amostra de dados para análise dos períodos segue as seguintes distribuições: séculos XIV a meados do século XVI; meados do século XVI ao século XVII; século XVIII ao século XX nas modalidades de escrita e séculos XX e XXI na modalidade de fala, tomando dados provindos de pesquisa do *corpus do português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) ou [CDP], do *corpus eletrônico do português* ou [CE- DOHS]; De notícias e não notícias faz-se a crônica (ANDRADE, 1974) e do Banco conversacional de Natal ou [BCN], (FURTADO DA CUNHA, 2010).

A princípio, adianta-se que as construções com o item nos *corpora* ora em análise também atestam sua multiplicidade de valores, como nos exemplos em amostra:

- (1) [...] parecem alguns, e pode ser que sejam todos, daqueles célebres orgulhos que têm o segredo de mascarar o génio natural com o exterior duma indiferente hipocrisia. Não cuideis que falo daqueles que declamam contra o amor porque ele os riscou do número dos seus vassalos, e que dispensados do juramento de fidelidade, a que se ligaram desde que nasceram, praticam a liberdade de murmurar continuamente do seu soberano originário. Não lhes invejo a satisfação nem a consolação que acham em tal exercício; e como eu não tenho razões, ou se as tenho não me quero lembrar **agora** delas para me queixar do Amor, entendo que não há coisa que mais satisfaça como a harmonia de duas pessoas que, vendo-se sem descanso e sem fastio, se não apartam senão por força, fazendo então propósitos de se unirem o mais que lhes for possível, e que, adiantando-se a tudo o que pode fazer contentamento ao objecto da sua ternura, a acham tão grande quanta é a ocasião que têm de lhe

sacrificarem os gostos mais queridos. Nestas condições é que digo, e não deixarei ainda [...] (Cartas de Cavaleiro de Oliveira, Século XVIII, CDP)

- (2) [...], travessa, como o porte grave de algum velho titular, que o espírito remoçava. Dizem até que a política - essa dama sisuda e pretensiosa - se envolveu um momento nas intrigas do carnaval, e descreveu no salão uma parábola que ninguém talvez percebeu. Deixemos, porém, dormir no fundo do nosso tinteiro esses altos mistérios que se escapam à pena do folhetinista. Já não estamos no carnaval, tempo de livre pensamento - tempo em que se pode tudo dizer - em que é de bom gosto intrigar os amigos e as pessoas que se estimam. **Agora** que as máscaras caíram, que desapareceu o disfarce, os amigos se encontram, trocam um afetuoso aperto de mão e riem-se dos dissabores que causaram mutuamente uns aos outros. O nosso colega do Jornal do Comércio, que se disfarçou com três iniciais que lhe não pertenciam, compreende bem essas imunidades do carnaval. Hoje, que o reconhecemos, não é preciso explicações: ele tem razões de sobra para acreditar que sinceramente estimamos o seu valioso auxílio na realização de uma idéia de grande utilidade para o país. (Crônica “Ao correr da pena- José de Alencar, Século XIX, CDP).
- (3) Espero que esta à encontre com paz e harmonia com todos vocês . Olhe você também foi minha primeira correspondente de Fortaleza, obrigado pelo cartão e estou enviando um , para não dizer que na Bahia não tem cartão . Tenho a altura de 1,74 cabelos pretos, olhos castanhos 20 anos signo de libra. Além da natureza e da [política] 2 gosto de meninas morenas queimada ao natural que é o sol , gosto de todas as danças , gosto de praias , piscina , e principalmente [varaneiras] com uma girl ao meu lado, **agora** esporte é eu gosto pouco . Queria saber se você é romântica e meiga porque < ↑ eu > sou muito carinhoso quando estou com alguém ao meu lado que estamos curtindo a sós. Se você quiser saber mais coisas sobre mim 3 pergunte na próxima carta. (Carta pessoal 02-APACA-08/04/1980 – CE-DOHS, Século XX).
- (4) Não escrevi antes por falta de tempo pois esse final de ano foi muito movimentado com esse corre corre da campanha eleitoral , tive que duas vezes em Maceió , depois foi outra carreira para vir pra Salvador, **agora** vou passar uns dias aqui com minha irmã , depois vou passar uns dias com meus pais Se for escrever pode escrever para Natal que quando eu chegar responderei sua carta . Nada mais da amiga que não te esquece Um grande abraço (Carta 08-APACA-26-12-1989- CE-DOHS, Século XX).
- (5) [...] Não pode me ajudar, lembrando? Vamos, lembre, lembre, é tão simples. Bem, **agora** o seu fim de semana. Quais os movimentos do meu amigo, a partir do instante em que põe o pé na rua, no sábado? Falta pouco para terminar, mas que é isso? Está se sentindo mal? Aborrecido comigo? Porventura acha que fui indiscreto, eu que tive o maior cuidado em não devassar o que quer que fosse de sua vida particular, dos refolhos de sua *privacy*? (Crônicas “De notícias e não notícias faz-se a crônica”, Carlos Drummond de Andrade, p.158, Século XX).

A partir dos exemplos, os quais serão analisados com base nos traços³ de prototipicidade do item nas funções diversas, note-se que, em (1), o *agora* comporta-se como um advérbio temporal, em vista da ativação plena dos traços (+circunstanciador),

³ Esses mesmos critérios baseados em traços de prototipicidade serão utilizados na análise dos dados desta pesquisa.

(+referência temporal) e (+mobilidade), com o valor de neste momento; em (2), o item assume uma nuance de causalidade, tendo em vista a possibilidade de permuta por “já que” ou “porque”. No contexto, o traço (+temporalidade) sofre um apagamento, dando lugar ao traço (+causalidade). Em (3), apresenta-se um exemplo bem típico do *agora* no exercício da conexão entre dois segmentos opositivos, revelando seu traço de (+opositor). No exemplo (4), o excerto apresenta também um caso típico de conexão, porém, nesse caso, o contexto enfatiza o traço (+sequeencializador). Observe-se o item conectando informações no engate de uma sequência de eventos. Por fim, em (5), o termo assume um papel de marcador, com vistas a assinalar uma introdução de pergunta, mantendo mais ativos esses traços, em detrimento do traço (+referência temporal). Assim posto, de início já se visualiza a multiplicidade de valores assumidos pelo item, logo, entende-se ser necessário um estudo que contemple essa multiplicidade de maneira mais efetiva.

Outro ponto instigante da pesquisa está no fato de que o elemento *agora*, apesar de ser “apenas” um item, envolve-se em toda uma história linguística e comunicativa de ligações de ordem sintática, semântica, discursiva, as quais contribuem para que ele se invista de valores diversos. Trabalhar com o item não significa se limitar a estudar simplesmente um termo da língua, mas a observá-lo em um relacionamento complexo de inserção em diversas classes sob um ângulo sintático-semântico-pragmático, e, assim procedendo, acredita-se que se está contribuindo para a descrição não só de uma classe, mas de várias categorias⁴, ampliando, pois, os estudos da língua.

Nesse sentido, a pesquisa vai muito além da simples averiguação de uma classe, na qual o item protipicamente se insere e isso justifica a necessidade de uma análise mais acurada de sua história, com o fim de preencher alguns espaços de carência deixados por outras pesquisas, em relação ao comportamento sintático-semântico-discursivo do item, ampliando as investigações no âmbito da fala e da escrita. Nesse sentido, seguem-se as questões, hipóteses e objetivos da pesquisa.

2 Questões, hipóteses e objetivos da pesquisa

Questões

⁴ Apesar de se estar ciente de que as palavras *classe* e *categoria* reportam-se a conceitos referentes ao empacotamento linguístico, muitas vezes, em perspectivas diversas, neste trabalho serão tomadas como permutáveis.

- ✓ A frequência é um aspecto de relevância para se analisar a mudança de um item. Desse modo, com que frequência e com que valores semânticos o *agora* se apresenta nos *corpora*, nos séculos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX e XX-XXI, conforme as modalidades da língua e os gêneros pesquisados?
- ✓ Levando-se em consideração as mudanças categoriais do item *agora* apontadas nas análises realizadas por Martelotta (2004), Oliveira (2009), Duque (2009), Rodrigues (2009), a incidência da polissemia se reflete nas duas modalidades de uso? Ou numa das duas modalidades (falada e escrita) se revela um mais adiantado processo de gramaticalização?
- ✓ Qual a ordem de ocorrência do *agora* nos períodos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX? Em qual posição de constituintes (pré-verbal/pós-verbal/início de oração/tópico) registra-se maior frequência de uso do *agora* nas duas modalidades? Há uma mesma ordem prevalecente nas temporalidades, ou essa ordem é variável? A ordem do elemento nas construções contribui para a sua mudança de sentido?
- ✓ O item *agora* que passa por gramaticalização segue, nos dados dos *corpora* analisados, o *cline* defendido por Martelotta (2007) na direção do advérbio > conjunção > marcador?

Definidas as questões, seguem-se as hipóteses que conduzirão esta pesquisa, a seguir explicitadas:

Hipóteses

- ✓ Referendando-se por pesquisas de Martelotta (2004), Oliveira (2009) e Rodrigues (2009), acredita-se que o elemento sob averiguação venha se tornando mais frequente no decorrer dos anos, nas duas modalidades da língua, principalmente, nos gêneros específicos da fala. Mas o ritmo do processo de polissemia alcançado pelo elemento seria diferente nas modalidades de fala e de escrita.
- ✓ Como as mudanças semânticas ocorrem de forma paulatina, e muitas vezes, envolvem polissemias e sobreposições, conjectura-se que o processo de recategorização experimentado pelo item tenha iniciado desde os séculos passados, em um realinhamento de sentidos que se encaminha para um maior grau de abstratização, à medida que o tempo passa ou que se reconstrói a sua história.

- ✓ A ordem AV é predominante entre os constituintes do período XIV-XVI, tendo em vista que a tendência de predominância da ordem fixa no latim vulgar, certamente, influencia os períodos mais próximos a essa sincronia. Assim, a mudança de ordem do item analisado pode passar por uma mudança gradual de posição, à medida que também vai exercendo outras funções.
- ✓ A análise dos *corpora* vem confirmar a hipótese de Hopper e Traugott (2003) de que do ponto de vista diacrônico as categorias menores (preposição, conjunção, verbos auxiliares, pronomes) se originam de categorias maiores (nomes e verbos) ou mesmo intermediárias (advérbio, adjetivo).

Definidas as questões e hipóteses, seguem-se os objetivos que conduzem a pesquisa:

Objetivos gerais e específicos:

Gerais:

- ✓ Descrever os usos do item *agora* sob uma abordagem panocrônica correlacionada com a verificação de aspectos referentes à frequência de uso, funções sintático-semântico-discursivas e aplicação dos princípios e mecanismos da gramaticalização.
- ✓ Sumarizar o processo de gramaticalização do *agora*, numa espécie de esboço que compara os dados de fala e de escrita, com observância para os princípios e *clines* que regem o processo.

Específicos:

- ✓ Analisar a frequência de uso do item em análise nos quatro recortes de tempo, comparando os resultados de cada período nos *corpora* selecionados para a pesquisa em menção.
- ✓ Identificar as funções sintático-semântico-discursivas assumidas pelo elemento em foco ao longo do tempo, nas duas modalidades da língua, em gêneros distintos.
- ✓ Verificar a ordem sintática do item estudado através dos séculos, considerando a posição anteposta ao verbo (AV); posposta (PV); início de oração ou tópico (IS/IT) e final de oração ou de tópico (FO/FT).

- ✓ Analisar comparativamente os contrastes e semelhanças entre as duas modalidades de língua, considerando critérios de frequência de uso, de sentidos, trajetória de gramaticalização e de fatores motivadores de natureza pragmático-discursiva.
- ✓ Descrever e observar se os movimentos percorridos pelo item no decorrer de sua evolução ocorrem na direção ADV > TEXTO > DISCURSO, ou seja, do léxico para a gramática e se essa mudança ocorre diacronicamente, já que a pesquisa se debruça sobre várias sincronias.

3 Justificativa

Interessa-se por abordar o tema, uma vez observado que o item se envolve em imprevisibilidade nos seus aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos, fato que certamente não desperta a atenção das gramáticas pedagógicas.

A pesquisa se ancora em pressupostos teóricos e metodológicos do funcionalismo linguístico, concentrando-se em leituras de Givón (1995, 2001), Hopper (1998), Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010, 2016), Brinton e Traugott (2005), entre outros, ou seja, autores vinculados à chamada Linguística Funcional Norte-Americana e Linguística Funcional Centrada no Uso. A escolha dessa base teórica se deve à crença de que o modelo de pesquisa atende às políticas linguísticas de trabalhar as formas/funções a partir de dados captados no momento interativo, correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos, podendo ser eficaz para desvendar ou reconstruir com mais efetividade a história do *agora*.

Para desenvolvimento do trabalho, utiliza-se o *corpus do português* (CDP) como banco de dados que, possivelmente, responderá, em grande parte, às questões levantadas por esta pesquisa, assim como, proverá dados de diversas temporalidades, captados de momentos da língua escrita de forma mais abrangente. Além do CDP, tomam-se como dados o *Corpus eletrônico do Sertão* [CE-DOHS], as crônicas do livro *De notícias & não notícias faz-se a crônica* do escritor Carlos Drummond de Andrade e o *Banco conversacional de Natal*, os três últimos com o propósito de observar dados da fala e da escrita de períodos mais recentes.

A justificativa para se trabalhar com dados de quatro fontes diferentes se dá pelas seguintes razões: o CDP proverá dados do século XIV ao século XX da modalidade escrita, dos gêneros carta e crônica; o CE-DOHS e as crônicas de Carlos Drummond de Andrade porque constam ocorrências suficientes do item para complementar a amostra necessária de

cartas e crônicas referentes ao século XX, tendo em vista a sua insuficiência no CDP. O BCN, por sua vez, será utilizado para provimento dos dados referentes à modalidade de língua oral em século mais recente, pois se acredita que, por ter sido constituído com dados de conversação a partir dos quais todos os outros usos se derivam, esse constitua uma fonte relevante para se trabalhar na perspectiva do uso da língua.

Apesar da impossibilidade de homogeneizar uma amostra que analisa dados em uma visão pancrônica e nas duas modalidades de língua, justifica-se ter selecionado os gêneros carta e crônica para compor a amostra da escrita porque são gêneros que mais se aproximam da linguagem cotidiana, contexto onde possivelmente se instaura a espontaneidade, a pessoalidade e a informalidade, podendo-se entrever neles uma franqueza maior na língua. Vale-se ressaltar que, mesmo divergindo em forma e função no decorrer da evolução temporal, motivo pelo qual não se uniformizam, os gêneros se afinam em alguns percursos, levando-se a crer que é possível uni-los em uma só amostra porque a evolução desses conduz a caminhos que testemunham uma linguagem ligada às esferas do cotidiano.

A opção pelo gênero conversacional para analisar dados mais recentes da modalidade oral se deve ao fato de que este representa o uso mais básico da língua, portanto, adequado para uma análise que compara dados de fala e de escrita.

4 Organização da pesquisa

A seguir, apresenta-se, sucintamente, a organização da tese, que além desta introdução, encontra-se estruturada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, discutem-se pontos relevantes da teoria funcionalista, base teórica que sustenta a pesquisa, com destaque para as subseções referentes à concepção de gramática; à gramática e cognição; à noção de iconicidade; à noção de protótipos; à noção de marcação; à gramaticalização, com foco mais articulado para o último aspecto, no qual se discutem os conceitos e evolução do termo gramaticalização, trata-se do papel da frequência de uso e dos mecanismos e princípios.

No segundo capítulo, situa-se o item *agora* na literatura, em uma consulta a autores diversos, englobando desde os estudos tradicionais até os funcionais, em busca de uma revisão do tratamento oferecido pelos meios da tradição, pela contemporaneidade, averiguando, prototipicamente, em que categoria o item se enquadra. Ao olhar para a linguística, debruça-se sobre trabalhos como o de Perini (2010), Basílio (2008), Bagno (2014), além de estudos de Neves (2011; 2014), Castilho (2011), Castilho *et al.* (2014), Ilari

(2014), entre outros. O capítulo finaliza com uma revisão de pesquisas que tratam da gramaticalização ou da polissemia de uso do item, em cujo esboço consta uma averiguação de como o elemento vem sendo tratado em Risso (1998, 2006), Martelotta (2004), Oliveira (2009) e Rodrigues (2009).

O terceiro capítulo é dedicado ao tratamento metodológico da pesquisa, em uma descrição do modelo de trabalho, da definição e caracterização dos *corpora*; da escolha da periodização; da definição da amostra; dos gêneros escolhidos e do percurso do trabalho.

O quarto capítulo trata da análise dos dados da modalidade escrita, com ênfase para a sua quantificação, conforme funções contextuais, na tentativa de esboçar uma radiografia semântico-sintático-pragmática do item sob análise nos períodos que compreendem os séculos XIV a meados do século XVI; meados do século XVI ao século XVII; século XVIII ao século XX. Neste capítulo, o item será analisado no tocante às suas funções diversas, relacionadas a um conjunto de fatores que dizem respeito aos gêneros textuais e à posição que o item ocupa nas orações, os quais serão mapeados em relação à frequência para, posteriormente, serem analisados conforme os traços prototípicos e a atuação do princípio funcionalista da marcação, nos termos de Givón (1995).

No quinto capítulo, analisam-se dados do século XX e XXI, comparando ocorrências de fala e de escrita. O objetivo é averiguar com que funções sintático-semântico-pragmáticas o item se investe nas duas modalidades de língua, nesse caso, relacionado a fatores de frequência e ordem verbal. Nesse espaço também se aplica o princípio da marcação, nos termos de Givón (1995) e se sumariza a gramaticalização do item.

1 BASE TEÓRICA: Funcionalismo e gramaticalização

Neste capítulo expõem-se e se discutem pontos relevantes da teoria funcionalista, moldura que ancora este estudo. Para desenvolvê-lo, debruça-se sobre as subseções referentes à concepção de gramática; gramática e cognição; à noção de iconicidade; de protótipos; de marcação; de gramaticalização, com foco mais articulado para o último, cujas postulações e rumos se relacionam mais proeminentemente com os objetivos da pesquisa. Com relação ao tópico gramaticalização, após apresentar a evolução do termo, aborda-se o papel da frequência de uso, os mecanismos e princípios, a interface lexicalização/gramaticalização.

1.1 Funcionalismo

A Linguística Funcional se contextualiza pela concepção de língua como uma estrutura maleável, sujeita às situações linguísticas e extralinguísticas que perpassam o discurso, no qual atuam entrelaçados os componentes sintático, semântico e pragmático⁵, como fatores essenciais para alicerçar uma análise mais detalhada. Neste trabalho, buscam-se reflexões sobre as mudanças empreendidas e os usos experimentados pelo item *agora*, enquanto manifestações de uma gramática em situação emergente. Ressalte-se que a pesquisa concentra-se no esclarecimento entre forma e função, enfatizando-se aquelas funções que parecem exercer influência sobre a estrutura gramatical, como defende Castilho (2012).

O Funcionalismo se debruça sobre a língua em função, sobretudo captada por aquelas situações de interação social, ou seja, pelo uso da língua se realizando, cujo modelo se concentra numa concepção de linguagem como atividade sociocultural que serve a funções cognitivas e comunicativas (GIVÓN, 1998).

Tradicionalmente, a noção de função é o guia para as reflexões funcionalistas. A vertente de análise liga-se historicamente aos estudos da Escola de Praga, os quais viam a linguagem como relacionada a um sistema de comunicação, voltada especificamente para os usos e funções (NEVES, BRAGA e PAIVA, 1997). Em sentido mais geral, função concerne “ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos

⁵ Assim como para o componente sintático está a codificação de domínios funcionais; para o semântico e o pragmático estão o proposicional e o discursivo, respectivamente.

tipos universais de demanda que são muitos e variadas da língua”. (NEVES, 1997, p.8). Contudo, esse é um termo polissêmico, que tanto pode estar presente na linguística, na matemática, como em qualquer outro campo do nosso cotidiano. Sendo assim, toma-se como ideal para este estudo o conceito proposto por Neves (1997), avalizado por Halliday (1973), motivando-se pelo fato de que é ele o mais voltado para a visão funcionalista.

Dentre outras características, o Funcionalismo opera com alguns postulados teóricos presentes nas assunções de Givón (1995), as quais determinam alguns pontos relevantes da teoria, a saber: visão da língua como atividade social e contextualizada; autonomia do sistema linguístico, estrutura a serviço das funções cognitiva e comunicativa; iconicidade; mudança e variação; maleabilidade da língua; gramática em situação emergente⁶.

1.2 Da concepção de gramática

Para Givón (1995), a gramática funcional deve ser compreendida como relacionada a parâmetros de cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução.

No pensamento de Neves (1997, p.15),

Por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso.

É importante registrar que a gramática, dentro dessa perspectiva funcional, é considerada “um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais frequência” (FORD; FOX; THOMPSON, 2003, p.122). Essas concepções relacionam a estrutura flexível da gramática a um formato advindo das situações vivenciadas pelos seres humanos, através de suas experiências cognitivas, no processo interativo da língua. Ela, a gramática, é, dessa forma, sensível às pressões do uso e, por isso, passa por constantes modificações.

⁶ O termo emergente pressupõe uma estrutura que não é fixa, nem determinada mas constantemente aberta e fluente, ou seja, para esse tipo de gramática tudo é provisório e está em construção. (HOPPER, 1987, p.156).

E por aqui se defende, em compasso com Hopper (1998), uma gramática cujos estatutos de uma língua não consistem de um sistema definido, mas antes de uma coleção aberta e sem fim, de forma que está constantemente se reestruturando, revisando-se, renegociando-se e adquirindo outras acepções semânticas e outras estruturas sintáticas pressionadas pelo uso, o que, em outras palavras, corresponde ao que diz Hopper (2011, p. 22): “as estruturas estão constantemente sendo modificadas e negociadas durante o uso”.

Assim, neste texto, alia-se aos que defendem a concepção de gramática como um sistema de regularidades aberto a mudanças providas da ação e interação dos homens, sujeito às pressões linguísticas e extralinguísticas do ato comunicativo. Para se fixar na língua, esse sistema dependerá da frequência do uso. Desse modo, diz-se que suas formas são matérias usadas antes e novamente em cada ocasião de uso em diferentes contextos e com sentidos diferentes. Essas “estão sujeitas aos caprichos da memória, do cansaço ou à ausência do reforço dos interlocutores. As regularidades emergentes são agregações, são sedimentos de frequência”. (HOPPER, 1998, p. 161).

Estão lançadas, pois, as bases de uma gramática em emergência ou gramática emergente⁷. Nos termos de Hopper (1997), a noção de gramática emergente é significativa para sugerir que a estrutura ou a regularidade vem do discurso num processo que se caracteriza como contínuo, em revisão constante, emergindo da interação⁸ entre falantes e ouvintes.

Ford, Fox e Thompson (2003), tratando dessa gramática como conjunto de práticas adaptadas à interação social, concebem-na como “gramática em uso”, ou seja, entendem a gramática a partir da análise das pessoas se comunicando de forma *on line*. Da perspectiva da gramática em uso, os autores veem três contribuições:

- 1) A própria estrutura linguística é enraizada e modelada pelo uso cotidiano da língua (BYBEE, 1995, 1998, 2001; HOPPER, 1987; LANGACKER, 1987);
- 2) O reconhecimento de que, se a linguística está para incluir uma consideração da língua no cotidiano, então sua perspectiva sobre a natureza da gramática deve ser tanto realisticamente cognitiva como também sensata;

⁷ A proposta de gramática emergente aqui defendida é a de Hopper (1991) em uma dimensão relativizada, ou seja, aquela que se alia à visão de que a mudança de novos usos ocorre entremeada pela estabilização de outros usos. (OLIVEIRA, 2012, p.133)

⁸ É de relevância comentar o pensamento de Ford; Fox; Thompson, (2003), quando dizem que a abordagem interacional também denota que a gramática é parte de um conjunto maior na comunicação humana, onde estão inseridos o olhar, a posição do corpo, da cabeça, os movimentos dos braços, assim como as relações e organizações sociais.

- 3) A descoberta de que a gramática entrelaça-se firmemente com as atividades interacionais com as quais as pessoas estão envolvidas.

Sendo assim, a gramática interativa é uma gramática que se constrói no uso interativo da língua. Para Tavares (2012, p. 37), “ela existe apenas em uso: o que não é experienciado não faz parte da língua”. Nas palavras de Ford, Fox e Thompson (2003, p. 122), “é um conjunto de memórias organizadas e minimamente diversificadas do que as pessoas ouviram e repetiram toda vida no uso da língua”. Perante essa perspectiva, acolhe-se a ideia de que a fala é negociada e indissociável das implicações advindas do discurso, e, em outras palavras, significa que gramática e discurso se relacionam de forma contínua.

Em se tratando dessa gramática em construção, é válido salientar, através do pensamento de Tavares (2003, p.17), que

[...] nem todos os novos modos de fazer discurso que assim emergem farão parte da gramática. Somente alguns poucos aspectos são convencionalizados: os mais “vivos”, mais em uso pelos falantes de uma língua (cf. Thompson, 1993:231). A frequência de ocorrência das fórmulas é fundamental para que adquiram status gramatical. Uma palavra que tem sua frequência aumentada passa de um modo não usual de constituir ou reforçar um ponto no discurso para um modo usual de fazê-lo. Transforma-se, dessa maneira, em uma estratégia comum, previsível. (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 201).

Face ao discutido, a frequência de uso se interpõe, conforme já se assinalou antes, como ferramenta primordial para atuar como fato na instauração de regularidades, ou melhor, para se organizar o material linguístico que delineia os contornos da gramática, de modo que, só se instaura ou se regulariza o que está em uso pelos falantes da língua.

1.2.1 Gramática funcional e cognição⁹

É com as palavras de Neves que se justifica a abertura dessa seção. “Sem necessariamente conceber um modelo cognitivista de gramática, o funcionalismo assenta, em geral, uma relação entre gramática e cognição”. (NEVES, 2006, p. 21).

⁹ Termo geral que pode abrigar sentidos como **percepção, visão, pensamento, memória e resolução de problemas**. Assim, as ciências cognitivas privilegiam um mundo em movimento em detrimento de descrições estáticas. (CASTILHO, 2010).

Isso significa que o modelo funcionalista, em sentido amplo, dialoga com modelos cognitivos, ou seja, para os funcionalistas, a aproximação do mundo físico com o mundo sociocultural é uma das alternativas para explicar a teoria.

Sendo assim, estudos da cognição oferecem suporte para alguns dos temas do funcionalismo, como os estudos da metáfora e da metonímia e os princípios da iconicidade, da marcação, a teoria dos protótipos e a gramaticalização, os quais serão úteis para explicar algumas mudanças experimentadas pelo item *agora*.

Na sequência, passa-se a comentar as noções de iconicidade, marcação, protótipos e gramaticalização. Quanto à metáfora e à metonímia, serão discutidos em seção própria, inseridas no título da gramaticalização.

1.3 Princípios do funcionalismo

Givón (2001) considera que são princípios do funcionalismo: marcação, iconicidade, teoria dos protótipos e gramaticalização.

1.3.1 Da noção de iconicidade

A iconicidade é dos princípios relevantes do funcionalismo que deixa subjacente as ideias da linguística cognitiva. Concebida como um emparelhamento entre forma e função é, assim, a relação natural entre o código linguístico e seu conteúdo. Para Hopper e Traugott (1993, p.26), é “a propriedade de similaridade entre um item e outro”. Para Givón (1995, p. 52), na iconicidade “as categorias que são estruturalmente mais marcadas são também substantivamente mais marcadas”. Esses conceitos defendem a não arbitrariedade das estruturas linguísticas, assim como a motivação para uma forma linguística admitir o reflexo da complexidade dos elementos na complexidade da natureza conceptual.

Cabe argumentar que a formulação clássica de Bolinger (1977): “a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma” é descartada, nesse contexto, uma vez que prevê uma conexão não arbitrária, numa relação de um-para-um, entre forma e sentido. Discutindo a esse respeito, Givón (2001) argumenta que a iconicidade da gramática não é categórica, tendo em vista que algumas formas sofrem as pressões diacrônicas ocasionadas pelo uso, as quais obscurecem o sentido original. Para o autor, é ingenuidade pensar em absolutismo icônico.

Segundo Peirce (1977), há dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A imagética diz respeito a uma semelhança entre um item e o referente; a diagramática compreende um arranjo icônico de signos sem relações com o seu referente. Essa última é que tem se constatado como tendência nos estudos da gramaticalização (NEVES, 1997).

Givón (1990) defende em suas postulações alguns subprincípios que regem a iconicidade no nível brando: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

De acordo com o princípio da quantidade, registra-se uma proporcionalidade entre o tamanho do texto e a quantidade de informações por ele veiculadas, de modo que uma porção maior de informação terá direito a uma porção maior de codificação, assim como, a informação menos previsível e a mais importante receberá mais material de codificação, ou seja, (+ *informação* = + *estrutura*). Em outras palavras, a complexidade do pensamento tende a refletir na complexidade da expressão. O subprincípio da proximidade prevê que os conteúdos mais próximos cognitivamente são mantidos em proximidade espaço-temporal (GIVÓN, 2001). Nesse sentido, há uma proporcionalidade entre a informação mental e a distância sintática, o que significa (+ *distância mental* = + *distância sintática*). Já o subprincípio da ordenação linear atua na tendência a ordenar os termos da língua na mesma ordem da temporalidade que os fatos vivenciam a realidade extralinguística, como por exemplo, a sequência afirmativo/negativa nas relações de contraexpectativa.

1.3.2 Da noção de protótipos

A noção de protótipos foi construída a partir da ideia de que existem duas formas de categorização linguística: uma categorização clássica, baseada em Aristóteles e a categorização natural, baseada em Wittgenstein. De acordo com a categorização clássica, as classes gramaticais são discretas sem possibilidades de gradações, conforme prega a gramática tradicional. No entanto, para Wittgenstein, o significado é profundamente dependente do contexto que, pela característica da não discretude, envolve-se em um *continuum* gradual de categorização.

Para explicar essa base intermediária entre os dois tipos de categorização, Givón (1995), em remissão a Rosch (1973; 1975), destaca o modelo de redes de Collins e Quillian (1972), através do qual salienta quatro propriedades observáveis no processo de transição das duas formas de categorizar:

- a) Traços criteriosais múltiplos - mediante esses traços se prevê que a noção de pertença de uma categoria não é determinada por um único critério, e sim por

um feixe potencialmente grande de traços, os quais tendem a ser ‘mais criteriosos’, desse modo, a maioria dos membros os exibirá;

- b) Protótipos e pertencimento à categoria - por esse critério, o exemplar mais prototípico de uma categoria passará a exibir o maior número de traços categoriais. A despeito disso, muitos outros exemplares que se caracterizam pela presença de menos traços permanecem na mesma categoria;
- c) Associação forte de traços - há uma associação tenaz entre os traços criteriosos de uma categoria, o que, muitas vezes, significa que ter um traço implica ter outros;
- d) Protótipo - como consequência da associação forte de traços, a maioria dos exemplares tende a se agrupar na posição intermediária, ou seja, no meio da categoria.

Vale ressaltar que as duas primeiras propriedades tendem a se situar na perspectiva proposta por Wittgenstein, cujo pensamento revela que o empacotamento categorial é feito com base em limites imprecisos; enquanto as duas últimas revelam traços caracterizadores da teoria que vê as categorias como discretas e fadadas ao absolutismo categorial.

Givón (1986) apresenta uma proposta de uma solução híbrida para conectar as duas categorias, o que ele denominou de teoria dos protótipos, segundo a qual, são prototípicos os itens de uma determinada categoria que compartilham os traços ou propriedades dessa categoria. Os itens que compartilham um maior e menor número de traços apresentam diferentes graus de prototipicidade.

Na visão de Rosch (1973), a noção de protótipos resulta da realização de testes experimentais de uma categoria de objetos, os quais propositam escolher o representante exemplar da categoria. Os demais membros são categorizados pelo grau de distância em relação ao protótipo.

Desse modo, a categorização mediante a noção de prototipia se delineia pela tendência à vaguidade ou à imprecisão. Na leitura de Givón (2001), mediante os julgamentos de similaridade, analogia e extensão metafórica acontece uma reinterpretação gradual dos limites categoriais. Por consequência, as mudanças acontecem em um contexto de flexibilidade residual de categorias, ou dizendo de outra forma, há uma relação maior entre os membros, com impossibilidade de se determinar a noção de pertencimento de uma entidade a uma categoria de palavras.

À guisa de ilustração, anote-se que, no âmbito da categorização gramatical, grosso modo, o item *agora* se categoriza prototipicamente como (+advérbio), tendo em vista que

apresenta os traços: (+circunstanciador verbal); (+invariável), não se enquadrando, em muitos contextos, pois, como protótipo de um adjetivo porquanto este, sintaticamente, manifesta os traços (+modificador de sintagma nominal) e (+variável), traços que não transitam nos contextos que trazem o item em menção, porém isto não quer dizer que o item não possa migrar de uma categoria para outra, em determinadas situações.

1.3.3 Da noção de marcação

Em acordo com Givón (1995), a marcação é o princípio meta-icônico do funcionalismo influenciado pelas ideias do Círculo Linguístico de Praga, as quais estabeleciam a existência de uma distinção binária entre elementos variáveis, mostrando que um membro do par apresenta propriedade que no outro se ausenta.

Esse princípio se correlaciona com a frequência de uso, gerando o meta-icônico princípio da marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente (vale dizer funcionalmente) mais marcadas” (GIVÓN, 1995, p.58). Sob essa perspectiva, as categorias marcadas são menos frequentes; enquanto as não-marcadas são mais frequentes em determinados contextos.

Conforme Givón (1995), a marcação se aplica não só a categorias linguísticas, mas também a contextos comunicativos de ocorrências aos quais as construções se vinculam. Para ele, as explanações sobre o princípio da marcação estão vinculadas a correlatos de ordem comunicativa, cognitiva, sociocultural ou biológicos, como, por exemplo, a tendência a inserir o agente como sujeito tópico da oração transitiva (não marcado) ser vinculada à questão provável da norma cultural. O autor ainda observa que a marcação também se estende à distinção entre outros fenômenos linguísticos, tais como o discurso formal e a conversação espontânea. Segundo ele, o discurso formal é considerado mais marcado em relação ao espontâneo, por se tratar de assunto vinculado ao abstrato ou complexo. O espontâneo, por seu turno, é cognitivamente mais fácil de processar, já que trata de assuntos do cotidiano, os quais não requerem muita elaboração.

Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 26-27), em exposição sobre o tema, referendando Furtado da Cunha (2000), apresentam como ilustração da atuação desse princípio o contraste entre afirmação e negação, embora se resguardando sua relatividade:

A título de exemplo, o contraste entre afirmação e negação ilustra bem a atuação dos critérios de marcação. Como afirmar algo é cognitivamente mais simples, portanto mais frequente na interação verbal, isso se reflete

também na estrutura linguística, representando a forma não marcada. A negação, ao contrário, por ser mais complexa em termos cognitivos e menos esperada, é também menos frequente e estruturalmente maior (tem, no mínimo, um morfema a mais que a afirmativa), constituindo o caso marcado. Entretanto, essa marcação será relativizada se considerarmos as diferentes estruturas em português [...]

É também de Givón (1995) a apresentação dos três critérios que regem o princípio: complexidade estrutural; distribuição de frequência e complexidade cognitiva. Na complexidade estrutural, a categoria mais marcada apresenta a propensão a ser mais complexa, porque, em geral tende a ser maior que a não marcada que a ela corresponde; na distribuição de frequência são considerados mais marcados os itens menos frequentes; na complexidade cognitiva, as categorias apresentam a tendência a serem mais marcadas, quando são cognitivamente mais complexas, ou seja, quando exigem mais esforço mental, mais custo cognitivo.

1.3.4 Da gramaticalização

Situada entre os processos de mudança mais conhecidos, a gramaticalização é entendida, grosso modo, como uma passagem ou um movimento de X a Y¹⁰ ou então como uma mudança de X para Y. Em outras palavras, a gramaticalização vem sendo vista como um processo ou mudança de estado de item que passa a adquirir um novo *status* ou se torna mais gramatical, podendo sofrer mudanças no nível da sintaxe, da semântica e da fonologia, sendo até passível de extinção. Vale ressaltar que o tema vem ocupando espaço nas agendas de discussões, contudo, não existe consenso em relação a um conceito, nem muito menos em relação ao seu *status*: Processo? Paradigma? Teoria? Fenômeno?

Para Gonçalves *et al.* (2007, p.16):

A gramaticalização é considerada *paradigma* se observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. É considerada *processo* se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais.

Nesse caso, a noção de processo é explicada pela implementação do aumento gradual e contínuo da abstratização. Mas há objeções ao entendimento da gramaticalização como processo. Segundo Newmeyer (2001), para a gramaticalização ser tratada como

¹⁰ Y é considerado a porção mais abstrata do texto.

processo, precisaria de um conjunto de leis próprias que parecem lhe faltar. O autor propõe, então, que seja tratado como um “fenômeno a ser explicado”. Castilho (2010), assim como Newmeyer, também se opõe à gramaticalização como processo, entendendo que, nessa perspectiva, a língua é vista como estática, haja vista que da representação linear em que as categorias são dispostas, estabelecem-se derivações entre esses campos tão diversos (léxico, semântica e gramática). A contraproposta por ele defendida é a de que as derivações aconteçam no interior do sistema e não de intersistemas. Mas, entre uma postulação e outra, há sempre desacordos; por isso, para o propósito desta tese, os termos processo, paradigma, teoria ou fenômeno serão tratados como intercambiáveis ou equivalentes, quando houver referência à gramaticalização, e esta será tomada na perspectiva funcional.

É importante mencionar que desde o trabalho de Meillet (1912, p.131), a gramaticalização vem protagonizando as cenas da ciência linguística como um ator principal para designar “a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”, muito embora essa concepção já estivesse presente na linguística ocidental do século X, nos trabalhos de Humboldt, em 1822 (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Contudo, é fato que chegou ao século XX, equiparado ao seu modelo clássico, cuja postulação prevê a possibilidade de uma categoria plena (nomes, verbos e adjetivos) se movimentar em direção às classes ditas mais gramaticais (advérbios, preposições, auxiliares). A esse respeito, Martelotta e Areas (2003) defendem que, no processo de gramaticalização, o mecanismo que compreende a migração de um elemento do léxico para a gramática denomina-se gramaticalização *stricto sensu*, e o que compreende as mudanças ocorridas no interior da gramática, gramaticalização *lato sensu*, fato que justifica um elemento gramatical se tornar ainda mais gramatical.

Porém, como foi inicialmente formulado, na história da gramaticalização há divergências em relação ao *status* alcançado pelo termo, como também há controvérsias em relação a seu conceito. Entre os estudiosos, circulam algumas concepções de gramaticalização, a saber:

- a) A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical. (KURYLOWICZ ([1965] 1975, p. 52).
- b) Do ponto de vista diacrônico, gramaticalização é um processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e torna-os, por sua vez, mais gramaticais ainda. (LEHMANN, 1982, p. v).

- c) Gramaticalização é um processo em que unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, respectivamente. (HEINE; REH, 1984, p.15).
- d) Gramaticalização refere-se ao processo histórico unidirecional e dinâmico pelo qual itens lexicais adquirem novos *status* como formas gramaticais morfossintáticas e passam a codificar relações não codificadas ou codificadas diferentemente. (TRAUGOTT; KÖNING (1991, p.189).
- e) Gramaticalização é um processo que pode ser encontrado em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical; ocorre quando uma estrutura lexical assume uma função gramatical ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical ainda. (HEINE, CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 02).
- f) O processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. (HOPPER; TRAUGOTT (1993, p. XV).
- g) Gramaticalização é a mudança através da qual, em certos contextos lingüísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, o item gramatical resultante pode se tornar mais gramatical ao adquirir mais funções gramaticais e expandir suas classes de hospedeiros. (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p.99).
- h) Gramaticalização é a mudança pela qual, em certos contextos lingüísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, a construção gramatical resultante pode continuar a receber novas funções gramaticais. (TRAUGOTT, 2008, p. 4, baseada em BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p.99)¹¹.

Diante do exposto, percebe-se que, mesmo acusando alguns pontos em comum, a concepção da gramaticalização tem se expandido consideravelmente, mas convém se registrar que sua concepção como processo, a despeito das críticas de alguns, inicialmente parece ser muito bem acolhida. Esse tipo de mudança pode ocasionar a emergência de novas categorias gramaticais, mudanças graduais de funções já assumidas e a predisposição contínua para assumir novas funções.

Depreende-se nos conceitos, duas visões sobre a gramaticalização: a clássica, que envolve desde Kurylowicz ([1965] 1975) a Heine, Claudi e Hünнемeyer (1991), os quais veem a mudança como processo, e os demais que já passam por uma releitura, veem a

¹¹ Os conceitos relacionados nesse item são de tradução nossa.

mudança por gramaticalização como epifenômeno¹² (NEWMEYER, 2001). É perceptível que, a princípio, há aqueles que se referem apenas ao início do processo, ou seja, a passagem de item lexical a gramatical. Porém, atente-se para o fato de que os conceitos estão em fase de evolução. Em Hopper e Traugott (1993), por exemplo, já se vislumbra uma evolução conceitual, quando os autores deixam subjazer a ideia de continuidade do ciclo da gramaticalização. Em Brinton e Traugott (2005), as autoras estendem o conceito para um nível mais amplo de análise, posto que já tratam de construções. Por sua vez, Traugott (2008) vai mais adiante, ao reformular o conceito anterior de Brinton e Traugott (2005), registrando a permuta da expressão “itens” por “construções”, o que faz parecer mais acesa ainda a defesa da gramaticalização pela perspectiva das construções¹³, expandindo, pois, o conceito.

Assim, pelos conceitos apresentados, fica subjacente a ideia da gramaticalização como processo, como consequência de outros processos, como mudança do léxico para a gramática; do menos gramatical para o mais gramatical ou para níveis mais amplos, além da unidirecionalidade como elemento intrínseco do movimento em direção à gramaticalidade.

No entanto, as elucubrações sobre o que é gramaticalização continuam e, longe do consenso, é fato que, apesar de complexo e polêmico, outro aspecto observado pelos estudiosos do fenômeno é o seu caráter de mudança diacrônica, até os idos de 1970, quando era vista apenas como um estudo da evolução das línguas ou da reconstrução de suas histórias. Porém, posteriormente, foi usada para entender a mudança sincrônica, e consequentemente sofreu evolução. Vale esclarecer que se, inicialmente, o fenômeno era visto apenas como diacrônico e só, posteriormente, foi visto como sincrônico, chega-se ao estágio em que é concebido pela união das duas perspectivas, ou seja, a abordagem pancrônica. Poggio (2003), discorrendo sobre o caso, argumenta que há a necessidade de rompimento da dicotomia saussuriana sincronia *versus* diacronia. Para ela, se precisamos traçar um contínuo evolutivo de um termo da origem até o estágio atual como fenômeno discursivo-pragmático, o caminho mais adequado a se enveredar é pela abordagem pancrônica, posição já defendida por Hopper e Traugott (1997, p.02):

A gramaticalização tem sido estudada de duas perspectivas. Uma dessas é a histórica, investigando as fontes das formas gramaticais e os caminhos

¹² “Conjunto de critérios definidos no interior de outras disciplinas da gramática (Fonética, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Discurso, etc.)” (GONÇALVES *et al.* (2007, p. 66) com base em Newmeyer (2001).

¹³ Cumpre-se esclarecer que a gramática das construções aqui será mencionada apenas como possível tendência recente de interface dos estudos da gramaticalização. Porém, não é a perspectiva de trabalho desta tese que se ancora na gramaticalização na perspectiva do funcionalismo linguístico.

típicos de mudança que os afetam. Dessa perspectiva, a gramaticalização é pensada normalmente como um subconjunto de mudanças linguísticas pelas quais um item lexical em certos usos se torna um item gramatical, ou pelo qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, vendo a gramaticalização principalmente como um fenômeno sintático ou discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de padrões fluidos de uso do idioma¹⁴.

Conforme se pode visualizar, na perspectiva de análise do ponto de vista pancrônico, reconhece-se que uma análise deve partir da investigação histórica do percurso discursivo, pelo qual passa uma forma, para em consequência entendê-la numa determinada sincronia. Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999, p. 4), argumentando a respeito de uma abordagem pancrônica, enumeram alguns aspectos que a caracterizam e que podem torná-la mais produtiva:

- aumenta o poder explanatório da teoria linguística; revela mais claramente os fatores cognitivos e comunicativos subjacentes ao significado gramatical à proporção que ocorre a mudança;
- a língua não apresenta significados estáveis, em decorrência de seu caráter mutável;
- as generalizações são mais efetivas, considerando-se as suas fases de desenvolvimento do que em um estado sincrônico;
- a diacronia parece ser a responsável por explicações e esclarecimentos mais reveladores sobre as relações cognitivas emanadas de suas formas e significados.

Nesta pesquisa, focaliza-se a gramaticalização de um ponto de vista pancrônico, caminho mais adequado para uma pesquisa que pretende ir além de uma fase de desenvolvimento de um item.

Convém se retomar o conceito de Traugott e Köning (1991, p.189), no qual fazem alusão à gramaticalização como: “processo histórico unidirecional e dinâmico pelo qual itens lexicais adquirem novos *status* como formas gramaticais morfossintáticas [...]”. Essa percepção acentua outra propriedade intrínseca da direção natural do processo de gramaticalização - a unidirecionalidade -, característica também presente no conceito de Martelotta (2011, p. 92):

¹⁴ Tradução nossa.

Gramaticalização é um processo, por definição, unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Na visão dos autores, a gramaticalização é um processo gradual que caminha em direção única. Porém, cotejando o desdobramento do conceito de Martelotta (2011), a gramaticalização opera gradualmente no nível de elementos representacionais para os elementos interpessoais: *representacional* > *interpessoal*. Para o autor, o nível representacional está para o mundo biossocial (objetos, entidades, sentimentos, ações e qualidades - assumidos concretamente pelos substantivos, verbos e adjetivos), assim como o nível interpessoal está para os elementos do mundo não-referencial ou discursivo-pragmático, sobretudo, assumidos pelos modalizadores, marcadores discursivos, retomadores de assunto, marcadores de contraexpectativa, iniciadores de fala e outros.

Esposado por essa linha de pensamento, o autor apresenta alguns exemplos clássicos de gramaticalização, a seguir transpostos em síntese, no Quadro 1:

Quadro 1: Exemplos clássicos de gramaticalização

Casos	Exemplos
1. Passagem de vocábulo livre para afixo :	a) <i>Cantar hei > cantarei;</i> b. <i>Tranquila mente > tranquilamente;</i>
2. Passagem de verbo pleno para verbo auxiliar:	a) <i>Vou para casa, falar com Paulo > Vou falar com Paulo > Vai chover;</i>
3. Passagem de advérbio para conjunção: <i>Metáfora espaço > discurso</i> (HEINE, CLAUDI E HÜNNEMEYER, 1991):	a) <i>Lançados som fora do mudo e descenderão aos infernos e outros se leuãtarão ã seu logo.</i> (Orto do Esposo). b) <i>A primeira natureza da poonba he que en logo de cantar geme.</i> (Livro das Aves). c) <i>A Serra estava totalmente deserta, e os pingos de chuva que começavam a cair, logo se transformaram em um verdadeiro temporal.</i> (D&G-Escrita). d) <i>... e sentei-me na cama afim de vesti-la, mas acontece que em cima da cama havia um ferro de passar roupa usado a poucos instantes e logo quente ainda, sentei-me sobre ele e foi uma dor enorme.</i> (D&G-Escrita) e) <i>Falar do meu quarto! logo do meu quarto! Bem o meu quarto! Bem o meu quarto é uma verdadeira bagunça. É roupa pra lá e roupa pra cá. Você sabe</i>

	<i>como é quarto de menino (Corpus D&G)</i>
(4) Passagem advérbio de modo para modalizador:	a) <i>Certamente, vai chover amanhã.</i> Advérbio interno à cláusula > adv. Sentencial > marcador discursivo.
(5) Passagem de advérbio de modo para marcador discursivo:	E: <i>e::... André... Eu queria que ago/... Agora que você me contasse uma história... Que tenha acontecido com você... E que você tenha achado engraçada... Ou triste... Ou constrangedora... bem... Ah:: o fato engraçado foi a partir da data de hoje... Né? Seis de gosto de mil novecentos e noventa e três... É que eu cheguei em torno de:: nove horas no::... No meu antigo estágio... (D&G/oral).</i>

Fonte: dados baseados em Martelotta (2011, p. 94-102)

Em (1), registra-se a passagem do vocábulo livre *hei* a afixo, no contexto em que ele deixa de se apresentar acompanhando um verbo para a ele se agregar (*cantarei*). Fato semelhante acontece com *mente*, o qual migrou da função de um substantivo para se agregar ao adjetivo *tranquila*, originando o advérbio *tranquilamente*.

Na sequência, em (2), Martelotta (2011) destaca também a passagem de verbo pleno a auxiliar, ilustrado pelos exemplos *Ele vai para casa falar com Paulo; Ele vai falar com Paulo. Vai chover*. Por um lado, o verbo *ir* funciona como verbo pleno, cheio. Por outro lado, no segundo exemplo, *Ele vai falar com Paulo*, o verbo passa a exercer a função de auxiliar, indicando apenas relações de tempo e aspecto. Em (3), o exemplo clássico de gramaticalização é denunciado pela passagem de advérbio para conjunção. São muitas as pesquisas que recentemente vêm ratificando tal passagem, ainda mais ilustrada pela trajetória metafórica de mudança gradual espaço > texto (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). O percurso destacado pelo item *logo*, nos exemplos apresentados, notificam esse caso. Nota-se que a evolução de *logo* corrobora a trajetória em foco, tendo em vista que se inicia com a noção de lugar (espaço) substantivo, passa pela função de tempo para depois alçar a função de conector conclusivo. O item *agora*, objeto de investigação desta pesquisa, também já incursiona por esse trajeto, conforme concluem pesquisas anteriores (MARTELOTTA, 2004; OLIVEIRA, 2009; DUQUE, 2002), entre outros.

Em (4), acusa-se outro caso de gramaticalização que se desenvolve a partir de advérbios de modo a modalizadores, caso ilustrado pela ocorrência “Certamente, vai chover amanhã”. Traugott e Dasher (2005) defendem que existe uma relação entre advérbios de

modo e modalizadores, na qual o modalizador modifica a frase inteira e representam o *cline*: *advérbio interno à cláusula* > *advérbio sentencial* > *marcador discursivo*.

Ainda representa caso de gramaticalização a passagem de advérbio de modo para marcador discursivo, como ilustra o uso do item *bem* em início de turno. Essas situações ocorrem motivadas pelo fluxo de informação para preencher vazios, os quais são acionados quase sempre de forma repetitiva em algumas situações. Pela exemplificação considerada por Martelotta (2011), pode-se deduzir que o fenômeno da gramaticalização abriga percursos gradativos de mudanças numa perspectiva de evolução. Vale lembrar a asserção clássica de Givón (1971, p. 413) para quem “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, asserção que principiou a era das pesquisas envolvendo a evolução de categorias gramaticais, numa aposta de que o movimento evolutivo dessas categorias se envolve em uma onda cíclica de morfemas livres a afixos presos, o qual resulta no começo de um novo ciclo. No entanto, mais adiante, com a revisão dos estudos de Givón (1979, p. 208), foi aditado um intertexto: “A sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem”. Essa nova assertiva deixa subjacente a importância da pragmática como maior parâmetro para o entendimento da estrutura linguística e do desenvolvimento de estruturas sintáticas e categorias gramaticais, colocando-a em seu lugar o modo mais sintático de comunicação, conforme a linha de *continuum* estabelecida: *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfofonêmica* > zero.

De um modo geral, à medida que o tempo evolui, novas concepções de gramaticalização vêm sendo apresentadas, fato que desencadeou uma terceira fase de estudos, preconcebida por Givón. Essa fase não invalida as anteriores, que defendem os percursos clássicos que vão do *menos gramatical para o mais gramatical*, entretanto, faz agregar mudanças relacionadas à gramática das línguas, entrando em cena o discurso. Segundo Gonçalves *et al.* (2007, p. 24), “o modo mais pragmático de comunicação abre caminho para um modo mais sintático; com isso expressões linguísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas”. Logo, o discurso passa a atuar, nesse âmbito, juntamente com o léxico e a gramática. Embora entendido como um ato de comunicação informal, cuja comunicação não é planejada, ele, o discurso, passa a ser considerado um favorecedor da emergência de novos modelos gramaticais (GIVÓN, 1979, p. 209), abrindo espaços para outros campos de pesquisa. Assim, caminham os estudos da gramaticalização. O que parece mais certo é que não há nada de definitivo e completamente sólido em relação ao fenômeno. Para efeitos didáticos, é

válido citar a síntese da escala evolutiva dos seus estudos definida por Gonçalves *et al.* (2007, p. 27):

- (i) A versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do *[lexical]* > *[gramatical]*;
- (ii) A oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao cline de Meillet a passagem do *[-gramatical]* > *[+ gramatical]*;
- (iii) As versões dos estudos atuais: *[qualquer material linguístico]* > *[+ gramatical]*.

Sob essa linha de raciocínio, o processo evolutivo da gramaticalização é marcado por três pontos: Primeiro, na visão *meilletiana*, quando é vista a partir do conceito de lexical para o de gramatical, ou seja, partindo de um item do léxico para chegar à gramática; segundo, na visão posterior de Kurilowicz, adita-se à visão *meilletiana* a passagem de um item com menos poder de abstratização para um outro com mais força de abstratização. E, em uma terceira visão, esposam a ideia de uma mudança no nível além do léxico, a qual alcança planos mais amplos de análise.

Seguem, então, os princípios e mecanismos que diagnosticam a gramaticalização. Como não há consenso, também, em relação aos princípios e mecanismos, a exemplo de Gonçalves *et al.* (2007), divide-se em estágios a discussão dos direcionamentos da mudança que poderão deixar a exposição mais clara. Retomando a escala evolutiva proposta por Gonçalves *et al.* (2007), percebe-se que o fenômeno é caracterizado por fases de mudança *[lexical]* > *[gramatical]*; *[-gramatical]* > *[+gramatical]*. Lehmann (1995 [1982], p.13) enumera três fases evolutivas para um item em mudança. Observe-se o quadro (2), proposto pelo autor:

Quadro 2: Fases da gramaticalização

Nível	Discurso	sintaxe	morfologia	morfofonêmica
Técnica	Isolante > analítica > sintético-aglutinativa > sintético-flexional > zero			
Fase	Sintetização	morfologização	desmorfemização	perda
Processo	Gramaticalização			

Fonte: Lehmann (1995 [1982], p. 13)).

Face ao exposto, atente-se para o fato de que Lehmann (1995[1982]) faz referência ao estágio de desmorfemização do processo de gramaticalização. Também Castilho (1997) vê a abrangência desse processo ao identificar os estágios: sintetização, morfologização, redução fonológica e estágio zero. Confrontando-se as duas posições, vê-se que Castilho embora não trate da desmorfemização, acrescenta a redução fonológica às fases da mudança por gramaticalização.

Definindo as etapas, a sintatização acontece quando se registram alterações na estrutura sentencial, ou seja, quando se configura um movimento de mudanças de categorias de palavras para outra (recategorização); ou então, alterações das categorias sintagmáticas, pois, na opinião de Gonçalves *et al.* (2007, p. 32),

um item lexical “perde” ou “neutraliza” as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo assim a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, como advérbios, preposições, clíticos, afixos, podendo, em alguns casos chegar a zero. (aspas dos autores).

A morfologização é marcada por mudanças na estrutura flexional e derivacional das palavras, o que, em outras palavras, significa dizer que é o estágio cuja caracterização se processa pela criação das formas presas (afixos flexionais e derivacionais). Um exemplo recorrente na literatura é deflagrado pelo uso da expressão adverbial do inglês *by and by*, a qual, no *TOK PISIN*¹⁵, originou o marcador temporal *baimbai*.

Por sua vez, a desmorfemização é um processo que pode contribuir para o desaparecimento total de um morfema, cuja função pode ser ocupada por outro item com o qual ele coocorre. Gonçalves *et al.* (2007, p. 32) apresentam como um dos exemplos para esse estágio o uso da negação dupla no português brasileiro (não v... não), explicado pelo fato de haver um enfraquecimento do advérbio de negação na posição pré-verbal. No parecer dos autores, “o enfraquecimento é tal que, em algumas circunstâncias surge um zero na posição pré-verbal, prevalecendo o padrão de negação pós-verbal (... vi não)”.

Quanto à redução fonológica, essa ocorre quando se configuram perdas de material fonológico das palavras. Esse estágio não consta no esquema de Lehmann, não obstante está presente nos estágios defendidos por Castilho (1997). Nas postulações de Gonçalves *et al.* (2007, p. 34-35), essa fase atua como um ajuste para o plano do conteúdo das expressões. Segundo os autores:

¹⁵ Língua de origem pidgin, a qual é falada em Papua Nova Guiné.

a erosão fonética parece ser um mecanismo atuante na gramaticalização para ajustar formas antes lexicais ao domínio das formas gramaticais, normalmente composto por palavras de curta extensão fonológica, como é o caso dos pronomes, preposições, conjunções, clíticos, afixos, etc.

Gonçalves *et al.* (2007), fundamentados em Bybee (2003), Bybee e Hopper (2001), defendem que a “erosão” fonética tem ligação com a frequência relativa de uso, alegando que quanto mais se recorre a um item no discurso, mais esse item fica propenso ao desgaste, motivado pela sua previsibilidade.

No que diz respeito ao estágio zero, esse se manifesta quando o item em mudança chega à exaustão do processo.

1.3.4.1 Sobre a frequência de uso

Segundo postulações de Bybee (2003), a frequência de uso tem relação com a erosão fonética, uma vez que quanto mais frequentes são as palavras em determinado campo, mais mudanças sonoras podem ocorrer em decorrência dos seus usos.

Não são de hoje os destaques que relacionam a gramaticalização com a frequência de uso. Meillet, no seu tempo, já mencionava a repetição como importante para a habitualização. Apesar de não ter recebido a devida atenção nos estudos pioneiros do fenômeno, posteriormente, Bybee (2003) reconhece a frequência como resultado e processo colaborador da gramaticalização. Para a autora, as consequências da repetição podem dar conta de propriedades comuns ou associadas ao fenômeno de mudança, tais quais: (i) o enfraquecimento de forças semânticas ocasionadas pelo hábito, que faz que um organismo deixe de responder, com mesma eficácia, a estímulos repetidos; (ii) ocorrência de mudanças fonológicas de redução e de fusão de formas geradas pela repetição; (iii) condicionamento de uma autonomia maior da forma, levando os componentes individuais ao enfraquecimento associado a outros usos; (iv) uso da forma estendida para novos contextos com novas associações; (v) preservação de algumas marcas morfológicas de origem do sintagma mais frequente.

Além disso, é relevante capitular que os estudos da gramaticalização se envolvem em dois tipos de frequência: frequência de ocorrência (*token*) e frequência de tipo (*type*). A frequência *token* se refere à frequência do item em determinadas sincronias ou ao longo do tempo; a frequência *type* diz respeito ao envolvimento do item num contexto. Como diz Cezário (2012, p. 26), nesse tipo de frequência, “é preciso também se observar a frequência

de tudo que aparece junto com ele”, e cita como exemplo a passagem de verbo pleno a auxiliar, momento em que é preciso se debruçar sobre “os tipos semânticos de sujeito”, “os tipos semânticos de verbos que ocorrem junto com o verbo em análise”, entre outros aspectos importantes para averiguação do comportamento de itens ou construções em análise.

Por outro lado, é válido ressaltar, o que diz Cezário (2012) a respeito do efeito positivo da frequência para implementação da mudança, fato que acaba se manifestando, ao contrário, na morfologia e na sintaxe, pois a frequência alta pode atuar retendo as características morfossintáticas quando submetida a novos padrões de produção. A autora cita, entre outros exemplos, o caso dos verbos modais em inglês (*can, may, might, will, must*, etc.) que apresentam um comportamento de outros modais, como o uso do infinitivo sem *to*, inversão de sujeito em interrogativas, bem como a negação após o verbo modal. Na argumentação da autora, essas características foram herdadas de outros verbos no passado, as quais se incorporaram de forma mais permanente pela frequência de uso. Logo, ela conclui que “formas mais frequentes tendem a resistir a determinadas mudanças e, assim, mantêm características morfossintáticas mais antigas”.

Bybee (2003) adverte que a alta frequência não é um produto gerado pela gramaticalização, mas um indício para sua identificação.

1.3.4.2 Do Princípio da unidirecionalidade

Na literatura dos estudos da gramaticalização, é comum a defesa da hipótese da unidirecionalidade como uma característica básica desse processo de mudança em uma só direção.

Para Hopper e Traugott (2003, p. 95), “a assunção básica é que há um relacionamento entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não vice-versa. Isso é o que quer dizer unidirecionalidade”¹⁶. Compreendem os autores que a unidirecionalidade pode ser representada pela escala: item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional. No pensamento de Elvira (2015, p.108), essas formulações pretendem passar a ideia da existência de uma unidirecionalidade inerente ao processo. Caminhando nessa perspectiva, as categorias ingressam em um *continuum* que as direcionam a pontos mais abstratos, comumente da esquerda para a direita. Contudo, é

¹⁶ Tradução nossa.

preciso argumentar que os estudos da unidirecionalidade também são controvertidos, tendo em vista que autores há que enxergam os contraexemplos, tais como Campbell (2001)¹⁷; Janda (2001) e Newmeyer (2001).

Para Gonçalves *et al.* (2007, p. 60),

vale observar que, quando esses autores usam exemplos contrários à unidirecionalidade, grande parte deles envolve somente itens lexicais, chegando mesmo alguns a constituírem casos claros de lexicalização. Newmeyer (2001), por exemplo, descarta claramente de suas considerações sobre gramaticalização o nível acima da palavra. Isso leva a considerar que ainda é preciso um melhor entendimento das relações entre o léxico e a gramática, mesmo entre os partidários da gramaticalização. Torna-se, assim, questionável, em gramaticalização, a argumentação em torno dos contra-exemplos para a unidirecionalidade.

Entretanto, apesar dos contraexemplos e dos questionamentos, a hipótese da unidirecionalidade continua forte nos estudos da gramaticalização, uma vez que para a maioria dos estudiosos, o número de contraexemplares que representam o reverso da unidireção são pouco representativos em relação à superioridade do número de exemplos unidirecionais. Também é fato que os detratores do processo nem sempre apresentam exemplos claros e atestados de sua reversão (GONÇALVES *et al.*, 2007).

1.3.4.3 Dos Mecanismos de gramaticalização

As pesquisas na área da gramaticalização revelam a existência de alguns mecanismos, tais como a metáfora, a metonímia, a reanálise e a analogia, os quais motivam as mudanças semânticas atraídas pela resolução de problemas cognitivos (de representação) e comunicativos (ser informativo e relevante (HEINE *et al.*, 1991)). Na opinião de Traugott (1991), esses processos atestam a mudança por meio de inferência pragmática, mediante os processos de metáfora e de metonímia.

¹⁷ Para Campbell e Janda (2001, p.127-128) existem alguns exemplos que depõem contra a unidirecionalidade. Entre outros aponta o caso do marcador de pergunta –s que passa de morfema a palavra livre “es” em estoniano; no ilokano, a passagem do morfema de futuro *to* para marcador discursivo *nto*, o qual solicita a concordância para uma indagação de ação futura; no português ele argumenta que a preposição “contra” dá origem ao adjetivo *contra*, como no exemplo: “Ele é *contra*”. Desse modo, para o autor, o contínuo *léxico>gramática* se desconstrói.

A metáfora

A metáfora, na concepção de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.48), consiste no fato de “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Para Hopper e Traugott (2003, p.84),

os processos metafóricos são processos de inferências por meio de fronteiras conceituais, e são tipicamente denominados de mapas ou associações difundidos para um outro domínio. Esse mapa não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas.¹⁸

Logo, é perceptível que a metáfora da qual se trata aqui não é aquela da tradição clássica, instrumento de retórica dos literatos, mas a que compreende que a língua é governada por inferências geradas pelo envolvimento físico com o nosso ambiente imediato, ou guiadas pelas projeções do corpo. Nessa linha investigativa, influenciada pelos estudos cognitivistas, registra-se que a metáfora é uma mudança que se dá de um domínio mais concreto para o mais abstrato, conforme exemplifica o *cline* de mudança expresso por Traugott e Heine (1991), numa escala gradativa: *pessoa* > *objeto* > *processo* > *espaço* > (*tempo*) > *texto*. Esse percurso unidirecional revela ciclos de mudanças pelas quais pode passar gradativamente um item, do estágio mais concreto para o mais abstrato.

Outro percurso particular, verificado mais especificamente para elementos de ordem argumentativa, é aquele identificado por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991): *espaço* > (*tempo*) > *texto*. Como os próprios autores explicam, “as formas se associam a significados progressivamente mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo e desaguando na categoria mais abstrata do texto”. Para eles, é comum entre elementos que contribuem para a organização do texto apresentarem uma tendência a se originarem de itens com valor espacial ou temporal. Esse mesmo raciocínio é compartilhado por Elvira (2015, p. 113), para quem o espaço é uma das fontes habituais de metáforas linguísticas e gramaticais. Segundo ele,

as relações de espaço são básicas na cognição humana, tendo em vista que muitos dos seus aspectos fundamentais (distância, largura, tamanho, etc.) são perceptíveis pelos sentidos de maneira direta. No entanto, outros domínios como o tempo, a causalidade, etc. têm um caráter muito mais abstrato e acessível, às vezes, só de maneira indireta pela cognição humana.¹⁹

¹⁸ Tradução nossa.

¹⁹ Tradução nossa.

O autor ainda vai mais longe ao demonstrar a produtividade das expressões de tempo, mediante figura ilustrativa que demonstra o tempo através do deslocamento do sujeito relacionado às ideias do passado e do presente a partir das projeções do corpo, à semelhança do que pregam Lakoff e Johnson (2002 [1980]) na teoria cognitiva da metáfora conceitual.

Atrás= passado  à frente= o futuro

Metáfora do tempo com deslocamento do sujeito

(ELVIRA, 2015, p.114)

Uma possível explicação para a figura é que, baseado em um mecanismo cognitivo que concebe o tempo na perspectiva do deslocamento do falante, o sujeito visualiza o passado na parte de trás do seu corpo e o futuro na sua frente. Integra esse pensamento, também, outro esquema metafórico motivado pelo deslocamento espacial, entretanto, o que se considera agora é o deslocamento espacial pela perspectiva da contemplação do sujeito que se converte em um observador estático localizado no presente.



À frente = anterior  atrás= posterior

Metáfora do tempo com deslocamento contemplado pelo sujeito

(ELVIRA, 2015, p.114)

Nesse caso, à frente é o que ocorre antes, e está mais próximo; o inverso é o que ocorre depois, e está mais distante. O falante está assim referenciado pelo que está antes. (ELVIRA, 2015).

Retomando os movimentos que rumam para uma abstração crescente, remete-se a um aclave de gramaticalização proposto por Traugott (1982), o qual se delineia por meio da escala *ideacional* > *textual* > *interpessoal*²⁰. A distinção do real para o abstrato corresponde, segundo os autores citados, às noções de ideacional e textual de Halliday (1970). Na tentativa de explicar as funções da gramaticalização em direção a uma subjetivação crescente, que as distancia do campo referencial, eles passam a compreensão de que o

²⁰ Cumpre-se esclarecer, pois, a finalidade de cada função nos termos de Halliday (1970). A função ideacional tem como propósito referir ou denotar, exprimir conteúdos; a função interpessoal ou função-evento expressa papéis e atitudes e julgamentos dos participantes em uma situação comunicativa de interação com o receptor; a função textual ou função texto atua na organização do discurso, ou melhor, nas escolhas e na organização das ideias.

padrão de transferência acontece no seguinte percurso: *ideacional/proposicional* > *textual*. Essa posição converge entre os proponentes Traugott e Köning (1991) e Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), muito embora, o percurso tenha assinalado uma preocupação entre os estudiosos em relação ao terceiro estágio da escala: *função interpessoal*.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), por exemplo, manifestam-se contrários à posição da função interpessoal no último degrau da escala e invertem a ordem para: *interpessoal* > *textual*, justificando que a função interpessoal envolve relações vinculadas ao falante e ao ouvinte, no que se referem às atitudes, crenças e julgamentos (falante) e no que se refere às relações sociais (ouvinte), sem limites claros entre os dois. Assim, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) aconselham que, pelo menos, para o componente orientado para o ouvinte, a direção do percurso em discussão seja a seguinte: *ideacional* > *interpessoal* > *textual*. É importante deixar claro que as etapas de mudanças observadas nas escalas de subjetivização não operam através de cortes dicotômicos, uma vez que a passagem de um ponto do *continuum* para outro é gradual e envolve sobreposições.

Apresentado o mecanismo da metáfora como contribuinte para sancionar um processo de gramaticalização, passa-se a tentar explicar a metonímia.

A metonímia

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.93), “a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo”. Logo, como a metáfora, ela não se resume apenas ao sentido de recurso poético, figura retórica, todavia, é também uma questão de pensamento e ação.

Como referendam Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.97), “assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência”.

Em outras palavras, a metáfora se diferencia da metonímia porque a metáfora ocorre através da transferência de um domínio para o outro, ou seja, do domínio espaço para o domínio tempo em consequentes movimentos a caminho da abstração, enquanto a metonímia ocorre dentro de um mesmo domínio.

Contudo, diferenciar a metáfora da metonímia nem sempre é tarefa fácil. Por isso, recorre-se a Barcelona (2003), para quem a metáfora e a metonímia são definidos como algo que interage, cruza-se, ou seja, algo que se conjuga em uma mesma ocorrência. Nos termos

desse autor, a metáfora e a metonímia, muitas vezes, interagem entre elas. Assim, esse padrão de interação se dá no nível conceitual e na coocorrência puramente textual da metáfora e da metonímia em uma mesma expressão linguística.

Nesse sentido, a metonímia é reconhecida, assim como a metáfora, como um processo cognitivo conceitual que provém do acesso a outra entidade conceitual dentro de alguns domínios aos quais se relacionam por indexação em contextos que se incluem interdependentemente para a constituição da morfossintaxe (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Em se tratando do contexto da gramaticalização, a metonímia é também um processo cognitivo conceitual, porém menor, que se realiza mediante a associação entre elementos contíguos. Atua no nível estrutural, horizontal e morfossintático (sintagmático) e age no processo de gramaticalização por meio da pressão de informatividade²¹ e da reanálise (MARTELOTTA, 1996), embora possa também agir em conjunto com a metáfora.

A reanálise

A reanálise é um outro mecanismo motivador por meio do qual a gramaticalização pode ser sancionada. Segundo Hopper e Traugott (2003, p. 39), por esse mecanismo “as propriedades gramaticais - sintáticas, morfológicas e semânticas das formas são modificadas”, constituindo mudanças em interpretação, o que, a princípio, não ocorre na forma.

Para Gonçalves *et al.* (2007, p. 50),

Diferentemente dos processos analógicos, a *reanálise* permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, gradualmente, alteram-se as fronteiras de constituintes em uma expressão, levando uma forma a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da original. É nesse sentido que, diferentemente da analogia, que opera no eixo paradigmático, a reanálise opera no eixo sintagmático.

Por isso, para comentar o conceito de Gonçalves *et al.* (2007), compartilha-se do pensamento de Hopper e Traugott (2003) para quem a reanálise envolve-se com uma mudança de estrutura hierárquica nos rótulos categoriais, nas relações gramaticais e nos limites que se interpõem às conexões. Pode-se exemplificar o caso do item *agora*, objeto de

²¹ Na compreensão de Martelotta (2004, p.109), a pressão de informatividade “diz respeito às possíveis inferências que podem ser feitas acerca de uma afirmação, em um determinado contexto, que leva à mudança, invariavelmente, na direção do valor que antes era apenas inferido”. Ele cita como exemplo o caso do item *agora*, propondo como possíveis contextos geradores de mudança para o valor contrastivo, os usos em que o circunstanciador apresenta a tendência a marcar uma oposição em relação ao passado.

estudo desta tese, o qual se originou do caso ablativo do latim *hac hora* (=por aqui) = advérbio espacial dêitico e foi reanalisado para o item *agora*, recategorizado com valor temporal, ou seja, a expressão composta por duas palavras sofreu uma reinterpretação que resultou na sua recategorização por força de um mecanismo de reanálise, o qual gerou uma estrutura nova (MARTELOTTA, 2004).

A analogia

Quanto à analogia, para Hopper e Traugott (2003), esta promove a modificação de manifestações aparentes em si mesmas, atraindo-se por formas preexistentes para expandi-las. O exemplo apresentado é a forma do inglês *cildhad* que por analogia se tornou '*childhood*'. Dessa forma, o conceito assegura que o processo é manifesto, opera ao longo do eixo paradigmático e as mudanças são no sentido de uma forma já existente expandir seu significado.

Apesar de atuarem em eixos diferentes, de certa maneira, os dois processos interagem porquanto a analogia torna visíveis as mudanças não perceptíveis na reanálise (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Passa-se a tratar dos princípios que envolvem a gramaticalização, como forma de discutir quais regularidades são propensas a se estabilizarem no processo de construção da gramática.

Lehmann (1995[1982]), ao analisar a gramaticalização, busca parâmetros sincrônicos para descrevê-la, no intuito de encontrar modos para aferir a gramaticalidade. Para tanto, atribui seis parâmetros a esse processo, os quais se baseiam em três aspectos relevantes na determinação da autonomia das formas linguísticas. São eles: peso, coesão e variabilidade combinados com a seleção paradigmática e com a seleção sintagmática cujos resultados culminam nos seguintes processos: atrição, paradigmaticização, obrigatoriedade, condensação, coalescência e fixação, conforme o Quadro 3:

Quadro 3: Parâmetros envolvidos na gramaticalização

	GR INCIPIENTE	PROCESSO	GR AVANÇADA
Integridade (peso)	Item possivelmente polissilábico, com muitos traços semânticos	Atrição	Item geralmente monossilábico, com poucos traços semânticos
Paradigmaticidade (coesão)	Participação “frouxa” do item em um campo semântico	Paradigmatização	Item integra paradigma pequeno, altamente integrado
Variabilidade paradigmática (variabilidade)	Escolha livre dos itens, segundo as intenções comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sistematicamente restritas, uso obrigatório
Escopo (peso)	Relação do item com constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica a palavra ou raiz
Conexidade (coesão)	Justaposição do item independentemente	Coalescência (união)	Item é afixo ou traço fonológico
Variabilidade sintagmática (variabilidade)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

Fonte: Lehmann (1995 [1982], p.164).

Consoante o quadro, os seis parâmetros de Lehmann, a noção de **atrito** é atrelada à perda de material fonológico e conteúdo semântico²²; a **paradigmatização** diz respeito à participação mais livre de um item que tende a se organizar de forma progressiva em paradigmas; na variabilidade paradigmática, os itens são escolhidos de forma mais livre, baseados que são nas intenções comunicativas, os quais passam a ser sistematicamente obrigatórios em determinado contexto, ou seja, formas que antes eram opcionais se tornaram obrigatórias; a **conexidade**, por sua vez, refere-se ao grau de conexão de um item em relação a outro; já no **escopo**, os itens mantêm um relacionamento com os constituintes de formas gramaticalizadas, resultando em itens menos complexos; e a **variabilidade sintagmática**, um item de posição livre muda o seu *status* para um item de posição mais fixa. A esse

²² No parecer de Heine e Reh (1984), o atrito é um processo funcional de dessemantização e de erosão fonética.

respeito, é interessante citar o argumento de Gonçalves *et al.* (2007, p.78): “a posição fixa do item dentro de um sintagma é indício de seu aumento de gramaticalidade”.

Cabe ressaltar a posição crítica de Heine *et al.* (1991) em relação aos parâmetros de Lehmann, pois os processos propostos por este são diferentes dos demais, uma vez que tais parâmetros não se limitam apenas ao campo linguístico da gramaticalização porque são critérios gerais de mudança e também porque abrangem níveis diferentes de análises, além do fato de se referirem a estágios avançados de gramaticalização.

Desse modo, Hopper entende que seus princípios, apesar de apresentarem problemas semelhantes aos do proponente anterior, podem ser uma opção complementar aos de Lehmann. Apresenta-os, pois, voltados não só para os estágios mais adiantados de gramaticalização, como também para o seu início. Nessa proposta, então, os trabalhos se complementam. Heine *et al.* (1991) esperam que esses possam prever os diagnósticos das formas emergentes, bem como identificar os seus diferentes graus de gramaticalização. Por isso, tanto os parâmetros de Lehmann como os de Hopper podem ser relevantes para explicar o estágio de gramaticalização do item *agora*. Observem-se as definições do próprio Hopper (1991, p.22).

Estratificação- Dentro de um domínio funcional, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas.²³

O princípio da estratificação (*layering*) prevê, pois, que as mudanças não acontecem de forma abrupta, uma vez que as camadas são substituídas gradativamente, de forma que, é sempre possível formas diferentes servirem a funções semelhantes, gerando as interseções, em uma convivência saudável entre o velho e o novo. A literatura registra como ilustração o caso do **a gente** e o **nós** no exercício de funções pronominais, competindo em contextos iguais ou aproximados.

O processo de mudança do *agora* pode também expressar um caso de estratificação, quando se considera que o item, do ponto de vista diacrônico, quando se originou da forma do latim vulgar *ac hora*, competindo com *hora*, ambas com o sentido de *neste momento*, sem necessariamente ter que descartar nenhuma delas, ou seja, camadas velhas convivendo harmonicamente com o surgimento gradativo de novas camadas.

²³ Tradução nossa.

Divergência: Quando uma forma lexical sofre gramaticalização [...], a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns.²⁴

Conforme se observa, o princípio da divergência parece ser um aditamento do princípio da estratificação, tendo em vista que o item lexical quando sofre a gramaticalização pode-se manter originalmente com suas propriedades, tornando-se autônomo, podendo, inclusive, sofrer um novo processo de gramaticalização, o que, em outras palavras, representa que sofrem divergência os pares que apresentam uma etimologia semelhante, porém com funções diferentes. Um caso ilustrativo é o uso de *pas* (não); *pas* (passo) no francês. Acredita-se que a confusão gerada pelo uso do *ac hora* se referindo a lugar e tempo, pode ser confirmado pelo enunciado gerado no português contemporâneo, apresentado por Martelotta (1998, p. 94) “**Agora** não dá!- proferido por uma mãe que se recusou a atender o pedido da filha em um ônibus para ir a um restaurante à beira da estrada. Nesse caso, o *agora* remete tanto ao momento que não era oportuno para um lanche, como ao interior de um ônibus que estava em movimento, impossibilitando a compra do objeto pedido. Logo, nesse contexto, o termo está sendo usado tanto no sentido de espaço como de tempo, confirmando, pois, a atuação do princípio da divergência.

Especialização: Dentro de um domínio funcional complexo, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível num estágio; quando ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.²⁵

O que se pode conferir é que o princípio da especialização pode reduzir o número de formas que competem com funções semelhantes em um mesmo domínio, podendo se limitar a funcionar como variedade ou opções de escolhas formais. Desse modo, através da especialização, há um estreitamento das formas em competição, porque os competidores passam a ser eliminados. Como exemplo de especialização do uso do *agora*, podem-se citar as diferentes nuances semântico-gramaticais, como a nuance temporal competindo com a de conexão, fato que certamente fará com que diminuam as possibilidades de competição entre os dois domínios, quando se instaura o processo de gramaticalização da conexão.

Persistência: Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, tanto quanto isso é gramaticalmente viável,

²⁴ Tradução nossa.

²⁵ Tradução nossa.

alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos nas restrições de sua distribuição gramatical.²⁶

É importante destacar o papel do princípio da persistência, o qual atua na conservação de traços do significado fonte das formas em estado de gramaticalização. E, se apropriando da expressão de Givón (1979, p.83), pode-se dizer que são “as relíquias de outrora” do item fonte que aparecem ao longo do seu processo de mudanças, ou seja, são aquelas propriedades da forma-fonte que insistem em se manter vivas, conservando-se no seu amplo percurso de evolução. O *agora* também pode exemplificar esse processo de gramaticalização, quando se percebem os traços do valor temporal subjacentes às relações marcadas pelas conexões e pelos marcadores. Segundo Duque (2009), esse princípio se observa também na retomada de porções discursivas que conservam traços do uso anafórico.

Decategorização: Formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar seus marcadores morfológicos e privilégios sintáticos característicos das categorias cheias, nome e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias secundárias como adjetivos, participípios, preposição, etc.²⁷

Pelo princípio da decategorização, os itens perdem propriedades específicas de categorias plenas (nomes e verbos) para atuar com o *status* de categorias secundárias (adjetivos, participípios, preposições e conjunções). Nesse contexto, defende-se que há uma redução do estatuto categorial do item gramaticalizado, o qual passa a ser visto por graus de categorização. A mudança de categoria do item *agora* no trajeto de *advérbio* > *conjunção* pode representar um exemplo de decategorização.

Passa-se, a seguir, para o próximo capítulo, o qual revisará o comportamento do item *agora* na gramática tradicional, nos estudos da linguística, em geral, e nos da gramática funcional, numa incursão que parte da forma para a função.

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Tradução nossa.

2 SITUANDO O AGORA NA LITERATURA

Neste capítulo, procura-se situar o *agora* na literatura. Para tanto, revisa-se, a princípio, o *agora* sob o olhar de gramáticas representativas dos trabalhos tradicionais²⁸, observando em que categoria autores como Cegalla (1997), Melo (1978), Rocha Lima (1986), Cunha e Cintra (2007), Bechara (2010) o enquadram; paralelamente, discute-se as limitações de teor linguístico, em trabalhos como o de Perini (2006, 2010), Neves (2011, 2014), Castilho (2011), Castilho *et al.* (2014), Ilari (2014) e Bagno (2014), entre outros. Feito isso, dedica-se uma seção à revisão de pesquisas que tratam da gramaticalização ou da polissemia de uso do item citado em Martelotta (2004), Risso (1998, 2006), Oliveira (2009) e Rodrigues (2009). Como ilustração, utiliza-se dados dos *corpora* usados nas pesquisas dos autores em análise²⁹.

2.1 *Agora* sob o olhar de gramáticas representativas da tradição em contraponto com a linguística³⁰

Em uma amostra constituída por autores que representam a tradição confere-se que a maioria deles abrigam o *agora* na categoria dos advérbios de tempo, com poucas referências a seu *status* de item multifuncional, o que constitui uma limitação conceitual. Apenas Bechara (2010) e Cunha e Cintra (2007) fazem referência a sua natureza heterogênea. E Melo, embora tenha feito menção aos valores discursivos do item em 1978, inclui-o entre as “palavras difíceis de classificar”. Porém, os estudos gramaticais pouco evoluíram, nesse sentido, uma vez que gramáticos como Cegalla (1997), Rocha Lima (1986), entre outros que representam a tradição parecem pouco avançar em relação ao tema,

²⁸ Serão considerados autores tradicionais aqueles clássicos que reduzem o estudo da língua à observação de exemplos de autores da literatura sem apresentar reflexões da língua em uso no cotidiano. Segundo Vieira (2015, p.75), em trabalho sobre a gramaticização, são consideradas gramáticas tradicionais de relevância nos Séc. XX e XXI “os gramáticos normativos contemporâneos: Eduardo Carlos Pereira, Firmino Costa, Said Ali, Napoleão Mendes de Almeida, Rocha Lima, Artur de Almeida, Torres, Gladstone Chaves de Melo, Domingos Paschoal Cegalla, Cunha & Cintra, Evanildo Bechara”.

²⁹ Como ilustração, utilizam-se dados dos *corpora* utilizados nas pesquisas dos autores em análise.

³⁰ A seleção dos gramáticos tradicionais para análise, nesta pesquisa, foi feita com base na disponibilidade das edições clássicas apontadas como tradicionais em Vieira (2015) nas bibliotecas universitárias da UFRN e UFPB, além de edições particulares do acervo da autora desta pesquisa.

não se dando ao menos ao trabalho de esboçar uma nota de esclarecimento sobre a fluidez categorial do item.

Conforme Melo (1978, p.105), *agora* encontra abrigo na categoria dos advérbios de tempo, com direito a uma nota de observação, na qual o autor o insere em “palavras difíceis de classificar” (terminologia do autor), como no exemplo “**Agora**, acreditar não acredito!”. A posição desse gramático é a de que o advérbio é a “palavra que circunstancia ou intensifica a significação de um verbo, de um adjetivo, em certos casos, de um pronome ou de um nome”. (MELO, 1978, p.105).

Para Cunha e Cintra (2007), o *agora* se insere no rol dos advérbios de tempo, sem qualquer menção específica à possibilidade de polissemia do termo. O autor compreende o advérbio como um modificador de verbo, de adjetivo e de advérbio, não descartando a possibilidade de modificar toda a oração. É válido salientar que ele destaca em uma observação o reconhecimento da heterogeneidade presente nas classes dos advérbios, em exercício de funções diversas, no entanto, sem maiores especificações ou exemplificações comprobatórias dessa condição.

Rocha Lima (1986) elege também como nicho categorial para o item os advérbios de tempo, apesar de o apresentar nas “palavras denotativas”³¹. Para o autor (p.153), “advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal”.

Por sua vez, Bechara (2010, p. 274-277), numa visão, em alguns pontos, mais reflexiva, situa o *agora* na relação dos circunstanciais adverbiais. O autor reconhece o advérbio como uma classe de natureza heterogênea, o que para ele torna difícil classificá-lo com uniformidade e coerência. Desse modo, propõe a divisão dos advérbios por circunstâncias, porém apresentando poucos exemplos sobre cada um. Em específico, para o item *agora* o inclui em nota de observação, situando-o entre os chamados denotadores de situação, acompanhado de itens como *mas*, *então*, *pois*, *afinal*. De forma indireta, o autor categoriza também o item como advérbio na seguinte nota explicativa “Em linguagem informal, pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem” (BECHARA, 2010, p. 282), uma vez que exemplifica com a ocorrência “*Saiu agorinha*”. O gramático considera advérbio “uma expressão modificadora do verbo que por si só, denota uma circunstância (de

³¹ A Nomenclatura gramatical brasileira chama de palavras denotativas aquelas que não se inserem em nenhuma das dez classes de palavras. Em geral, são advérbios ou palavras que exprimem: afetividade, designação, exclusão, inclusão, limitação, realce, retificação, explanação, situação (CEGALLA, 1997; ROCHA LIMA, 1986).

lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial” (p. 274). Ainda acrescenta que a classe pode ser constituída por palavras de natureza nominal ou pronominal e se refere a verbo, adjetivo ou advérbio, como também a uma “declaração inteira”.

Conforme atestam as definições de advérbio, defendidas pelos gramáticos tradicionais, anteriormente referidos, predomina a visão de advérbio como uma classe invariável que é responsável por modificar o verbo, um adjetivo ou o próprio advérbio. Assim sendo, a noção corrente do advérbio que se vem defendendo na tradição parece pouco elucidativa, tendo em vista que não se comenta sobre sua multifuncionalidade.

Ante as limitações conceituais e de tratamento insustentável devotado à classe do advérbio, visto como modificador, *locus* preferido do *agora* pelos meios tradicionais, trabalhos se destacam numa linha de contemporaneidade, como os de Perini (2006, 2010) e Bagno (2014), Castilho *et al* (2014), no sentido de que suscitam a reflexão e revisão de pontos da sua caracterização.

Perini (2006), por exemplo, reconhecendo como limitados os estudos sobre a classe, considera como inviável a definição tradicional do advérbio como modificador de outras classes ou de si mesmo. No seu posicionamento, apesar de muitas análises modernas retomarem essa noção, ele a considera “obscura” porque esse *status* não se aplica apenas aos advérbios, comentário que ilustra com os exemplos “*corremos depressa*” e “*comi uma peixada*”, pois, para ele, a condição de modificador de um verbo tanto se aplica a *depressa* como a *uma peixada*. Desse modo, a noção de modificar verbo ou adjetivo (critério sintático) não pode ser considerada critério definidor do advérbio, tendo em vista que é insuficiente para sustentar a diferenciação das demais categorias de palavras. Por isso, a saída dada pelo autor em menção é a possibilidade de definir os termos com base no critério da função, confira: “A definição de ‘advérbio’, se for possível (o que duvido) deverá ser formulada em termos de funções”. (PERINI, 2006, p.342).

Perini (2010) adota uma postura de argumentação bem mais clara, quando diz que os adverbiais (*é assim que ele chama os advérbios*) têm papel temático e apresentam propriedades importantes, tais como a posição e o escopo. Dessa forma, para ele (p.318) “o posicionamento de um adverbial depende de ser ele complemento ou adjunto; de estar vinculado sintaticamente a um verbo ou a um nome; e também do seu escopo [...]”, como os exemplos por ele citados: a) **Somente** a professora passou a palavra ao visitante; b) A professora **somente** passou a palavra ao visitante; c) A professora passou **somente** a palavra ao visitante; d) A professora passou a palavra **somente** ao visitante. Nesses exemplos, o

autor mostra que as quatro frases apresentam sentidos diferentes em decorrência do escopo, que se aplica nesses casos apenas ao constituinte que vem imediatamente a seguir. Porém, ele postula que nem sempre o escopo contribui para a mudança de sentido, como é o caso do item *agora* que em algumas situações apresenta escopo fixo e conseqüentemente seu deslocamento na sentença/oração não afeta seu sentido, como nos exemplos seguintes por ele apresentados: a) *Agora* a professora passou a palavra ao visitante; b) A professora *agora* passou a palavra ao visitante; c) A professora passou *agora* a palavra ao visitante; d) A professora passou a palavra *agora* ao visitante.

Bagno (2014) também reconhece o escopo como propriedade relevante para um estudo mais proveitoso da classe, pois propõe que se examine o elemento sobre o qual o item incide, ou seja, analise-se seu escopo. O autor ainda reconhece a polifuncionalidade e instabilidade do que a tradição chama de advérbio, situando o *agora* como um item que provém da aglutinação de *ac+hora*, o qual resulta em *esta hora*.

Da análise dessas propostas conceituais, é fato que não há homogeneidade na categoria advérbio. As palavras que se enquadram nesse grupo se caracterizam por traços os mais diversos. Ora, se o conceito de advérbio está atrelado à noção de palavras invariáveis modificadoras de um verbo, adjetivo ou outro advérbio, esse conceito apresenta alguns problemas. Primeiro, a noção de modificador não é um traço pertinente para delimitar fronteiras intercategoriais, porquanto ocasiona confusões entre a classe dos adjetivos e a dos advérbios (o caso dos terminados em *-mente*); entre advérbios e operadores argumentativos e discursivos (o caso do item *agora*, objeto deste estudo).

Nesse sentido, Castilho *et al* (2014, p. 273) defendem que

não se deve esperar que um mesmo item lexical tenha em todos os seus usos a mesma função; em outras palavras, ‘o mesmo advérbio’ pode desempenhar várias funções diferentes, ou seja, pode reaparecer em mais subclasses; além disso, uma única ocorrência de advérbio pode desencadear várias interpretações simultâneas.

Ainda remetendo a Castilho *et al*. (2014, p.269 *apud* ILARI *et al* 2002), o caminho para resolver essa heterogeneidade tão acentuada parece que consiste em identificar de maneira intuitiva, “duas dimensões para a classificação das expressões, tradicionalmente, reconhecidas como advérbios: a primeira dimensão é a dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica [...] e a segunda dimensão é a das ‘funções’ que os chamados

desempenham”. A seguir, discute-se o tratamento dado à classe dos advérbios por outros linguistas, especificamente, voltados para o uso do item sob análise.

2 Advérbio *agora* sob o olhar de outros linguistas

Trabalhos desenvolvidos por Martelotta (2004) e Risso (1998, 2006), publicados, respectivamente na Gramática do Português Falado (1998) e na Gramática do Português Culto Falado no Brasil (2006) abordam o *agora*, no domínio do discurso, observando o processo de gramaticalização. O estudo desenvolvido por Martelotta (2004) traz como contribuição as nuances semânticas assumidas pelo item, tendo o caracterizado de forma didática. Ademais, o autor chama a atenção para alguns resultados quantitativos, como o fato de ocorrerem 35 casos de *agora* exercendo a função de operador argumentativo na fala, contra 05 na escrita, levando-nos a inferir que o uso do operador nessa função é mais típico da fala; Risso (2006), por sua vez, discute as propriedades sintático-semânticas do elemento *agora* em relação ao advérbio temporal, confirmando que algumas propriedades aplicáveis ao advérbio são bloqueadas ao marcador discursivo, no âmbito textual. A autora propõe a paráfrase com “quando ou desde quando”, demonstrando que o marcador não é intercambiável por *quando* ou *desde quando* e nem parafraseável por *atualmente*, *neste momento*, os quais emergem como respostas a construções que se enquadram como pertencentes à categoria semântica indicativa de temporalidade.

No segundo trabalho que trata dos marcadores discursivos, na função de sequenciadores, Risso (2006) destaca o *agora* entre os itens que assumem esta função. A autora, antes de caracterizá-lo como marcador, exemplifica seu uso como advérbio de tempo, por meio do excerto do diálogo a seguir:

- (6) L2 – que fase que ele começou isso?]
 L1 – com uns quatro anos mais ou menos
 L2 – meu filho está nessa fase...
 L1- adora
 L2 – é impressionante
 [
 L1- é... então ele gosta demais
 [
 L2- é
 L1- **agora** ele está com seis anos... e ele aprendeu a ler... então... ele lastima não ter e :: aprendido antes a ler embora sempre eu quisesse alfabetizar...
 (D2 SP 360: 1.431-40)

Com base nesse exemplo, ela mostra que é nítida a menção de tempo requerida pela pergunta de L2, a qual é atendida pela resposta de L1, representando, inclusive, um contraste entre os advérbios *agora e antes*.

O estatuto de marcador do *agora* se revela, conforme ela argumenta, quando ele atua no plano transfrástico sobre unidades que se configuram como “segmentos tópicos”, exercendo uma função prospectiva (voltada para o que está para dizer), numa configuração com foco catafórico.

Nessa linha, é buscando diferenciar o advérbio *agora* do marcador homônimo, que a autora realiza testes a exemplo de paráfrases, demonstrando que o marcador não é intercambiável por *quando* ou *desde que*. Além disso, segundo a autora, o marcador se caracteriza por outros dois pontos:

- a) A propensão a não se enquadrar como foco de orações clivadas, conforme evidenciam os exemplos por ela arrolados:
- (7) L1- **agora** eu assumi também... uma secretaria da APM... (D2 SP 360: 165- 66)
Foi agora que eu assumi também uma secretaria de APM.
 - (8) L1 – **agora::** o Luís... desde pequeno... gosta... da história do homem... (D2 SP 360: 1.415-20)
*É agora que o Luís desde pequeno gosta da história do homem.

Conforme o pensamento da autora, no exemplo (7), o *agora* na função de advérbio de tempo pode ser foco de oração clivada, enquanto na função de marcador, isso não é possível.

a não possibilidade de ser “desencadeado pela fórmula interrogativa *quando?* (*ou desde quando*), nem, portanto, parafraseável por equivalentes como: *atualmente, neste momento*” (RISSO, 2006, p.431).

- (9) L1- **agora** eu assumi também... uma:: secretaria de APM...
Quando você assumiu também uma secretaria de APM?
Agora (atualmente).
- (10) L1- **agora::** o Luís...desde pequeno...gosta...da história do homem...
(*)Desde quando o Luís desde pequeno gosta da história do homem?
(*) Desde agora (desde a época atual, desde este momento) o Luís desde pequeno gosta da história do homem.

Assim, enquanto no exemplo (9) o *agora* é usado semanticamente como advérbio de tempo, em (10), verifica-se o uso como marcador.

Nesse segundo exemplo o *agora* não apresenta marcas de temporalidade, não sendo possível parafraseá-lo por *este momento*, uma vez que é incompatível com a expressão temporal *desde pequeno* (RISSO, 2006).

Ao caracterizar o *agora*, enquanto advérbio, Risso (2006, p.430) defende que o item se relaciona com o tempo presente, marcando uma relação de atualidade e vínculo com o momento da enunciação. Pontua também que a instância da enunciação é fundo comum na associação do *agora* com correlatos dêiticos pessoais, espaciais ou temporais. Como a nuance dêítica do advérbio *agora* exerce influências em planos diversos do discurso, conforme Schifffrin (1987), essas propriedades dêíticas parecem perpassar ou se projetam para o advérbio “com o aparato situacional da enunciação”, que é responsável pelo engate configuracional do marcador (RISSO, 2006). É de Risso (2006, p. 434), também, a opinião de que o marcador *agora* assume outros valores no texto, advindos de particularidades do trato interativo do texto, daí o estatuto de *agora* também contempla as propriedades pragmático-discursivas que o identificam como marcador tópico, sobre as quais se passa a discorrer de forma sucinta.

2.2.1 Propriedades semântico-discursivas do *agora*

✓ articulador da estruturação tópica

Em relação a essa função, Risso (2006) sinaliza que o marcador *agora* não integra a estrutura da sentença, mesmo que com ele mantenha uma posição de contiguidade. Atua sobre os segmentos tópicos, por isso, não elege a sentença como escopo. A pesquisadora destaca dois fatores responsáveis pelo estatuto funcional do item como “estruturador textual”: “abertura de tópico, ou o seu encaminhamento” (p.435).

Com relação à abertura de tópico, pontua que esse item demarca concretamente a mudança de centração que dá origem a um tópico novo no texto falado”. (RISSO, 2006, p. 435). Por marcar início de um segmento tópico, configura uma relação de organização intratópica. Em ato concomitante, atua na associação desse tópico com o outro que o precede, configurando-se uma relação entre tópicos (intertrópica). Assim, o item atua simultaneamente na articulação de forma simultânea nas relações intertrópica e intratópica.

Já na função de encaminhamento se articula num processo intratópico, em um mesmo conjunto de referentes, mediante relações coesivas que unem as proposições para se tornar um tópico único.

✓ articulação intertópica

Nas formulações sobre a articulação intertópica, *agora* atua estabelecendo relações entre segmentos tópicos, os quais se configuram como subtópicos de um macrotópico. Essa autora apresenta um fragmento de uma aula universitária, para demonstrar que essa ordem estrutural envolvendo cada etapa de desenvolvimento atende às necessidades comunicativas do gênero aula e se volta para a compreensão dos receptores. Frisa ela que as marcações de pausa no início dos subtópicos, assim como as entonações em descendência ou descida final “são fatos prosódicos mais ou menos constantes na realização de *agora* enquanto articulador de estruturação tópica de modo geral” (p. 437), consoante os dados (11), analisados por ela:

- (11) abertura de tópico I:
 Inf. – **mas** (a gente não pode/se lembrar:: que esta curva é obtida através:: ... de tes::tes né? ... em que PAR:: tem do princípio de que a inteligência é contínua... (1.272-74)
 - abertura do subtópico 2:
 Inf. - ... **agora** se eu partir do princípio por exemplo de um outro modelo...de que a inteligência não é algo CONTínuo... (1.286-88)
 - abertura de subtópico 3:
 Inf. - ... **agora** se nós tivéssemos ... éh:: por exemplo no mode::lo::: behaviorista... nós confeccionaríamos os instrumentos de outra FORma... (1.315-18)
 Inf. -... **agora** no modelo psicogenético... (1.374-75)

Atente-se para o fato de que, à exceção do primeiro, o *agora* abre cada subtópico de uma macroestrutura textual organizada para tornar o texto mais compreensível.

Mesmo não registrando ocorrências do *agora* na função de fechamento de tópico no seu *corpus*, Risso (2006) dedica atenção à função do item como prospectivo (aponta para frente em direção à informação nova). Na prospecção, o item faz o discurso avançar no sentido de se encaminhar para uma informação com nuances de ressalva, contraposição, reordenação de enfoque ou desacordo, especificamente, voltada para uma informação já dada, dentro do mesmo tópico ou no tópico anterior.

O trabalho documenta, ainda, o *agora* vinculando-se à estrutura de lista descritiva, nos temos de Schifffrin (1987, p.237), como revela o exemplo por ela apresentado, em que o marcador introduz informações detalhadas sobre as diferentes vocações de quatro dos seis filhos ali relacionados:

- a) de uma das gêmeas:... **agora** a outra gêmea... ela ... como vai va::i o que:: está tudo muito bom:: (1.1.284-85)
- b) do menino de 13 anos: **agora** o menino gosta muito de mecânica o:: de treze anos agora:: né? (1.1.291-92)
- c) de Laura: ... **agora** a Laura não:: ... não se definiu que é muito pequena (1.1.366-67)
- d) de Luís: **agora**:: o Luís...o de seis anos (1.1.416-17).

Outra função do *agora* no formato de tópico é a de orientador do discurso na perspectiva do falante em relação ao que se diz no discurso, no que concerne às mudanças de modos discursivos, os quais podem oscilar entre declarativos, interrogativos, narrativos, avaliativos, entre outros. Seja o exemplo apresentado pela autora:

- (12) L2- o menino detesta escola...então:: ...ele acor::da... e te pergunta do quarto dele se tem aula...se TEM Aula (ele diz) “DROga estou com sono quero dormir eu tenho dor disso dor daquil” ... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para irmã... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levan:tam
[
(ótimo)
- L2- é
- L1- e já ... colocado assim nessa alternativa não?
- [
- L2- porque:: já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico:: indecisa...porque acho muito cedo para impor mas também se ele aprender ah que dizendo que não quer ir não vai... eu estou criando um precedente muito sério...
- L1- **agora** talvez ele goste de ficar na cama até mais tarde... não seria conveniente muda-lo de período escolar? (D2 SP 360: 338-64)

✓ *Agora*: articulação intratópica

Em relação às articulações intratópicas, o trabalho destaca como funções do *agora*: introduzir um dado particular no assunto; mudar de orientação; reatar uma informação central.

Na função de introdução de um dado particular no assunto, o item assume subfunções de contraste, ressalva e mecanismo de troca de turno.

a) Contraste

- (13) L2- o menino detesta escola... o menino detesta escola...então:: ...ele acor::da... e te pergunta do quarto dele se tem aula...se TEM Aula (ele diz) “DROga estou com sono

quero dormir eu tenho dor disso dor daquilo” ... **agora** dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para irmã... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levanta: tam (D2 SP 360: 338-45)

b)ressalva

- (14) L2- eu vejo pelos meus... um só sabe...falar de outro...quando é para falar coisa errada... para contar defeito...
 L1- mas quando são amigos
 L2- não quando são amigos escondem tudo
 L1- é...
 L2- é inclusive se há alguma coisa quebrada por exemplo eu chego... foi um dos dois... ou aquele que foi...diz que foi ele que fez... tomou a/ (que) fez aquilo ou então é:: éo pai ou a mãe aquele que não estiver presente... se é a mãe perguntando diz que quem quebrou foi o pai ((risos)) ... se é o pai
 [
 L1- sempre é ()
 L2- perguntando diz que quem quebrou foi a mãe ((risos))
 L1- é sempre uma transferência de
 [
 L2- é
 L1- responsabilidades
 [
 L2- mas um não acusa o outro
 L1- ahn
 L2- de jeito nenhum... **agora** na mai/... na maioria das vezes eles dizem... (que foi eles...dizem) se acusa
 L1- Ahn ahn sei
 L2- quem foi se acusa (mas o) ... quando a:: a a arte é muito grande ou eles estão brincando então ... acusam o pai ou a mãe aquele que não estiver presente foi aquele que fez...

(D2 SP 360: 257-81)

c) mecanismo de troca de turno

- (15) L2- **agora** avião já andei de todos os tipos e tô procurando o mais rápido
 L1- depende
 L2- eu hoje não embarco ()
 [
 L1- **agora agora agora** não não
 L2- hoje eu não ando de automóvel () aonde tiver avião
 [
 L1- mas não confessa... não confessa que a primeira vez que você entrou num avião eu tive que lhe levar amarrado... porque você tinha medo
 [
 L2- mas lógico mas claro o homem tem medo daquilo que não conhece
 [
 L1- **agora agora agora**
 L2- você não quer me dizer também que nas suas primeiras experiências de jovem adolescente você também não sentiu tremer as pernas
 L1- não o problema não é esse não não o problema não é esse não... **agora** eu vou dizer uma coisa a você eu eu que viajo de avião já vaij/ ...fui pra Europa de

avião...compreendeu...no tempo em que se levava dezesseis hora pra ir e dezesseis hora pra voltar...eu hoje em dia toda vez que posso viajar por terra não viajo de avião
(D2 REC 05: 899-927)

No papel de mudança de orientação, o enfoque se aplica ao processo de mediar o discurso a partir de uma mudança de perspectiva do locutor no que se refere aos dados referenciados dentro do segmento tópico. Para explicar a função, a autora destaca o esquema “A- diz X; B- retoma X ou concorda parcialmente com X, para, em seguida, manifestar seu ponto de discordância”, conforme ilustram os dados:

- (16) L1- bom é o tal negócio...nós estamos...nesse nesse nesse século de comunicação... e:: ... pra mim pelo menos me parece que comunicação é faca de dois gumes...como consequência de uma uma comunicação muito intensa os Estados Unidos tiveram algum tempo atrás... éh:: uma crise de cultura própria ... e foram obrigados a a a a:: ... importar homens cultos porque:: se eles não tinham analfabetos pelo menos também não tinham grandes culturas... eu não gosto da comunicação não... que eu acho que a comunicação certa é aquela que se faz de um pra outro... dois a dois... e de um pra outro...nem nem dois a dois... sim a comunicação de Massa só pode ser feita em termos de de de divulgação de de incultura de falsa cultura de subcultura porque se uma emissora ah:: ... for transmitir éh: HAMLET... em texto integral e a outra for transmitir:: ... éh:... qualquer coisa de divulgação:: ou qualquer coisa mais fácil o povo todinho vai ligar...[
- L2- Chacrinha
- L1- é o povo todinho vai ligar pra Chacrinha né... o que é bem o: o sinal dos tempos do gênio da raça...
- [
- L2- é: Ed.
- L1- eu noto porque eu tenho muito tempo de comunicação::
- L2- éh a mim me parece viu que você tem razão até certo ponto até certo ponto/ até certo ponto eu sou partidário acho que comunicação a dois é sempre a comunicação mais importante... especialmente quando:... bom ...
- L1- bom é bom você não falar a gente falar pouco porque a sua mulher está aí junto vou lá chamar ela viu?
- L2- **agora** ... quanto à comunicação eu acho válida... acho válida... **agora** uma comunicação fiscalizada essa comunicação de massa tem que ser uma comunicação muito fiscalizada e não como tem sido feito...
- (D2 REC 05: 16-49)

De acordo com Risso (2006), no exemplo (16), o primeiro *agora* introduz uma informação discordante em relação à avaliação negativa sobre a comunicação. O segundo *agora* dá sequência à linha de discordância do primeiro, acrescentando uma informação em tom de ressalva, a qual representa um posicionamento crítico e enfático em relação à fala do L2, em específico, no que diz respeito à generalização da comunicação. A autora argumenta que o *agora*, ao assumir traços argumentativos que se mostram mais nítidos ou visíveis como o de mudança de perspectiva, progressões de pontos de vista ou mesmo desacordos,

esse se encaminha com *status* de argumento mais forte, o qual deve ter prevalência sobre o argumento apresentado anteriormente. Isso se dá em função de sua propriedade prospectiva.

Por último, no que toca ao uso do *agora* promovendo nexos advindos da informação central que foi interrompida por uma inserção parentética, ou seja, na função de retomada ou reatamento de informações, a linguista cita o exemplo:

- (17) L1- a outra de nove quer ser bailarina
 L2- ahn ahn
 [
 L1- ela vive dançando ((risos))
 [
 L2- dançan/((risos))
 L1- é ela vive dançando a laura a:: Estela { a Laura não se definiu tenho impressão[
 L2- ()
 L1- de que ela vai ser PROMotora...
 L2- ah
 L1- que ela vive acusando é aquela que
 L2- é aquela
 L1- toma conta do pessoal ((risos))} oh... **agora** ah:: {{ _ nossa... foi além do que eu... imaginava _ ...
 Doc. – não::
 L1- o horário
 Doc.- pode falar à vontade::de
 L1- ma/
 [
 Doc.- nós não temos horário
 L1- não por causa das crianças na escola ((risos)))} **agora** a Estela vive dançando ... e ela quer ser bailarina... **agora** não há que não é que haja aquele:: ... aquela:: aversão à vida artística..sabe? eu s/ é que a gente lê:: e :: sabe das dificuldades que o artista encontra
 [
 L2- ()
 L1- então eu estou procurando eh ...encaminhá-la para outra coisa não sei mas... éh ginástica rítmica por exemplo ... ela::... faz ginástica rítmica...então ainda:: ...eu hesito em pôr no balé mas eu vou ter que pôr sabe/ ... éh não quis pô-la até **agora** mas ela é MUIta:: ... quebradi::nha ela:: faz os trejeitos e::
 [
 Ahn ahn
 (D2 SP 360: 1.369-990)

Nesse exemplo, o *agora* retoma o tópico, anteriormente interrompido, em relação às vocações de Estela, mas a autora mostra que essa interrupção insinuada logo é suspensa por um “desvio súbito do fluxo discursivo”, expresso nos segmentos que tratam do horário para a busca dos filhos na escola, sendo representado no texto pelas duas chaves, que institucionalizam o mecanismo dos parênteses. Entretanto, destaca-se o fato de que a informação anterior sobre a vocação de Estela ganha uma retomada ou reatada (*agora a Estela vive dançando*). O dado mostra ainda uma terceira ocorrência do item acontecendo,

situação que no dizer da autora “prepara o trânsito de uma modalidade de discurso constativo para um de teor avaliativo” expresso pelas entrelinhas das hesitações, expressões fáticas, entre outros (RISSO, 2006, p.448). É importante registrar a posição de Risso (2006, p.448) de que

esse uso manifesta uma estratégia de compreensão de uma descontinuidade local na distribuição tópica. A frequência com que se recorre ao *agora* (entre outros marcadores), nessa situação específica em que a sequencialidade linear de um tópico se perturba por interferência de encaixes que o cindem em partes, é um dado revelador da consciência de que o falante tem da estruturação tópica e, portanto, da organização geral do fluxo de informação.

Do exposto, vê-se que o trabalho de Risso põe em evidencia o papel do *agora* como articulador de partes do texto, fazendo sequenciar ou progredir o fluxo de informação, quando do exercício de suas funções textuais-interativas.

Outro trabalho de grande relevância para os debates sobre a gramaticalização de itens é o defendido por Martelotta (2004), o qual apresenta um estudo sobre o item *agora* para exemplificar as trajetórias advérbio > operador argumentativo > marcador discursivo. O estudo principia pelo perfil histórico do elemento, envolvendo-o em uma análise que perfaz a trajetória de mudança espaço > texto, e no seu desenvolver se apresentam as funções e subfunções que vem assumindo o advérbio em contextos diversos, como nos exemplos por ele apresentados e comentados:

- (18) .. ca **agora** he o mês de feureyro e toda esta terra de Capadocia he cuberta de geada e de friu e ñ há em ella folhas uerdes ne flores nenhüas. (OE)

Com esse exemplo, Martelotta (2004) atesta que muito embora na formação o item conste em sua origem o elemento *hac* de valor espacial, já funcionava no português arcaico como circunstanciador temporal. Concomitante ao uso do item como aproximador temporal, o autor acusa o uso de *ora*, expressão que significa o momento presente do enunciado, e que é substituível por *nesse momento*.

- (19) Certas, dom Galvam, **ora** vos vi aqui uï ramo de covardice e de maldade, no falimento do meu cavalo, que me matastes.

O estudo ainda contabiliza usos de *agora* como circunstanciador temporal na contemporaneidade:

- (20) E: e::... Dani... conta pra mim uma história... que você tenha achado/uma história que tenha acontecido com você... que você tenha achado ou engraçada... ou triste... ou constrangedora...

I: “tem que responder **agora**? ((riso)) engraçada... pô... no dia que teve a formatura domeu primo quando ele... terminou... o segundo grau...

Através do *corpus* Discurso & Gramática, o autor descreve outra trajetória de gramaticalização que se efetiva no uso do *agora* como operador argumentativo, marcando oposição em relação ao passado:

- (21) ... escola está péssima... paredes muito... pichadas... ou banheiros tudo arreventado... que não sei o quê... e... os próprios alunos mesmo... sabe? Tanto do dia tanto da noite... que fazem isso... sabe? Como... tu pode ver aqui... porque os quadros horríveis eh::... mesas horríveis toda ra... rabiscada... rasgada... né? tudo... **agora** quanto aos ... professores... al... alguns são... muito...exigentes... outros um pouco melhores... sabe?”

O autor explica que essa oposição pode se manifestar no momento da fala pela introdução de informações novas, abrindo outras possibilidades comunicativas e concluindo o momento anterior do ato comunicativo, como nos exemplos (22) e (23):

- (22) Carlos... **agora** conta pra mim uma história que tenha acontecido com alguém... que seja interessante...
- (23) como o jovem? Isso aí é uma coisa muito do antigo... que muda a vida de muitas pessoas... por exemplo... eu tive...tive um exemplo bom na minha vida... eu era muito... sei lá... muito violento quando eu estava no mundo... **agora** eu sou cristão... minha vida mudou completamente...

É digno de revisita, ainda, a tese de Rodrigues (2009), na qual se estudam os padrões de uso e o processo de gramaticalização de *agora* e *então* numa perspectiva pancrônica, retratando-os elementos em diversas sincronias da Língua Portuguesa, buscadas em um *corpus* composto por peças de teatro de Gil Vicente, novelas de cavalarias e romances.

É um trabalho que apresenta elementos novos em relação ao item *agora*, uma vez que mostra sua inexistência na sincronia latina, como também revela que o item vem mudando a partir de um *continuum* desde as sincronias passadas, comprovando a hipótese da

unidirecionalidade diacrônica, tendo em vista que vem assumindo uma mudança gradativa sempre na direção do advérbio > texto.³²

Interessam a este trabalho os traços definidos pela autora para identificar o grau de prototipicidade do advérbio que incursiona por um passeio em direção ao texto, assim se manifestando:

(+ *prototípicos*) = [+ *escopo verbal*]; [+ *mobilidade*]; [+ *referência temporal*].

(- *prototípicos*) = [+ *escopo clausal*]; [+ *fixidez*]; [+ *conexão*] e [+ *marcação discursiva*].

Rodrigues (2009) investiga a recorrência das funções mais prototípicas e menos prototípicas em sincronias diversas (latina, arcaica, clássica e moderna), controla elementos do mundo discursivo, apesar de se limitar apenas ao controle dos gêneros e tipos textuais, uma vez que os *corpora* envolvidos não dão margens para análise de outros fatores interacionais, deixando vácuos para se questionar outros fatores em relação ao elemento, como por exemplo, o seu comportamento na modalidade oral. Dentre as contribuições do trabalho, ressalta-se a definição dos traços indicativos do grau de prototipicidade do advérbio, classificação que se recupera, salvo algumas adaptações, na análise dos dados desta pesquisa.

Outro ponto de destaque do trabalho da autora em menção é a forma com que trata os termos para compor a categorização semântica do item nos *corpora* sob análises, a seguir descrito no quadro, os quais são aqui considerados com algumas adaptações.

Quadro 4: categorização semântica do item *agora*

Tempo	Presente	Passado	Futuro
Conexão	Conclusivo	Sequencial	Opositor
Marcação discursiva	introdutor de tópico	ênfaticador de tópico	retomador de tópico

Fonte: adaptado de Rodrigues (2009, p. 80)

Os exemplos de (24) a (31), presentes em Rodrigues (2009, p. 84-93) ilustram os usos do *agora* em diferentes funções, sendo distribuídas em três blocos, conforme as categorias:

³² Importante ressaltar que, no seu trabalho, a autora devota o mesmo tratamento ao item *então*, no entanto não se fará menção a este, pelo fato de não ser objeto deste estudo.

- (24) “E porque a astronomia anda **agora** mui maneira mal sabida e lisonjeira, eu, à honra deste dia, vos direi a verdadeira. Muitos presumem saber as operações dos céus, e que morte hão de morrer e o que há de acontecer aos anjos e a Deus e ao mundo e ao diabo” (...)

(Auto da feira/teatro/sincronia arcaica)

- (25) “OLEGÁRIO- Venha cá. Olhem bem para mim!

(Pausa. os dois se olham)

UMBERTO (com deslante) – Estou olhando.

OLEGÁRIO (encarando Humberto) - Ainda **agora** você me falou, sem que, nem pra que, no homem coxo. Você está-me querendo fazer de idiota?

UMBERTO (firma o olhar) – Me lembrei porque... (baixando a voz) As pessoas coxas me impressionam muito!” (A mulher sem pecado/teatro/sincronia moderna)

- (26) “Mas temos que sumir com esse porteiro. O Chicão pode se encarregar disso. Ele te adora, faz tudo que você quer...”

Vou ligar para ele **agora**. Não podemos perder tempo.” (agosto/romance/sincronia moderna).

Note-se que as ocorrências (24), (25) e (26) representam o item nas instâncias do presente, passado e futuro, respectivamente, percebidas pela forma dos verbos que acompanham o advérbio [*anda, falou, vou ligar*].

- (27) “Dom Gilvaz: Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

Fagundes: Aquele homem é primo carnal da Senhora Dona Nize.

Dom Gilvaz: Pois eu também quero ser muito conjunto da senhora Dona Clóris: **ora** faça-me o favor de a ir chamar”. (Guerras do Alecrim e Manjerona/teatro/sincronia clássica)

- (28) “Mattos permaneceu em meio à massa compacta de pessoas que continuavam na pista e nas imediações do aeroporto.

Getúlio morreu, ele pensava a todo instante.

Aos poucos as pessoas foram saindo do curto estupor que as dominara quando o avião desapareceu no céu. **Agora**, homens e mulheres começaram a se enfurecer, a gritar e a se agitar de maneira caótica, espalhando-se pelas cercanias do aeroporto”. (Agosto/ romance/sincronia moderna).

Em (27), o *ora* engata uma informação com valor de conclusão. Para a autora, nesse contexto, o item apresenta traços considerados prototípicos (+referência temporal), (+mobilidade), (+escopo verbal) e (+ circunstanciação), porém esses se manifestam de forma mais opaca, destacando-se o traço mais (+concludor).

Em (28), observe-se que o *agora* dá continuidade à sequência de fatos que vinha acontecendo. Para Rodrigues (2009), apesar do traço prototípico (+referência passada) ainda se manter claro no enunciado, não há a possibilidade de movimento do item para outra

posição, como também, ele faz referência a todo o enunciado, não se limitando apenas à vinculação verbal. Em (29), pela expressão *doeu na hora/agora só está ardendo*, percebe-se que há uma oposição entre os enunciados, de forma que, segundo a autora os traços característicos da conjunção (+escopo clausal), (+fixidez) (+conexão) se mantêm mais fortes do que os traços adverbiais.

- (29) O comissário encheu a mão de tomates despedaçados. Quando ia jogar na panela, tudo aconteceu rapidamente. A panela virou e a água fervendo foi derramada sobre sua mão.
 ‘Ai meu Deus!, gritou Salete. – Está doendo muito?
 ‘Não se preocupe’, disse o comissário.
 ‘Meu Deus, meu Deus!’
 ‘Isso não é nada’.
 ‘Está doendo muito? Diz a verdade.’
 ‘Doeu na hora. **Agora** só está ardendo.’
 ‘Vai ficar uma ferida aí? Com casca?’
 ‘Basta enrolar uma gaze em cima’” (Agosto/Romance/ sequência moderna)
- (30) (Inézia entra. Sobe a escada. Olegário acompanha-a com a vista, demonstrando uma irritação doentia.)
 OLEGÁRIO - Mas essa mulher não pára de descer e subir essa escada! Será possível?
 LÍDIA – **Ora**, Olegário! Ela está fazendo o serviço dela!
 OLEGÁRIO – Está bem. (outro tom) Você é mulher de um parálítico.” (A mulher sem pecado/teatro/sincronia moderna)
- (31) Dom Lancerote – Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que um fantasma, que saiu de uma caixa, o dessecou; e sobre isso a grande pena que tem tomado de umas moças, que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem ao que parecia.
 Semicúprio – Ela é muito criada de vossa mercê.
 Dom Tibúrcio – Deixemos isso; O caso é que minha barriga não está boa.
 Semicúprio – Cale-se que ainda há de ter uma boa barrigada; deite a língua fora.
 Dom Tibúrcio – Ei-la aqui.
 Semicúprio – Deite mais, mais.
 Dom Tibúrcio – Não há mais.
 Semicúprio – Essa bastará; é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam, vossas mercês, Senhores Doutores.
 Dom Gilvaz- A língua é de prata.
 Dom Fuas – Úmida está bastante.
 Semicúprio – Venha o pulso; está intermitente, lânguido e convulsivo; ó menina, tomou as águas?
 Sevadilha - Ainda não veio o aguadeiro.
 Semicúprio – Pergunto se o doente fez a mija?
 Dom Tibúrcio – Nesta casa não há urinol.
 Semicúprio – Pois tome-as ainda que seja numa frigideira, em todo o caso, guia per orinis optime cognoscitur morbus.
 Dom Lancerote – Ah, Senhores, grande Médico.
 Dona Nize – E. D. Fuas como está melancólico! (Para Dona Clóris)
 Dona Clóris - Estará cuidando na receita.
 Semicúprio – **Ora**, Senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo se é que o é, que não pertence à Medicina) teve uma colórica procedida de paixões

internas, porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e circosa que havia de nutrir o suco pancreático, pela sua tungência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos: estes pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur*, qui ventre evacuar, disse galeno. (Guerras do Alecrim e Manjerona/teatro/ Sincronia Clássica).

Outra função que se observa nos dados é a de conteúdo discursivo que se manifesta em (30) e (31). Verifique-se que em (30) o *ora* exerce uma função discursiva de enfatizador da informação, assim como em (31) o *ora* retoma o eixo central do que vinha sendo tratado no diálogo, sentindo-se apagados os traços característicos do prototípico, observando-se a gramaticalização do item.

É evidente que, no trabalho de Rodrigues (2009), a definição de alguns termos vem corroborar funções já defendidas por Risso (2006) e Martelotta (2004), bem como outros trabalhos anteriores, mas a organização da autora permitiu uma melhor compreensão das dimensões assumidas pelo *agora* nas instâncias do texto. Como trabalhou com o item em uma perspectiva pancrônica, e em dados escritos, alguns dos fatores testados por ela podem também ser testados no contexto desta pesquisa, assim como seus resultados poderão servir de consulta para a atuação do elemento sob análise em diversas temporalidades, os quais poderão ser úteis para comparar, diferenciar ou corroborar os dados, como também acrescentá-los, tendo em vista que esta pesquisa trabalha com dados da fala e da escrita.

Considera-se relevante, também, incluir nesta revisão resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora desta tese, sobre o item *agora*, que resultou na dissertação: “Conectores adversativos na fala do natalense: uma análise funcionalista com implicações para o ensino”, na qual se analisam os variados usos semânticos, tipos de verbos presentes nas construções, percurso de gramaticalização, além de uma comparação entre o *agora* e o protótipo da categoria adversativa - o *mas*.

A investigação revela traços de mudanças funcionais pelas quais vem passando o elemento. No *corpus* selecionado, o item se apresenta, estruturalmente, após a informação básica, numa posição fixa entre os dois segmentos e em início de perguntas, em contextos nos quais o entrevistador precisa retomar ou mudar de assunto, função em que se assemelha ao *mas*:

- (32) fica brinca::do ... aí a mãe ... aí a mãe ... aí quando eu passo ... mainha compra Píppos ... mainha compra ... mainha compra danone ... mainha compra ... mainha compra biscoito ... mainha compra ... **agora** adulto ... num compra ... aí ... é ruim de ser/ é ruim de ser adulto ... é melhor ser criança mesmo ... (D&G, oral, p.184)
- (33) E: você gosta do futebol e tá dando sua opinião ... né ... você deu do time ... **agora** o que você acha da violência no ... lá dentro ... a violência dos jogadores e a violência lá na ... arquibancada?
I: eu acho errado ... (D&G, oral, p.170).

Esse tipo de uso corrobora as propostas de Duque (2002) e Martelotta (2004), pois, como apontam as pesquisas, semanticamente, o item se comporta como: Dêitico temporal (neste momento; neste momento que passou; neste momento que virá; a partir desse momento); 2. *conector* (contraste ou concessão); 3. articulador *discursivo* (organização tópica e sub-tópica).

A pesquisa ainda revela que o *agora*, presente nos segmentos adversativos, combina-se, predominantemente, com verbos no modo indicativo, tempo presente e de aspecto imperfeito.

Sob o aspecto da gramaticalização, o estudo mostra a evolução do termo da forma latina *nunc*, para, posteriormente, para o *hac hora* (esta hora, neste momento) até chegar ao *agora*.

Nunc > hac hora > agora

hora > ora e hora

Além disso, o percurso assinala a trajetória espaço > (tempo) > texto, defendida por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), a qual atesta a abstratização do item. Para constatar o grau de legitimidade do item na função de conector adversativo, criou-se um quadro comparativo entre o “*mas*” (conector adversativo mais prototípico) e o conector *agora*, para o qual foram definidos alguns critérios, a seguir apresentados:

- a) pode coordenar sintagmas, orações e enunciados;
 - b) apresenta posição fixa na oração;
 - c) pode coocorrer;
 - d) indica oposição;
 - e) conecta-se em articulações oracionais.
- (OLIVEIRA, 2009, p.104)

O estudo revelou que entre o *agora* e o *mas* há muitas semelhanças, muito embora não se igualem. Ressalte-se que o *mas* é o conector dotado de mais absolutismo na

representação da oposição das articulações oracionais e da coocorrência entre as orações, uma vez que se percebe um grau maior de fixidez estrutural nas funções relacionadas acima.

Contudo, é fato que o *agora* apresentou a maioria dos traços que o *mas* apresenta, tais como a possibilidade de coordenar sintagmas, orações e enunciados; posição fixa na oração; possibilidade de coocorrer; conecta-se em articulações oracionais, mas é dotado de menos gramaticalidade.

É válido mencionar que foi a partir dessa pesquisa que surgiu a necessidade de pesquisar mais a história do item sobre o qual se debruça este trabalho, sobretudo, para preencher lacunas deixadas por outros pesquisadores. As demais pesquisas que foram citadas neste estado da arte serviram de base para se verificar como caminham os estudos sobre o item. Já que não existem pesquisas com escopo mais ampliado, que comparem o uso do item na língua falada e escrita, convém se analisar o objeto de estudo focalizando as duas modalidades. No capítulo seguinte, trata-se sobre a metodologia do trabalho.

3 METODOLOGIA

A pesquisa se enquadra no modelo de análise funcionalista norte-americano, inspirada, principalmente, nas ideias de Givón (1995, 2001), Brinton e Traugott (2003), Bybee (2016), entre outros. Configura-se como quantitativa e qualitativa, bem aos moldes do que Martelotta (2009) caracteriza como abordagem holística, ou seja, considerando aspectos referentes à frequência de determinadas formas atreladas às motivações intra e extralinguísticas específicas do uso. Quantitativa por considerar critérios de aferição de frequência de dados referentes às funções que o item assume em contextos diversos para averiguar as regularidades advindas do uso; qualitativa por trazer explicações ou motivações relacionadas a fatores intervenientes que se impõem como relevantes para justificar determinados padrões de uso, além de reflexões sobre parâmetros e princípios de gramaticalização.

3.1 O percurso de pesquisa e as escolhas realizadas

Para constituir a amostra, além de delimitar os dados dos diferentes períodos históricos e modalidades, delimitaram-se os gêneros crônica, carta e conversa, crendo na hipótese de que são gêneros mais próximos da interação e da coloquialidade. Isso significa que, mesmo em textos escritos, os gêneros foram selecionados pensando-se no grau de informalidade.

A pesquisa é pancrônica, uma vez que perscruta os dados a partir de eras remanescentes, seguindo o espólio linguístico deixado pelas gerações passadas, em um processo de reconstrução da história do item *agora* do século XIV até o século XXI, pois, segundo Bybee (2016, p.167), “não é apenas um fenômeno periférico que pode ser inserido em uma teoria sincrônica; sincronia e diacronia precisam ser vistas como um todo integrado”. Portanto, neste trabalho, sincronia e diacronia caminham juntas, em um contínuo.

Considerando que a pesquisa se debruça sobre dois fatores maiores, “a sincronia e a modalidade”, para torná-la mais objetiva, optou-se por abordar o uso do *agora* sob duas perspectivas, capituladas por dois focos principais:

1º foco: *agora* através dos séculos - descrição evolutiva dos usos do *agora* em uma perspectiva pancrônica em gêneros específicos da escrita.

2º foco: *agora* nas modalidades de língua falada e escrita- comparação entre usos conforme as modalidades de uso, na perspectiva sincrônica no gênero conversacional.

Quanto aos procedimentos adotados, averiguaram-se e controlaram-se, entrelaçadamente, fatores da ordem semântica, morfossintática e pragmática, como, aliás, deve ser a pesquisa funcionalista. Para referendar o que foi dito, utiliza-se das palavras de Oliveira (2012, p. 138), para quem “hoje não basta ao funcionalismo meramente registrar um ou outro processo de polissemia ou gramaticalização, interessa-nos também com igual importância, o conjunto de fatores intervenientes na articulação de tais processos”.

Feita a identificação das ocorrências, seguiu-se a leitura dos *corpora*, compôs-se uma amostra de ocorrências do item nas três sincronias, na modalidade de língua escrita (primeiro foco de abordagem) e escrita e falada (segundo foco de abordagem), verificou-se a frequência de cada forma/função, para em ato posterior averiguar as motivações advindas do *lôcus* de atuação que influenciaram determinados registros, selecionando-se os seguintes fatores: funções do *agora* nos períodos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX- perseguindo-se as funções mais proeminentemente assumidas pelo item nas três sincronias, as quais são observadas em três grandes domínios categóricos, a saber, TEMPO/JUNÇÃO/MARCAÇÃO DISCURSIVA, cujas funcionalidades são ainda vistas em relação aos matizes de seus subdomínios, conforme explicitado no capítulo de análise. Cabe destacar que as duas modalidades de língua são consideradas na análise seletiva dos séculos XX-XXI que contemplam os mesmos domínios e subdomínios, nos gêneros carta e crônica para a escrita e no gênero conversa para a fala. Vale justificar o uso de dados apenas dos séculos mais recentes para cumprir o segundo foco de pesquisa, porquanto se torna dificultoso comparar o uso do item nas duas modalidades se não se observar o mesmo gênero, e no caso, o gênero conversa não está disponível em sincronias remanescentes. Deve-se esclarecer, ainda, que a escolha dos fatores deve se adaptar também à natureza do gênero.

Em ação posterior, investigam-se: Funções nos períodos XIV-XVI; XVI-XVII/XVIII-XX por gênero textual (crônicas/cartas); Funções nos períodos XIV-XVI; XVI-XVII/XVIII-XX em relação à ordem anteposta ao verbo (AV); posposta ao verbo (PV); início de oração ou tópico (IO); final de oração ou tópico (FO).

Tendo em vista o atendimento a algumas especificidades dos gêneros do segundo foco, nas duas modalidades de língua, elencam-se fatores diferentes para essa fase, a saber: Funções em relação à ordem anteposta ao verbo (AV); posposta ao verbo (PV); início de

oração ou tópico (IO); final de oração ou tópico (FO) na escrita e na fala. Funções do *agora* na fala e na escrita do século XX-XXI (gêneros carta/crônica e conversa); Funções em relação à ordem anteposta ao verbo (AV); posposta ao verbo (PV); início de oração ou tópico (IO); final de oração ou tópico (FO), na fala e na escrita, sendo que para a fase da fala, inclui-se fatores exclusivos da modalidade – IT/FT.

Em termos quantitativos gerais, os *corpora* totalizam 580 dados, sendo 131 da sincronia XIV-XVI; 124 da XVI-XVII, 150 da XVIII-XX e 175 da XX-XXI. Deve-se esclarecer que a diferença quantitativa em relação às sincronias se deve à indisponibilidade de dados em quantidades iguais, nos gêneros selecionados para a pesquisa, o que já era esperado, nesse caso, no gênero crônica e no gênero carta, disponíveis no [CDP] e nos *corpora* [CE-DOHS] e [BCN], esses últimos usados para complementarem dados provenientes de cartas e crônicas do período contemporâneo porque o CDP não dispunha de dados suficientes para compor a amostra, além do Corpus conversacional de Natal, utilizado para observar o item na oralidade.

Quadro 5: Quantidade de dados por sincronia

Séculos XIV- XVI	Séculos XVI- XVII	Séculos XVIII- XX	Séculos XX- XXI	TOTAL
131	124	150	175	580

Fonte: elaboração própria.

Na amostra do período XIV-XVI (1ª metade) foram selecionados 131 textos entre crônicas e cartas do período na ordem de aparecimento na plataforma do CDP; na amostra do período XIV (2ª metade)-XVII foram selecionados 124 textos também conforme a ordem de aparecimento da plataforma em textos dos gêneros carta e crônica; na amostra do período XVIII-XX, foram selecionadas 150 ocorrências de cartas e crônicas, sendo essas mescladas em uma composição das primeiras ocorrências em cartas do CDP (Séculos XVIII e XIX), primeiras ocorrências em cartas do [CE-DOHS]- Séc XX e crônicas de Carlos Drummond de Andrade para complementar, uma vez que o CDP não dispunha de cartas e crônicas para esse período que cobrisse até o século XX. Para a amostra do período XX-XXI dos dados de fala, selecionaram-se as doze primeiras conversas do Banco conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA [org.], 2008) e para a escrita do mesmo período selecionaram-se

todas as ocorrências buscadas em cartas e crônicas do [CE-DOHS] e da edição de Andrade (1974). Vale ressaltar que muitas dessas ocorrências do século XX (escrita) também foram utilizadas no período anterior (XVIII-XX), uma vez que foram escassos os dados escritos nos gêneros e na modalidade escolhidos, restando como opção para a pesquisadora reutilizar algumas dessas ocorrências já que no período XX-XXI a modalidade escrita entrou como objeto de estudo mais para fins de comparação das tendências e, sendo assim, já que a mudança de sentido vem ocorrendo de forma lenta, possivelmente, não afetará a veracidade dos fatos. Da mesma forma, não foi possível comparar dados do século XXI (escrito/oral) porque as fontes de cartas escritas com ocorrências do item também se mostraram escassas. Portanto, os dados comparados pertencem aos recortes representativos dos séculos XX e XXI para não comprometer uma pretensa uniformidade dos gêneros.

Vale ressaltar que a escolha de textos exclusivos da modalidade de língua escrita no primeiro foco também se deve à escassez (ou inexistência) de dados da modalidade oral para cobrir todas as sincronias, fato que torna impossível uma homogeneização da amostra. Ademais, cabe-se esclarecer que as referências do “*corpus do Português*” estão catalogadas pelo nome da obra, autor, século em que se insere e pela abreviatura do *corpus* [CDP]; as do “*Corpus eletrônico do Sertão*” estão referenciadas com as mesmas rubricas do *corpus*, como por exemplo, carta pessoal 489-QJG-12-06-1906, a qual identifica o número da carta, abreviatura do nome do autor e a data em que foi escrita. Ainda, acrescenta-se, nesse último, a abreviatura do *corpus* [CE-DOHS]. O *Corpus Conversacional de Natal* está referenciado pelo próprio nome, assim como as crônicas de Carlos Drummond de Andrade.

Para localizar a maioria das ocorrências, em específico, as do [CDP], utilizou-se do próprio mecanismo de busca do *corpus*, o qual localiza e recorta a ocorrência em cujo excerto se insere o item pesquisado, porém para os demais *corpora* utilizou-se de procedimentos de localização manual. A quantificação e percentualização dos dados estatísticos também foram feitas de forma manual, tendo em vista que os dados não são tão extensos, tornando possível contá-los sem o subsídio de pacotes estatísticos.

3.2 Dos corpora utilizados e o recorte da amostra

Conforme já foi dito anteriormente, os dados da pesquisa provêm de variadas fontes, dentre elas: O *corpus do português* [CDP]; o *corpus eletrônico de documentos históricos do Sertão* [CE-DOHS], Crônicas de Carlos Drummond de Andrade e o Banco conversacional de Natal (BCN).

O CDP (2006) é um banco de dados organizado pelos pesquisadores Mark Davies da Brigham Young University (EUA) e Michael Ferreira da Universidade de Georgetown (EUA), sendo constituído de textos em cujo âmbito constam materiais diversos, os quais abrangem ocorrências do século XIII ao século XX, além de incluir em seu acervo ocorrências distribuídas por gênero (acadêmico, ficcional, jornalístico e oral).

O CE-DOHS é um banco de dados eletrônico que objetiva disponibilizar edições no formato *fac*-similares e outros formatos, em uma versão semidiplomática, para contemplar o estudo do português brasileiro em diversas perspectivas teóricas. Em seu acervo constam documentos originados do semiárido baiano, como também de outras regiões do país. Pelo que se observa, a maioria dos acervos disponibilizados são integrados por cartas particulares que datam de 1808 a 2000, em cuja coletânea predominam edições epistolares brasileiras. Seu uso neste trabalho se restringiu a 35 cartas brasileiras do século XX, de autores diversos, para complementar a amostra do período XVIII-XX e compor amostra referente ao século XX-XXI.

As 68 crônicas de Carlos Drummond de Andrade são textos que retratam reflexões sobre o cotidiano das pessoas, os quais se organizam no livro “De notícias e não notícias faz-se a crônica”. Em seu conteúdo constam vários textos que trazem ocorrências do item em análise, por isso, foi adicionado à amostra para complementar os dados dos séculos mais recentes.

Quanto ao *Corpus* conversacional de Natal, este se caracteriza por um banco de dados da fala, considerado estritamente conversacional, o qual abriga um conjunto de dados provindo de atividades interacionais representativas do discurso espontâneo registrado em situações do dia a dia que resulta em um discurso quase natural. Constituiu-se de três etapas que inclui desde a gravação, a transcrição até a segmentação em unidades entonacionais submetida a normas do Projeto de norma urbana culta (NURC), do grupo de pesquisas D&G, além de normas da University of California, Santa Bárbara. Vale ressaltar que os limites das unidades são as pausas produzidas pelos falantes no transcorrer natural do discurso.

A opção por um trabalho predominantemente buscado em *corpora* já editados, como o CDP, deve-se ao fato de que ele abarca períodos mais antigos da história com mecanismos mais acessíveis de busca, além da facilidade para trabalhar com a distribuição de frequência e comparação de dados. Ressalve-se que essas seriam tarefas complexas se fossem realizadas de forma manual. A ausência dos textos completos diretamente no *corpus* é um dos pontos de limitação de um banco de dados organizado por outros autores, no

entanto dá para consultá-los, se necessário, indo direto à fonte indicada. Outro fator que se considera uma limitação do *corpus* ou até mesmo dos dados referentes ao CDP, concerne à compilação de alguns dados do período arcaico, os quais não fazem referência a datas, nem a autor, tendo em vista a falta de material suficiente para localizar pontualmente os dados. Entretanto, ao selecionar a amostra já se teve o cuidado de não incluí-los no material de análise, haja vista que o banco de dados registra muitas ocorrências do item, favorecendo, pois, o descarte de tais dados nos textos escritos.

À parte esses problemas, o *corpus* é considerado de credibilidade, uma vez que é buscado em edições filológicas confiáveis, inclusive já foi utilizado por vários acadêmicos, entre eles Castilho (2010, p.629), que assim se pronunciou: “com a chegada da Linguística de *Corpus*, grandes bases de dados foram organizados e disponibilizados na internet. Esse é o caso do sítio de o *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org), que inclui um bom mecanismo de busca”. O depoimento de um linguista renomado e cauteloso em suas pesquisas, como é Castilho, além dos pontos acima referidos, determinaram o interesse e a motivação para dele fazer uso.

Com relação aos demais *corpora*, também editados, o *corpus* o (CE-DOHS) e o Corpus Conversacional de Natal são bancos de dados que complementaram a amostra de dados de séculos mais recentes da escrita e da fala. Esses *corpora* foram selecionados porque são considerados de relevância em estudos de pesquisas linguísticas e porque se adequaram às necessidades da pesquisa, propositando uma certa uniformização dos dados em amostra, já que são compostos por gêneros menos monitorados.

3.2.1 Da seleção da amostra

Como o *corpus* titular dispõe de muitas ocorrências cuja distribuição varia de (45 mil), envolvendo os períodos Séculos XIV-XIX, delimita-se, então, uma amostra dos dados com base na periodização da Língua Portuguesa, fazendo uma pequena adaptação.

A literatura tradicional da Língua Portuguesa distribui a história desta em três fases³³: português arcaico, português clássico e português moderno. Porém, Mattos e Silva (2015), com base nos estudos de Castro ([org]. 1988, p.12), problematiza essa proposta,

³³ Em se tratando da periodização da Língua Portuguesa com base na escrita, não há entre os estudiosos uma unanimidade a esse respeito (VASCONCELOS, 1959). Parece que o único consenso existente, nesse sentido, é em relação ao século XIII como marco inicial do período arcaico, regendo-se pela justificativa de que esse foi o momento em que a Língua Portuguesa aparece documentada pela escrita.

apresentando e discutindo outras, as quais seguem sumarizadas no Quadro 7 por ela organizado:

Quadro 6: periodização da língua portuguesa

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
Até séc IX (882)	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até +/- 1200 (1214-1216)	Proto-histórico	Proto-histórico		
Até 1385/1420	Português arcaico	Trovadoresco	Galego-português	Português antigo
Até 1536/1550		Português comum	Português pré-clássico	Português médio
Até séc. XVIII	Português moderno	Português moderno	Português clássico	Português clássico
Até séc. XIX/XX			Português moderno	Português moderno

Fonte: Mattos e Silva (2015, p. 25)

Conforme o quadro 6, os autores divergem em relação às taxionomias tradicionais, como por exemplo, Vasconcelos é o único autor que apresenta as fases maiores sem subdivisões, fato que torna difícil estabelecer limites entre os períodos. Observe-se que o português arcaico recebe subdivisões as mais diversas pelos demais autores elencados por Mattos e Silva (2015). Para Galves (2012, p.66),

cada uma dessas denominações focaliza um aspecto diferente da língua. A primeira faz referência ao fato de que essa primeira língua documentada tem como veículo privilegiado a produção lírica das cantigas trovadorescas. A segunda ressalta o aspecto geográfico-político da identidade inicial com o galego. A terceira, enfim, mais neutra em relação a esses aspectos que podemos chamar de história externa, estabelece uma fronteira final para a ‘antiguidade’ do português bem anterior à tradição. (grifos da autora)

Assim posto, embora se possa discutir, não é essa nossa intenção. Por isso, nesta pesquisa o recorte obedece ao que se aproxima da proposta de Bechara (2010, p.689) exposta abaixo:

- a) Português arcaico: do século XII ao final do século XIV;
- b) Português arcaico médio: da 1ª metade do século XV à 1ª metade do século XVI;
- c) Português moderno: da 2ª metade do século XVI ao final do XVII (podendo estender aos inícios do século XVIII);
- d) Português contemporâneo: do século XVIII aos nossos dias.

Desse modo, assume-se a periodização disposta no quadro a seguir com algumas adaptações que atendam melhor aos dados dos *corpora* com os quais se trabalha, pois assim mantêm-se as particularidades histórico-políticas da língua e as adapta à disposição dos dados analisados. Nesse sentido, estabeleceu-se a seguinte periodização para o primeiro foco: Século³⁴ XIV a meados do século XVI; ³⁵2ª metade do século XVI até XVII e séculos do XVIII ao XX; segundo foco: séculos XX e XXI.

3.2.2 Dos gêneros escolhidos

A seleção baseou-se na crença de que os gêneros carta, crônica e conversa podem atender aos objetivos da pesquisa, já que são gêneros que tendem a ser menos monitorados com a evolução do tempo, resultando em dados gerados por momentos mais espontâneos, fato que os torna potencialmente profícuos em se tratando de pesquisas funcionalistas.

3.2.2.1 O gênero carta

A carta, em geral, é considerada pelos estudiosos como um gênero propício à identificação de processos de mudança, tendo em vista o seu caráter espontâneo. Segundo Bazerman (2005, p.83),

a carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções.

³⁵ A decisão por considerar esta divisão a partir da metade do Século XVI se deve ao fato de que foi esse o período de transição do português dito arcaico para o moderno dos termos de Bechara(2010).

De acordo com Martins e Tavares (2012), a tradição de escrever carta em nossa língua começou no século XVII, período em que Francisco Rodrigues Lobo, um dos primeiros ícones da epistolografia de Portugal, publicou o livro “Corte na Aldeia”, no ano de 1619. É relevante ressaltar que logo a seguir, no século XVIII, surgiram os secretários de cartas, ao mesmo tempo em que foi publicada a obra “O secretário português”, durante os séculos XVIII e XIX. Esses secretários eram incumbidos de redigir as cartas, seguindo a tradição latina, de onde importavam seus modelos de cartas. Nesse sentido, havia um compartilhamento de conhecimento entre os autores das línguas românicas, quando da materialização do gênero sob enfoque.

Para tratar da estruturação do gênero, recorre-se mais uma vez a Bazerman (2005, p, 88), para quem

As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar – frequentemente de modo explícito – a relação entre os indivíduos e a natureza da transação corrente. À medida que mais temas e transações, de forma reconhecível, inserem-se nas cartas, o gênero, em si, se expande e especializa; foi assim que tipos distintos de cartas se tornaram reconhecíveis e passaram a ser tratados diferentemente. As pessoas reconhecem cada vez mais uma variedade de transações que pode ser realizada à distância através de cartas, seguindo modelos para cada tipo de transação.

Por seu turno, Freire (1746), em suas lições introdutórias, comenta que

todas as cartas (reservando de narração, e discripção) se dividem em quatro períodos. No primeiro se narra o facto; no segundo se roga a que se agradeça, ou respectivamente se dão os agradecimentos; no terceiro se oferece o préstimo, e no quarto se desejaõ felicidades.

Olhando, pois, por essas e outras informações, percebe-se que a carta é um gênero complexo e variável em relação à sua natureza e composicionalidade, expandindo-se em função, e das condições de produção de seus autores. Cabe ressaltar que em séculos anteriores os escribas baseavam suas retóricas nos tratados epistolares que disciplinavam a redação de cartas e documentos. Porém, na contemporaneidade, de uma maneira geral, destacam-se as estruturas que se estabilizam como prototípicas do gênero, assumindo a seguinte composição: local e data; vocativo; corpo; saudações e assinatura.

Na amostra selecionada para esta pesquisa, encontram-se cartas narrativas e descritivas de histórias (CDP), como também, cartas pessoais (CE-DOHS). Observem-se os excertos:

- (34) [...] cõ ellas veeo de dom Pedro Mazcarenhas, cõ que vos vistes. E antes d'estas tinha vistas as que trouxe Luis Afonso, a que vos nom Respondy loguo, por que dizeis que dentro em quatro dias esperaveis Reposta, parecendo-me que nõ podia tardar voso Recado, e que, visto por elle o que pasava, vos poderia Responder mais conforme a meu serviço e a todas as cousas que me apontaveis. E despois que vy que tardava tanto, vos quis Responder, e o tinha feito quando Mexia chegou, como veres por minhas cartas que vos tambem **agoram**ado, E de tudo o que me tendes sprito que la fizestes e tenho muito contentamento, e asy de mo fazerdes saber tam particularmente, como compre a meu serviço. E de o vos asy fazerdes, o tinha por muy certo, pela grande confiança que de vos tenho pera em tudo me bem servirdes. E o que me dizes que vos parece que se deve fazer no neguocio, e asy de como cõpre a meu serviço vos virdes, me parece tudo muito beem, vendo a maneira [...](Letters of John III- King of Portugal, D. João III, século XVI, CDP).
- (35) [...]mes & meo. A primeira foy mandar fazer pera si outros paços fortaleza & fabrica como a de Vocaza fora de Meaco hû pouco desviado das casas do Dairi, & no mesmo tempo que trazia nas obras de Vozaca sesenta mil homês, andavã outros tâtos nas obras do Meaco, & com ter nellas por presidente a hum mancebo seu sobrinho de boas partes & grande numero de fidalgos & senhores que o ajudam, o mesmo Quambacudono toma por recreação estar dez ou quinze dias nas obras do Meaco, & outros tantos em Vozaca. A segûda cousa foy fazer **agora** de novo hûs ricos & sumptuosos paços pera o Rey de Japão, não inferiores aos que dizem tinham antigamente aquelles Reys. A terceira, não por devaçam nem por respeito & acatamento que tenha aos Camijs & Fotoques, mas puramente por adquirir grande nome manda fazer o Daybut da cidade de Nara q V.R. vio começado no reyno de Yamato, & isto no Meaco, perto daquelle grande templo onde estam os mil & tantos Fotoques dourados. Quam grande seja a obra deste sumptuoso templo, ficara pera os [...] (Carta dos Jesuítas, segunda metade do Século XVI, CDP).
- (36) [...] por dentro até certo termo, em que lhes dava o último da vida. Entre estes índios se avantajavam uns na destreza do atirar, outros no animo de acometer, mas em geral se experimentou em todos os desta capitania grande ódio aos contrários e maior fidelidade aos nossos, porque, sendo assim que muitos negros de Guiné, e ainda alguns brancos, se meteram com os holandeses, nenhum índio houve que travasse amizade com eles, o que foi muito particular e especial mercê de Deus, e indústria também dos nossos padres, os quais sempre, e **agora** mais que nunca e com mais eficácia, os instruíam na fé, intimando-lhes o amor que deviam ter a Cristo, e lealdade a Sua Majestade; grande bem espiritual e não menor temporal para os moradores deste Brasil, porque sem índios não podem viver, nem conservar-se, como todos confessam. Tornemos aos inimigos, os quais, enquanto presos e encerrados na cidade, não estavam ociosos, porque, entendendo que havíamos de ser socorridos com a armada de Portugal, todo o seu cuidado era fortificar-se quanto [...] (Cartas de padre Antônio Vieira, Século XVII, CDP).
- (37) [...]. Ex.a todos os seus trabalhos. Cuida unicamente em aperfeiçoar-se; ama a virtude sobre tudo, e a consolação da sua família é objecto de todos os seus desejos. Tem-me também levado muito tempo com os seus falatórios e **agora** mesmo está a fazer muito boa inglesia. A mulher tem estado muito mal, mas por **agora** não tem novidade. Sempre se pode esperar alguma cousa sinistra. Enfim, meu querido Pai, a

bênção de Vossa Excelência V. Ex.a faz toda a consolação de suas filhas; a multidão de sentimentos que nascem no meu coração supram **agora** as poucas regras. Queira Deus que Vossa Excelência V. Ex.a esteja bom. Adeus, meu querido Pai. De Vossa Excelência V. Ex.a Filha mais amante e obediente Leonor L. Post-scriptum P. S. Pode Vossa Excelência V. Ex.a dizer ao Conde de São S. Lourenço que sua neta está, para o fazer bisavô, já muito adiantada. A ternura filial Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração: A última carta que recebi de Vossa Excelência V. Ex.a deu-me uma consolação [...] (Cartas- Marquesa de Alorna, Século XVIII, CDP).

(38) Salvador-Ba 26 / 12 / 89

Amigo Mário

Escrevo para dar notícia e ao mesmo tempo saber das suas . Desejando-lhe um feliz Natal e um ano novo cheio de paz e amor juntamente com sua esposa .

Porque não escreveu mais ? pensou que não estivesse mais em Natal ?

Ainda não tomei uma decisão , pelo fato de minha filha está muito envolvida com o pessoal

Não escrevi antes por falta de tempo pois esse final de ano foi muito movimentado com esse corre corre da campanha eleitoral , tive que duas vezes em Maceió , depois foi outra carreira para vir pra Salvador , **agora** vou passar uns dias aqui com minha irmã , depois vou passar uns dias com meus pais

Se for escrever pode escrever para Natal que quando eu chegar responderei sua carta.

Nada mais da amiga que não te esquece Um grande abraço

Ana de Jesus

(Carta 08-APACA-26-12-1989, Século XX, CE-DOHS).

Conforme a amostra exposta, a carta é um material de consulta que impõe desafios para analisá-la, haja vista que seu formato é variável à medida que os anos se passam. Um dos fatores é que se está diante de um material que nos textos mais antigos pode representar a expressão erudita da língua, uma vez que se baseavam em modelos próximos dos latinos. Na contemporaneidade, porém, expressam relações mais particulares e pessoais, em um tom de coloquialidade, até mesmo em razão da diferença tipológica que também é variável com o transcorrer dos séculos.

Por isso, a análise prioriza fatores mais facilmente observáveis diretamente nos textos, pois fatores como simetria e assimetria ficam difíceis de observar porque, muitas vezes, nos séculos passados, era habitual se tratar o pai, a mãe por excelentíssimos ou até mesmo os genros e noras por filhos, e mesmo porque em muitas delas não apareciam as seções de saudação e de despedida.

3.2.2.2 O gênero crônica

O termo originou-se do grego *Krónos*, que significa tempo. Porém, conforme a literatura, sofreu alterações de sentido em função da temporalidade. De acordo com Massaud Moisés (1978), o termo foi empregado, a princípio, no início da era cristã, como um designativo de lista de acontecimentos dispostos de acordo com a linearidade do tempo. Concebido como algo entre anais e história, limitava-se apenas ao registro de eventos sem qualquer interpretação ou aprofundamento das causas, tendo atingido o seu ápice após o século XII. Nesse período, tomou rumos históricos, porém, como bem afirma Coutinho (1976, p.306), com o tempo “desapareceu esse conteúdo, ficando a palavra para designar as pequenas produções em prosa, de natureza livre, em estilo coloquial, provocadas pela observação dos sucessos cotidianos ou semanais, refletidos através de um temperamento artístico”.

Dado o exposto, a evolução do termo entrou para o século XIX com uma roupagem literária específica que, para alguns, a traduziam como folhetim. Entretanto, já no final do século XIX, o termo ganhou o curso normal do reconhecimento.

Novamente, reporta-se a Coutinho (1978, p.304), para quem

a crônica é gênero literário que tem assumido no Brasil, mormente no século presente, além da personalidade de gênero, um desenvolvimento e uma categoria que fazem dela uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo, a ponto de ter induzido Tristão de Ataíde a criar o termo ‘cronismo’ para a sua designação geral.

Adiante, o mesmo autor, (p.305), ainda acrescenta: “a crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres”.

Desse modo, a crônica vai ganhando espaço como gênero individualizado e reconhecido, tendo em vista o trabalho de grandes cronistas que contribuíram para esse *status*.

A amostra coletada para este trabalho documenta essa evolução, como se pode observar nos excertos das crônicas gerais da Espanha, Crônicas de D. João III, passando pelas crônicas de José de Alencar até chegar às de Carlos Drummond de Andrade, como ilustram as ocorrências (39), (40), (41) e (42):

- (39) [...], como eu, que som mayor de corpo que elle e mais aposto, por que os nom farei eu tamanhos ou mayores? E, depois que esto disse fo i sse pera sua pousada e, logo

essa noyte seguynte, sonhava como emprenhava sua madre. E ã outro dia mandou por o seu astrõnomo que conssigo tragia e contoulhe o que sonhara. E o estrõnomo lhe disse que sua madre era a terra e que elle a sojugaria toda e a averya ao seu senhorio e seeria senhor de todo o mundo. E assy aconteceu despois. Mas **agora** leixaremos fallar desto e tornaremos a contar de Hercolles, por levar ordenadamente a estoria dos feytos que elle fez em Espanha. Como se Hercolles partio de Sevyilha e como pellejou com Gedeom e o matou. Despois que Hercolles ouve feytas aquelles duas ymagẽes de Callez e de Sevyilha, como ja ouvystes, ouve sabor de veer toda a terra d'Espanha e partiosse desse lugar de Sevyilha per a costa do mar ataa que chegou a hũu logar em que **agora** he pobrada Lixboa. E dizem algũs que este logar foy(...) (Crônica geral da Espanha de 1934, Séclo XIV, CDP).

- (40) [...] Delly fez a guerra a Cambaya e a desbaratou, e despois da terra tomada, e elle senhor d ella lhe ficarão ainda oyto centos mill homẽes de cavallo com que passou a Bisnaga, da gente de pe não se conta aquy por que não tem conto, e determinamdo a fazer guerra ao rey de Bisnaga, e metello debaixo do seu senhorio, passou as terras que novamente tinha ganhadas entramdo per as d el rey de Bisnaga que aquelle tempo erão muytas, e saymdo do reyno de Cambaya começou a entrar e fazer guerra ao Ballagate, cujas terras **agora** são do Idalcão, tomamdo e destroymdo muitas cidades e lugares, de maneira que despois de ter feyto muyto dapno, deixamdo aos naturaes da terra as armas por lhas não poderem defemder, lhe entregarão os corpos e fazemdas. E despois de jaa ser senhor de toda a terra do Ballagate, passou o ryo de Duree que he estremo das terras do Ballagate, e as d el rey de Bisnaga, o quaal ryo passou em cestos sem aver quem lho defemdesse ho passo, mas antes jaa d este (Crônica dos reis de Bisnaga, Séclo XVI, CDP).
- (41) [...] luz, fresca e agradável, parecia convidar as alegres procissões que lembram a antiga tradição dos três reis magos, vindos do Oriente guiados por uma estrela para adorar o Menino Jesus. Hoje, como todos os antigos costumes, esta festa vai caindo em desuso. Já quase não se vêem nesta corte aquelas romarias folgazãs, aqueles grupos de pastorinhas, aquelas cantigas singelas que vinham quebrar o silêncio das horas mortas. A noite de Reis atualmente é apenas a noite das ceias lautas, dos banquetes esplêndidos; de maneira que, a julgar da tradição pelas festas de **agora**, dir-se-ia que os reis magos eram três formidáveis comilões, que vieram do Oriente unicamente para tomarem um fartão de peixe, de ostras, de maionese e gelatinas. Em todas as épocas o homem teve a balda de desfazer no presente e de encarecer o passado. "No nosso tempo era outra coisa " dizem os velhos desde o princípio do mundo. Entretanto, seja pelo que for, seja que aquilo que passou exerça sobre a nossa imaginação um prestígio poderoso, o que é verdade é que nossos ("Ao cair da pena", José de Alencar, Séclo XIX, CDP).
- (42) A essa altura, que foi feito do afogado? Se não esperou, azar dele. A ronda continua pela praia. Essa outra enterrou-se totalmente na areia, só a cabeça aparece, e desperta suspeita. Ou não? Pelas dúvidas, convém syndicar;
- _ A senhorita quer ter a bondade de sair para fora da areia?
- _ Ah seu salva, estou tão bem aqui.
- _ Acredito, mas o delegado...
- _ O delegado proibiu a gente de se esconder na areia?
- Que eu saiba ainda não. Mas estou vendo o seu sutiã do lado de fora, com o bronzeador e outras coisas e saquei as minhas conclusões.
- _ E daí? Dentro da cova de areia posso até ficar pelada cem por cento, ninguém tem nada com isso.
- _ É, mas e na hora de sair da areia?
- _ Aí o senhor me prende, antes não. Eu estou decentemente vestida de areia, não estou?

- _ E se um gaiato passar por aqui e levar o seu sutiã, como é que a senhorita se arranja para sair da praia?
 - _ O senhor me prende uai. Problema seu. **Agora**, já imaginou o grilo que vai dar o senhor me levando para o distrito nessas condições?
 - _ Mineira, hem? O pessoal em Minas está ficando muito pra frente.
 - _ Faz-se o possível. Mas vocês, no Rio, não colaboram, inventam cada uma.
- (Carlos Drummond de Andrade, De notícias e não notícias, Século XX, p. 36).

As crônicas provam o percurso de evolução traçado pelos teóricos, tendo em vista se perceber que no início preponderava o caráter de contação de história com predominância de sequências mais narrativas e descritivas. Elas chegam ao século XIX com um teor mais literário, como expressam as crônicas da obra “Ao correr da pena”, de José de Alencar, ainda mais diferenciado pela crônica do século XX, de Carlos Drummond de Andrade, a qual se debruça sobre fatos ou cenas do cotidiano que chamam a atenção do cronista, inclusive com o uso de sequências dialogais. Assim, a crônica do século XX é muito mais despojada, corriqueira, coloquial, e desperta para o seu teor reflexivo. Desse modo, a amostra do gênero, longe da homogeneização pelo seu caráter evolutivo, assim como a carta, é um dos gêneros escritos que se tornam muito próximos da fala pela sua natureza de contar histórias ou fazer reflexões em um tom mais coloquial.

3.2.2.3 O gênero conversa

Para Rojo (2005), o gênero conversa advém de momentos de conversação espontânea. Sua organização se estrutura em turnos ligados a interlocutores que interagem em uma relação brotada do cotidiano. Nesse gênero, trabalha-se com as noções de turno conversacional, topicalização, assim como com a sucessão dos tópicos no jogo interativo de linguagem, priorizando a organização global e a coesão dos turnos, gerados pelo conhecimento compartilhado dos seus interlocutores, pois, conforme afirma a mesma autora,

trata-se de uma interpretação essencialmente linguística [sic] e cognitiva, onde as relações sociais - hierárquicas ou interpessoais - entre os interlocutores é completamente ignorada e os confrontos conflituosos presentes na conversa não são vistos, devido a um pressuposto de *negociação, acordo e consenso* entre os interlocutores, regido por construtos cognitivos compartilhados (ROJO, 2005, p.20).

Os excertos (43) e (44) são exemplos de como o gênero se organiza:

(43) 2363 Bárbara num era...

2364 F4 Bárbara tá uma...
 2365 uma toura de mulher...
 2366 F5 sim ...
 2367 agora...
 2368 mas ela era...
 2369 F3 pode prestar atenção...
 2370 eu e Bárbara...
 2371 somos as que tem mais problema com esses negócio...
 2372 de ficar gordinha...
 2373 porque a gente se acostumou a comer demais...
 2374 [fora de hora...]
 2375 F5 [ago::ra Bárbara tá] comendo muito...
 2376 a cintura acabou...
 2377 ah::meu Deus...
 2378 F1 ela num tem não cintura...
 2379 nem bunda... ((risos))
 2380 F5 é como Railma...
 2381 F1 só tem os peitão grande...
 2382 ah:: peito ()... ((risos))
 2383 F4 peito grande tá na moda...
 2384 F1 não:: mas é ()...
 2385 aquele negócio veio junto...
 2386 F5 mas né feio não...
 2387 é bonito ().....
 2388 F3 eu também acho estranho...
 2389 F1 eu acho...
 2390 F5 não...

(Banco conversacional de Natal, p. 255)

(44) 2422 se eu fosse ela...
 2423 eu caía fora na primeira [vez...] ((risos))
 2424 F5 [não...]
 2425 mas o dela né muito não né Dirce?
 2426 [ela::...]
 2427 F3 [é::] sei lá...
 2428 F5 é não...
 2429 F3 eu acho que::...
 2430 é [porque é grande demais...]
 2431 F1 [é porque pesa...]
 2432 F5 agora porque o dela é pesado...
 2433 eu acho que [quando ela () abaixa mais...]
 2434 F1 [é porque pesa...]
 2435 F3 é...
 2436 F1 se eu fosse uma (Erika) hein?
 2437 nem prestava...
 2438 F4 [hum hum...]
 2439 F5 [mas eu acho que Bárbara] puxou...
 2440 F1 [mulher pra mim ...]
 2441 tinha que ter cintura fina...
 2442 [bunda grande...]

(Banco conversacional de Natal, p. 257)

Observe-se que os dois excertos retratam conversas do cotidiano, as quais estão organizadas por turno, marcados por sucessões de tópicos gerados pela interação entre os

interlocutores que dão continuidade ao tópico puxando o fio da conversa ou então, mudam para outro tópico, de modo que promovem uma coesão geral entre os enunciados.

3.2.3 Das obras selecionadas

Para situar o leitor, apresenta-se, a seguir, um quadro de detalhamento dos textos que compõem a amostra nos séculos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX (1º foco) e XX-XXI (2º foco), organizados no Quadro 7, a saber:

Quadro 7: descrição dos textos que compõem a amostra nos períodos

PRIMEIRA ETAPA				
Século XIV à (primeira metade do século XVI				
<i>Texto</i>	<i>Século</i>	<i>Autor</i>	<i>Nacionalidade do autor</i>	<i>Fonte</i>
Crônica geral da Espanha de 1344	XIV	Autor incerto	Portuguesa	CDP
Crônica de D. Fernando	XV	Fernão Lopes	Portuguesa	CDP
Letters of John III	XVI	D. João III	Portuguesa	CDP
Século XVI (segunda metade) ao Século XVII				
Crônica dos reis de Bisnaga	XVI	David Lopes	Portuguesa	CDP
Cartas dos Jesuítas	XVI	Padre Amador Rebello	Portuguesa	CDP
Cartas da Companhia Jesus	XVI	Simão de Vasconcelos	Portuguesa	CDP
Cartas do Padre Antônio Vieira	XVII	Padre Antônio Vieira	Portuguesa	CDP
Século XVIII ao Século XX				
Cartas	XVIII	Cavaleiro de	Portuguesa	CDP

		Oliveira		
Cartas e outros escritos	XIX	Marquesa D'Alorna	Portuguesa	CDP
Ao correr da pena (crônicas)	XIX	José de Alencar	Brasileira	CDP
Cartas	XX	Vários autores	Brasileira	CE-DOHS
De notícias e não-notícias faz-se a crônica	XX	Carlos Drummond de Andrade	Brasileira	Edição original
Segunda etapa				
Cartas	XX	Vários autores	Brasileira	CE-DOHS
De notícias e não-notícias faz-se a crônica	XX	Carlos Drummond de Andrade	Brasileira	Edição original
Conversas	XXI	Furtado da Cunha (org.)	Brasileira	Banco conversacional de Natal

Fonte: elaboração própria.

A seguir, apresenta-se um breve histórico dos textos selecionados, apenas para que o leitor tenha uma ideia do que tratam as edições selecionadas.

3.3.3.1 Breve histórico dos textos selecionados

- *Crônica geral da Espanha de 1344*

Está em Mattos e Silva (2015) que a edição crítica das crônicas gerais da Espanha de 1344 é um dos documentos mais antigos do espólio literário da língua portuguesa, cuja organização se compõe de quatro volumes. É considerado um marco da prosa medieval.

- *Crônica de D. Fernando (Fernão Lopes)*

Fernão Lopes é um autor português responsável por escrever as crônicas de D. Fernando. Foi cronista-mor do reino, posto que lhe rendeu o título de maior prosador medieval do seu tempo. De acordo com Luft (1973), o autor unia as virtudes do historiador

às qualidades do artista, uma vez que escrevia com cuidado e mostrava-se empenhado na escolha das fontes documentais, estabelecendo confrontos e elucidando fatos entre as versões pesquisadas até chegar a uma mais plausível.

Dotado de estilo simples e elegante, coloquial, não se limitava apenas a descrições ou narrações, pois incluía nas suas histórias, diálogos, cortes bruscos na narrativa e até anedotas, tudo isso com a sabedoria de um cronista superior, tendo o povo como agente da história.

As crônicas de D. Fernando tratam das guerras fernandinas que envolveram o reino de Castela, bem como a sucessão, os conflitos entre a nobreza e a burguesia que, na época, estava em ascensão.

- *Cartas de D. João III*

As cartas de D. João III fazem parte de dois dos portfólios de cartas da coleção de Palha, grande estudioso da história de Portugal. Essa coleção faz parte do acervo da Universidade de Havard, para onde a coleção foi cedida.

Barreto (1999, p.40) declara em tese que

suas cartas se referem normalmente, a problemas do governo, tais como a aceitação dos jesuítas pelos críticos que viam nos seguidores de Loyola, apenas seguidores do demônio - à sua política na África, na Índia e no Brasil, aos acontecimentos com Jean Ango, comandante de um navio corsário, confiscado pelos portugueses.

Assim sendo, as cartas de D. João III tratam de fatos referentes à história de Portugal e suas relações com os outros países.

- *Crônicas dos reis de Bisnaga*

As crônicas dos reis de Bisnaga foram publicadas em forma de manuscrito inédito do século XVI por David Lopes. Elas contam a história dos reis que detinham o domínio contemporâneo do império português.

Na sua primeira parte, exalta a história da cidade de Bisnaga, mostrando seus costumes, assim como fala da história de Vijaynagora, com foco sobre os aspectos do império português, especificamente a dimensão comercial da cidade, sua arquitetura religiosa, costumes, enfim, do cotidiano da cidade e de seu Império desde o nascimento até o desenvolvimento. (LOPES, 1897).

- *Cartas dos Jesuítas - Padre Amador Rebello*

As cartas dos jesuítas são cartas escritas por padres da Companhia de Jesus que residiam na Índia, nos reinos da China e Japão, bem como no Reino de Angola e tratam de fatos referentes aos reinos dos lugares onde eles moravam, as quais foram compiladas na obra de Padre Amador Rebello. (SIMÕES, 1990).

- *Crônica da Companhia de Jesus - Simão de Vasconcelos*

Simão de Vasconcelos nasceu em Portugal e veio trazido para o Brasil ainda criança. Foi professor do Colégio dos Jesuítas, no estado da Bahia. Aos 19 anos tornou-se membro da Companhia de Jesus, posto que lhe rendeu importantes cargos como o de Procurador em Roma (1662) e Provincial do Brasil (1655).

Era conhecido por seu espírito curioso e por ser bem informado. Escreveu além de crônicas, sermões, biografias e cartas, atividades consideradas doutrinárias, porém de valores relevantes (MASSAUD MOISÉS; PAES (s/d)).

- *Cartas do Padre Antônio Vieira*

Antônio Vieira ou Pe. Antônio Vieira, como era conhecido, nasceu em Lisboa, em 1608, destacou-se como religioso, filósofo, escritor e orador da Companhia de Jesus, tendo vivido em Portugal e no Brasil.

Nas terras brasileiras destacou-se como missionário, como defensor dos índios, dos judeus e dos escravos. Suas cartas testemunham a defesa dos direitos do homem, conforme publicou Lins (S/d) em apêndice didático: “Possuidor de harmonioso estilo e doura linguagem, Vieira deixou nas suas Cartas e em seus Sermões toda a prova de sua erudição e o testemunho de quanto obrou pela igreja e pelos direitos do homem, quer se tratasse de um gentio, quer de um judeu, levantando destemidamente, em nossa terra, sua voz contra os prepotentes”.

- *Cartas de Cavaleiro de Oliveira*

Nasceu em 21 de maio de 1702, em Lisboa. Foi cavaleiro da casa real, professor da Ordem Militar de Cristo. Era muito versado na história profana, em específico do reino de Portugal. Publicou obras em várias línguas. Cavaleiro de Oliveira parece ser o pseudônimo que o autor-personagem atribuiu a ele mesmo. Suas obras foram proibidas de serem divulgadas pela Inquisição.

Como homem mundano, foi assim considerado, atacou veementemente a Inquisição em suas obras, tornando-se um dos mais poderosos críticos das ideias que dominavam o período. (COSTA, 1960).

- *Cartas e outros escritos da Marquesa de Alorna*

Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre (Marquesa de Alorna) nasceu em Lisboa em 1750. Era uma representante das ideias tardias do Classicismo e do alvorecer do Romantismo.

Notabilizou-se pelo espírito poético pré-romântico, nostálgico e melancólico, como também por suas traduções. Quanto às composições epistolares, tornou-se também de relevância por essa faceta, uma vez que suas cartas particulares revelam espontaneidade e cunho oral, representando importantes documentos de comprovação da evolução da prosa literária de Portugal. (LUFT, 1973).

- *Crônicas de José de Alencar*

Nas crônicas “Ao correr da pena” de José de Alencar evocam-se fatos e figuras do Rio de Janeiro, as quais constituíam a elegância da época, em toda uma trama tecida pelas festas, modas e espetáculos teatrais entremeados por intrigas políticas, negociações que davam o tom mundano e malicioso aos acontecimentos que começavam a interessar ao jornalismo. (LUFT, 1973)

Foram publicadas como folhetim em 1854, pelo Jornal Correio Mercantil.

- *De notícias e não notícias faz-se a crônica - Carlos Drummond de Andrade*

De notícias e não notícias faz-se a crônica do autor Carlos Drummond de Andrade reúne textos publicados no Jornal do Brasil. Tendo em vista ter sido escrito no período da ditadura militar, reproduz cenas e *flashes* da vida do país, expressando aquele cotidiano social difícil, com ênfase para *seus tipos característicos e uma realidade de problemas, mas também de virtudes aos olhos do poeta e cronista brasileiro itabirano de Minas Gerais.*

- *Conversas*

Trata-se de conversas buscadas no cotidiano, as quais revelam o registro de momentos vividos por amigos, colegas, em cenas corriqueiras da vida que se passam, na calçada, na praça, na sala de aula, entre outros ambientes de informalidade.

Concluída a apresentação da metodologia do trabalho, na sequência, serão analisados os dados referentes ao *agora* nas sincronias passadas.

4 DA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DO ITEM AGORA EM GÊNEROS ESCRITOS AO LONGO DAS SINCRONIAS

Este capítulo trata da análise do *agora* ao longo dos séculos, considerando a periodização – século XIV a meados do século XVI; meados do século XVI ao século XVII; século XVIII ao século XIX -, com atenção para a frequência de uso do item referido e análise de suas propriedades sintático-semântico-pragmáticas em cada um dos períodos delimitados, tomando como parâmetro dados recortados do *corpus* do português (DAVIES e FERREIRA, 2006), do [CE-DOHS] e das crônicas do livro *De notícias & não notícias* faz-se a crônica do escritor Carlos Drummond de Andrade.

4.1 O item *agora* em diferentes sincronias - de uma visão panorâmica a uma visão específica

Para justificar a abertura de uma seção que trata do item desde o século XIV até o século XX, reportam-se as palavras de Mattos e Silva (2006, p.16) para quem “os dados do passado das línguas podem fornecer argumentos para teorias que têm como objetivo explicações dos mecanismos cognitivos e psicológicos que estão na base de qualquer língua histórica”. Assim sendo, neste espaço, promove-se um mergulho em excertos de língua produzidos desde épocas remanescentes com o propósito de responder a algumas questões desta tese que podem explicar ou reconstruir a evolução do item *agora*, a começar por dados que se situam entre o século XIV e meados do século XVI, datas marcadas pela publicação do primeiro documento escrito (Testamento de Afonso II) até a chegada da primeira Gramática da língua portuguesa, de Fernão de Oliveira, e a Gramática da língua portuguesa, de João de Barros, em cujo âmbito constam reflexões e normatizações primeiras sobre a Língua portuguesa (MATTOS e SILVA, 2015).

É importante frisar o que Mattos e Silva (2015, p. 25) recomenda:

Não deixemos de ter claro, entretanto, que as taxionomias já propostas ou se baseiam em fatos históricos extralinguísticos, decorrentes da história externa de Portugal ou da história da literatura ou de informações sobre a dialeção diatópica diacrônica que favorece a hipótese de uma primeira fase galego-portuguesa, seguida de outra em que o galego e o português já se apresentam como diassistemas distinguíveis, tendo os meados do século XIV como divisor de águas.

Nesse sentido, é importante observar as divisões taxionômicas dos períodos históricos da língua, propostas por alguns estudos porque estes trazem subjacentes a caracterização de cada período delimitado.

Considerando que a frequência de uso é relevante para indicar caminhos em uma análise funcionalista, analisam-se os dados, quantificam-se e os distribuem-se, conforme suas funções contextuais, na tentativa de esboçar uma radiografia semântico-sintático-pragmática do item sob análise nos períodos que compreendem os séculos XIV a meados do século XVI; meados do século XVI ao século XVII; século XVIII ao século XX. Neste capítulo, o item será analisado em relação a suas funções diversas em três períodos distintos (Século XIV - a primeira metade do século XVI, doravante período XIV-XVI; segunda metade do século XVI ao século XVII, doravante, período XVI-XVII; século XVIII ao século XX, doravante, período XVIII-XX), considerando-se fatores linguísticos e extralinguísticos que dizem respeito aos gêneros textuais e à ordem verbal. Esses fatores foram mapeados em relação à frequência para, posteriormente, serem analisados conforme a atuação dos princípios funcionalistas da gramaticalização, prototipicidade e da marcação, nos termos de Givón (1995).

A princípio, volta-se o olhar para o item em relação às funções semântico-pragmáticas. O rastreamento dos dados permite enxergar o elemento sob análise, no exercício das seguintes funções, abaixo categorizadas, no quadro 8.

Quadro 8 : Funções e subfunções do item *agora*

FUNÇÕES DO AGORA	SUBFUNÇÕES
Dêitico temporal	• com valor de presente; • com valor de presente/passado; • com valor de presente/futuro.
Conector/juntor	• de oposição/contraste; • de causalidade/conclusão; • de adição.
Marcador discursivo	• de mudança de foco/assunto/turno; • de abertura de turno/tópico.

Fonte: elaboração própria.

Para facilitar a compreensão da análise, expõem-se os percentuais de uso por sincronias, obedecendo à distribuição das funções, conforme representa a tabela 1³⁶:

Tabela1: Funções do *agora* em uma visão panorâmica

Funções \ Períodos	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XX	TOTAL
Dêitico temporal				
1.1 Presente	81/61,8%	65/52,4%	69/46%	215/53,1%
1.2 Passado	26/19,8%	15/12,1%	11/7,3%	52/12,8%
1.3 Futuro	09/6,9%	08/6,5%	08/5,3%	25/6,2%
Subtotal %	116/88,5%	88/71,1%	88/58,6%	292/72,1%
Conector/juntor				
2.1 Oposição/contraste	06/4,6%	07/5,6%	13/8,7%	26/6,4%
2.2 causalidade	06/4,6%	13/10,5%	27/18%	46/11,4%
2.3 aditivo	-	10/8,1%	09/6%	19/4,7%
Subtotal %	12/9,2%	30/24,2%	49/32,7%	91/22,5%
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno	03/2, 3%	04/3,2%	09/6%	16/4%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno	-	02/1,6%	04/2,7%	06/1,4%
Subtotal %	03/ 2,3%	06/4,8%	13/8,7%	22/5,4%
TOTAL %	131/100%	124/100%	150/100%	405/100%

Fonte: elaboração própria.

Conforme se verifica, na condição de dêitico temporal, o *agora* detém o poder majoritário de uso com 72,1% das ocorrências, contra 22,5% na função juntor e 5,4% na de marcador, fato que comprova a hipótese deste estudo de que o *agora* segue um trajeto de evolução já defendido por outros estudos como de Heine *et al.* (1991), Hopper e Traugott (2003) e Martelotta (1996), ao tratarem da gramaticalização de itens e construções, confirmando, pois, o pressuposto de que a sintaxe emerge do discurso.

Os dados (45), (46), (47) ilustram as funções gerais de dêitico temporal, juntor e marcador, comentadas anteriormente:

- (45) [...] ele dizendo que o encomendaria a Deus, e, detendo-se um pouco sem se mover do lugar, o levantou do chão, em parte onde se tinha buscado com muita diligência. Além destas graças particulares, tinha outra maior e mais universal, e era, sem ter estudo, entender com suficiência qualquer livro latino; e nas mais ciências, particularmente em matérias espirituais, dava tão acertados pareceres que pareciam de homem de muitas letras. A todos estes dons ajuntou o da pureza virginal, que guardou inviolável até à morte, e com a qual mereceu assistir **agora** diante do trono de Deus, seguindo ao cordeiro sagrado para onde quer que vai. A estes três foi o Senhor servido dar na outra o prêmio das obras que nesta vida fizeram. Os mais

³⁶ Vale se considerar que em algumas tabelas promoveram-se ajustes nos percentuais, para fechamento dos índices totais, uma vez que foi considerada só uma casa decimal, após a vírgula.

todos se ocuparam nos ministérios da nossa Companhia, segundo a vocação e talentos de cada um, e, pela divina bondade, com proveito seu e dos próximos. As quarenta horas do primeiro destes dois anos se celebraram com o costumado aparato e concurso grande de confissões e comunhões. As do segundo, conforme [...] (Cartas de Padre Antônio Vieira, Século XVII, CDP).

- (46) [...] neste aperto, como se foram portugueses antigos, com extraordinário brio acharam que lhes era mais sofrível perder a vida que pôr em risco a honra. Com esta determinação investiram à porfia ao inimigo, e com uma força tão impetuosa que a não puderam sofrer os holandeses, nem se atreveram a sustentar o campo, e logo viraram as costas; para que se entenda e veja bem que o tomarem uma vez a cidade foi mais fraqueza nossa, causada de pecados, que esforço seu, pois os que então uma vez, sem pelejar, lhes fugiram, **agora**, tantas vezes os faziam fugir pelejando. Considerando, pois, os inimigos o ruim sucesso que por esta via tinham, mudaram as saídas, mas nem por isso mudaram a ventura. Levaram uma nau com um patacho e lanchas ao Camamu, e aí, no engenho do Colégio, tomaram algum gado; mas não tomaram muitos mercadores, porque, saindo três ou quatro índios a um batel seu, por sete bois que levavam mataram sete holandeses. Também entraram de paz na vila de Cairu, para [...] (Cartas de Pe. Antônio Vieira, Século XVII, CDP).
- (47) [...]mas o que não se pode negar é que o juiz que lavrou uma condenação desta ordem, deu uma prova incontestável de inteireza e de retidão. Quando mesmo a sentença não fosse justa, estamos certos que a intenção que a ditou foi da mais vigorosa equidade. **Agora**, meu amável leitor, até 1º de abril. Entendeis? XXV Rio, 1º de abril Descobriu-se afinal! A questão das custas é uma querelle d'allemand! O regimento foi o pretexto, e a causa verdadeira não se pode conhecer. Quem sabe! Talvez os que censuram o regimento sejam empregados da Secretaria da Justiça, ou eminentes jurisconsultos incumbidos da fatura de códigos civis! Os defensores, estes, são homens independentes, que nunca solicitaram coisa alguma do Ministério da Justiça, que podem ter aceito uma [...] (Ao correr da pena, José de Alencar, Século XIX, CDP).

O excerto (45) ilustra o uso do item em análise na função de circunstanciador temporal, revelando-se os traços prototípicos (+referência temporal), (+mobilidade), (+circunstanciador), embora voltado para uma extensão do passado, reconhecido pela expressão verbal [*mereceu assistir*]. Nesse caso, parece que o item já começa a se licenciar de sua acepção de presente para tocar o passado. No excerto (46), registra-se um caso de junção, cujos traços prototípicos (+fixidez), (+conexão) se sobrepõem a traços de referência temporal. No enunciado, o item se movimenta para conectar duas informações que contrastam [*sem pelejar X fugir pelejando*], pondo em evidência seu valor opositivo. Já no excerto (47), o item se envolve em um enunciado que se volta para o momento interativo do texto, quando o cronista entra em contato com o leitor, configurando-se um valor de elemento pragmático e interativo, semelhante ao que Risso (1993) chama de *marcador discursivo de abertura de tópico*. Nessa última acepção, o item perde traços da referência temporal para ganhar os traços de (+discursivo).

Segue-se descrição de cada função semântico-pragmática, partindo de uma análise panorâmica para uma análise nas sincronias, atendendo às subfunções de cada categoria de análise.

4.1.1 *Agora* dêitico temporal

Agora dêitico temporal caracteriza-se pelo uso do item como um circunstanciador de tempo com o significado de *neste momento*, *atualmente*, *até o momento*, *por um momento*, *deste momento*, entre outros. A exemplo de Rodrigues (2009), analisa-se as funções do item, considerando os traços (+prototípicos) e (-prototípicos) de cada função. Para a referência temporal, nuance de sua forma canônica, volta-se o olhar para os traços prototipicamente presentes no advérbio, quais sejam: (+referência temporal), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Ademais, conforme Neves (2011, p.266), para esse tipo de advérbio, a definição mais perceptível é aquela cujo tempo em questão é considerado não cronológico, sem ligação com o calendário. Para a autora, esse pode significar *neste momento*, *na época atual*, *neste momento/período*, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este; *no momento/período imediatamente anterior a este*, *nos últimos tempos*, posição também conferida pelos dados desta pesquisa.

Risso (2006, p. 433), por sua vez, observa que o *agora* nessa posição “veicula aí, juntamente com o tempo presente do verbo, uma relação de proximidade temporal do fato evocado com a fala da locutora”, ilustrado pelo exemplo “**agora** ele está com seis anos”, para o qual ela explica que “o período mais ou menos extenso em que vigora a idade de seis anos do menino é tomado numa relação de ‘atualidade’ com o momento da enunciação, ainda que a extensão de um e outro não coincidam plenamente”.

Schiffrin (1987, p. 228) avalia as propriedades dêiticas do *agora* temporal agregado aos seguintes valores: a) veiculado a um tempo de referência; b) refere-se a uma expressão de “proximidade/distanciamento (proximal/distal axis)”, em relação ao “eu” do locutor.

Observem-se os exemplos do CDP:

- (48) [...] boa estação, as folhas de uma árvore que diziam carunchosas, as folhas da Constituição, reverdecem. Hércules reveste-se da túnica de Nesso, e dispõe-se a recomeçar os sete grandes trabalhos. A nossa marinha se enriquece consideravelmente com uma nau de pedra, invento que não possuem os países mais civilizados da Europa. Finalmente, o exército teve uma promoção! Não há, pois, que duvidar. A época é toda de esperanças; e, se por aí se vêem esvoaçar urubus, não é

porque o ministro esteja doente. Qual! é porque estamos tratando **agora** da limpeza das praias. Há também uns sujeitinhos que espalham que o ministério já não regula. Que contra-senso! O ministério dos regulamentos! Bem se vê que são coisas a que não se deve dar o menor crédito. Assim, pois, creio que se pode responder negativamente à pergunta que fazem todos os políticos. Não teremos oposição. Tratar-se-á de uma outra questão jurídica e administrativa; far-se-ão algumas interpelações, e nada mais. Quatro meses depressa se passam; e os ministros, que gostam tanto do [...] (Ao correr da pena, José de Alencar, Século XIX, CDP).

- (49) [...] porta do theor d esta prymeyra, se não que em tudo mays pequena; e passando esta segumda porta estaa hûu terreyro gramde todo derredor das varamdas sobre seus piares de pedra, e no meyo d este terreyro esta a casa do paguode. Defronte da primeyra porta estão coatro colunas, as duas douradas, e as outras duas de cobre; e pella muyta antiguydade me parece que são desdouradas, e as outras duas de cobre, por que todas são de cobre, a que estaa mays achegada a porta do pagode he d este rey Crisnarao, qui **agora** reyna, por que as outras são dos antepassados; toda a frontarya da porta do paguode atee o telhado he tudo forrado de cobre dourado, e de cada bamda do telhado em cima tem hûuas alymaryas que parecem tigres, todas douradas; tanto que entrão dentro nesta casa temdes de pillar a pylar sobre que ella estaa fumdada muytas covas pequenas em que estão camdieyros d azeite que ardem, segumdo me diserão, cada noyte, e sera a copia de dous mill e quynhentos, ou tres mill camdieyros; [...] (Chronica dos reis de Bisnaga, Século XVI, CDP).

A propósito das ocorrências registradas em (48) e (49), verifique-se que em (48) ocorre um caso de *agora* com valor de presente em que o locutor está próximo, tendo em vista a aspectualidade da locução verbal [*estamos tratando*], a qual fornece pistas de que há uma proximidade entre o evento e seu locutor. Essas propriedades se unem às propriedades do dêitico temporal, sobretudo presentes nos traços de (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador) para categorizá-lo prototipicamente como advérbio de tempo. Por seu turno, a ocorrência (49) também representa uma acepção de advérbio com valor de presente próximo ao locutor, portador dos traços (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador), embora esse venha formatado pelo relativo *que*, estrutura que se diferencia da prototípica.

Vale ressaltar ainda que na acepção de tempo, o advérbio *agora* ativa noções buscadas na *dêixis* e na foricidade. Manifesta-se através da *dêixis* quando assume funções que se aproximam do momento presente ou a ele se referem de alguma forma, configurando-se a realização desse momento. A esse respeito, Duque (2009) se pronunciou, verificando quatro possibilidades que se abrem em relação à escala de proximidade do momento da enunciação: a) instanciando o momento específico da fala; b) instanciando o momento geral; c) instanciando o momento anterior; d) instanciando um momento posterior.

Em se tratando da manifestação da foricidade como subfunção do advérbio, essa se dá quando acontecem remissões demonstrativas temporais assinaladas por meio de anáforas e catáforas numa realização de movimentos de prospecção e retrospecção. Os exemplos (49) e (50) ilustram as funções comentadas anteriormente:

- (50) A melhor saúde desejo-lhe assim como a Mercedes e caros filhinhos . Hoje ao meio-dia apareceu aqui Clemente e pediu-me se eu podia lhe remeter esses objetos , que lhe enviava como uma lembrança ; pois lhe dedica muita amizade e que você desde estudante sempre o procurou e lhe trata com muita atenção ; isto é uma lembrança do V que foi do Visconde de Paraguassú . Ele não ia lhe procurar a falta de
[pag]
tempo , porque devia voltar hoje . Sinhá continua no mesmo ; resolveu **agora** arrendar a casa . Amanhã às 8 horas tem Missa na Piedade , por alma de tia Marianna , que mando celebrar . Abraços em Mercedes e beijos nas crianças. (Carta 02-AFCD-15-09-1927, [CE-DOHS]).
- (51) Como ciente que o filho do tenente João Pereira lhe entregou , em 7 de dezembro , a importância de 100\$, que você mandou também ao alfaiate , cuja conta ficou assim em (um conto e vinte mil reis) 1 : 020\$000 . Essa prestação seria , aliás , de novembro , mas dada em dezembro . não faz mal . Se ele **voltar agora** em janeiro , com outra prestação de 100\$, você entrega 20\$000 , da parte , a Arnobio , e destina o resto ao alfaiate . desculpe esses trabalhos , mas não há remédio . O Saback não deu mais de si ? E o Aguiar como foi ,
[pag]
resolvido o caso ? Será que ainda não teve solução ? Você não mandou dizer nada .
(Carta 08-ALCF-20-01-1934, [CE-DOHS]).

Atente-se para o fato de que o excerto (50) representa uma ocorrência do item em análise no exercício da função temporal, pois se observam os traços (+referência temporal), (+mobilidade) e (+circunstanciador) atuando no enunciado, entretanto, o traço (+referência de presente/passado) surge a partir do presente em forma de uma ligeira extensão que aponta para trás em um movimento anafórico, confirmado pela forma verbal flexionada no pretérito. Em (51), o enunciado também revela o uso do item na função de advérbio de tempo, provedor dos traços (+referência temporal), (+mobilidade), porém, nesse contexto, atua o traço (+referência de presente/futuro), o qual se manifesta mediante uma referência que parte do presente em forma de nuance extensiva de futuro, percebido pela expressão [se *ele voltar agora*], a qual aponta para uma referência temporal em um movimento catafórico, conforme o recorte.

4.1.1.1 *Agora* dêitico temporal nas sincroniasTabela 1.1: *Agora* dêitico temporal

Funções \ Períodos	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XX	TOTAL
dêitico temporal				
1.1 Presente	81/61,8%	65/52,4%	69/46%	215/53,1%
1.2 Passado	26/19,8%	15/12,1%	11/7,3%	52/12,8%
1.3 Futuro	09/6,9%	08/6,5%	08/5,3%	25/6,2%
Total %	116/88,5%	88/71,1%	88/58,6%	292/72,1%

Fonte: elaboração própria.

Período XIV- XVI

No período XIV-XVI, no que diz respeito aos valores temporais do item, esses se expressam nos valores de presente (61,8%) com valor de *neste momento, atualmente*, assim como no plano remissivo em relação ao passado (19,8%), e no plano prospectivo em relação ao futuro (6,9%). Os dados (52), (53) e (54) ilustram tais funções:

- (52) [...] E chamarõ aquella provêcia toda Carpentanea. E, pobrarõ en esta terra quatro villas: a primeira foy Oca, a qual he em çima da montanha a que chamã môte d'Oca; e a outra pobraron acerca de Hebro aa parte oriental e esta he Callaforra; e a outra pobraron mais adeante outrossy açerca d e Hebro, a que poseron nome Taraçona; e desy pobraron a quarta açerca deste meesmo rryo mais adeante e chamaronlhe Umpa, mas depois a tomou per força Julyo Cesar e mudoulhe o nome e chamaronlhe Cesar Agusta e esta he aquela a que **agora** chaman Saragoça. E, depois que ouveron pobradas estas villas que dissemos, estenderonsse per todas as terras e pobraron toda Espanha. E todallas terras que pobraron, poseronlhe os nomes que elles avyã, ca assi fizeram os Allanos que despois per tempo pobraron aquella terra que agora chaman Allana e este nome ouve delles, a qual he des o ryo de Hebro ataa o gram mar de Bayona, e os Sillvios que pobraron outra terra a par de hûu ryo e poseronlhe nome Sil e a pobra foy des [...] (Crônica Geral da Espanha de 1344, Século XIV, CDP).
- (53) [...] ou vos desfareis quanto fizestes, ou ca vos ficara todavia a cabeça » -« Senhor»-disse o Cardeal-« não me queiraes fazer mal, e toda cousa que vos quiserdes eu a farei de boa mente » -« o que eu quero que vos fa,caes»-diz el-Rei-« é que descomungueis quanto excomungastes, e que não leveis daqui ouro, nem prata, nem bestas senão tres que vos abastarão; e mais que me envieis uma letra de Roma que nunca eu nem Portugal em meus dias seja excomungado, que eu o ganhei com esta minha espada. E isto quero de vos por **agora**. E porem vos leixareis aqui este vosso sobrinho, filho de vossa Irma, em prendaJ ate que a letra venha. E se ela ate quatro meses aqui não for, que eu lhe corte a cabeça)t o ficou de fazer. Então lhe tomou el-Rei quanta prata e ouro lhe achou e bestas; não lhe leixando mais de tres que levasse, e disse-lhe: -« Ora, Dom Cardeal, ide-vos vosso caminho, que este é o serviço que eu de vos quero. E todavia venha a [...] (Crônica de D. Afonso Henriques, Século XVI, CDP).

- (54) [...], como eu, que som mayor de corpo que elle e mais aposto, por que os nom farei eu tamanhos ou mayores? E, despois que esto disse fo i sse pera sua pousada e, logo essa noyte seguynte, sonhava como emprehava sua madre. E ã outro dia mandou por o seu astronomico que conssigo tragia e contoulhe o que sonhara. E o estronomico lhe disse que sua madre era a terra e que elle a sojugaria toda e a averya ao seu senhorio e seeria senhor de todo o mundo. E assy aconteceu despois. Mas **agora** leixaremos fallar desto e tornaremos a contar de Hercolles, por levar ordenadamente a estoria dos feytos que elle fez em Espanha. Como se Hercolles partio de Sevyilha e como pellejou com Gedeom e o matou. Despois que Hercolles ouve feytas aquelles duas ymagẽes de Callez e de Sevyilha, como ja ouvystes, ouve sabor de veer toda a terra d'Espanha e partiosse desse lugar de Sevyilha per a costa do mar ataa que chegou a hũu logar em que agora he pobrada Lixboa. E dizem algũs que este logar foy [...](Crônica Geral da Espanha de 1344, Século XIV, CDP).

Atente-se para o fato de que o conjunto de dados do período em questão apresenta um levantamento de várias funções do *agora*. Em (51), (52) e (53), os dados apontam o uso do item na função canônica de advérbio temporal, com diversos valores. Em (51), com valor de presente, no significado de *neste momento*. Apresenta traços (+referência temporal), (+mobilidade), (+circunstanciador). Em (52), com o significado de *por um momento*, no presente. Em (53), porém, com uma breve extensão para o futuro, percebido pela forma verbal [*deixaremos falar*]. Esse último apresenta traços (+referência temporal presente/futuro), (+mobilidade) e (+circunstanciador).

Período XVI - XVII

Em relação ao período XVI - XVII, o caminho do *agora* não é muito diverso. Na função de dêitico temporal, ele também é líder de produção com 71% dos dados, distribuídos entre as nuances de presente (52,4%), passado (12,1%) e futuro (6,5%);

Os excertos (55), (56) e (57) ilustram o uso do elemento na função (+referencial), ou seja, na função de dêitico temporal:

- (55) [...] cair em muitos erros se delles nos nam desenganara ha sagrada Scriptura. Dos quaes senam pode escusar Pomponio Mella, grauissimo scriptor Latino, no seu primeiro liuro, falando da antiguidade dos Egipçios, onde diz que tinham historias certas de mais de treze mil annos. E ho mesmo faz Herodocto no segundo liuro da sua historia, que screueo em grego, muito antes que Pomponio. E ambos dizem que depois que hos Egipçios começarão a ter nome, e ser conhecidos, que ho curso do çeo se mudara quatro vezes, pondosse ho sol duas no lugar onde **agora** nasce. Estrabo, que ha bem mil e quinhentos annos que screuco em lingua grega, nam se pôde scusar doutro tal erro, quomo foi dizer no terceiro liuro da sua geographia que hos Turdetanos, ou Turdolos que he toda ha terra d'Andaluzia, Algarue, e Portugal começando dos montes de Gibaltar atté ho rio Lima, que foi sempre a gente de

Hispanha, que mais soube, e mais vsou leis, e continuou estudos, e questes tinham historias çertissimas de seis Mil annos atras. Nem delxarei [...](Cronica do Príncipe Dom João, Damião de Góis, 2ª metade do Século XVI, CDP)

- (56) [...] abaixo. * 46. Resta por ver a bondade da terra, e clima, segundo a ordem das perguntas passadas. Por esta razao sou forçado a escrever nesta matéria mais o seguinte. E também porque estou vendo os curiosos versados em Histórias, que me dizem, que sendo esta a primeira que sai à luz de cousas destas par* tes, nao satisfaço nem ao gosto de quem a lê, nem ao ofício de quem a escreve, se nela nao der algum maior conhecimento, ao menos de que coisa seja Brasil: porquanto tudo o que até **agora** dissemos, ou é seu descobrimento, ou suas gentes, ou seus exteriores somente. Prosseguirei, vista esta razao; será porém com tal brevidade, que nao se enfade quem ler, nem também quem escreve. 47. E porque começemos por ordem para mostrar que coisa é Brasil, direi primeiro o que é quanto ao nome; e depois direi o que é quanto à substancia; seguindo a doutrina do filósofo, que diz, que De unaquaque recognoscendum est quid nominis et quid rei. Quanto ao [...] (Crônica da companhia de Jesus, Simão de Vasconcelos, Século XVII, CDP)
- (57) [...] outra ao redor do mesmo idolo: depois fazendoo estar com hum pé no chão & com o outro em alto pendurado (como he seu costume quando dão tratos) mandandolhe que adorasse ao idolo, respondeo. Não sou eu tam cego & alheo de rezão como vosoutros que isto mãdais, pera que aja de adorar por Deos a paos & pedras. Com esta reposta abrasados em ira & furor aquelles barbaros o poseram em hum lugar como barreira, & descarregaram nelle innumeravel multidão de setas & tiros de arremeso, ora hûs ora outros insultando & dizendo. Aqui **agora** alevantareis igreja, aqui poreis a vossa cruz, & o deixaram morto trespassado todo com setas. Esta furiosa crueldade se vio em todos, de tal maneira que ate os meninos senão fartavam de o despedaçar com suas mãos, & picar com ferro, setas, & paos agudos: porque cada hum pretendia vingar as injurias que os nossos padres tinham feito a seus idolos, aos quaes logo offereceram o sangue destes bemaventurados, & com elle (segundo seu costume) com vozes de grande contentamento & festa, [...](Cartas dos Jesuítas, Padre Amador Rebello, Século XVI, CDP).

Em (55), o item assinala uma relação de circunstanciador de tempo, evidenciando os traços de (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador), embora coocorra com o pronome relativo *onde*, o qual dá ideia de lugar. Parece que, nesse contexto, os dois itens estão envolvidos em uma tarefa de especificar melhor os circunstanciais, de acordo com Neves (2014), fato que pode contribuir para a gramaticalização do item. Por seu turno, em (56), registra-se um caso de dêitico temporal que aponta para o passado, no sentido de *até o momento que passou*, cuja averiguação é feita pela expressão verbal acompanhada da preposição [*até **agora** dissemos*], validada por traços como (+referência temporal de presente/passado), (+mobilidade) e (+circunstanciador), os quais conferem ao item essa função. Em (57), configura-se um caso de advérbio de tempo com extensão para o futuro. Atente-se para a observância de traços como (+referência temporal de presente/futuro), (+mobilidade) e (+circunstanciador). Nessa última ocorrência, também se

verifica um caso de coocorrência do circunstanciador de lugar, atrelado ao de tempo, como já se afirmou, anteriormente, função referendada por Neves (2014). Nesse caso, o *aqui/agora*, decerto age para melhor especificação da atuação dos circunstanciais. Vale salientar que os *corpora* registram muitos desses casos de coocorrência envolvendo os dois circunstanciais.

Período XVIII- XX

Em se tratando do período em tela, os dados registram que a função de dêitico temporal continua liderando quantitativamente a concorrência categorial com 58,6% dos dados, característica já recorrente em todos os períodos. A novidade para esse período consiste no aumento, mesmo que tímido, do uso das outras funções mais textuais/discursivas.

Atente-se para os excertos (58), (59) e (60), os quais ilustram os valores dessa sincronia:

- (58) Endereço do colega?
 _ Viaduto São Sebastião, pilastra nº 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Aparece por lá.
 _ Ótimo. Vou aparecer, mas **agora** não. Estou de mudança.
 _Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?
 _Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás, muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuro um na cidade. (De notícias & não notícias faz-se a crônica, Carlos Drummond de Andrade, p. 31)
- (59) Transmíti ao Valdiki Moura o que ai conversamos sobre o irmão , Pedro Moura Junior , escrivão da coletoria de Tanquinho . Ficou muito animado com a sua boa disposição , o que é tudo . Informa-me ele que o irmão é escrivão de coletoria há quatro anos , sendo dois como coletor interino em Tanquinho , categoria e localidade em que desejava **agora** ser efetivado . Mando-lhe pois , esses pormenores , para sua melhor orientação . E o caso do Lidio , meu empregado ? Isso me preocupa , há muito , e estou certo você encontrará a solução . Mando-lhe recorte interessante para a sua gestão , a que desejo crescente prosperidade , isto é , muito dinheiro . Um saudoso abraço do AloysiodeCarvalhoFilho (Carta 12-ALCF-30-08-1947, [CE-DOHS]).
- (60) Não sei explicar como se arranjou vir o corpo 1 de Mauricio – Deus teve pena do 2 que havíamos de passar durante os anos que ele ficasse atirado lá em Singapura . Com certeza não será **agora** que Você venha fazer companhia aos exilados , só será depois de nosso Bóló descançar em terra natal . A minha dôr é grande por não poder estar aí nessa ocasião , mas resigno me á Vontade de Deus. (Carta 05-ATW-30-08-1922)

Em (58), o item se envolve em uma relação de circunstanciador de tempo, evidenciando os traços de (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador). Já em (59), registra-se um caso de advérbio de tempo que aponta para o passado, sobretudo, acusado pela forma verbal [*desejava*] com traços de (+referência temporal presente/passado), (+mobilidade) e (+circunstanciador). Em (60), visualiza-se um caso de advérbio de tempo com extensão para o futuro. Atente-se para a observância de traços como (+referência temporal presente/futuro), (+mobilidade) e (+circunstanciador), especificamente, identificado pela forma verbal [*será*].

4.1.2 *Agora* conector/ jutor

Na posição de conector/ jutor, o item se reanalisa para funções mais textuais, como a função de adicionar listas, contrapor informações, unir proposições que contrastam, que produzem sequências e que produzem resultados, conforme se observa nos excertos de (61) a (66). Para Duque (2009, p. 947), “a junção concerne aos usos, nos quais o **agora** é responsável pela conexão entre orações, simples ou complexas”. Em primeiro lugar, a junção é concebida como responsável pelo contraste, pela mudança de polaridade. A respeito desse matiz, quando a oposição se manifesta sob a forma de adversativa, Neves (2006, p.237) assegura que

Nem mesmo as adversativas de início de frases podem ser entendidas como autônomas, já que há sempre implicado um complexo adversativo formado por dois segmentos, tenham eles a extensão e o estatuto que tiverem, ou ao menos evoca-se uma imagem mental com a qual o segmento adversativo contraste.

Por isso, normalmente, são parafraseáveis por *mas*, como nos exemplos (61) e (62):

- (61) Saudações Abraço te minha querida beijo te sinceramente rogando 28 ao nosso pai eterno pela a tua saúde pois para mim e uma felicidade em escrever te com o prazer de dar te as minha notícia e ao mesmo tempo ser sabedor das tuas que se tivessem no nosso alcance teria a felicidade de ter todos os dias .
meu bem eu de saúde vou bem graças 29 a Deus **agora** não posso e ter felicidade pois a cruel saudade e sem comparação mais como tenho fé em Deus que não demoro ir embora me conformo melhor . (Carta 09-AAD-17-07-1967, [CE-DOHS]).
- (62) _ A senhora acredita... na alma das bonecas?
_ Hem?
_ Eu não disse que ia zombar? Estou vendo pelo seu sorriso.
_ Bem, achei a pergunta engraçada, mas tive intenção de zombaria.

_ todos acham a pergunta engraçada. Por isso mesmo eu não a faço a mais ninguém. **Agora**, no meio de tantas bonecas, e vendo o seu interesse em me ser útil, eu me animei...Desculpe, estamos conversados. (De notícias & não notícias faz-se a crônica, Carlos Drummond de Andrade, p. 101).

As duas ocorrências citadas acusam a realização da oposição ativando traços como (+conexão), (+oposição), (+fixidez). Em (61), o contraste se delineia pela contaexpectativa, gerada pelo pressuposto, certamente advindo do conhecimento partilhado de que quem está bem de saúde, conseqüentemente, está feliz. Note-se que o enunciado mantém o mesmo sentido se *agora* for permutado por *mas*. Do mesmo modo, a ocorrência (62) ilustra o uso do item em função opositiva ou de contraste, nesse caso, operando uma oposição entre negativo/positivo, sendo, também, parafraseável por *mas*.

Em alguns casos pode emergir nas relações de oposição um contraste que leva à concessividade, como no exemplo (63), e em outros presentes nos *corpora*.

- (63) [...], estava então na vila gente junta de todas as partes; concorreu toda e, por isso, foi o maior concurso que de muitos anos a esta parte se viu na terra. Determinou logo o prelado da Administração de Pernambuco, à petição de muitas pessoas de respeito, que esta tão assinalada mercê se gratificasse a Nosso Senhor, dizendo-se todas as sextas-feiras daquele ano ao santo crucifixo uma missa cantada, para o qual efeito se elegeram por mordomos quatro homens graves, os quais se tiveram por muito ditosos em ser os primeiros no serviço de tal Senhor. **Agora**, com a nova confraria e indulgências que Sua Santidade concedeu, se continua a mesma devoção com grande fervor. Pareceu conveniente vir de Pernambuco uma nau em socorro à Baía, e por capitão dela Jerónimo Cavalcante de Albuquerque. O mesmo capitão em pessoa foi ao Colégio pedir com muita instância alguns padres, que fossem em sua companhia, com que iriam seus soldados e ele muito mais animados para qualquer encontro que sucedesse. Concederam-lhe um padre e um irmão, e não se enganou o homem, porque, [...] (Cartas de Padre Antônio Vieira, Século XVII, CDP).

Segundo Castilho (2011, p. 874), “vistas de um ponto de vista pragmático, as construções concessivas indicam que o falante pressupõe uma objeção à sua asserção, mas que a objeção é por ele refutada, prevalecendo a sua asserção”. Podem ser parafraseáveis por *de qualquer modo, ainda assim, embora*. O exemplo (63) confirma bem esse comentário, haja vista que engata um enunciado nessa perspectiva da objeção refutada, uma vez que prevaleceu a mesma devoção em relação ao aumento das confrarias.

Na adição, o traço (+aditivo) direciona o interlocutor para o desenrolar de acontecimentos, visto que tais conectores marcam o fluxo contínuo do discurso e a adição de fatos e eventos que propiciam a interpretação da continuidade do texto. Semanticamente,

podem ser parafraseáveis por *também*, e atuam prototipicamente no encadeamento e coesão do discurso, conforme exemplo (64):

- (64) [...]por dentro até certo termo, em que lhes dava o último da vida. Entre estes índios se avantajavam uns na destreza do atirar, outros no animo de acometer, mas em geral se experimentou em todos os desta capitania grande ódio aos contrários e maior fidelidade aos nossos, porque, sendo assim que muitos negros de Guiné, e ainda alguns brancos, se meteram com os holandeses, nenhum índio houve que travasse amizade com eles, o que foi muito particular e especial mercê de Deus, e indústria também dos nossos padres, os quais sempre, e **agora** mais que nunca e com mais eficácia, os instruíam na fé, intimando-lhes o amor que deviam ter a Cristo, e lealdade a Sua Majestade; grande bem espiritual e não menor temporal para os moradores deste Brasil, porque sem índios não podem viver, nem conservar-se, como todos confessam. Tornemos aos inimigos, os quais, enquanto presos e encerrados na cidade, não estavam ociosos, porque, entendendo que havíamos de ser socorridos com a armada de Portugal, todo o seu cuidado era fortificar-se quanto mais (Cartas, Padre Antônio Vieira, Século XVII, CDP).

Em (64), os enunciados se conectam por força de uma necessária sequenciação de atos que conferem o traço (+aditivo) como nuance de valores entre a conexão. Observe-se que o item é parafraseável por *também*. Além do traço (+aditivo), os traços (+conexão) e (+fixidez) se manifestam no enunciado.

Enquanto conector de causalidade, destacam-se as relações causais, de causa-consequência e de conclusão. As relações de causa-consequência manifestam-se entre dois eventos cronologicamente sucessivos, sendo que a causa se sobrepõe à consequência ou a seu efeito. Nesse contexto, traços (-prototípicos) de (+causalidade) preponderam sobre os traços (+prototípicos) de (+referência temporal). Logo, as relações de causalidade podem ser parafraseáveis por *em decorrência disso, de modo que, por isso, portanto, porque, já que*. Fávero (1992) também enxerga essa relação de ambiguidade ou de sobreposição semântica entre as relações causais, de causa-consequência e conclusão quando diz que a causalidade pode ser expressa pelo que a gramática chama de construções causais, conclusivas e consecutivas.

- (65) [...] em tão subido grau de fortuna que sou requerido de excelentíssimos plenipotenciários de Mûnster, e ontem recebi carta do Sr. Francisco de Andrada Leitão, em que me pede o avise de quando é a minha partida, para que façamos viagem juntos. Já V. Ex.^a terá notícia de como se tratou entre os dois, a petição do que fica, que se capitulassem pazes juradas, em que o que vai não quis vir, porque se julga de superior partido. Deus encaminhe a um e a outro. À nova da perdição dos seis navios se acrescenta **agora** a de haver dado peste de bexigas na armada: o certo é que o vento não os favorece, e as águas desta nossa vizinhança estão já tão geladas que, ontem e anteontem, fomos ver correr sobre elas a burguesia; e neste mesmo tempo entendo que estará a nossa armada dando bons princípios de ano à Baía, com

sua vista, e queira Deus que seja também com vitória dos navios de Sigismundo, que, se são em número os que diz o aviso das Ilhas, sem dúvida ((Cartas, Padre Antônio Vieira, Século XVII, CDP).

- (66) [...] aos outros. Assim como não quero que o polaco me embebede, também não quero que o prelado me enlouqueça. Cá do meu cantinho, com um copinho do velho, pouco e bom vinho beberei à saúde de Vossa Alteza que Deus guarde muitos anos. Compadre e criado de Vossa Alteza Viena de Áustria, 26 de Junho de 1736. 10. A Madame de Klembach. A respeito do amor, dos encantos e dos feitiços O caso, minha Senhora, é geral e tão natural ao mesmo tempo que até me parece que me tendes amor determinando **agora** que vos fale nele. Chamais-me velho e dais-me uma ocupação de criança obrigando-me a falar em encantos e feitiços. Ei-lo ai vai: Como me dizeis que a minha carta há-de ser vista por homens que vos têm dito muita coisa nesta matéria, acrescento algumas coisas que sei, para prova de que, sendo velho ou sendo menino, também fui homem. Presentemente não se sabe nem eu mesmo sei o que sou. O amor é a pele de todos os diabos. Ter mão. (Cartas, Cavaleiro de Oliveira, Século XVIII, CDP).

Ambos os excertos ilustram a nuance da conexão na perspectiva da causalidade, tendo em vista que os enunciados engatam uma relação de causa-consequência. Observe-se que a segunda assertiva atua em uma relação de produção de efeito em decorrência da causa anterior. Ativam-se, nesse caso, os traços (+conexão), (+fixidez), (+causalidade).

4.1.2.1 Agora conector/juntor nas sincronias

Tabela 1.2 : *Agora conector/juntor nas sincronias*

Funções	Períodos	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XX	TOTAL
Conector/juntor					
2.1 Oposição/contraste		06/4,6%	07/5,6%	13/8,7%	26/6,4%
2.2 causalidade		06/4,6%	13/10,5%	27/18%	46/11,4%
2.3 aditivo		-	10/8,1%	09/6%	19/4,7%
Total		12/9,2%	30/24,2%	49/32,7%	91/22,5%

Fonte: elaboração própria

Período XIV- XVI

Na função de juntor/conector no período XIV-XVI, os dados registram o item atuando apenas nas situações de oposição e de causalidade.

- (67) [...] parecer que se deve fazer, me avysareis. Fernam d'Alvarez a fez, em Evora, aos V dias de fevereiro de DXXXIII. J. Rey. Reposta ao côde da Castanheira. (On Reverse Side) Por elRey. A dom Antonio d'Ataide, comde da Castanheira, do seu

conselho, e veador de sua fazemda. 52 COMDE, amiguo. Eu, elRey, vos envio muito saudar. Eu vos esprevy o que avieis de fazer sobre Nuno Furtado levar a capitania da naao Sam Bertolameu de Jorge Lopez, que este anno vay há Imdia. **Agora** soube como, por alguns imcomvinientes que ha, que Diogo Lopez de Souza nam pode ir nela; pelo que ey por bem que o dito Nuno Furtado vaa por capitão da dita naao, sem ordenado algum. Muito vos emcomendo que de minha parte ho digais asy ao dito Jorge Lopez, a que também sobre isto escrevo, dizendo-lhe quamto pera iso he o dito Nuno Furtado; e como, aalem de fazer meu serviço, ha de folgar de olhar por sua fazemda, e ter cuidado das cousas (Letters of John III- King of Portugal, D.João III, CDP)

- (68) Gonçallo Vaasquez e contarom a elrei todo o que lhes avehera com elrei de Castella; e elrei riindo disse que entendia que todo aquello fora fingido, por mostrar que outorgava taaes cousas contra sua voontade, porquanto nom eram muito sua honrra; e logo em esse dia mandou apregoar as pazes. Os ingreses, quando as ouvirom apregoar, ouverom tam gram menencia que mayor nom podia seer, e deitavom os bacinetes em terra e davom-lhe com as farchas, dizendo que elrei os traera e enganara, fazendo-os vëir de sua terra pera pellejar com seus immiigos, e **agora** fazia paz com elles contra sua voontade; e dizia o conde de Cambrig sanhudamente, quando as vio apregoar, que sse elrei trautara paz com os castellaãos, que elle nom a fezera; e que sse elle tevera juntas suas gentes como as tiinha quando chegara a Lixboa, que nom embargando o apregoar das pazes que elrei mandava fazer, que ell posera a batalha a elrei de Castella. Sobr'esto rrecrecerom tantas rrazões que alguus se soltarom em desmesuradas pallavras contra elrei, a que Pero Lourenço de Tavora rrespondeo (Crônica de Dom Fernando-Fernão Lopes, Século XV, CDP).

Conforme se pode observar, em (67) e (68), apresentam-se ocorrências que ilustram o *agora* na função de conector/juntor, exibindo traços de (+conexão), (+fixidez). Em (67), por exemplo, verifica-se o item no exercício da função de oposição, uma vez que se delineia um contraste entre positivo e negativo, nas informações que mantêm elo com o item. Desse modo, apresenta o traço (+opositor). Ressalte-se também a existência da oposição em relação ao tempo verbal dos enunciados contrastantes. Em (68), o item assume o valor de conector de causalidade, tendo em vista que apresenta o traço de (+introdutor de efeito/+causalidade).

Período XVI - XVII

No ensejo de explicar o item na sincronia XIV-XVII, os excertos (69), (70) e (71) representam as subfunções em uso:

- (69) [...] deu conta de tudo o sucedido, e entregou ao Governador os haveres que achara. Diversas outras vezes se penetraram estes sertoes, em busca especialmente daquelas esmeraldas. Um Diogo Martins Cao, o Matante negro por alcunha, foi o primeiro depois dos capitaes referidos. E depois deste, o Capitao Marcos de Azeredo

Coutinho, que trouxe quantidade considerável delas. E por diversos outros tempos fizeram a mesma jornada seus filhos, e outras pessoas; porém sem efeito, por terem os tempos cegado os caminhos, crescendo as matas, e escondendo aos homens estas riquezas. **Agora** quando isto escrevemos prepara uma grande entrada o General Salvador Correa de Sá e Benevides, e se esperam dela boas venturas. As nações que dominam o sertão destas minas, são todas de Tapuias, Patachôs, Aturaris, Puris, Aimorés, e outras semelhantes; toda gente agreste, porém toda hoje de paz. Dos Aimorés, são tão brancos alguns como portugueses. 5S. No entremeio das 45 léguas atrás, há nesta costa 20 rios: um dos principais é o Rio das Caravelas. Está em [...] (Crônica da companhia de Jesus, Simão de Vasconcelos, Século XVII, CDP).

- (70) [...] se lhes reseruem pera com ellas ganharem honrra; allem disto sam hos caualleiros obrigados a morrer por sua lei, e sua terra, e amparo dos desacorridos, porque assi quomo ha ordem saçerdotal foi de Deos ordenada pera seu só culto diuino, assi ha da cauallaria foi per elle instituida, pera se fazer justiça, e defender sua lei, e acorrer has viuuas, orphãos, pobres, e desemparrados, e hos que nam fezerem nam se podem chamar caualleiros. E pois vos já tenho declarado hos grandes encargos, e obrigações da ordem da caualaria, **agoravos** pergunto se, com tais condições, quereis entrar nella." Aho que ho príncipe respondeo que sim. "Ora visto que vossa vontade he tal", dixe elRei, "prometes vós de guardar, cumprir, e fazer guardar ho que vos tenho dito com todolos outros bons costumes, foros, leis, e direitos que pertencem há ordem da caualaria?" "Sim", dixe ho Príncipe. "Pois assi he", respondeo elRei, "eu vos armo, e faço caualleiro em nome de Deos padre, filho, espirito sancto, [...]" (Cronica do Príncipe Dom João, Damião de Góis, 2ª metade do Século XVI, CDP).
- (71) [...] d outro mais ferido vay, leva a fogaça, que he hũu pacharim que elrey daa a estes lutadores, os quoaes tem capitão sobre sy, e he gente que não serve em seu reyno d outra cousa. E despois d acabados estes nove dias, cavallga o rao, e vay fazer alardo da gente dos capitaães, e vay duas legoas por outra gente armada, no cabo se dece, e toma hũu arco na mão, e tira tres frechas, comvem a saber, huma pera o ydalcão, e outra pera elrey de cotamuloco, e **agora** outra pera os portugueses; era seu costume fazerem a guerra ao reyno d aquella parte omde a frecha mais lomge chegase; e despois d isto feito se torna pera casa, e aquella dia jejua elrey, e toda a gente da terra, e ao outro dia se vay lavar ao ryo com toda a gente, e dentro nestes nove dias he elrey paguo de toda a remda que lle remde seu reyno, porque, como jaa disse, todolas terras são d elrey, de cuja mão as tem (Chonica dos Reis de Bisnaga, Século XV, CDP).

Em (69), ilustra-se um caso de conexão por oposição, tendo em vista o contraste entre as proposições que registram um contraste entre o passado e o presente. Atuam, nesse contexto, os traços (+conexão), (+fixidez) e (+opositor). Em (70), observa-se que o item une duas proposições para dar uma ideia de causa-consequência, sobretudo presente no contexto maior. Especificamente, entra em ação o traço (+causalidade), uma vez que o sentido do item desliza para funções mais textuais, podendo ser parafraseado pelo conector *por isso*. Do mesmo modo, na ocorrência (71), o item migra para uma função mais textual, embora nesse fragmento, a ênfase seja para o traço (+aditivo). Para validar tal afirmação, verifique-se o item operando em meio a uma sequência temporal de ordenação dos fatos que se sucedem

em orações. Chama a atenção a possibilidade de o item ser parafraseável por *também*. Observa-se também que o item vem acompanhado do elemento “e”, talvez para reforçar essa função.

Período XVIII-XX

O *agora*, nessa temporalidade, também migra para outros domínios que deságuam no plano textual. Observe-se:

- (72) [...] Como se passou nesta entrada de ano de 90 ?
Eu fui bem graças a Deus e espero nele que com a entrada também de novo presidente tudo melhore pois tudo aumenta só nosso salário não . No caso o meu que é municipal **agora** Federal e Estadual é outra coisa Mário aqui têm uma [.] Senhora que e de Valente Ilmácia esposa de Otiniel ela é legal me falou que lhe conhece e sua esposa . sim já é papai ? Ou os anticoncepcional não deixou ? Mario foi muita gente prá Valente no dia do bingo daqui quase vou. (Carta 05-APACA-14-01-1990, [CE-DOHS]).
- (73) [...], travessa, como o porte grave de algum velho titular, que o espírito remojava. Dizem até que a política - essa dama sisuda e pretensiosa - se envolveu um momento nas intrigas do carnaval, e descreveu no salão uma parábola que ninguém talvez percebeu. Deixemos, porém, dormir no fundo do nosso tinteiro esses altos mistérios que se escapam à pena do folhetinista. Já não estamos no carnaval, tempo de livre pensamento - tempo em que se pode tudo dizer - em que é de bom gosto intrigar os amigos e as pessoas que se estimam. **Agora** que as máscaras caíram, que desapareceu o disfarce, os amigos se encontram, trocam um afetuoso aperto de mão e riem-se dos dissabores que causaram mutuamente uns aos outros. O nosso colega do Jornal do Comércio, que se disfarçou com três iniciais que lhe não pertenciam, compreende bem essas imunidades do carnaval. Hoje, que o reconhecemos, não é preciso explicações: ele tem razões de sobra para acreditar que sinceramente estimamos o seu valioso auxílio na realização de uma idéia de grande utilidade para o país. (Ao correr da pena, José de Alencar, Século XIX, CDP).
- (74) Não escrevi antes por falta de tempo pois esse final de ano foi muito movimentado com esse corre corre da campanha eleitoral , tive que duas vezes em Maceió , depois foi outra carreira para vir pra Salvador , **agora** vou passar uns dias aqui com minha irmã , depois vou passar uns dias com meus pais. Se for escrever pode escrever para Natal que quando eu chegar responderei sua carta. Nada mais da amiga que não te esquece Um grande abraço. (Carta 08-APACA-26-12-1989,[CE-DOHS]).

As ocorrências de (72) a (74) visualizam o item em análise no exercício de funções textuais cujos matizes evidenciados se diversificam. Em (72), percebe-se o item em uma função de oposição, assinalada pelo contraste entre os diferentes. A nuance opositiva também pode ser identificada pela paráfrase do *mas*, que se configura pelo traço (+opositor). Em (73), o item principia proposições mediante uma relação de causalidade, ou seja, de uma causa surgem as consequências. Experimente-se inverter a construção e permutar o item por

elementos como *porque e já que*, os quais prototipicamente introduzem enunciados causais. Em (74), o elemento se envolve em um processo de coesão progressiva do texto, numa relação de adição temporal entre eventos sucessivos. Evidencia-se, nesse caso, o traço (+aditivo).

4.1.3 *Agora* marcador discursivo

Na função de marcador discursivo, conforme a literatura linguística, o conceito mais comum a ele relacionado é que atua na organização do discurso, agindo mediante propriedades intratextuais, na abertura de turno, mudança de assunto ou de turno. Nessa função, registra-se um apagamento ou amenização do traço (+referência temporal). Segundo Risso (1993, p.34),

a diferenciação sintático-semântica da forma “agora”, de acordo com a diversificação de planos em que se manifesta sua atuação, é acusada por testes de determinação de qualidades aplicáveis ao advérbio e semanticamente ou sintaticamente bloqueadas ao marcador. Assim, enquanto unidade do âmbito textual, o marcador “agora”: a) não é desencadeado pela fórmula interrogativa “quando?” (ou “desde quando”), nem, portanto, parafraseável por equivalentes como: “atualmente”, “neste momento”- dados que acusam sua diferença semântica em relação ao advérbio situativo de tempo. [...] b) não é passível de enquadrar-se como foco de orações clivadas - ponto que configura sua condição de elemento pragmático-textual diferenciado do advérbio, constituinte estrutural da sentença (ou que tem a sentença como escopo).

Portanto, o marcador se manifesta no plano discursivo, no momento em que se atenua o traço (+prototípico) de (+referência temporal) para dar lugar ao traço (-prototípico) de (+discursivo). Na abertura de turno ou de tópico, ele age mais como um iniciante do turno, o qual pode se associar a um tópico anterior ou contíguo a ele no discurso (RISSO, 1993). Em se tratando da atuação do item na mudança de assunto ou turno/tópico, essa função pode se manifestar através de sua presença em um plano de organização do discurso, o qual, em geral, prepara o leitor para a entrada em outro assunto ou tópico.

Os dados (74), (75), possivelmente, equivalem ao uso do item no exercício dessas funções:

- (75) Dantinhas – ciente do que me diz sobre a vitória final na Academia de Letras . Efetivamente , recebi da arauta o ofício comunicando a perda do Carneiro Ribeiro Filho , e a conseqüente abertura de in [...] rições , ao mesmo tempo em que aviso a

sua eleição por 26 votos , “ após a renúncia do candidato Aloysio Henrique de Barros Porto , com fito superior , honroso para si e para a Academia ” . Que participação extravagante ! Também ciente do que me diz sobre a saída do coletor de Nilo Peçanha . Certo . **Agora** , outro assunto : recebi ontem telegrama urgente de João Torres Lopes Primo , escrivão na Feira , anunciando o acesso de classe , mas a designação , pela portaria 875 , para servir em Valença . Deseja , entretanto , continuar na Feira , onde tem família , e pais , velhos . A razão de me procurar , é a seguinte : filho do meu velho amigo de Cruz de Almas , e depois da Feira , coronel Rosendo Lopes , assisti ao seu ingresso , por concurso , na carreira de exator , ajudando-o , desde então , até a atual situação , através de Costa Lino , Marback , [pag]

você . (Carta 14-ALCF-28-09-1949, [CE-DOHS]).

(76) _ Como dizia o outro...

Dizia. Já não diz. Ou diz pouco, prudentemente parco, na maioria das vezes não diz nada. Está secando essa outrora fértil reserva de opiniões que fazia autoridade, sob a capa do anonimato.

Que diz **agora** o Outro? Quem é capaz de sabê-lo e transmiti-lo, se o Outro se fechou em copas e desmentirá tudo quanto se disser que ele disse? O Outro diz que vai chover? O Outro é capaz de desmentir e ameaçar-nos com processo, pois claro que afirmação pluvial envolve delicadas responsabilidades, podendo espalhar a insegurança nacional. (De notícias & não notícias faz-se a crônica, Carlos Drummond de Andrade, p.65).

Em (75) e (76), o elemento sob análise integra o plano interacional, em uma conexão voltada para a organização do texto. Observe o leitor que a amostra (75) começa tratando de um recebimento de ofício que comunica sobre resultado de eleição, porém, no fluxo textual, o escrevente muda de assunto, o qual é introduzido pelo organizador *agora*, que inicia a proposição e ao mesmo tempo a encaminha para uma mudança de assunto. Em (76), o *agora* também parece se incumbir de uma função de organização textual de mudança de turno, a qual dá início a um outro tópico reflexivo. Nessas situações, destacam-se os traços de (+discursivo), (+mudança de turno) e (+fixidez), embora não se atenue por completo o traço (+referência temporal).

4.1.3.1 *Agora* marcador discursivo nas sincronias

Tabela 1.3: *Agora* marcador nas sincronias

Funções \ Períodos	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XV	TOTAL
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno	03/2, 3%	04/3,2%	09/6%	16/4%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno	-	02/1,6%	04/2,7%	06/1,4%
TOTAL	03/ 2,3%	06/4,8%	13/8,7%	22/5,4%

Fonte: elaboração própria.

Período XIV-XVI

No período XIV-XVI, apresenta-se apenas um uso similar ao que ocorre na modalidade de língua falada na mudança de assunto. Cabe esclarecer que se entende o contexto como similar porque nele não atuam diretamente os elementos prosódicos tão comuns ao marcador da modalidade de língua falada. Com relação aos dados, destaca-se a preponderância da função temporal, considerada (+prototípica) sobre as (-prototípicas), o que já era esperado, tendo em vista pesquisas anteriores já tratadas nesta tese. Observe-se o dado (77):

- (77) [...] raynha dona Orraca, cõta a estoria e diz assy: a muy nobre rainha dona Orraca, sua molher deste rei dom Ramiro, honrrou outrosi a igreja de Santiago de quantas cousas ella pode aver d'ouro e de prata e de pedras preciosas e de vestimentas e de cortinhas de seda. Outrossi fez a igreja de Sam Salvador d'Ovedo e, das rainhas que ouverom siso /sic, ella foy muy boa cristãã. E este rey dõ Ramiro era muy bõõ aos bõõs e mui bravo aos maaos; e desfazia de sua terra os ladrõões e queymava as feiticeiras. **Agora** leixa aquy a estoria os bõõs feitos e muy catholicos del rey dom Ramiro e torna a contar de Abdenaame, rey de Cordova, e doutros mouros. Como correrõ Sevilha hûas gentes estranhas que se forom por medo de Abdenaamer, rei de Cordova Andando o terceiro anno do reynado del rei dom Ramiro, arribarõ a Lixboa cinquenta e quatro naves e cinquenta e oito galees. E Lixboa era ainda enton de mouros e tiinhaa enton Abde n aame, rey de Cordova. E, quando soube daquellas gentes,[...] (Crônica Geral da Espanha de 1344, CDP).

O *agora*, nesse contexto, parece redirecionar o discurso para outro assunto. Verifique-se que se começa contando a história do reino de Dom Ramiro para retomar a história do rei de Córdoba. Diante dessa interpretação, considera-se que o item atua com traços do plano (+discursivo), na perspectiva da organização textual, embora estando fisicamente presente no início de um enunciado, mas em posição entre parágrafos, deixando-se entrever traços da *dêixis* discursiva que apontam subjetivamente para aqui ou para trás, para um lado ou outro.

Período XVI-XVII

No período XVI-XVII, a função de marcador se faz presente conforme a ocorrência (78):

- (78) [...] pelo campo, e pellas recostos das serras e outeiros, de maneira que não vieis campo nem serra, que tudo não fosse cheo de gente, os de pee estão diante dos de cavallo, e os alifantes detras dos cavallos, n esta hordenamça estava cada capitão com sua gente, os capitães que tinham suas ynstancias de dentro da cidade, por que a gente lhe não cabia sobre os terrados das casas, e fazião no bocal das ruas atravessar palamques pera que a gente coubesse, de maneira que tudo era cheo, asy fora como de dentro. **Agora** vos quero dizer da maneyra que estavam armados, e suas louçaynhas, os de cavallo nos seus cavallos emcubertados com suas testeyras d elas de prata e d elas douradas com suas franjas de retros de todas cores, e asy os cordõeas, outros as tinham de veludo de Meca, que he o veludo de muytas cores com suas framjas e louçaynhas, outros as trazião d outras sedas, como setis e damasco e outros de brocado da China e de Pismael, algus d aquelles que as trazyão douradas trazião (Chonica dos Reis de Bisnaga, Século XV, CDP).

Nessa ocorrência, o elemento em análise parece se situar em uma função de marcador, haja vista sua disposição para encabeçar um tópico, assinalando muito mais a organização do discurso descritivo presente na crônica, do que mesmo a função de referência temporal. O traço de referência temporal não se apaga por completo, evidenciando aspectos dêiticos que apontam subjetivamente para um lugar ou tempo, todavia se encontra um pouco esmaecido, pela tendência do traço (+discursivo) a predominar entre os enunciados com força de interação e organização do fluxo informativo. Marcuschi (1997) já previu esses valores de orientação cognitiva que se insurgem advindos da *dêixis* discursiva.

Depois de percebidas e comentadas as funções do item sob análise na sincronia XVI-XVII, passa-se a conferir, então, como o item se comporta em termos funcionais, no período XVIII-XX.

Período XVIII-XX

Nessa sincronia, o item parece se investir de valores de cunho organizacional dentro do fluxo discursivo, comportando-se como um marcador de mudança de tópico ou assunto, conforme a ocorrência (79):

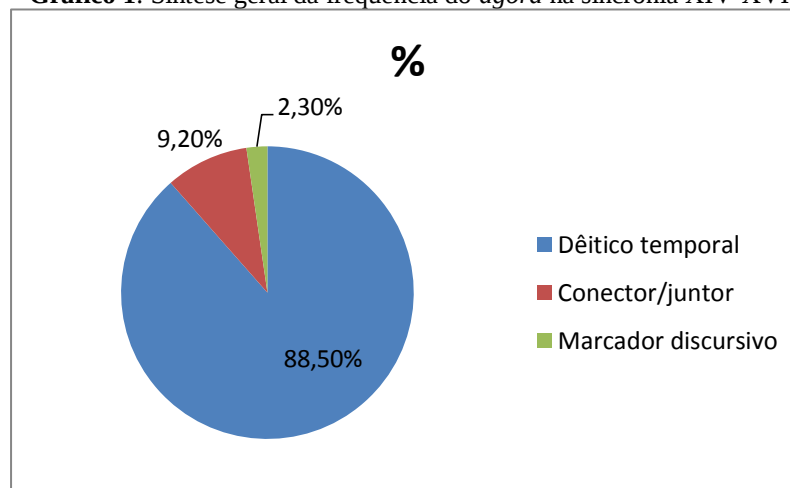
- (79) [...] Não pode me ajudar, lembrando? Vamos, lembre, lembre, é tão simples. Bem, **agora** o seu fim de semana. Quais os movimentos do meu amigo, a partir do instante em que põe o pé na rua, no sábado? Falta pouco para terminar, mas que é isso? Está se sentindo mal? Aborrecido comigo? Porventura acha que fui indiscreto, eu que tive o maior cuidado em não devassar o que quer que fosse de sua vida particular, dos refolhos de sua *privacy*? (De notícias e não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p. 158).

Pelo visto, no contexto, o item assume valores em que se destacam os traços (+discursivos) e (+mudança de tópico/assunto), certamente pelo teor informacional, como também pelo contágio com o marcador [*bem*]. Não é demais analisar que novamente se deixam entrever traços da *dêixis*, ligando subjetivamente um enunciado ao outro, o que talvez sejam os resquícios do seu valor fonte.

4.1.4 Síntese das funções do *agora* nas três sincronias

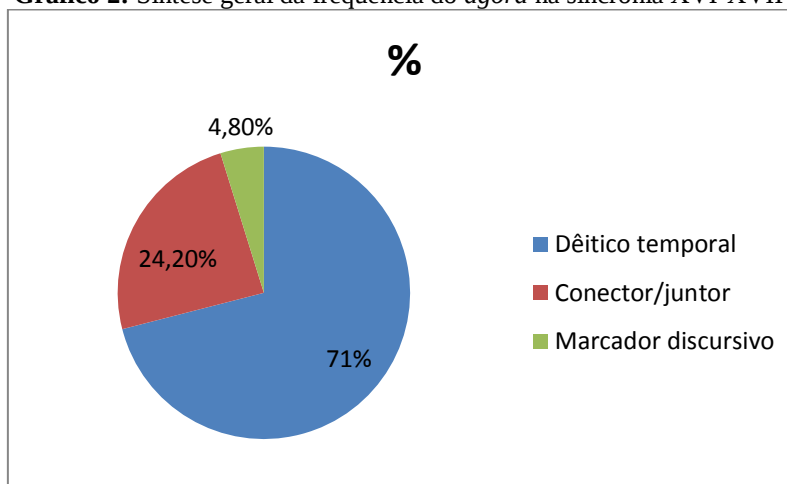
Retomando a análise da tabela 1, ainda sobre a função do item nos três períodos, ressalte-se como ponto relevante dos dados o tratamento escalar que neles se revela, principalmente, quando se observa o advérbio *agora* percorrendo um caminho sempre em direção à abstratização. Considere-se que no período XIV-XVI, o item assumiu mais funções no plano temporal (+referência temporal) com ligeiras extensões de propagação para o passado e o futuro. Porém, no mesmo período, assumiu paralelamente funções juntivas e discursivas, embora com menor incidência, conforme ilustra o gráfico 1.

Gráfico 1: Síntese geral da frequência do *agora* na sincronia XIV-XVI



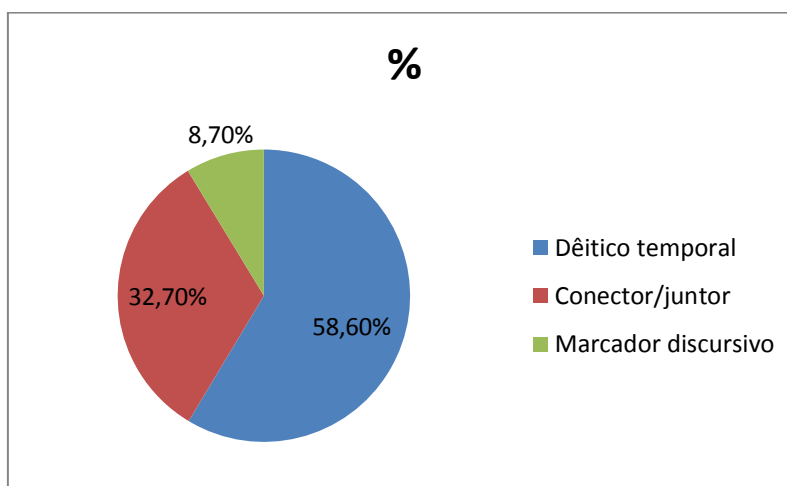
Fonte: elaboração própria.

Por sua vez, no período XVI-XVII, apesar de ainda ser evidente no exercício de valores temporais, registra-se uma queda de percentual de ocorrências nessa função, fato que certamente gerou o aumento de funções juntivas e discursivas em relação ao período anterior.

Gráfico 2: Síntese geral da frequência do *agora* na sincronia XVI-XVII

Fonte: elaboração própria.

Semelhante aos demais períodos, há que considerar, ademais, que, no período XVIII-XX, ocorre uma supremacia do valor temporal sobre os demais, entretanto, cabe-se ressaltar a escalaridade observada no comportamento dos dados, em um direcionamento do (+referencial) > (-referencial). É importante se destacar a perda de recorrência do item no seu valor (+referencial), e a tendência para atuar em outro posto, como acusa o gráfico 3.

Gráfico 3: Síntese geral da frequência do *agora* na sincronia XVIII-XX

Fonte: elaboração própria.

É fato que, curiosamente, ele não perde a posição quantitativa de supremacia, mas, paulatinamente, vai ampliando a frequência em valores mais discursivos, conforme constata o levantamento numérico dos três períodos analisados. Para ratificar esse pensamento a respeito da atenuação do valor temporal do item ao longo do tempo, é válido citar a reflexão de Ilari (1990, p.83):

Não nos causa estranheza encontrar em funções discursivas precisamente os elementos dêiticos-anafóricos. Entre a dêixis propriamente dita, e anáfora, e entre a anáfora e operações discursivas há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência. À sequência e referência espaço-temporal se substituem assim outras séries, que incluem a continuidade temática, a continuidade de tópico e a continuidade e ordenação de argumentativa.

Face ao exposto, o item *agora*, gradativamente, atenua traços de seu sentido original prototípico, e vem enveredando por caminhos discursivos, em contextos cada vez mais gramaticais. Silva e Oliveira (2016, p.127) também constataram comportamento semelhante em relação ao item quando afirmam: “Da condição original indicadora de temporalidade, as construções formadas com esse item realizam movimentos nos enunciados, evoluindo para uma posição mais relacional, potencialmente voltada para o plano textual”. Nesse sentido, o comportamento escalar apresentado pelo *agora* desde a sincronia arcaica é fato que chama a atenção. A esse respeito, vem à mente o pensamento de Bybee (2016, p.25), para quem

a existência de gradiência e variação não nega o padrão regular nas línguas ou entre línguas. Contudo, é importante não ver as regularidades como primárias e a gradiência e variação como secundárias; ao contrário, os mesmos fatores operam para produzir padrões regulares e os desvios. Se a língua fosse uma estrutura mental fixa, ela talvez tivesse categorias discretas; mas já que ela é uma estrutura mental que está em constante uso e é filtrada pelas atividades de processamento que a modificam, há variação e gradação.³⁷

Diante disso, defende-se que a língua opera com regularidades, mas essas são consequência das variações e gradiências que envolvem o processo de categorização, as quais são tão importantes quanto as regularidades.

A seguir, serão analisadas as funções do *agora* em relação aos gêneros textuais.

4.2 Funções do *agora* conforme o gênero textual

Marcuschi (2008, p. 155), inspirado em Bakhtin (1979), acredita “que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera

³⁷ Tradução de FURTADO DA CUNHA (2016).

da atividade humana”. Nessa perspectiva, o gênero se envolve com as relações sociais, e por isso, segue relativamente padrões estáveis, construídos socialmente na prática comunicativa.

Nesse sentido, é fato considerável que o gênero textual exerce influência sobre o uso de determinadas funções. Na visão bakhtiniana, caracteriza-se por uma composição, um conteúdo e um estilo. Por isso, cada gênero apresenta-se com suas peculiaridades e com espaço propício ou não para o aparecimento de determinadas estruturas linguísticas. Diante disso, observa-se a frequência do item em análise, tendo por base os gêneros crônica e carta, considerados ambientes mais favoráveis para implementação de mudanças, dado o fato de que a carta opera prototipicamente em contextos mais interacionais e a crônica em contextos mais coloquiais, embora esses contextos sejam variáveis no decorrer dos séculos.

Atente-se para a distribuição das funções do item nos dois gêneros na Tabela 2:

Tabela 2: Funções do *agora* conforme o gênero textual

Funções	gêneros	Crônicas	Cartas	TOTAL
Dêitico temporal				
1.1 Presente		118/57%	97/49%	215/53,1%
1.2 Passado		21/10,2%	31/15,7%	52/12,8%
1.3 Futuro		15/7,2%	10/5,0%	25/6,2%
Subtotal %		154/74,4%	138/69,7	292/72,1%
Conector/juntor				
2.1 Oposição/contraste		08/3,9%	18/9,1%	26/6,4%
2.2 causalidade		19/9,2%	27/13,6%	46/11,4%
2.3 aditivo		07/3,4%	12/6,1%	19/4,7%
Subtotal %		34/16,5%	57/28,8%	91/22,5%
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno		14/6,8%	02/1,0%	16/4,0%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno		05/2,5%	01/0,5%	06/1,4%
Subtotal %		19/9,1%	03/1,5%	22/5,4%
TOTAL %		207/100%	198/100%	405/100%

Fonte: elaboração própria.

Na Tabela 2, visualiza-se que o *agora* exerce funções semelhantes, no que diz respeito a sua função no domínio temporal, em uma mesma proporção, assim como no domínio da junção, diversificando-se um pouco mais apenas em relação ao item na função mais discursiva de marcador, a qual se mantém mais presente no gênero crônica. No nível da escalaridade *tempo > texto*, os resultados também não foram diferentes, ao se comparar os dois gêneros, os quais assinalam em nível de percentuais, uma escala aproximada, desde o advérbio ao marcador, fato já revelado nos resultados gerais da pesquisa através dos tempos,

conforme vai se visualizar mais detalhadamente nos números das tabelas 3 e 4, as quais expõem o item sob averiguação nos gêneros crônica e carta, considerando-se as sincronias XIV-XVI, XVI-XVII e XVIII-XX.

4.2.1 Do gênero crônica

Como já foi dito no capítulo da metodologia, o gênero crônica se caracteriza pela heterogeneidade composicional e estilística, tendo em vista a evolução do tempo. A princípio, no período arcaico, foi concebida como lista de acontecimentos, posteriormente, tornou-se um espaço de narração de histórias ou ambiente de registro de anais por parte dos cronistas-mor, nomeados pelos reis para documentarem a história dos reinos. Adiante, no período XVI-XVII, adquiriu uma feição literária, chegando ao período XVIII-XX ainda com a feição literária, mas também imbuída de outras feições, tais como a reflexão sobre fatos do cotidiano. Para esse expediente, selecionou-se apenas alguns dos exemplos dos *corpora* para comprovar o uso do item acontecendo nos dois gêneros, adiante expostos.

Observe-se a distribuição das funções do item em estudo, nas três sincronias, na Tabela 3.

Tabela 3: Funções do *agora* no gênero crônica nas sincronias

Funções	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XX	TOTAL
Dêitico temporal				
1.1 Presente	47/62,7%	38/61,3%	33/47,1%	118/57,0%
1.2 Passado	12/16,0%	06/9,7%	03/4,3%	21/10,1%
1.3 Futuro	09/12%	02/3,2%	04/5,7%	15/7,2%
Subtotal %	68/90,7%	46/74,2%	40/57,1%	154/74,3%
Conector/juntor				
2.1 Oposição/contraste	-	03/4,8%	05/7,1%	08/3,9%
2.2 causalidade	04/5,3%	03/4,8%	12/17,2%	19/9,2%
2.3 aditivo	-	04/6,5%	03/4,3%	07/3,4%
Subtotal %	04/5,3%	10/16,1%	20/28,6%	34/16,5%
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno	03/4%	04/6,5%	07/10%	14/6,8%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno	-	02/3,2%	03/4,3%	05/2,4%
Subtotal %	03/4%	06/9,7%	10/14,3%	19/9,2%
TOTAL %	75/100%	62/100%	70/100%	207/100%

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a distribuição da Tabela 3, no período XIV-XVI, no gênero crônica, os dados estatísticos mostram a função tempo presente como majoritária de todos os dados, em termos de percentuais de uso (62,7%), seguindo, pela ordem, as funções de tempo passado (16,0%) e tempo futuro (12,0%). Em um segundo plano, apresentam-se os conectores/juntores (5,3%). Cabe esclarecer a ausência de uso do item nas subfunções de oposição e de adição. Talvez não se possa atribuir essa particularidade apenas ao gênero, que no período XIV-XVI se compunha mais de sequências descritivas e narrativas, contexto que, em hipótese, não é muito propício ao aparecimento de enunciados opositivos. Soma-se a isso o fato de os dados representarem o período arcaico, sincronia em que o item estava sob um domínio adverbial muito forte ainda sem muita abertura para assumir outras funções. Observa-se comportamento semelhante em relação à função de marcador discursivo, que só obteve a adesão de 4% dos dados, na subfunção de mudança de assunto, mostrando um nível discursivo bem embrionário ainda, tendo em vista a realização de movimentos em percentuais baixos.

4.2.1.1 Funções do *agora* no gênero crônica nas sincronias

Período XIV-XVI

Conforme se observa na tabela 3, o período XIV-XVI registra uma preferência pelo uso do item na função (+prototípica) de advérbio dêitico temporal, com um índice de deslizamentos muito baixo na direção das funções mais textuais. Atente-se para as ocorrências de algumas dessas funções do elemento nos fragmentos (80) e (81):

- (80) [...] que avya nome Espam. E esto fez por que o avya provado por muy bõ cavalleiro e de grande siso e muy esforçado ã feyto de armas. E por seu amor tolheu o nome aa terra, que ante avya nome Esperya, e poslhe nome Espanha. E, depois que ouve feytas todallas obras que em Espanha quis fazer, tornousse pera hyr em Grecia ou em outras partes honde achasse algûs feytos grandes e perigosos pera lhe dar acabamento, como aquelle que era o mais esforçado e mais valente e mais ligeyro que entom no mundo avya. Mas **agora** leixaremos a fallar delle e tornaremos a Espam por que pertêce a nossa estorya dos feytos d'Espanha. Como Espam ficou por rey da Espanha e como corregeo a terra Espam, sobrinho de Hercolles, depois que assy ficou por rey e senhor em Espanha, andou pella terra e fezea pobrar e correger como aquella terra que era muy destroyda e muy mal tragida das muy grandes guerras e destruymentos que Hercolles avia feytos. E, como Espam era homem de mui bõ entendimento, soubesse apoderar da terra e trabalhouse de (Crônica geral da Espanha de 1344, CDP)

- (81) [...] nom devees". Elrrei sahiu-sse mui queixoso do consselho e foi-sse; e depois cuidou em ello e achou que lh'o diziam por seu serviço, e perdeo queixume d'elles, e ouve-os por bõos servidores. E eu assi quisera que vós outros do meu consselho fizeerees a mim: pois que viees que nom era minha honrra tall casamento, nom me consentissees que o fizesse". O privado, que entendeo que elrrei mais lhe dizia esto por veer que rreposta lhe daria que por teer em voontade o que lhe fallava, rrespondeo e disse: "Senhor, vós o dizees **agora** mui bem; mas podera seer que sse os do vosso consselho vo-llo contradisserom d'essa guisa que vós dizees, que ouverom de vós peor rreposta, com obra, d'a que ouverom esses outros d'elrrei dom Affonso vosso avoo". E elrrei dizendo que nom, mas que o ouvera por bem feito, cessarom d'aquesto e fallarom em all. LXV Como a rrainha dona Lionor casou alguus fidallgos do rreino, e do acrecentamento que fez em outros de seu linhagem Esta rrainha dona Lionor, ao tempo que a elrrei tomou [...] (Crônica de Dom Fernando, Fernão Lopes, CDP).

As ocorrências (80) e (81) ilustram o uso do item ora em enfoque em uso nos fragmentos de crônica do período XIV-XVI, os quais contam histórias do reino. Em (80), registra-se um caso de *agora* na função de dêitico temporal, com destaque para os traços (+referência temporal presente/futuro), (+mobilidade), (+circunstanciador). Em (81), o cronista-mor Fernão Lopes escreve uma crônica baseada também em histórias do rei e rainha. Nesse contexto, o item ocorre também com valor de dêitico temporal, porém, nessa ocorrência, com valor de presente. Destacam-se os traços (+referência temporal presente), (+mobilidade), (+circunstanciador).

Período XVI – XVII

De acordo com os dados da Tabela 3, o item *agora*, na sincronia XVI-XVII, exhibe as funções de dêitico temporal (74,2%), distribuído entre as acepções de presente (61,3%), além das extensões de passado (9,7%) e futuro (3,2%). No segundo estágio, o da conexão/junção, apresenta-se em 16,1% dos dados, sendo 4,8% na subfunção de oposição/contraste; 4,8% nas subfunções de causalidade e 6,5% na de adição. Nesse contexto, a subfunção de adição predominou sobre os matizes de oposição/contraste e causalidade. Quanto à função de marcador, esse se manifesta em 9,7% das ocorrências, especificamente, nas subfunções de mudança de assunto (6,5%) e abertura/retomada de turno (3,2%).

Os dados (82) e (83) ilustram o uso do item nesse período.

- (82) [...] o maar, o quoa **agora** dizem que são os baixos de Chillão; e vemdo Melliquiniby, seu capitão gerall, o trabalho que se avia de ter em cousa tão

ymposyvel, não teve outro remedio senão fez duas naos prestes em hûu porto de Charamãodell, as quoaes carregou de muito ouro e pedrarya, com cartas forjadas de embaixada em nome do rey da ylha, em que lhe mamdava obediencya e presentes, por omde então não foy ao vallo mays avante, e em memorya d esta obra, fez hûu pagode muyto grande, o quoall he aymda **agora**, he de grande romagem; e d estas fabullas semelhantes haa d elle duas mill, com que aynda espero de emfadar a vossa merce, e com outras melhores, se me Deos der vida. Beijo as mãos a vossa merce. Capitullo da maneira do serviço e estado d estes reis, he o seguinte, &c. Todo serviço da ssua casa, e cousas em que se servem, he com prata e ouro, comvem a saber, bacias bateguas, trepeças guomis, e outras vazilhas [...] (Chronica dos Reis de Bisnaga, CDP)

- (83) [...] com tal propriedade, que parecia pessoa humana (basta isto entre gente rude) chegaram a tanto as paixoes, que dividiram de todo as famílias: a do mais velho ficou na terra, e a do mais moco costeando a praia foi dar consigo em o grande rio, a que hoje chamamos da Prata, e embocando sua larga barra, foi assentar vivenda da parte do Sul. E este dizem foi o primeiro habitador das terras, que hoje chamamos Buenos Aires, Chile, Quito, Peru, e as demais daquelas partes. 80. Mas tornando **agora**, aos que ficaram em o nosso Brasil; diziam que foram estes multiplicando, e que divididos por várias partes do sertao, e marítimo, formaram grandes povoações, que depois pelo tempo divididas por meio de dissensoes, e guerras, vieram a fazer nações distintas, e línguas várias, nunca ouvidas, nem aprendidas; em costumes, modos, e religiao diferentes, que desta gente viera finalmente a povoar-se o Brasil todo, e dele toda América. 81. Isto diziam aqueles índios acerca das perguntas [...] (Crônica da Companhia de Jesus, Simão de Vasconcelos, CDP).

Em (82), a Chronica dos Reis de Bisnaga, ao contar as histórias dos reis da cidade de igual nome, põe em uso o item sob análise em seu valor prototípico de advérbio de tempo presente, expressando um valor pontual em relação ao tempo, enfatizando, assim, os traços de (+referência temporal presente), (+mobilidade), (+circunstanciador). Já a ocorrência (83), em uma crônica da Companhia de Jesus, a qual conta histórias sobre o Brasil, as religiões, os costumes, exhibe o item com traços de sua referência temporal um tanto opacos, merecendo mais destaque a sua função de organizar o texto, na função de retomar o assunto. Nesse contexto, parece que se ativam os traços (+discursivos) em detrimento dos traços (+adverbiais), embora se percebam os resquícios persistentes da significação temporal.

Período XVIII-XX

Nas crônicas da sincronia XVIII-XX, os dados também não assinalam comportamentos significativamente diferentes. A função dêitico temporal obteve 57,1% das ocorrências, sendo 47,1% na sua função prototípica de tempo presente; 4,3% na extensão de passado e 5,7% de futuro. Na função de conexão/junção, somou 28,6% dos dados, distribuídos nas subfunções de oposição/contraste (7,1%), de causalidade (17,2%) e de

adição (4,3%). No que concerne ao marcador discursivo, esse se manifesta em 14,3% dos dados, distribuídos entre mudança de assunto/turno (6,8%) e abertura/retomada de tópico/turno 4,3%. Os dados (84) e (85) ilustram tal sincronia.

- (84) O que eu sei é que é esta uma arte capaz de fazer concorrência do larmoyeur, e digna de sério estudo, não só para se poder bem usar dela, como para se evitarem os enganos e as ciladas em que pode cair quem não tiver perfeito conhecimento desses segredos da coquetterie. Os homens que falam de tudo e nada dizem, têm aí um belo tema para dissertarem; podem mostrar a influência útil que deve ter aquele estudo sobre desenvolvimento da nossa arte dramática, tão desprezada e tão desmerecida entre nós. E isto vem a propósito, **agora** que a nova empresa do Ginásio Dramático se organizou, e promete fazer alguma coisa a bem do nosso teatro. Assistimos, quinta-feira à primeira representação da nova companhia no Teatro de São Francisco: foi à cena um pequeno drama de Scribe, e a comédia do Dr. Macedo. Embora fosse um primeiro ensaio, contudo deu-nos as melhores esperanças; a representação correu bem em geral, e em algumas ocasiões excelentes. O que resta, pois, é que os esforços do Sr. Emílio Doux sejam animados [...] (Ao correr da pena, José de Alencar, CDP).
- (85) _ Ah, o senhor está por fora. Eu queria a margarida só pra mim. Copiada não tem graça. A graça era imaginar Marquinhos, muito sério, desfolhando meu coração transformando em margarida, para saber se eu gosto dele, um pouquinho, bastante, muito loucamente, nada. E a margarida sempre com uma pétala escondida por baixo da outra, entende? Pra ele não ter certeza, porque essa certeza eu não dava...Era gozado.
 _ Continue imaginando.
 _ Agora não dá pé. Marquinhos roubou a margarida, quis dar uma de poeta. Não colou.
 _ Espere um pouco. Eu disse que a margarida era de Rubén Dario? Esta cabeça! Esquece, minha filha. **Agora** me lembro que Rubén Dario nem podia ouvir falar em *margarita*, começava a espirrar, a tossir, ficava sufocado, uma coisa horrível. (De notícias & não notícias faz-se a crônica, Carlos Drummond de Andrade, p. 74-75)

Em (84), na crônica de José de Alencar, o item *agora* faz parte de um elo entre orações para expressar uma nuance de causa, uma vez que introduz o motivo de se dissertar sobre a influência da arte dramática. Assim sendo, destacam-se os traços (+conexão), (+fixidez), (+causalidade). Em (85), a crônica contemporânea de Carlos Drummond de Andrade mostra uma ocorrência do item numa relação de oposição/contraste, evidenciando uma nuance de oposição/contraste pela força de dois enunciados, os quais se envolvem em uma oposição patrocinada pelo contraste entre o positivo e o negativo, revelando traços de (+conexão), (+fixidez) e (+oposição).

4.2.2 Do gênero carta

Para Bakhtin (1997), a carta se insere entre os gêneros discursivos primários. Segundo Lopes *et al.* (2010), cartas que se categorizam como íntimas identificam mais

facilmente fatos linguísticos que se submetem a mudanças. Ainda segundo Lopes *et al.* (2010, p. 242): “É preciso ter em mente, entretanto, que se, por um lado, a carta transmite inovação e mudanças linguísticas, por outro, conserva fórmulas fixas que se perpetuam”. Portanto, apesar de ser um ambiente favorável às inovações, dado o seu caráter espontâneo, a carta também conserva traços perenes de sua composição e estilo passados.

Em épocas remanescentes, que recobrem os períodos arcaicos e modernos, as cartas eram de narração e descrição (FREIRE, 1746). A partir do século XVIII, não é demais frisar a existência de diversos tratados e manuais já existentes na história da epistolografia, os quais disciplinavam a escrita do gênero, movidos por modelos, muitos deles importados da tradição latina, cujos protótipos deviam ser seguidos pelos secretários ou escribas nomeados para a função de escrevê-las.

Na contemporaneidade, conforme está em Marcuschi (2008), as cartas pessoais, por exemplo, estruturam-se por sequências de vários tipos, dentre as quais a descritiva, a injuntiva, expositiva e argumentativa. Entretanto, segundo ele, predominam em suas estruturas composicionais as descrições e exposições, tipos textuais muito comuns no gênero, atualmente.

Verifique-se o que dizem os números nas cartas dos períodos XIV-XVI; XVI-XVII e XVIII-XX em relação às funções do item em averiguação, na Tabela 4.

Tabela 4: Funções do *agora* no gênero carta nas diversas sincronias

Funções	Períodos	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XX	TOTAL
Dêitico temporal					
1.1 Presente		34/60,7%	27/43,5%	36/45,0%	97/49,0%
1.2 Passado		14/25,0%	09/14,5%	08/10,0%	31/15,7%
1.3 Futuro		-	06/ 9,7%	04/ 5,0%	10/ 5,0%
Subtotal %		48/85,7%	42/67,7%	48/60,0%	138/69,7%
Conector/juntor					
2.1 Oposição/contraste		06/10,7%	04/6,5%	08/10,0%	18/9,1%
2.2 causalidade		02/3,6%	10/16,1%	15/18,8%	27/13,6%
2.3 aditivo		-	06/9,7%	06/7,5%	12/6,1%
Subtotal %		08/14,3%	20/32,3%	29/36,3%	57/28,8%
Marcador discursivo					
3.1 mudança de assunto/turno		-	-	02/2,5%	02/1,0%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno		-	-	01/1,2%	01/0,5%
Subtotal %		-	-	03/3,7%	03/1,5%
TOTAL %		56/100%	62/100%	80/100%	198/100%

Fonte: elaboração própria.

4.2.2.1 Funções do *agora* no gênero carta

Período XIV-XVI

Como permite enxergar a Tabela 4, no período XIV-XVI, as cartas apresentam um percentual das funções do item ora em averiguação bem similar às crônicas do mesmo período. Note-se sua predominância em contextos temporais (85,7%) num valor equiparado ao gênero crônica. Nesse primário estágio, observa-se uma diferença mais considerável apenas em relação a sua amplitude, pois as cartas não apresentam ocorrências que apontam do presente para o futuro. Talvez porque o gênero é mais voltado para referências a fatos passados do que a prospecções. Com respeito ao segundo estágio, o da conexão/junção, enquanto nas crônicas o item ocorria apenas interligando orações matizadas por um valor de causalidade, nas cartas, os matizes se expandem, uma vez que além de ocorrer com valor de causalidade (3,6%), ocorre também com o valor de oposição/contraste (10,7%). Vale acrescentar que o gênero em exposição não registra uso do item em funções de marcador discursivo nessa sincronia.

Os dados (86) e (87) acusam o uso do elemento no legado das cartas do período XIV-XVI:

- (86) [...] direes que, se mada de vos algum serviço, lhe teres em mercee de vollo mada. Iteem: a mim que me veeo nova de naaos de Franceses que amдавã na paragem da Ylha do Fayal, como veres pello que sobre iso nas outras cartas vos spreva, e em uma que vos enviava por Castanho que somente a yso hia, que se deteve com ho voso Recado. E por ser cousa tam contraria ao negocio em que estaveys, e do fim que do cõcerto se deve esperar, vos spreva o que pellas ditas cartas verees. **Agora** que ho cõcerto he feito, ey por meu serviço que nam falees nisto por via de descontentamento, senam muy amigavelmente, mostramdo que avees por certo que estas naaos seram de ladrões de que se nam poderia aveer noticia, porque o all nam se poderia cuydar de nenhuma geemte do mundo, quamto mais na em que tamta homrra e preço ha. E d'esta sustancia seera toda a pratica que com elRey e com todos neeste caso teverdes. E direes a elRey, que eu vos spreva, que me [...]
(Letters of John III, King of Portugal, D. João III, CDP)
- (87) [...] Gomez a Francisco Lopez, allmoxarife das ditas obras. E porque eu tynha sprito a Joam Gomez que lhe descontase d'elles cento e oytenta millreis, que Francisco Lopez Recebeo de certos dinheiros que vyerã da Ilha de Madeira, vos encomendo muyto que mandeis ao dito João Gomez que lhe entregue todos os ditos dous mill cruzados, sem descõtar os ditos CLXXX milreis, como lhe tinha escrito, por que me espreveo meu amo que todos sam necesarios. Aallem d'isto lhe mandareis mais entregar dozentos millreis pera uma nave das terçeenas da Porta da Cruz; por que se acabou **agora** um a; e por ser obra tam proveytosa e necessaria, querya que se fezese

lloguo outra. E todo este dito dinheiro se entregara por seus asynados, que he neçesario, e asy se decrara nos vossos mādados. Fernam d'Alvarez a fez em Evora, aos XXIII dias de fevereiro de DXXXIII. J. Rey. (On Reverse Side) Por elRey. J. A dom Amtonio d'Atayde, comde da Castanheira, do seu conselho, e veador de sua fazemda. Por virtude d'esta carta delRey [...] (Letters of John III, King of Portugal, D. João III, CDP).

Na ocorrência (86), o fragmento de carta de Dom João III permite visualizar o item interligando enunciados pela nuança da causalidade. Verifique-se que o item se arranja em uma causa que leva a uma consequência, talvez pela força da perífrase [*agora que*]. O item se envolve, pois, nesse contexto, em uma função cujos traços evidenciados são (+conexão), (+fixidez) e (+causalidade). Em (87), o item se investe de uma função próxima a do seu pico prototípico, já que assume o seu valor temporal, embora com amplitude para o passado, denunciada pela forma verbal de pretérito [*acabou*]. Exibe-se, nesse caso, os traços de (+referência presente/passado), (+mobilidade) e (+circunstanciador).

Período XVI-XVII

A Tabela 4 mostra o item sob enfoque com um percentual menor (67,7%) de valores temporais em relação ao período XIV-XVI. Já em relação ao valor de conector/juntor (32,3%), registra um aumento de percentual, se comparado ao período anterior. Como no legado arcaico, também não registra valores de marcação discursiva. Acrescente-se que, no exercício das subfunções, o item veicula a acepção de presente com amplitude para o futuro (3,2%), porém não registrou nenhuma ocorrência desse valor na sincronia XIV-XVI. Do mesmo modo, apresentou-se em todas os três matizes da junção, sendo 6,5% na oposição/contraste; 16,1% na causalidade e 9,7% na adição. Ressalte-se que no período XIV-XVI a adição não obteve representante. Os dados (88) e (89) o exemplificam nas cartas do período XVI-XVII:

- (88) [...] Principes de Japão troca a cada passo, desnaturando a todos os senhores principaes dos reynos que lhe estam sogeitos pera outras diversas partes, & a nenhum deixa criar raizes: & aos principaes senhores & principes de reynos remotos, lhes faz em Vozaca edificar grandes & suntuosas casas, & depois de as terem feitas com [35] muito gasto as manda dar a quem lhe parece, & aos que as fizeram que edifiquem outras de novo. Tense ja estendido esta cidade de Vozaca pera a banda do Sacay ate Tenoij hũa grande legoa de casas continuas, **agora** começa de mādard edificar outro tanto de hũa parte do rio que vay pera o Meaco. Da outra bāda da cidade está a povoação do Bonzo de Vozaca, que he muy grande, & elle tem ali feito boas casas & edificios, mas não lhe consente Quambacudono fazer cavas nem outros emparos que lhe sirvam de defensão. A terra he tam abastada de todas as cousas polo

cuidado q se tẽ de as fazer ali trazer, q o que se não pode descobrir no Saca (que he feira de [...]) (Cartas dos Jesuítas, Padre Amador Rebello, CDP)

- (89) [...], e um Diogo Nunes Roxo, que são os que hão-de pagar os créditos, todos três juntos vejam os navios, e se satisfaçam deles e do preço; e, quando se se haja de fazer a compra em Hamburgo ou Lubeque, nomeiem estes dois mercadores outros dois, que lá façam o mesmo em seu nome, de maneira que nem eles sem André Henriques, nem André Henriques sem eles, possam fazer cousa alguma. Sucedeu pois que, no mesmo dia em que chegou André Henriques, morreu Diogo Nunes Roxo, e a isto se pega **agora** Bento Osório, dizendo que falta uma condição essencial, e que sem ela nem ele pode comprar nem dar dinheiro, porque teme que depois lho não levem em conta. Fiz quanto pude por o mudar desta opinião, alegando-lhe outra cláusula das mesmas ordens, a qual diz que os navios hajam de estar em Lisboa por todo Março, e que segundo isto se hão-de interpretar as ordens, e entender-se que, em falta de um dos comissários, dão poder aos outros para contratarem, pois de contrário se [...](Cartas de Padre Antônio Vieira, CDP).

Em (88), As Cartas dos jesuítas mostram um *agora* no exercício da função de conector/juntor com a nuance de adição. Basta se observar que na descrição o item dá sequência a uma série de ações dos príncipes dos reinos mais remotos. Nessa ocorrência, destacam-se os traços (+conexão/junção), (+fixidez) e (+aditivo). É possível parafraseá-lo por “e”, item considerado prototípico em contextos de adição. Em (89), as Cartas do Padre Antônio Vieira trazem o item envolvendo-se em um valor temporal. Nesse contexto, destacam-se os traços (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador).

Período XVIII-XX

A propósito da Tabela 4, os dados estatísticos do período XVIII-XX mostram que o item sob enfoque realiza movimentos bem mais significativos em direção à abstratização, haja vista que obteve um percentual de 60% em funções adverbiais, para em consequência assumir 36,3 na junção e 3,7% na marcação.

Quanto às subfunções, na função adverbial ocorreu no sentido pontual de presente (45%) com ligeiras amplitudes de passado (10,0%) e futuro (5,0%). No estágio da junção, acusou matizes de oposição/contraste (10,0%), causalidade (18,8%) e adição (7,5%). Na marcação discursiva, registrou-se na função de mudança de assunto/turno (2,5%) e abertura de tópico/turno (1,2%). Os dados (90) e (91) exibem o item nas cartas do período XVIII-XX:

- (90) [...] pode vir a efectuar-se para nossa consolação. Não há país sem invejosos, pois que os não há sem ignorantes. Esses, afrontados e ofendidos com os merecimentos do nosso papagaio, tenho por sem dúvida que o desgostem e que o façam voltar em bolandas para a nossa companhia. Tudo pode ser. Observo entretanto em quase todos os amigos de Vossa Mercê uma oculta alegria maliciosa causada pela fugida do papagaio. Talvez que se julguem muitos deles com as qualidades do pássaro, aspirando a servirem a Vossa Mercê no seu lugar. Talvez que não tendo até **agora** descoberto outro amante a quem Vossa Mercê amasse, se livrem todos do ciúme que ele causava e das invejas que fazia. O certo é que por causa do bruto tem Vossa Mercê feito muitas injustiças aos racionais que a idolatram. Estas sem-razões são mui ordinárias no mundo, e deixaria o Amor de ser monarca se preferisse agora com leis novas a discrição dos beneméritos à dita dos ignorantes. Não são o amor nem a fortuna os que correspondem aos merecimentos. Quais são os que podia ter o papagaio para [...](Cartas de Cavaleiro de Oliveira, CDP)

- (91) Valente , 14 de janeiro de 1980

Olá Amor tudo bem ?

Olha querida espero que esta a encontre com paz e saúde juntamente com os seus manos e pais e familiares .

Aninha quando você receber esta carta me responda logo por que estou com medo de você não receber esta e pensar que eu não lhe escrevi , por que tenho dúvidas no endereço que não conheço , mas aqui em Valente tudo bem , conheço tudo .

Quando você subiu no ônibus me deu uma vontade tremenda de viajar com você pelo menos até em Feira de Santana mas quando a gente é empregado só pode sair aos sábados e feriados, minhas férias será de 15 - 04 à 13 - 05 - 80 um período de estudos mas assim mesmo vou sair uns 15 dias .

Querido até hoje sinto sua falta , até hoje penso naqueles dias felizes que estava junto a ti com aquele , todo afeto todo amor e ternura com aquele teu sorriso doce , meigo com teus lábios sensíveis e aquele gesto de menina moça .

[pag]

Para mim você foi até hoje a menina que muito marcou em minha vida , se você estivesse aqui perto de mim eu não ficaria um dia sem ti ver por que você é uma menina linda e sabe sair com um namorado < ↑ você é > uma garota simples que não tem medo da realidade , para mim você foi meu ideal , só falta você vir aqui para morar ou eu morar ai em Salvador **agora** que trabalho perto para eu lhe encontrar todos os dias . Você me falou na foto da moto eu mandei hoje o nosso filme para a Sandra , assim que chegar eu lhe envio as fotos .

Eliana menina linda menina que mora no sertão Para que ficar triste agora Se tu estás em meu coração [...] (Carta Pessoal 01-APACA-14-01-1980 -[CE-DOHS]).

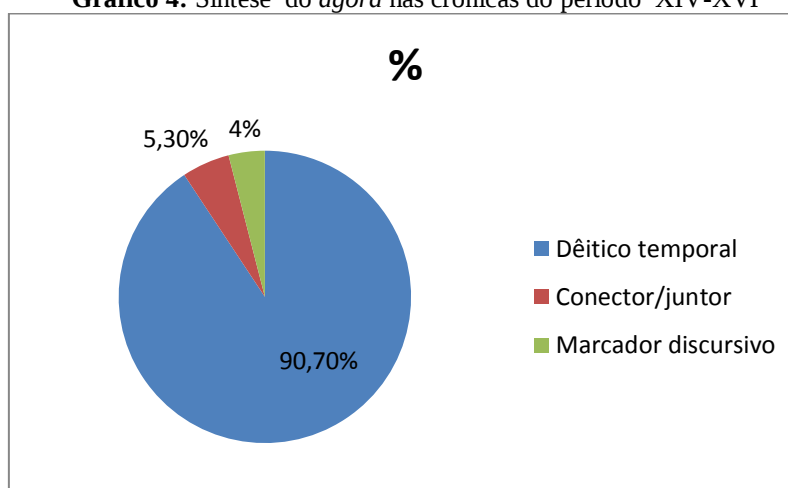
Em (90), na carta de Cavaleiro de Oliveira, visualiza-se o elemento no exercício da função de dêitico temporal, amplificada para o passado. Apesar de a oração vir estruturada com verbos no gerúndio, liga-se a uma oração adjetiva cujo verbo está no passado [*fosse*], fato que comprova a configuração do item atrelado a essa instância. Dessa maneira, atuam os traços de (+referência presente/passado), (+mobilidade) e (+circunstanciação). Por sua vez, na ocorrência (91), o item se envolve em uma junção com nuance de causalidade, tendo em vista que o enunciado [*agora que trabalho perto*] expressa uma relação de causa entre

outro enunciado [*só falta você vir aqui para morar ou eu morar ai em Salvador*]. Observe-se a possibilidade de ser parafraseado por *já que* ou *porque*. Nesse contexto, destacam-se os traços de (+conexão), (+fixidez) e (+causalidade).

4.2.3 Síntese das funções do *agora* nos três períodos conforme o gênero textual

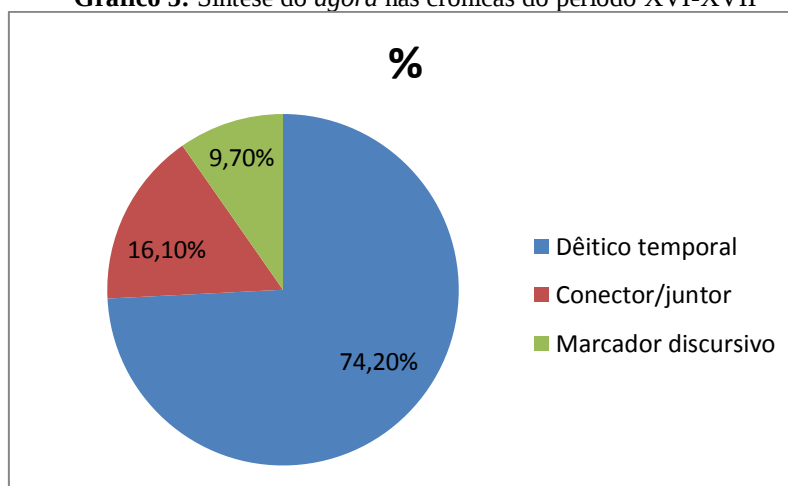
Os gráficos 3 e 4 reproduzem o perfil de mudança do item sob análise quando das ocorrências do gênero crônica nos período XIV-XVI, o qual coincide com o que a literatura chama de período arcaico e período moderno, respectivamente.

Gráfico 4: Síntese do *agora* nas crônicas do período XIV-XVI



Fonte: elaboração própria.

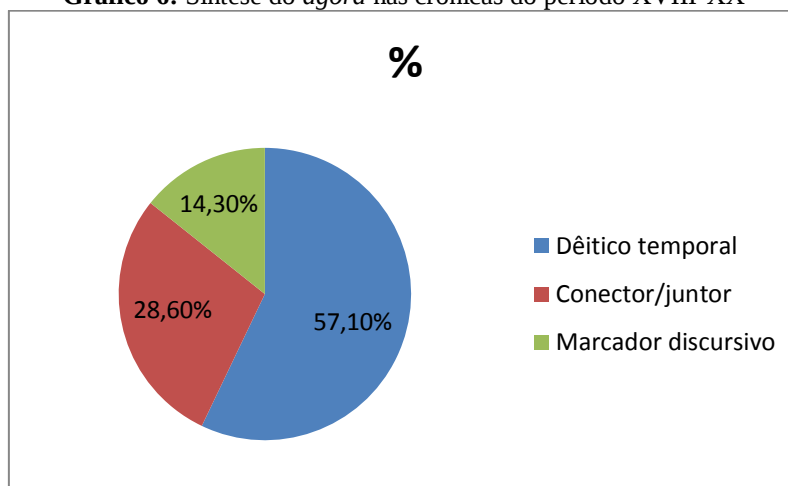
Gráfico 5: Síntese do *agora* nas crônicas do período XVI-XVII



Fonte: elaboração própria.

O que chama atenção entre o período XIV-XVI e XVI-XVII é que há um aumento gradual das funções mais textuais, em paralelo à redução da função de dêitico temporal.

Gráfico 6: Síntese do *agora* nas crônicas do período XVIII-XX

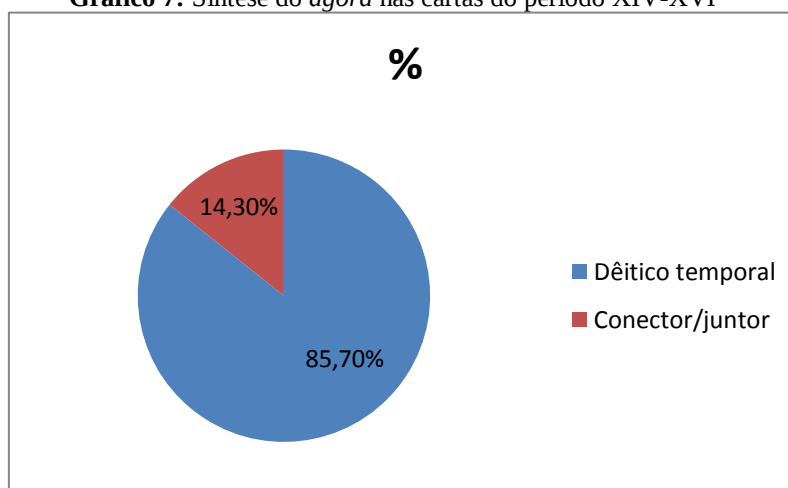


Fonte: elaboração própria.

O curioso nos dados do período XVIII-XX em relação aos do período XVI-XVII é que houve, concomitantemente, um aumento gradual de usos das funções textuais e redução dos valores temporais.

Passando para a análise da pesquisa em relação ao gênero carta, consideram-se os seguintes gráficos:

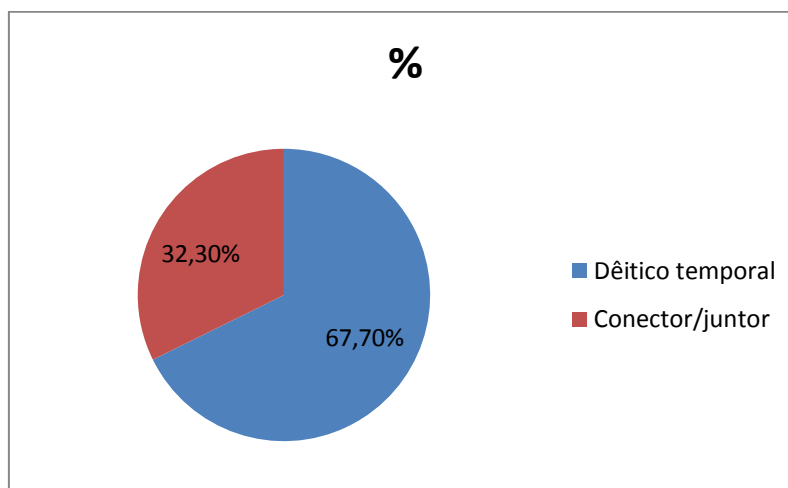
Gráfico 7: Síntese do *agora* nas cartas do período XIV-XVI



Fonte: elaboração própria.

Conforme se pode observar, nas cartas do período XIV-XVI, o item predomina na sua função adverbial, migrando apenas para as funções de junção textual, sem passagem para o discurso.

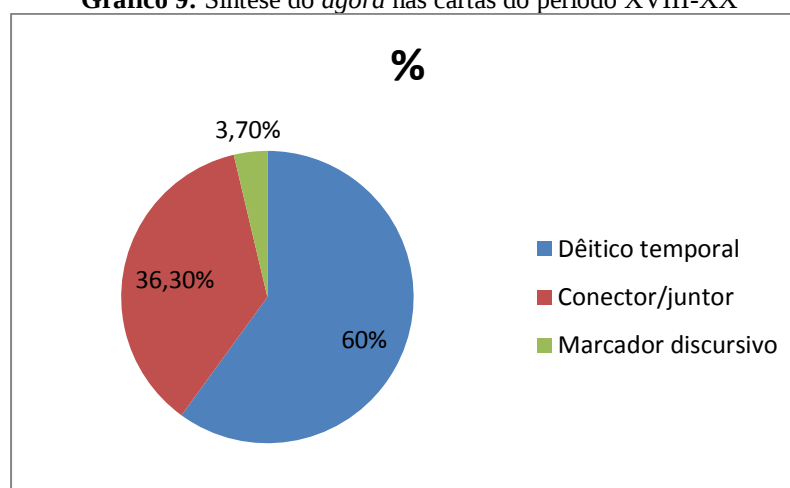
Gráfico 8: Síntese do *agora* nas cartas do período XVI-XVII



Fonte: elaboração própria.

Observe-se que os dados das cartas do período XVI-XVII mostram o item no exercício de funções mais adverbiais, no entanto já migra para funções mais textuais, embora não alcance o grau mais discursivo do texto.

Gráfico 9: Síntese do *agora* nas cartas do período XVIII-XX



Fonte: elaboração própria.

De acordo com os dados, o item em análise altera seu comportamento em relação às sincronias anteriores, haja vista que migra das funções mais lexicais para as funções textuais, inclusive, com participação nos contextos mais discursivos de atuação na

organização do texto. Isso significa que o item vem sendo mais requisitado para o cumprimento de funções textuais.

Na sequência, serão analisadas as funções, correlacionadas à ordem sintática.

4.3 Ordem sintática relacionada às funções nas sincronias

Nesta seção, analisa-se a ordem de ocorrência do item *agora* na oração com o propósito de averiguar se há relação entre a frequência de uso em determinada ordenação e as funções por ele exercidas no decorrer dos séculos, ou, em outras palavras, se a ocorrência de uma ordem propicia uma mudança funcional. De acordo com Neves (2014, p.342),

Há uma correspondência não casual entre as funções dos advérbios, o escopo que tomam e a posição que ocupam na sentença: os advérbios se localizam na sentença de modo a indicar qual é seu escopo, e portanto o escopo pode ser afetado pela posição do advérbio ou vice-versa

Assim sendo, a ordem que os advérbios ocupam na oração é relevante para o exercício de determinadas funções.

Canonicamente, a ordem prototípica de nossa língua é SVO (sujeito-verbo-objeto), porque convencionalmente a ordem VS é considerada mais complexa e, por isso, mais marcada em alguns contextos. Porém, em relação ao item *agora*, pesquisas linguísticas (MARTELOTTA; PROCESSY; SANTOS (2008), LUQUETTI (2008), (CASTILHO, 2010), RODRIGUES, (2009)) vêm mostrando que existem outras tendências de ordenação, as quais merecem atenção.

Nesta pesquisa, procura-se averiguar se o *agora* ocorre antes ou após o verbo ou antes ou no final da oração. Para isso, retomam-se as posições já definidas no capítulo da metodologia:

Posição anteposta ao verbo (AV), geralmente ocorrendo antes de um verbo independente da existência ou não de material interveniente entre eles;

O exemplo (92) ilustra tal posição:

- (92) [...] Castela é de tanta consideração que não importa menos que a firmeza ou ruína de França. E, como esta dependência é tão grande e tão conhecida, se nos apressarmos a pedir a Liga, e mostrarmos grande desejo dela, conceder-no-la-ão os Franceses com partidos sempre a seu favor; mas, se dissimularmos um pouco, e dermos tempo a que a França discorra sobre o nosso silêncio, não há dúvida que nos há-de rogar com a liga e que a há-de fazer como nós quisermos. Este discurso é evidente em toda a parte, e nestas onde eu **agora** ando muito mais que em Paris,

porque lá não vemos mais que as grandezas de França, e aqui vêem-se as suas dependências, os seus receios, as suas contemporizações e as suas rogativas. E, finalmente, boa experiência tem V. Ex.a de quanto mais obra com esta gente o medo que a obrigação. Solicitou V. Ex.a muito acertadamente o primeiro socorro de França e o segundo, a fim que estas demonstrações obrigassem aos Franceses e lhes dessem novo motivo para nos concederem o que [...] (Cartas de Padre Antônio Vieira, CDP).

Como se vê, a passagem registra o uso do *agora* na posição pré-verbal e na função prototípica de dêitico temporal, destacando-se os traços (+referência temporal), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Posição posposta ao verbo (PV), geralmente ocorrendo após um verbo independente da existência ou não de material interveniente entre eles. Ilustra tal posição o exemplo (93):

- (93) Eis-me aqui a lhe pedir um obséquio . Quero que você interceda junto ao Conceição Menezes , Diretor do Colegio da Bahia , no sentido de contratar o meu sobrinho Antônio José de Castro , do 3 ° ano da Faculdade de Direito , para lecionar , naquele instituto , a cadeira que , também por , contrato , é ocupada pelo Lafayette Spinola , logo que este seja nomeado para uma das vagas de Juiz de Direito de 1 ª entrância . Os termos do meu pedido deixam subentendido que me estou antecipando muito , porque a vaga ainda não se deu , e , para se dar , depende ainda de ato outro de nomeação . Mas é assim mesmo que acontece **agora**, via de regra . Se o direito não favorece aos que dormem, que é que podem esperar os que não têm [...] mera aspiração . Demais, você não estranhará a hipótese , porque se repete a cada instante , desde que chegamos á epoca em que antes das vagas existem os candidatos , e destas tirarão vantagens os que [?] . Isto já é comum, e já não causa especie. O que é pior de tudo é a preferência pela incompetência. [...] (Carta 11-ALCF-09-07-1944, [CE-DOHS]).

O excerto é um registro do item em posição posposta à forma verbal, uma vez que ocorre após o verbo [*acontece*]. Com relação à função que predomina nesse contexto, verifica-se o mesmo no exercício da função dêitica temporal com nuance de presente, apresentando os traços de (+referência temporal), (+ circunstanciador) e (+mobilidade).

Posição inicial da oração (IO/IT), abrangendo um contexto maior. O exemplo (94) acusa tal posição:

- (94) [...] Quanto aos dignitários, que seriam sete, no caso de adotar-se o título de Plêiade Imperial, deviam ser escolhidos de entre os que temos de mais distinto e de mais ilustre. Para dar à condecoração maior merecimento e para tirar-se dela grande utilidade, podia fazer-se com que formasse uma verdadeira ordem, trabalhando em sessões regulares como o Instituto de França, e sob a presidência de Sua Majestade como grão-mestre, ou do dignitário mais antigo. Quem sabe daqui a alguns anos que importância não teria semelhante instituição, e que glória não daria ela ao nosso

país? **Agora** é que me lembro! Estou a perder o meu tempo! Não há dúvida que esta minha idéia é bela, é digna de um monarca erudito, e de um povo que tanto se distingue pela sua aptidão literária; mas não foi lembrada por um homem que já tenha alguns cabelos brancos e uma dose de importância e de morgue; portanto não presta decididamente. Dizem que aos vinte anos se pode pensar assim por si, nem ter uma boa idéia. Entendem que a inteligência vigorosa e ardente dos [...] (Ao correr da pena- José de Alencar, CDP).

O item, no excerto acima, posicionado no início de oração, cumpre o exercício da sua função prototípica de dêitico temporal com valor de presente com abrangência da oração inteira. Isso significa que o *agora* não se limita apenas ao escopo verbal, expandindo-se por toda a oração. Quanto à função, visualiza-se, nesse caso, os traços de (+referência temporal presente), (+ circunstanciador) e (+mobilidade)

Posição final da oração (FO/FT), no fechamento da oração ou tópico. O exemplo (95) ilustra tal posição:

- (95) [...] se eram boas vão-se cansando. Com a minha boca e com a minha língua todos têm que fazer, porém são duas coisas de que até agora se têm queixado somente alguns indignos, viciosos e insolentes, que levantam o testemunho de que a minha língua corta como uma navalha. Não temais a falsidade, executai as experiências em que levardes gosto, e vereis que a dita língua, além de ser de carne como todas as outras línguas, é delicada, branda e suave. Finalmente toda a minha cara é diferente de todas as que tendes visto até **agora**. Uma das vossas amigas vos dirá que eu sou um galante moço. O certo é que para amar três ou quatro formosas ao mesmo tempo, ninguém o faz mais fielmente do que eu. Se vos satisfazeis destas satisfazeis com estas qualidades, podeis contar que são vossas, pois que as ofereço sinceramente. Entretanto cuidarei em vós sem saber em quem cuido, e se alguém me perguntar por quem suspiro, não temais que eu o declare, persuadindo-vos com prudência a que eu vos não conhecerei enquanto não [...] (Cartas de Cavaleiro de Oliveira, CDP).

O fragmento de carta mostra o *agora* na posição de final de oração, no exercício da função de dêitico temporal com valor de momento presente. Nesse contexto, o item parece abranger a oração inteira sem se limitar apenas à referência verbal. Destacam-se, no exemplo, os traços de (+referência temporal presente), (+ circunstanciador) e (+mobilidade).

Em termos gerais, tem-se a percepção de que no período arcaico, ou seja, nos séculos mais longevos, registra-se uma tendência ao uso da ordem pré-verbal, provavelmente por ter sido esta a ordem predominante no latim vulgar, período anterior a essa sincronia e que exerceu forte influência na sintaxe dos séculos mais sequentes ao seu domínio.

A tabela (5) expõe os dados distribuídos por períodos, em uma visão panorâmica, os quais recobrem desde o século XIV até o século XX, em textos de gêneros escritos, observando se estrutura e função são motivadas diacronicamente.

Tabela 5: A ordem AV/PV/IO/FO/funções nas sincronias

Per. Funç.	Séc. XIV-XVI				Séc. XVI-XVII				Século XVIII- XX				
	AV	PV	IO	FO	AV	PV	IO	FO	AV	PV	IO	FO	TOTAL
Dêitico temporal													
1.1 Presente	53/ 72,6%	21/ 56,8%	04/ 28,6%	03 /100%	40/ 58,8%	20/ 51,3%	04 26,6%	01/ 50%	27/ 54%	19/ 44,2%	18/ 32,7%	01/ 50%	211/ 52,1%
1.2 Passado	17/ 23,3%	08/ 21,6%	01/ 7,1%	-	07/ 10,3%	06/ 15,4%	01/ 6,7%	01/ 50%	06/ 12%	05/ 11,6%	-	01/ 50%	53/ 13,1%
1.3 Futuro	02/ 2,7%	07/ 18,9%	-	-	03/ 4,5%	04/ 10,2%	01/ 6,7%	-	03/ 6%	04/ 9,3%	02/ 3,6%	-	26/ 6,4%
Subtotal %	72/ 98,6%	36/ 97,3%	05/ 29,4%	03/ 100%	50/ 73,6%	30/ 76,9%	06/ 40%	02/ 100%	36/ 72%	28/ 65,1%	20/ 36,4%	02/ 100%	290/ 71,6%
Conector/juntor													
2.1 Oposição/ Contraste	-	-	06/ 42,9%	-	02/ 2,9%	01/ 2,6%	04/ 26,7%	-	04/ 8%	-	09/ 16,4%	-	26/ 6,4%
2.2 Causalidade	01/ 1,4%	02/ 5,4%	03/ 21,4%	-	08/ 11,8%	04/ 10,2%	01/ 6,7%	-	06/ 12%	14 32,6%	10 /18,2%	-	49 /12,1%
2.3 Adição	-	-	-	-	06/ 8,8%	02/ 5,1%	02 13,3%	-	04 /8%	-	04/ 7,2%	-	18/ 4,5%
Subtotal %	01/ 1,4%	02 /5,4%	09 /53,0%	-	16/ 23,5%	07/ 17,9%	07/ 46,7%	-	14/ 28%	14/ 32,6%	23/ 41,8%	-	93/ 23,0%
Marcador discursivo													
3.1 Mudança de assunto/ Turno	-	-	03/ 17,6%	-	-	02/ 5,1%	02/ 13,3%	-	-	01/ 2,3%	08/ 14,5%	-	16 /3,9%
3.2 Abertura/ retomada de tópico/ turno	-	-	-	-	02/ 2,9%	-	-	-	-	-	04/ 7,3%	-	06/ 1,5%
Subtotal %	-	-	03/ 17,6%	-	02/ 2,9%	02/ 5,1%	02/ 13,3%	-	-	01/ 2,3%	12/ 21,8%	-	22/ 5,4%
TOTAL %	73/ 100%	37/ 100%	17/ 100%	03/ 100%	68/ 100%	39/ 100%	15/ 100%	02/ 100%	50/ 100%	43/ 100%	55 /100%	02/ 100%	405/ 100%

Fonte: elaboração própria.

Os dados da tabela permitem uma visão panorâmica da posição do item em relação ao verbo e à oração correlacionada à função semântica do item conforme sua evolução. Em dados gerais, o item revelou um índice de ocorrências maior na ordem pré-verbal até o século XVII, pois no período que compreende os séculos XVIII-XX, apesar de apresentar uma frequência alta na sincronia, foi vencido pela ordem IO (início de oração), se bem que com uma diferença de apenas 5%, uma vez observado que neste último período a posição do item é bem mais variável.

No que trata das relações semânticas, a ordem AV também se faz mais recorrente, com registros de maior mobilidade da função de dêitico temporal com registros de passagens para a função conectiva em dados que se aproximam da atualidade.

Na função de conector/juntor, a ordem que parece predominar é a IO, o que já era esperado, pois, nesta, atua conectando períodos. Quanto à função de marcador, o item é visto quase que exclusivamente em posições IO, talvez porque, nesse caso, ele assume matizes que marcam a mudança de assunto/turno ou abertura e retomada de tópico, os quais ocorrem prototipicamente em contextos que envolvem enunciados mais abrangentes e também porque nessa função ele assume posições mais fixas.

As tabelas (5.1) (5.2) e (5.3) e (5.4) são desdobramentos da tabela (5), mais geral, as quais tratam de cada uma das ordens relacionadas às funções e subfunções, nas sincronias definidas pela pesquisa.

Tabela 5.1 : A ordem AV nas sincronias

Funções	Períodos	Séculos XIV-XVI	Séculos XVI-XVII	Séculos XVIII-XX	TOTAL
Dêitico temporal					
1.1 Presente		53/72,6%	40/58,8%	27/54%	120/62,8%
1.2 Passado		17/23,3%	07/10,3%	06/12%	30/15,7%
1.3 Futuro		02/2,7%	03/4,5%	03/6%	08/4,2%
Subtotal %		72/98,6%	50/73,6%	36/72%	158/82,7%
Conector/juntor					
2.1 Oposição/contraste		-	02/2,9%	04/8%	06/3,1%
2.2 causalidade		01/1,4%	08/11,8%	06/12%	15/7,9%
2.3 adição		-	06/8,8%	04/8%	10/5,2%
Subtotal %		01/1,4%	16/23,5%	14/28%	31/16,2%
Marcador discursivo					
3.1 mudança de assunto/turno		-	-	-	-
3.2 abertura/retomada de tópico/turno		-	02/2,9%	-	02/1,1%
Subtotal %		-	02/2,9%	-	02/1,1%
TOTAL %		73/100%	68/100%	50/100%	191/100%

Fonte: elaboração própria.

4.3.1 Ordem AV/funções nas sincronias

Período XIV-XVI

A ordem posposta ao verbo nos séculos XIV-XVI se faz mais recorrente no período, na função de dêitico temporal, com 98,6% das ocorrências de um total de 73 dados

nessa posição. Ocorreu também na função de conector/juntor com destaque para a nuance de causalidade, com índice de 1,4%, não registrando ocorrência na função de marcador discursivo. O excerto (96) exemplifica essa ordem na sincronia:

- (96) Como se Hercolles partio de Sevyilha e como pellejou com Gedeom e o matou. Depois que Hercolles ouve feytas aquelles duas ymagêes de Callez e de Sevyilha, como ja ouvystes, ouve sabor de veer toda a terra d'Espanha e partiosse desse lugar de Sevyilha per a costa do mar ataa que chegou a hûu logar em que **agora** he pobrada Lixboa. E dizem algûus que este logar foy pobrado depois que Troya foy destroyda a segunda vez e que a começou de pobrar hûu neto de Ulixes que avya esse meesmo nome Ulixes como o avoo; e que este morreo ante que fosse acabada de pobrar e que mandou a hûa sua filha que avya nome Boa que a acabasse; e que ella a acabou e que, depois que foy acabada, que ajuntou hûa parte do nome de seu padre ao seu e poslhe nome Lixboa. (Crônica Geral da Espanha de 1344, CDP).

A propósito da passagem da Crônica Geral da Espanha, o item sob análise se posiciona antes do verbo (ser) marcando uma relação semântica de dêitico temporal, pois em tal uso visualizam-se os traços (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade), específicos desse valor semântico.

Período XVI-XVII

Nos séculos XVI-XVII, a ordem AV se apresenta como majoritária na função de dêitico temporal, com 73,6%, distribuindo-se gradativamente pela função de juntor, com 23,5%, e de marcador discursivo com 2,9%. Na função de dêitico temporal, destaca-se a nuance de presente, com 58,8% de um total de 68 ocorrências; na de juntor, destaca-se a nuance de causalidade, com 11,8% e na de marcador a nuance de abertura/retomada de tópico/turno, com 2,9%. O excerto (97) exemplifica a ordem nessa sincronia:

- (97) [...] chegou com toda ha armada, ahos vinte dias do mesmo mes d'Agosto, ja de noite. Capi. xxii. Do sitio e ANTIGVIDADE DA villa d'Arzilla. POIS IA TRATtei do sitio, fundaçam, e poder da villa d'Alcaçer, e da grandeza, antiguidade, nobreza, e sitio da çidade de Septa, razam he que diga algua cousa da antigua nobreza, e acusturnada cauallaría, desta villa d'Arzilla, à qual hos Mouros chamam em sua lingoajem Azela, e dizem, segundo ho contam suas historias, que foi fundada pelos Romãos no mesmo lugar onde **agora** está, que he na costa do màr Oçeano, xvij legoas do estreito de Gibraltar. Esta villa foi em tempo dos Romãos sugeita aho senhor de Septa, que era tributaria ahos mesmos Romãos, e depois foi tomada pelos Godos, que nella teueram sempre seus Capitães, a cuja obediência steue até ho Anno da lehegira, e conta dos Mouros, e Arabios de nouenta, e quatro, que foi tres annos depois da perdiçam de Hispanha, e de Septa ser tomada pelos Mouros. Por onde se (Crônica do Príncipe Dom João- Damião de Góis, CDP).

Na crônica do Príncipe Dom João, testemunha do período em análise, observa-se o item em posição anterior ao verbo (estar) em um ambiente semântico dominado pelos valores de dêitico temporal matizado pela nuance pontual de presente. Na passagem levantada, por onde circunda o *agora*, destacam-se os traços (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Período XVIII-XX

Nesse período, a ordem AV perde espaço para a ordem IS. Porém, ainda ocorre em 50 passagens de um total de 150. Nos domínios semânticos, ocorre com mais recorrência na função de dêitico temporal (72%), seguida pela função de juntor (28%), não se registrando na de marcador discursivo. Quanto às subfunções, no domínio dêitico temporal sobressai-se a nuance de presente (54%); passado (12%) e futuro (6%). No domínio conector/juntor, prepondera a nuance de causalidade (12%), seguida pela oposição e adição com 8% cada um. O exemplo (98) ilustra essa ordem na sincronia em análise.

- (98) [...] pobre é tão natural como morrer esfalfada, e tanto para um fim como para o outro não é necessário mais princípio que o de ter cantado não só públicamente sobre um tablado, mas no retiro mais oculto da sua câmara. Aquele célebre português, a que tu chamas Camones, e de quem ouviste tantas maravilhas em Itália, não sabemos em Portugal que cantasse solfa; porém! sendo tão insigne como te disseram, meteu-se-lhe na cabeça formar com as figuras do A B C umas certas claves a que chamou cantos, que sendo os mais harmoniosos que até **agora** se ouviram, só por serem cantos deram com todo o seu merecimento em um canto do mundo, onde cantando como um anjo o estimaram sòmente como um cego, deixando-o morrer pobre e miserável como Job. Se eu te quisesse referir o que se tem observado em semelhante caso seria um nunca acabar. Na Biblioteca del-rei Cristianíssimo acham-se seis livros mais gordos que o teu Scapin, e constam De Infelicitate Litteratorum que é o mesmo que dizer De Paupertate Musicorum. Nescio quomodo bonae mentis soror est paupertas, dizia (Cartas-Cavaleiro de Oliveira, CDP).

Conforme se pode notar, no enunciado (98), o item ocorre antes do verbo. Com relação à função, assume valores de dêitico temporal com extensão para o passado, tendo em vista que o verbo com quem mantém vínculo está no tempo passado [*ouviram*]. Nesse caso, destacam-se os valores de (+referência temporal presente/passado), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

A seguir, trata-se da ordem PV nas sincronias.

4.3.2 Ordem PV/funções nas sincronias

Tabela 5.2: A ordem PV nas sincronias

Períodos Funções	Séculos XIV- XVI	Séculos XVI- XVII	Séculos XVIII-XX	TOTAL
Dêitico temporal				
1.1 Presente	21/55,3%	20/51,3%	19/44,2%	60/50%
1.2 Passado	08/21,0%	06/15,4%	05/11,6%	19/15,8%
1.3 Futuro	07/18,4%	04/10,2%	04/9,3%	15/12,5%
Subtotal %	36/94,7%	30/76,9%	28/65,1%	94/78,3%
Conector/Juntor				
2.1 Oposição/contraste	-	01/2,6%	-	01/0,8
2.2 causalidade	02/5,3%	04/10,2%	14/32,6%	20/16,7%
2.3 adição	-	02/5,1%	-	02/1,7%
Subtotal %	02/5,3%	07/17,9%	14/32,6%	23/19,2%
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno	-	02/5,1%	01/2,3%	03/2,5%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno	-	-	-	-
Subtotal %	-	02/5,2%	01/2,3%	03/2,5%
TOTAL %	38/100%	39/100%	43/100%	120/100%

Fonte: elaboração própria.

Período XIV-XVI

Com relação à ordem pós-verbal durante os séculos XIV-XVI, esta é mais frequente nas ocorrências do item no exercício da função de dêitico temporal (94,7%), tendo em vista que apresenta apenas 5,3% nas ocorrências na função de conector/juntor e 0% na função de marcador. O exemplo (99) ilustra os dados da ordem desse período:

- (99) [...] nom devees". Elrei sahiu-sse mui queixoso do conselheiro e foi-sse; e depois cuidou em ello e achou que lh'o diziam por seu serviço, e perdeu queixume d'elles, e ouve-os por bõos servidores. E eu assi quisera que vós outros do meu conselheiro fizeerees a mim: pois que viees que nom era minha honrra tall casamento, nom me consentissees que o fizesse". O privado, que entendeu que elrei mais lhe dizia esto por veer que reposta lhe daria que por teer em voontade o que lhe fallava, rrespondeo e disse: "Senhor, vós o dizees **agora** mui bem; mas podera seer que sse os do vosso conselheiro vo-llo contradisserom d'essa guisa que vós dizees, que ouverom de vós peor reposta, com obra, d'a que ouverom esses outros d'elrei dom Affonso vosso avoo". E elrei dizendo que nom, mas que o ouvera por bem feito, cessarom d'aquesto e fallarom em all. LXV Como a rainha dona Lionor casou alguus fidalgos do reino, e do acrecentamento que fez em outros de seu linhagem Esta rainha dona Lionor, ao tempo que a elrei tomou (Crônica de Dom Fernando-Fernão Lopes, CDP).

Como se percebe no exemplo, o item *agora* se exhibe na posição pós-verbal. Semanticamente, assume no contexto a função de dêitico temporal com valor pontual de presente, visível pela forma verbal [dizees], a qual revela traços prototípicos do tempo presente. Visualizam-se, pois, na passagem em análise, os traços (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Período XVI-XVII

Em posicionamento pós-verbal, nos séculos em análise, ocorre um índice gradativo de crescimento, embora com menor número de ocorrências em relação à ordem AV. Há de se comentar que de um total de 38 ocorrências nessa ordem, 76,9% aparecem na função de dêitico temporal; 18% na função de conector/juntor e 5,2% na função de marcador discursivo.

Na função de dêitico temporal, predomina a nuance de presente, com 51,3%; na de conector/juntor, a nuance de causalidade, com 10,2% e, na de marcador, a nuance de mudança de assunto, com 5,2%. O exemplo (100) ilustra os dados dessa sincronia:

- (100) [...] os dias passados, q indo hum moço que se cria em nossa casa pera clérigo a ver elRey de Porcá, lhe fez deferentes hōras do que costuma fazer aos Cassenares, dizendo, que pois elle se criava debaixo da doutrina dos padres, o avia de tratar com deferentes cortesias do que fazia aos Cassenares, por ver que elle avia tambem de proceder doutra maneira, & que logo em se fazendo sacerdote, lhe entregaria as igrejas que estavam nas suas terras, & lhe fez outros favores grandes, com que os Christãos ficaram tam movidos, que rogão **agora** aos padres queiram receber seus filhos no seminario. Fezse este anno hũa festa solēne na igreja de Vaipicota no dia do seu orago, á qual vieram grande numero de Christãos da serra, & tambem de gentios: cōcorreram outrosi muitos Cassenares com o seu Arcediago, & alem da missa cantada ao nosso modo, se fez hũa procissão solēne, na qual hia o Arcediago com seus Cassenares cantando psalmos em caldeo a seu modo, depois hiam os nossos [6v] padres levando a reliquia do santo lenho da (Carta dos jesuítas- Padre Amador Rebello, CDP).

A ocorrência levantada exhibe um caso em que o *agora* aparece em posição pós-verbal em um contexto em que semanticamente se investe de valores de conector/juntor matizado pela subfunção de causalidade. Basta se perceber que o item se envolve em uma relação de consequência, se se considerar o enunciado anterior com o qual ele se conecta. Ao parafrasear o enunciado [*que rogão agora aos padres*], é possível a permuta por [*que rogão, pois, aos padres queiram receber...*], corroborando, assim, seu valor de causalidade. Desse modo, dominam os traços (+junção), (+fixidez) e (+causalidade).

Período XVIII-XX

A ordem pós-verbal nessa sincronia se distribui pelos três domínios semânticos do item analisado. Na função de dêitico temporal (65,1%); na de juntor (32,6%) e na de marcador (2,3%). No que concerne às subfunções, como dêitico temporal, destacam-se os valores de presente (44,2%); passado (11,6%) e futuro (9,3%). Por sua vez, como juntor registram-se ocorrências apenas de nuances de causalidade (32,6%); como marcador discursivo na subfunção de mudança de assunto (2,3%). A ocorrência (101) testemunha tal percurso:

- (101) [...] mostram que há outras que sem embargo de serem grandes e perigosas admitem remédios eficazes e saudáveis a que obedecem. Sendo as paixões tão naturais ao homem como digo e como me parece que provo, o ciúme que é uma das mais violentas, comparado à morte e ao Inferno na Sagrada Escritura, é aquela paixão que jamais deixará de perseguir e de atormentar ao homem, e procedendo esta do amor somos obrigados a crer que todos os que amam são ciosos. Este é o ponto em que me quereis ouvir, e sobre este ponto sòmente se fundará **agora** o meu discurso. Não tenho necessidade de retratar aqui o amor. São tantas as pinturas que se têm feito daquele Deus Criança que bastam para expor aos olhos de toda a gente a natureza das suas graças e o efeito das suas meninices. Ninguém duvida que o ciúme de que vos devo falar é filho do mesmo amor. A formosura tem feitiços tão poderosos, principalmente quando se acha no sexo feminino, que não só obriga mas arrasta a nossa vontade a amá-la, e quaisquer forças que empreguemos para [...] (Cartas-Cavaleiro de Oliveira, CDP).

O *agora*, na ocorrência em análise, posiciona-se após o verbo [fundar], o qual está flexionado com desinências de futuro. Essas determinam que o item ao se investir do seu valor semântico de dêitico temporal, parte do presente, mas aponta para o futuro. Assim posto, investe-se dos traços de (+referência temporal presente/futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

A seguir, a tabela 5.3 mostrará a ordem IO nas sincronias.

Tabela 5.3: A ordem IO nas sincronias

Funções \ Períodos	Séculos XIV-XVI	Séculos XVI-XVII	Séculos XVIII-XX	TOTAL
Dêitico temporal				
1.1 Presente	04/23,5%	04/26,6%	18/32,7%	26/29,9%
1.2 Passado	01/5,9%	01/6,7%	-	02/2,3%
1.3 Futuro	-	01/6,7%	02/3,6%	03/3,4%
Subtotal %	05/29,4%	06/40%	20/36,4%	31/35,6%
Conector/Juntor				
2.1 Oposição/contraste	06/35,3%	04/26,7%	09/16,4%	19/21,8%
2.2 causalidade	03/17,7%	01/6,7%	10/18,2%	14/16,1%
2.3 adição	-	02/13,3%	04/7,2%	06/6,9%
Subtotal %	09/53,0%	07/46,7%	23/41,8%	39/44,8%
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno	03/17,6%	02/13,3%	08/14,5%	10/11,5%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno	-	-	04/7,3%	04/4,6%
Subtotal %	03/17,6%	02/13,3%	12/21,8%	14/16,1%
TOTAL %	17/100%	15/100%	55/100%	87/100%

Fonte: elaboração própria.

4.3.3 Ordem IO/funções nas sincronias

Períodos XIV-XVI

No que concerne à ordem de início de oração, vale salientar que esta se distribui de maneira mais uniforme entre as funções semânticas. É relevante observar que ela ocorre em 29,4% dos dados em que o item se categoriza como dêitico temporal (53%) na categoria de conector/juntor e 17,6% na categoria de marcador discursivo, comportamento que se diferencia das funções de acompanhamento verbal (AV e PV), atuando de maneira um tanto uniforme nos domínios do dêitico temporal e do juntor. O exemplo (102) é uma amostra do item acontecendo em tal posição.

- (102) [...] raynha dona Orraca, cõta a estoria e diz assy: a muy nobre rainha dona Orraca, sua molher deste rei dom Ramiro, honrrou outrosi a igreja de Santiago de quantas cousas ella pode aver d'ouro e de prata e de pedras preciosas e de vestimentas e de

cortinhas de seda. Outrossi fez a igreja de Sam Salvador d'Ovedo e, das rainhas que ouverom siso /sic, ella foy muy boa cristã. E este rey dõ Ramiro era muy bõõ aos bõõs e mui bravo aos maaos; e desfazia de sua terra os ladrõões e queymava as feiticeiras. **Agora** leixa aquy a estoria os bõõs feitos e muy catholicos del rey dom Ramiro e torna a contar de Abdenaame, rey de Cordova, e doutros mouros. Como correrõ Sevilha hûas gentes estranhas que se forom por medo de Abdenaamer, rei de Cordova Andando o terceiro anno do reynado del rei dom Ramiro, arribarõ a Lixboa cinquenta e quatro naves e cinquenta e oito galees. E Lixboa era ainda enton de mouros e tiinhaa enton Abde n aame, rey de Cordova. E, quando soube daquellas gentes, (Crônica Geral da Espanha, CDP).

Conforme o enunciado, o item sob investigação ocorre no início de oração, envolvendo-se em uma relação que parece mais abrangente no enunciado, uma vez que nessa posição inter-parágrafo ele parece absorver uma carga maior de informação se comparado às ordens pré-verbal e pós-verbal que ocorrem em posição imediata ao verbo. No início da oração, o item se investe de uma função textual/discursiva que parece contribuir para a mudança de assunto, atuando no contexto como um organizador das porções textuais, momento que se investe de uma marca mais subjetiva do escrevente, acusando que está abandonando um tópico e acrescentando outro tema, função similar a de um marcador da modalidade de língua oral, embora não se destitua completamente dos seus valores dêitico-temporais.

Períodos XVI-XVII

Nesse período, a ordem IO, embora ocorra em apenas 15 ocorrências de um total de 150, distribui-se pelos três domínios (dêitico temporal/juntor/marcador discursivo). Nesse ambiente, a função de conector/juntor é a mais saliente das ocorrências, com 46,7%; dêitico temporal aparece com 40% e a de marcador, com 13,3% dos dados, o que já era esperado, tendo em vista que está cumprindo função de unir enunciados.

Na função de conector/juntor, a supremacia de uso fica a cargo dos matizes de oposição/contraste, com 26,7%; adição, com 13,3% e causalidade, com 6,7% das ocorrências registradas. Por seu turno, na função de dêitico temporal, ganham destaques as construções matizadas pelos valores de presente, com 26,6%; passado e futuro com 6,7% cada um. No que concerne à função de marcador, aparece matizado pela subfunção de mudança de assunto/turno, com 13,3% dos dados.

- (103) [...] pelo campo, e pellas recostos das serras e outeiros, de maneira que não vieis campo nem serra, que tudo não fosse cheo de gente, os de pee estão diante dos de

cavallo, e os alifantes detras dos cavallos, n esta hordenamça estava cada capitão com sua gente, os capitães que tinham suas ynstancias de dentro da cidade, por que a gente lhe não cabia sobre os terrados das casas, e fazião no bocal das ruas atravessar palamques pera que a gente coubesse, de maneira que tudo era cheo, asy fora como de dentro. **Agora** vos quero dizer da maneyra que estavam armados, e suas louçaynhas, os de cavallo nos seus cavallos emcubertados com suas testeyras d elas de prata e d elas douradas com suas franjas de retros de todas cores, e asy os cordões, outros as tinham de veludo de Meca, que he o veludo de muytas cores com suas framjas e louçaynhas, outros as trazião d outras sedas, como setis e damasco e outros de brocado da China e de Pismael, algus d aquelles que as trazião douradas trazião [...] (Chronica dos Reis de Bisnaga, CDP).

Como se vê, o item atua na posição de início de oração, cumprindo uma relação interoracional que parece redirecionar a descrição para um outro plano. Diante dessa interpretação, considera-se que o *agora* destaca-se por traços (+discursivo) (+fixidez), atuando na perspectiva da organização textual, embora estando fisicamente presente no início de um enunciado.

Período XVIII-XX

O *agora* no início de oração é destaque nessa sincronia, preponderando sobre a ordem AV, PV e FO. Conforme os dados, de um total de 150 ocorrências, o item se posicionou no início da sentença/oração em 55 delas. Dos 55 dados, 36,4% ocorreram na função de dêitico temporal; 41,8% na função de juntor e 21,8% na função de marcador discursivo. Em se tratando das subfunções, 32,7% ocorreram matizados pelos valores de presente e 3,6% pelos valores de futuro. Com relação à função de juntor, preponderante nessa sincronia, 16,4% ocorreram matizados pelos valores de oposição/contraste; 18,2% pelos valores de causalidade e 7,2% pelos de adição. Já na função de marcador discursivo, 14,5% ocorre matizado pelo valor de mudança de assunto/turno e 7,2% pelo valor de abertura/retomada de tópico/turno. O exemplo (104) ilustra a ordem sob análise na sincronia em enfoque.

(104) [...] O contínuo da casa, meu velho conhecido, é quem conta:

_ O senhor se lembra? Isto aqui era sossegado, um ou outro cliente, a distração era disfarçar palavra cruzada. **Agora**, é o que está vendo. Começa cedo, acalma um pouco na hora do almoço, de tarde recomeça o entra-e-sai das donas.

_ Das donas somente? Estou vendo uns homens aí dentro.

_ Mulher joga mais do que homem, o senhor não tinha reparado? Querem enriquecer correndo, e as que já são ricas querem dobrar.[...] (De notícias & não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p. 169).

Conforme o exposto, o item atua posicionado no início da sentença/oração selando uma relação textual de conectar informações opostas. Basta observar os enunciados contrastivos [*era sossegado...agora é o que está vendo*]. A oposição é perceptível também na mudança de plano temporal da descrição que vinha sendo organizada com verbos no passado, porém muda para o tempo presente ao inserir o *agora*. Nesse raciocínio, mostram-se salientes os traços (+conexão/junção), (+fixidez) e (+oposição).

Na sequência, trata-se da ordem no final da oração nas sincronias definidas para a pesquisa³⁸.

4.3.4 Ordem FO nas sincronias

Período XIV-XVI

Na posição de final de oração, o item sob análise é frequente apenas no domínio temporal com registro de subvalores tão somente na nuance de presente, a qual segue exemplificada na ocorrência (105):

- (105) [...] partida em cinco Escudos, pelos cinco Reis que vencera; e meteu trinta dinheiros de prata em cada Paixão de nosso Senhor, vendido por trinta dinheiros. E os Reis de Portugal, que depois vieram, vendo que se não podiam meter tantos dinheiros em pequenos Escudos d'armas, poseram em cada um dos cinco Escudos, cinco dinheiros em aspa, e assim contando por si cada uma carreira da Cruz de longo e atravez, metendo sempre no conto, de ambas as vezes, o Escudo da metade, fazem trinta dinheiros, e desta maneira se trazem **agora**. Depois dos tres dias passados que el-Rei D. Afonso esteve no campo com mui grande honra, e grandes presas de ouro, prata, prisioneiros e gados tomados na batalha, tornou-se para Coimbra. Antre os prisioneiros era um bom quinhão de gente que chamavam Moçaraves, os quaes eram Cristaos, que os Mouros tinham por cativos naquela terra. E quando el-Rei chegou a Coimbra, o Prior de Santa Cruz o saiu a receber e disse-lhe: O Senhor Rei, e vos outros nobres varões que sões [...] (Crônica de D. Afonso Henriques - Duarte Galvão, CDP).

A passagem em análise traz o item exemplificado na posição de final de sentença/oração. Semanticamente, envolve-se em uma relação dêitico-temporal assinalada por valores pontuais de presente. No contexto, enfatizam-se os traços de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

³⁸ Na ordem de final de oração o *agora* ocorre apenas na função de dêitico temporal, fato que não se justifica distribuí-lo em tabela.

Período XVI-XVII

Em se tratando do item no final de oração na sincronia em análise, apresenta-se apenas na função de dêitico temporal com 02 ocorrências distribuídas entre as nuances de presente e passado. O exemplo (106) ilustra tal posição.

- (106) [...] Mr. de la Thuillerie me chama demasiadamente confiado, porque me vê rijo em condescender com petições demasiadas destes senhores; bem sabe V. Ex.a que ninguém mais que eu deseja a paz, mas há-de ser como convém. Sinto que não haja partido a fragata de Ruão, porque de cá não foi nem pode ir aviso até agora, nem poderá ir senão com o mesmo vento que levar a armada, e importava muito que chegara quando menos um mês antes. Também me pesa que o negócio das de S. Maló não tivesse efeito até **agora**. Espero que S. M. o aprove, e entendo que, com aviso seu e sem ele, lhe fará V. Ex.a mui particular serviço nesta negociação. Tomei tão pouco papel, porque cuidei que me não desse lugar a tantas regras o Sr. Embaixador, com quem imos esta tarde a cear com Mr. de la Thuillerie, que nos convidou. Deus nos tenha as cabeças de sua mão, e a V. Ex.a dê muito bons Reis, e, se for bom,[...] (Cartas- Padre Antônio Vieira, CDP).

No excerto, o *agora* aparece no final da oração, ordem mais rara nos contextos que trazem o item em estudo. Nesse caso, ele se distancia um pouco mais do sintagma verbal, abrangendo parte maior do enunciado. Envolve-se em relações dêitico-temporais, uma vez que determina um ponto no tempo. O sintagma verbal no tempo passado imprime subvalores de dêitico temporal que se volta para o passado em relações que chegam ao presente, também possível pela atuação da preposição durativa *até*. Operam nesse caso os traços de (+referência temporal presente/passado), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Período XVIII-XX

Tratando-se da ordem FO entre os séculos XVIII-XX, o índice de recorrência não foi diferente, pois se registrou em duas ocorrências, na função de dêitico temporal (100%), sendo (50%) na subfunção de presente e (50%) na subfunção de passado. O exemplo (107) acusa o uso na sincronia ora analisada.

- (107) [...] se eram boas vão-se cansando. Com a minha boca e com a minha língua todos têm que fazer, porém são duas coisas de que até agora se têm queixado sòmente alguns indignos, viciosos e insolentes, que levantam o testemunho de que a minha língua corta como uma navalha. Não temais a falsidade, executai as experiências em que levardes gosto, e vereis que a dita língua, além de ser de carne como todas as outras línguas, é delicada, branda e suave. Finalmente toda a minha cara é diferente de todas as que tendes visto até **agora**. Uma das vossas amigas vos dirá que eu sou um galante moço. O certo é que para amar três ou quatro formosas ao mesmo tempo, ninguém o faz mais fielmente do que eu. Se vos satisfazeis destas satisfazeis com

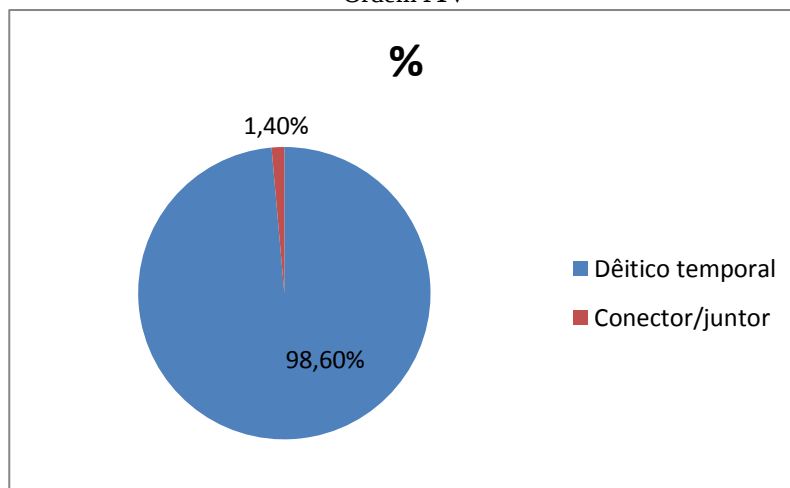
estas qualidades, podeis contar que são vossas, pois que as ofereço sinceramente. Entretanto cuidarei em vós sem saber em quem cuido, e se alguém me perguntar por quem suspiro, não temais que eu o declare, persuadindo-vos com prudência a que eu vos não conhecerei enquanto não [...] (Cartas- Cavaleiro de Oliveira, CDP).

Pelo que se percebe, o item atua nesse contexto no final da sentença/oração, marcando um relação dêitico-temporal com um sentido de *até o momento*. Nesse caso, a relação de tempo presente percebida pelo tempo do sintagma verbal se estende mais dentro do próprio limite de tempo pelo efeito durativo da preposição *até*. São perceptíveis, nesse contexto, os traços (+referência temporal presente/futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

4.3.5 Síntese das funções do *agora* nos períodos conforme a ordem

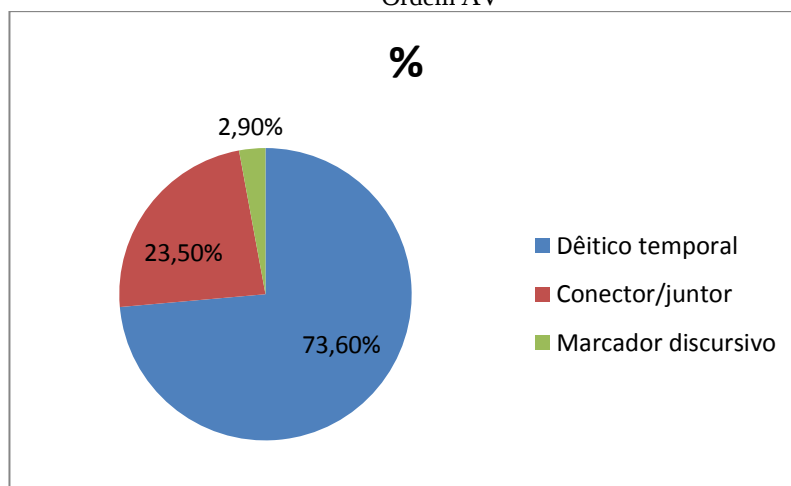
Os gráficos (10), (11) e (12) expõem em síntese o percurso de ocorrências do item em relação à ordem AV relacionadas às funções nos períodos em análise nos dados escritos.

Gráfico 10- Síntese das funções do *agora* nos períodos XIV-XVI-
Ordem AV



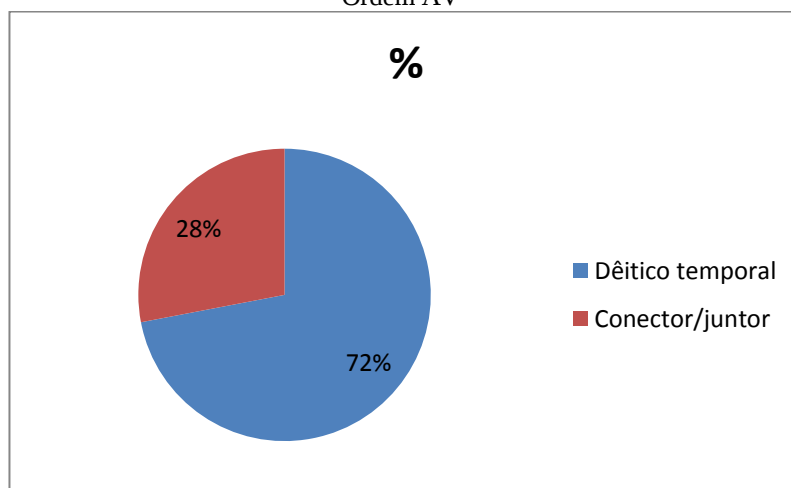
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 11: Síntese das funções do *agora* nos períodos XIV-XVI-Ordem AV



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 12: Síntese das funções do *agora* nos períodos XVIII-XX-Ordem AV

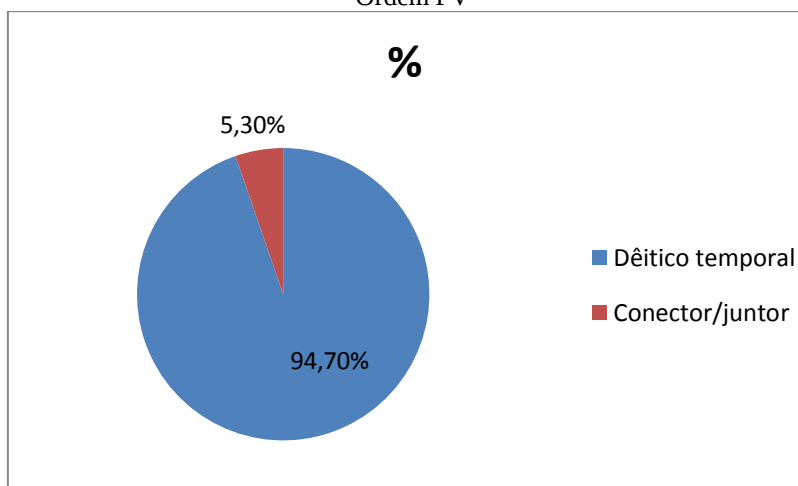


Fonte: elaboração própria.

Na ordem AV, no período XIV-XVI, predomina a função de tempo, com 98,6%, seguida pela função de conector/juntor, com 14%, não chegando à função de marcador. Já no período XVI-XVII, predomina também a função de tempo, com 73,6%, seguida pela função de conector/juntor, com 23,5%, mas chega ao discurso, com 2,9% na função de marcador discursivo. No período XVIII-XX, a função que domina é a de tempo, com 72%, seguida da de conector/juntor, com 28%.

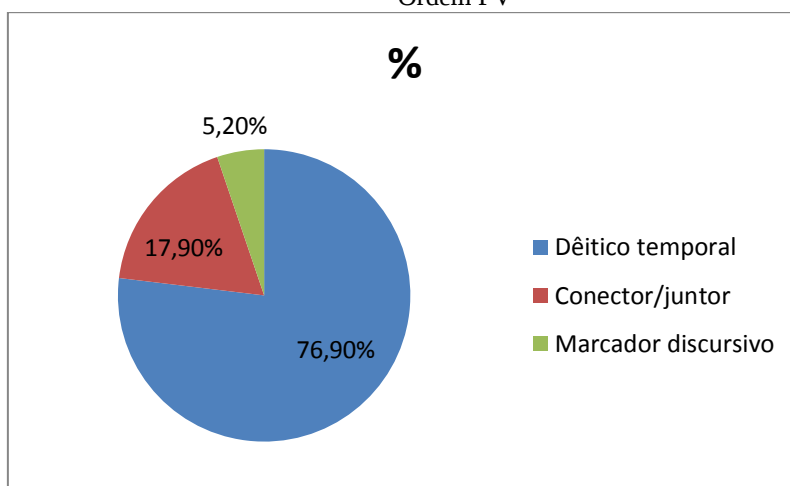
Em se considerando os três períodos, é importante se levar em conta que a função temporal, a despeito de predominar nos três períodos, vai perdendo espaço para as outras funções mais textuais, à medida que o tempo passa. Adiante, expõem-se a trajetória sintética percorrida pelo item na ordem PV, relacionada às funções, considerando-se os períodos selecionados para análise nos dados escritos.

Gráfico 13: Síntese das funções do *agora* nos períodos XIV-XVI-
Ordem PV



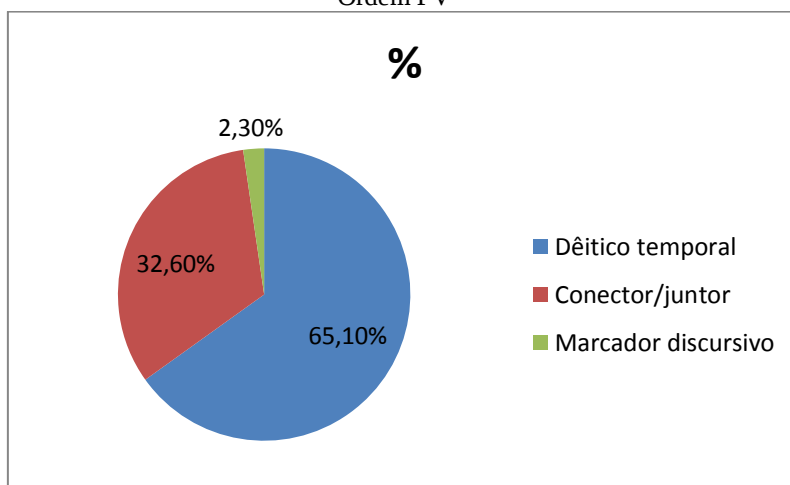
Fonte: elaboração própria.

Gráfico14- Síntese das funções do *agora* nos períodos XVI-XVII-
Ordem PV



Fonte: elaboração própria.

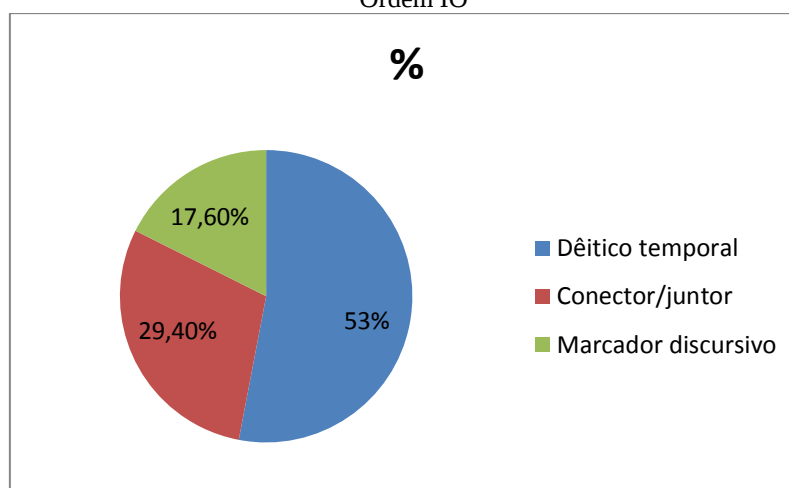
Gráfico 15: Síntese das funções do *agora* nos períodos XVIII-XX –
Ordem PV



Fonte: elaboração própria.

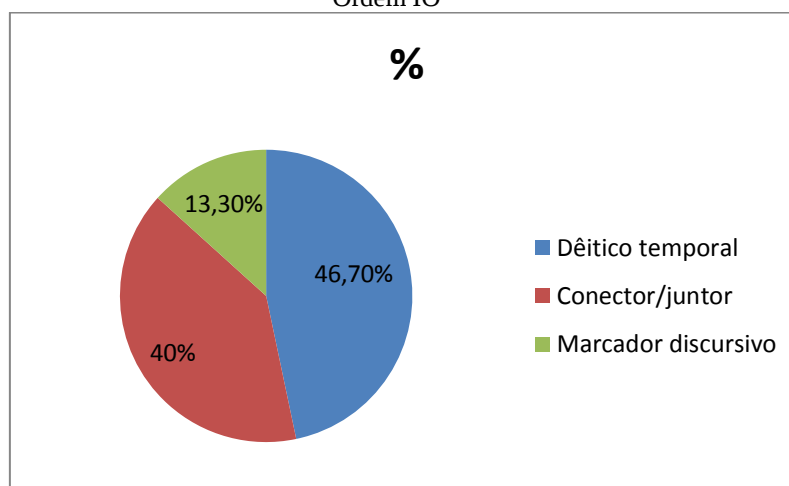
O percurso seguido pela ordem PV não foi muito diferente. De igual modo, predomina em todos os períodos a função temporal, seguida pela de juntor com ocorrências ou não no domínio do discurso. Em termos gerais, registra-se também um aumento gradual das funções textuais, conforme o avanço do tempo para épocas mais atuais. Confira-se, a seguir, a ordem IO correlacionada às funções nos períodos em foco.

Gráfico 16: Síntese das funções do *agora* nos períodos XIV-XVI-
Ordem IO



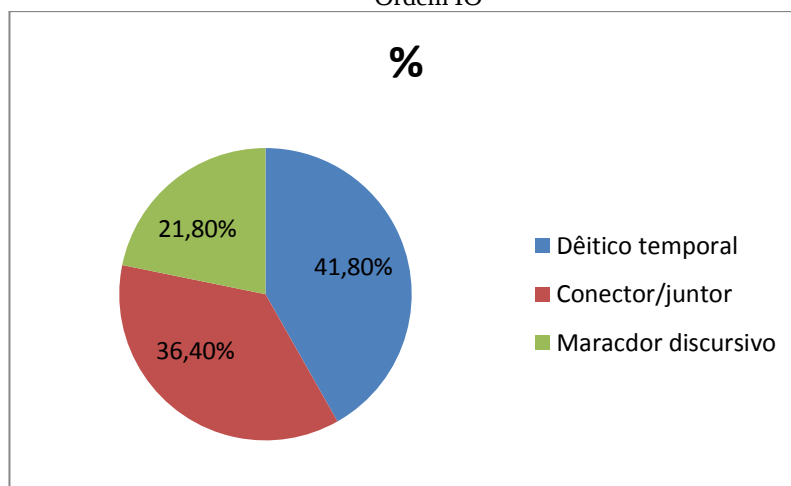
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 17: Síntese das funções do *agora* nos períodos XVI-XVII-
Ordem IO



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 18: Síntese das funções do *agora* nos períodos XVIII-XX-
Ordem IO



Fonte: elaboração própria.

Na ordem IO, o percurso de ocorrências das funções semântico-pragmáticas acontece de forma diferente se comparada às demais ordens. Basta se observar que nessa posição prepondera a função de conector/juntor, embora se visualizem índices próximos de ocorrências entre os valores temporais e de conexão. É possível que esse efeito seja causado pela posição entre parágrafos que, em geral, reporta-se a enunciados anteriores e posteriores, favorecendo o uso da função conectora/juntora.

De acordo com os dados, como já era de se esperar, a ordem AV é detentora do maior número de ocorrências nas funções de dêitico temporal e marcador discursivo, sendo superado apenas pela ordem IO quando no exercício da função de conector/juntor. Ainda se percebe que nas funções mais textuais e discursivas há um movimento maior de distribuição das posições de início da oração, decerto porque a posição de fronteira entre as orações favorece o exercício de funções mais textuais, assim como também uma distribuição mais equilibrada nas três funções.

Para acurar a análise, detém-se sobre a observação do princípio funcionalista da marcação, acreditando que esse pode acusar indícios de motivações que expliquem as tendências graduais de mudança do item em relação às suas multifunções. Será que explica(ria)?

4.4 Da aplicação do princípio da marcação nos dados dos séculos remanescentes³⁹

A marcação é dos princípios funcionalistas que atua pela presença *versus* ausência de uma propriedade. Segundo Givón (2001) um membro do par tem presença de uma propriedade, enquanto no outro essa propriedade se ausenta. Nesse sentido, o princípio tem relação com a frequência de uso, de maneira que a categoria (+complexa) no texto é (+marcada) e em consequência (-frequente) que a não marcada.

Esse princípio tanto diz respeito a categorias linguísticas, como a contextos comunicativos onde um par de membros pode se manifestar. Ainda segundo Givón (2001), explicações a respeito da marcação devem ser específicas de domínio. Assim, correlatos cognitivos, comunicativos da marcação devem apresentar variação de um domínio para o outro, como, por exemplo, na comunicação diária oral são mais frequentes (não-marcadas) as construções com voz ativa e sujeito pessoal, assim como na escrita acadêmica são mais frequentes (não-marcadas) as construções passivas e impessoais (GIVÓN, 2001).

Neste trabalho, enfatize-se, será tratado o nível de marcação dos contextos nos quais se ambientam as funções já indicadas: dêitico temporal, conector/juntor e marcador discursivo.

Para proceder à análise deste tópico, retomam-se os três critérios de análise propostos por Givón (2001) referentes às categorias marcadas e não marcadas já tratados no Capítulo I: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

- a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente;
- b) distribuição de frequência: as construções mais marcadas tendem a ser menos frequentes no texto do que os seus pares;
- c) complexidade cognitiva: as construções ou estruturas marcadas tendem a ser mais complexas, do ponto de vista cognitivo, do que as não-marcadas que a elas correspondem.

³⁹ Ressalte-se que as análises envolvendo o princípio da marcação ocorrem prototipicamente, nos termos de Givón (1995) envolvendo mais de um item ou construção, em relação aos parâmetros elencados pela teoria, assim como envolvendo os itens e alguns contextos, como fizeram Tavares (2003), Silva (2005) e Oliveira (2009), entre outros. Neste trabalho, procura-se relacionar apenas o item *agora* aos diversos contextos, nos quais ele se relaciona, haja vista que se trabalha apenas com um item, na tentativa de relacionar os fatores ao contexto no qual ele se insere, acreditando que tal princípio poderá explicar determinados usos, mesmo com a alteração dos meios. A opção por trabalhar o princípio após cada seção de análise e não em capítulo à parte é porque a pesquisadora acredita que, em sendo assim, esta análise poderá agregar mais consistência aos dados se vier logo após as discussões a respeito dos traços de prototipicidade do que se vier posicionada mais adiante, em capítulo separado.

Desse modo, quanto à complexidade estrutural será (-marcado) o que é morfológicamente mais simples; quanto à complexidade cognitiva será considerado (-marcado) o que é de mais fácil processamento e, no que diz respeito à frequência, o que apresenta maior número de ocorrências (FURTADO DA CUNHA, COSTA, CEZARIO, 2015).

Nessa perspectiva conceitual do que é complexidade estrutural e cognitiva, será guiada esta análise com o propósito de analisar motivações que podem explicar a maior ou menor frequência do item nos contextos sob averiguação. Sendo assim, detém-se, em primeiro lugar, sobre a complexidade estrutural e a cognitiva para depois relacioná-la à frequência do item nos três contextos: dêitico temporal, conector/juntor e marcador discursivo nas sincronias.

Quadro 9: Marcação da complexidade estrutural na língua escrita

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
- complexidade estrutural	+/- complexidade estrutural	+ complexidade estrutural

Fonte: elaboração própria.

No que trata da complexidade estrutural, é relevante atentar para o fato de que a função de dêitico temporal parece menos complexa porque é morfológicamente mais simples nos contextos da língua escrita, especificamente, nos gêneros carta e crônica, que apesar de serem gêneros da escrita, apresentam-se organizados por estruturas mais simples, ordem direta, verbos na modalidade *realis*, traços que são de mais fácil codificação se comparados com seus pares.

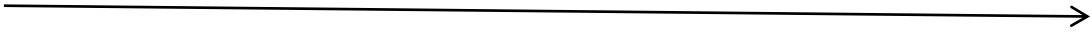
A função de conector/juntor, por se inserir em um ambiente estrutural de relação entre parágrafos, relações lógicas de oposição, causalidade e adição, mecanismos que exigem estruturas complexas com mais volume de texto, torna-se mais ou menos complexa em relação a de dêitico temporal e a de marcador, sendo, por isso, mais ou menos marcada.

Em se considerando o marcador discursivo, nos dados, é o mais dotado de complexidade estrutural porque morfológicamente se insere em um contexto que envolve informações subentendidas, pontuação específica, entonação própria, necessitando de mais

codificação, tornando mais demorada a manipulação do volume de informação, sendo assim, mais complexo, logo, mais marcado.

Adiante, atente-se para o quadro 10, o qual vai tratar da complexidade cognitiva.

Quadro 10: Marcação da complexidade cognitiva na língua escrita

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
		
- complexidade cognitiva	+/- complexidade cognitiva	+ complexidade cognitiva

Fonte: elaboração própria.

Pelo visto, a função de conexão/junção se enquadra, por um lado, num nível parcialmente marcado para a direção esquerda, tendo em vista que o processamento é também parcialmente mais complexo porque nela o item se manifesta como elos coesivos, função mais complexa em sua significação, exigindo, pois, mais esforço cognitivo do que a função de advérbio temporal; por outro lado, situa-se num nível parcialmente complexo porque migra de uma função temporal, mais simples e básica nos dados, logo, (-complexa) cognitivamente, para alcançar uma função de coesão entre os enunciados, a qual, provavelmente requer, tanto de quem produz quanto de quem interpreta, maior esforço cognitivo para o processamento se comparado com a função adverbial. Concomitante a isso, detém menor complexidade cognitiva em relação ao marcador discursivo, que, por sua vez, se envolve em pausas, rompimentos, descontinuidades, mudanças de assunto, ações mentais consideradas mais complexas.

A esse respeito, Ford, Fox e Thompson (2003), já acreditavam que a pausa era considerada um tempo de reflexão de que o falante se utiliza para o processamento cognitivo, sendo, pois, a responsável por aumento de significação. Nesse sentido, Givón (1995, p.406) também acredita que “o tamanho da pausa temporal entre informação corresponde ao tamanho da distância cognitiva temática entre eles”.

Sendo assim, se o princípio da marcação poderá explicar todo o percurso que o item *agora* vem trilhando nas sincronias, considere-se que, decerto, a função de dêitico temporal se exhibe nos dados como menos marcada porque nos textos da escrita ela se mostra mais simples, tanto do ponto de vista estrutural, porque requer menos codificação e do ponto de vista cognitivo porque parece mais fácil de processar. A função de marcador discursivo aparece como o mais marcada, pois ativa relações discursivas não identificáveis na

superfície do texto, mobilizando tarefas relevantes para a introdução, manutenção ou mudança dos tópicos, o que a faz mais produtiva em textos orais do que em textos escritos. Essas características a tornam mais complexa, e certamente, sua frequência mais baixa – seja considerando os dados gerais das três funções, seja relativizando dados das duas modalidades, o que favorece sua produtividade na oralidade - deve-se a essa razão.

Cabe esclarecer que como se trata de dados diacrônicos, esses movimentos vão se ampliando de forma paulatina, muitas vezes, tendo que oscilar entre um posto funcional e outro, envolvendo-se em sobreposições e ambiguidades. Na sequência, o quadro (12) expõe a marcação das funções quanto à frequência.

Quadro 11: Marcação quanto à frequência na língua escrita

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
		
+ frequente	+/- frequente	-frequente

Fonte: elaboração própria.

Levando-se em consideração o critério da frequência de uso, conforme já foi verificado nos dados, o item *agora* se distribui de forma regular e gradativa, sempre numa trajetória do léxico para a gramática. Verifique-se que em todos os períodos registra-se a supremacia dos valores temporais sobre os mais discursivos, fato que se faz mais forte no período XIV-XVI (88,5%), seguindo-se o período XIV-XVII (71,0%) e o período XVIII-XX (58,6%). Numa segunda escala, localiza-se o domínio da conexão/junção, a qual registra uma escala horizontal na direção inversa a dos valores temporais. Nesse estágio, o item se faz menos frequente no período XIV-XVI (9,2%), seguindo o período XVI- XVII (24,2%) e o período XVIII-XX (22,5%). No terceiro estágio, na função de marcador discursivo, o item se desloca também numa escala de gradualidade nos períodos, registrando percentuais de 2,3% no período XIV-XVI; 4,8% no período XVI- XVII e 8,7% no período XVIII- XX.

Anote-se o trânsito dos deslizamentos, em razão da proporcionalidade da mudança de um estágio para o outro. Parece natural que, no período XIV-XVI, estágio no qual o item se faz mais frequente no domínio temporal, registrem-se menos percentuais de ocorrências desse nos estágios mais textuais. Nos demais períodos, a função temporal continua no ápice

do seu poder de uso, entretanto, paralelo a essa realidade, ganham espaço as funções textuais e as discursivas.

Isso significa que há um efeito de equilíbrio à medida que se processa a mudança, uma vez que paralelamente à adesão por uma função mais textual, à medida que o item ganha traços das funções (-prototípicas) perde traços da função (+prototípica) e vice-versa, se forem consideradas as diversas sincronias.

Do exposto, é possível reconhecer-se indícios de uma trajetória de mudança que se evidencia nas alterações quantitativas de uso do item ao longo das sincronias. Isso, certamente, está ligado à complexidade – estrutural e cognitiva – dos contextos. Assim, considera-se que a distribuição de frequência é diretamente influenciada pela demanda estrutural e pela maior ou menor dificuldade de decodificação e processamento que as informações linguisticamente empacotadas deflagram.

Finalizado este capítulo, segue-se outro que tratará da análise do agora na fala e na escrita de textos dos Séculos XX e XXI.

5 DA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DO ITEM AGORA EM GÊNEROS DE FALA E DE ESCRITA EM SINCRONIAS MAIS ATUAIS

Neste capítulo, analisam-se dados, quantificam-se e os distribuem conforme o exercício de funções e subfunções, nas duas modalidades de língua (oral/escrita), nesse caso, com vistas a estabelecer comparações entre as duas modalidades em dados mais recentes - Século XX e XXI, levando-se em consideração fatores de ordem linguística e extralinguística. A princípio, levantam-se as quantidades e percentuais de frequência das funções, verificando os traços (+prototípicos), segundo os domínios funcionais de dêitico temporal/conector/juntor e marcador discursivo, conforme especificadas no quadro (1) do capítulo 4, para em ato posterior verificar-se a atuação do princípio da marcação.

5.1 O item *agora* dos gêneros da fala para a escrita em sincronias mais atuais - de uma visão panorâmica a uma visão específica

A relação entre língua falada e língua escrita vem sendo alvo dos estudos linguísticos nos últimos tempos. Conforme postula Marcuschi (2010, p. 201), “os resultados das investigações, embora ainda limitados e bastante dispersos, vêm mostrando que a questão é complexa e variada”. Para ele, alguns achados já estão se repetindo:

- Existem entre eles mais semelhanças do que diferenças linguísticas e sociocomunicativas;
- há um *continuum* entre as relações de semelhanças e diferenças;
- o *continuum* é a base da compreensão dessas relações escrita/fala;
- fala e escrita operam expressivamente de forma multissistêmica.

Nesse sentido, Marcuschi (2010) acredita na impossibilidade de situar as duas modalidades (fala/escrita) em diferentes sistemas da língua, uma vez que ambas pertencem a um mesmo sistema. Assim pensando, entre fala e escrita se supõe a existência de um *continuum*, não devendo se considerar diferenças dicotômicas entre ambas, pois ainda segundo o autor:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas (sic), seleções lexicais, estilo, grau de

formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos *sobrepostos*. (MARCUSCHI, 2010, p. 42, grifos do autor).

Somando-se ao *continuum* entre as modalidades oral e escrita, acredita-se também que existe um correlato na relação dos gêneros textuais prototípicos da fala e os gêneros prototípicos da escrita.

Por isso, trabalha-se, neste capítulo, com dados que prototipicamente se originaram da escrita e dados que prototipicamente se originaram da fala, considerando que existem tendências e peculiaridades características em suas funcionalidades, embora não se caracterize uma dicotomia.

Em se tratando dos gêneros selecionados para a análise comparativa, é relevante citar Marcuschi (2008, p. 191), quando postula que

uma carta pessoal, um bilhete casual, um telefonema pessoal e uma conversa espontânea têm uma série de aspectos em comum que tanto se revelam nas seleções morfossintáticas, como na natureza do léxico e no grau de monitoramento de enunciação. São gêneros comparáveis e apresentam traços comuns que não necessariamente precisam revelar-se na materialidade linguística.

Diante do exposto, os gêneros carta/crônica e conversa espontânea exibem aspectos que os alinham e os completam de modo que são comparáveis porque fazem parte de um mesmo sistema linguístico e se situam em uma linha escalar.

A seguir, a tabela (6) expõe os dados quantitativos da amostra da língua falada e da escrita em períodos mais atuais.

Tabela 6: Funções do *agora* nas modalidades oral e escrita

Funções	Modalidades	Modalidade oral	Modalidade escrita	TOTAL
Dêitico temporal				
	1.1 Presente	39/41,5%	42/51,4%	81/46,3%
	1.2 Passado	06/6,4%	10/12,3%	16/9,2%
	1.3 Futuro	09/9,6%	04/4,9%	13/7,4%
	Subtotal %	54/57,5%	56/69,1%	110/62,9%
Conector/juntor				
	2.1 Oposição/contraste	21/22,3%	09/11,1%	30/17,2%
	2.2 causalidade	06/6,4%	07/8,7%	13/7,4%
	2.3 adição	02/2,1%	04/4,9%	06/3,4%
	Subtotal %	29/30,8%	20/24,7%	49/28%
Marcador discursivo				
	3.1 mudança de assunto/turno	02/2,1%	04/4,9%	06/3,4%
	3.2 abertura/retomada de tópico/turno	09/9,6%	01/1,2%	10/5,7%
	Subtotal %	11/11,7%	05/6,2%	16/ 9,1%
	TOTAL %	94/100%	81/100%	175/100%

Fonte: elaboração própria.

Panoramicamente, de uma amostra de 175 ocorrências nas duas modalidades, 62,9% ocorreram na função prototípica de dêitico temporal; 28% na função de conector/juntor e 11,7 % na função de marcador discursivo. Os dados (108), (109), (110) e (111) representam, respectivamente, essas funções:

(108) [...] Recebi sua carta datada de 5 do corrente e dela coligi que não tinha recebido um minha carta e a do Costa que seguiu daqui no dia 30 do próximo passado pelo Compadre Joao Ferreira do Cancacam para entregar ao Graia no cipó no dia 3 para este remeter pelo Correio é de supor que já deve estar de posse esta hora cuja resposta é da carta de 18 do próximo passado .

Agora vou responder a de 5 sim Senhor já li o tal nos abaixo-assinado eu fui um dos que assinei e só parecem que foi por castigo pois era propósito meu não assinar papéis desta ordem todas as pessoas desta vila assinarão e gente que nem aqui estavam nessa ocasião apareceu as firma , eu ignorava a desavença sua para com ele , vim desconfiar foi no dia 24 as 10 horas da noite vindo da rua deitar-me quando vejo uma claria 17 junto ao sobrado do Costa aproximei-me a ver o que era ouvi o Geraldo dizer ao Alfere que ele era muito atrevido em trazer o Barão ou o nome do Barão naquele negócio ; [...] (Carta pessoal 489-QJG-12-06-1903[CE-DOHS]).

(109) [...] Cheguei a tal conclusão pensando no casamento . A maioria se casa pensando que a atração que sentem mutuamente é amor . Acabado o encantamento dos primeiros tempos , forçosamente encontrar-se-ão no “ caos monótono das cousas conquistadas ” . Estou errada ? Quanto ao que te disse na festa não se ofenda . Seu procedimento para comigo só merece louvor . Você foi honestíssimo . Nunca me causou nenhum dano moral . **Agora** , se seu me deixei impressionar em e[ss]xcesso com um “ retalho de minha vida ” , a única culpada sou eu . Esqueça-se disto , mas esteja certo de uma vez por todas que “ eu não tenho vocação para drama ” . Meu verdadeiro nome não é Maria Renée . Será que você não sabe ? Ou será que quis encher pap[a]el ?[...] (Carta Pessoal 08-RO-11-01-1949 [CE-DOHS]).

- (110) 0491 F1 narrativas infantis...
 0492 ou então narrativas...
 0493 que se prestem a ser contadas...
 0494 pra/enfim que se prestem...
 0495 pra crianças...
 0496 aí a gente iria usar (os) teóricos que ele já passou...
 0497 foi só o que ele fez...
 0498 desde o começo dessa unidade...
 0499 e de outras disciplinas...
 0500 como prática de leitura e produção de textos...
 0501 como a própria semiótica...
 0502 como as literaturas aí que a gente já pagou...
 0503 (ter uma base) pra aí desvendar os textos mesmos...
 0504 literários infantis...
 0505 **agora...**
 0506 eu num acho que era hora ()....
 0507 tudo bem...
 0508 acrescenta...
 0509 mas num era hora...
 0510 que isso aqui é nem um texto aprofun/de aprofundamento...
 0511 é um texto teórico...
 0512 todo mundo já fez...

(Banco conversacional de Natal, p.22)

- (111) 022 F3 i::xe...
 023 F2 Tianna você vai falando...
 024 vai saindo aí...
 025 F3 e::u...
 026 F2 não **agora** não...
 027 deixe eu [()....]
 028 F3 [você] é quem grava sua (voz)...
 029 F1 hum?
 030 hum... ((em tom afirmativo))
 031 F2 deixe eu fazer um negocinho...
 032 F3 i::xe menino...
 033 parece mais um quadrado...
 034 a cabeça do cara...
 035 a cabeça do homem é quadrada...
 036 [a cabeça do cara...]
 037 [é quadrada...] ((sobre um desenho que Ryan fazia))

(Banco conversacional de Natal, p.166).

O conjunto de dados levantados permite visualizar o item em diversas funções nas duas modalidades. No excerto (108), o item se exhibe em um contexto de valor dêitico temporal que aponta para o valor de *neste momento*. Nesse contexto, os traços (+referência temporal), (+circunstanciador) e (+mobilidade) se fazem predominantes. Já em (109), o item se insere em um contexto mais textual porque é perceptível a sua presença ligando enunciados que se opõem em algum aspecto. Basta se observar a possibilidade de permuta

pelo “mas”, item considerado prototípico de oposição nos muitos contextos de pesquisas linguísticas (Cf. SILVA, 2005). Sobressaem-se, nesse caso, os traços (+conexão), (+oposição), (+fixidez).

De igual modo, em (110), o excerto de conversa também deixa revelar o item no exercício de funções de conector/juntor com nuances de oposição, sobretudo, perceptível pela ativação de traços que se opõem entre parte dos enunciados. Já em (111), o item se envolve em um contexto dêitico temporal com o sentido pontual de presente, observável pela ativação dos traços (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

5.1.1 Agora dêitico temporal nas modalidades

Tabela 6.1: *Agora* dêitico temporal nas modalidades

Funções	Modalidades	Modalidade oral	Modalidade escrita	TOTAL
Dêitico temporal				
1.1 Presente		39/41,5%	42/51,4%	81/46,3%
1.2 Passado		06/6,4%	10/12,3%	16/9,2%
1.3 Futuro		09/9,6%	04/4,9%	13/7,4%
TOTAL %		54/57,5%	56/69,1%	110/62,9%

Fonte: elaboração própria.

O agora dêitico temporal atua nos contextos representando a categoria que expressa as relações de tempo, podendo significar *neste momento, no momento próximo, atualmente, no momento anterior imediato, presente pontual*, assim como o *presente que aponta para o passado ou para o futuro*, ou ainda *por um momento ou por um instante ou até o momento*, entre outros. Retomando os dados de uso do *agora* dêitico nas modalidades, conforme a tabela (6.1), a nuance de presente exerce a supremacia sobre os demais valores, tanto na fala como na escrita. Outro fator que merece comentário nos dados é o fato de a função dêitica temporal ser mais frequente em dados escritos: 69,1% de um total de 175 ocorrências

Modalidade oral

Na modalidade oral, a função de dêitico temporal reflete a realidade já vista nos dados, pois em termos quantitativos é o campeão da preferência de uso, embora divida seus espaços com outras funções. Quanto às subfunções, destaca-se pelo valor de presente: 41,5% das 54 ocorrências dessa função. Os fragmentos de conversas exemplificam tal uso.

- (112) 1002 F2 não...
 1003 mas é até bom...
 1004 porque no outro final de semana...
 1005 eu já vou ter dinheiro livre...
 1006 aí dá pra gente ir porque lá...
 1007 é [carinho é uma facada...]
 1008 F1 [hum:: toda chique **agora**...]
 1009 meni::na...
 1010 F2 é claro né minha filha...
 1011 não...
 1012 é sério...
 1013 porque passa o sábado...
 1014 aí::...
 1015 é::...
 1016 a menina me paga...
 (Banco conversacional de Natal, p. 157)

- (113) 1135 F2 mamãe vai receber...
 1136 mamãe vai...
 1137 mamãe vai receber uns trocadinho aí...
 1138 F1 é esse mesmo negócio...
 1139 que sua mãe vai receber **agora**...
 1140 mamãe também tá na justiça...
 1141 botou até por sinal na mesma época que sua mãe botou...
 1142 só que o da sua mãe saiu primeiro...
 (Banco conversacional de Natal, p.160)

- (114) 348 F5 ei...
 349 (vai buscar) brigadeiro...
 350 F2 (aquilo) engorda...
 351 e eu também...
 352 num tô podendo comer não...
 353 lembrei **agora**...
 354 F5 é o que...
 355 doente?
 356 F2 eu tô com dor de barriga...
 357 mãe...
 358 tem uma graninha aí não...
 359 mamãe?
 360 F6 não
 361 F5 comprar leite condensado...
 362 F2 em Margarida são os olhos da cara...
 (Banco conversacional de Natal, p. 186)

O levantamento desse conjunto de dados permite se verificar o item na função de dêitico temporal com extensões diversas. Em (112), o item ocorre em meio a uma relação de dêitico temporal com valor de presente, ativando-se os traços de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade). Semelhante situação de dêitico temporal ocorre em (113), porém com extensão para o futuro, uma vez que o enunciado da conversa se vincula a uma informação proativa de futuro, perceptível pela força da expressão verbal

[vai receber]. Nesse ambiente, ativam-se os traços (+referência temporal presente/futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade). Do mesmo modo, em (114), visualiza-se o item no exercício de uma função de dêitico temporal, porém, nesse caso, de um ponto do presente ele aponta para o passado, nuance assinalada por força do sintagma verbal de pretérito [passei] ocorrendo no turno do falante. Nesse último, ativam-se os traços (+referência temporal presente/passado), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Modalidade escrita

Na modalidade escrita, quantitativamente, a função de dêitico temporal ganha mais relevo, uma vez que, em termos gerais, compartilha menos espaço com as demais funções. À guisa de ilustração, seguem os exemplos:

(115) Rio , 13. 2. 1935 Dantinhas

Abrços saudosos. Confirno minha carta de 8 último , aérea . Muito obrigado pela presteza e eficiência das suas providências. Vai nesta carta a chave que eu suponho seja da minha secretaria no escritório você a abrirá, encontrando no escaninho superior os títulos em apreço . Sul America - Recebi seu telegrama, anunciando haver pago janeiro e fevereiro . Assim sendo, nada há a pagar **agora**, porque em março ai estarei, e pago eu mesmo . Junto você encontrará a importância de 140\$000, com que o embolso do adiantamento. Se você achar que deve regularizar os títulos, fazendo constar deles o pagamento de que você tem os recibos provisórios, faça-me este favor. Internacional Capitalização - Aqui é o caso de saber, á vista dos títulos, se eu não havia pago , ai , dezembro ! [...] Carta 09-ALCF-13-02-1935 [CE-DOHS]).

(116) Transmitti ao Valdiki Moura o que ai conversamos sobre o irmão, Pedro Moura Junior , escrivão da coletoria de Tanquinho . Ficou muito animado com a sua boa disposição, o que é tudo. Informa-me ele que o irmão é escrivão de coletoria há quatro anos, sendo dois como coletor interino em Tanquinho, categoria e localidade em que desejava **agora** ser efetivado. Mando-lhe, pois, esses pormenores, para sua melhor orientação. E o caso do Lidio, meu empregado? Isso me preocupa, há muito, e estou certo você encontrará a solução. Mando-lhe recorte interessante para a sua gestão, a que desejo crescente prosperidade, isto é , muito dinheiro . Um saudoso abraço do AloysiodeCarvalhoFilho (Carta 12-ALCF-30-08-1947-[CE-DOHS]).

(117) _ Endereço do colega?

_ Viaduto São Sebastião, pilastra nº 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Aparece por lá.
_ Ótimo. Vou aparecer, mas **agora** não. Estou de mudança.
_ Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?
_ Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás, muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuro um na cidade. (De notícias e não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p.31).

A propósito dos dados, é observável o uso do item sob averiguação no exercício prototípico de suas funções temporais no valor de presente com extensões para passado e futuro. Em (115), o item ocorre em um contexto de dêitico temporal com nuance de presente, uma vez que se percebe o valor de *neste momento atual*, além do sintagma verbal no tempo presente. Destacam-se assim os traços de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade). Em (116) e (117), respectivamente, o valor dêitico temporal toca o presente para se reportar ao passado e de outra toca o presente para se prospectar ao futuro. Sobressaem-se no primeiro os traços de (+referência temporal presente/passado), (+circunstanciador) e (+mobilidade) e no último os de (+referência temporal presente/futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

5.1.2 *Agora* conector/juntor nas modalidades

Tabela 6.2: *Agora* conector/juntor nas modalidades

Funções \ Modalidades	Modalidade oral	Modalidade escrita	TOTAL
Conector/juntor			
2.1 Oposição/contraste	21/22,3%	09/11,1%	30/17,2%
2.2 causalidade	06/6,4%	07/8,7%	13/7,4%
2.3 adição	02/2,1%	04/4,9%	06/3,4%
TOTAL%	29/30,8%	20/24,7%	49/28%

Fonte: elaboração própria.

Na função de conector/juntor, o item assume funções mais textuais, tendo em vista que atua na junção ou conexão de orações, enunciados, tópicos cujos matizes variam entre valores de oposição, causa/consequência, conclusão e adição. Em se considerando os dados da tabela 6.2, nas duas modalidades, é mais recorrente o uso do item na função de oposição/contraste, com 17,2%, seguido respectivamente pela causalidade, com 7,4% e pela adição, com 3,4%. No detalhamento, observa-se que o uso do item na subfunção de oposição/contraste foi mais frequente na modalidade oral, com 22,3% dos dados.

Modalidade oral

Na modalidade oral, o item se faz mais recorrente nesta subfunção do que na modalidade de fala. Os excertos (118), (119) e (120) são recortes ilustrativos do item acontecendo nos contextos mais textuais.

- (118) 283 achei que o seis era colocado...
 284 porque o melé tava depois do sete...
 285 mas deixa que era no lugar do oito...
 286 F3 [() **agora...**]
 287 [vale (gritar)?]
 288 F5 [ai Adelino...]
 289 [Lilica...]
 290 F4 aí lascou tudo...
 291 lascou eu e você...
 292 F3 () espirra aí... ((risos))
 293 F2 Lilica ficou com as buchechas inchadas...
 294 F6 Andreliasse...
 295 você nessa posição...
 296 minha filha...
 (Banco conversacional de Natal, p. 184)

- (119) 099 viviam saindo fora da (bolinha)...
 100 F3 () nem quatrocentos...
 101 F2 com seu Manuel...
 102 eu/eu (acredito) que num parece não...
 103 **agora** parece com seu tio...
 104 F5 eu acho seu Manel...
 105 ()...
 106 F2 seu tio tá doente...
 107 ele tá bêbado...
 108 F4 é o fígado...
 109 de tanto beber...
 110 cachaça [()...]
 111 F2 [tá...]
 112 ele num tá...
 113 com cor de gente não...
 114 aquele homem...
 115 F4 pois é...
 (Banco conversacional de Natal, p. 180)

- (120) 1069 os textos mais populares...
 1070 aí tem o quadrinho né...
 1071 e os textos menos...
 1072 menos populares...
 1073 assim...
 1074 populares que eu digo...
 1075 os de realmente ()...
 1076 aí pegava um texto todo escrito...
 1077 de [Monteiro Lobato...]
 1078 F3 [o que eu acho...]
 1079 um texto com a linguagem muito bom...
 1080 é o Bob...
 1081 F2 é...
 1082 também gosto...
 1083 F3 o Fantástico mundo de Bob...
 1084 acho muito interessante...
 1085 F2 também gosto...
 1086 **agora...**
 1087 os Simpsons...

1088		fantástico...	
1089		eu adoro...	
1090		é muito massa...	
1091		assim...	
1092		a nível de linguagem...	
1093		pra você trabalhar pressuposto...	
1094		subentendido...	
1095		mais tem...	((risos))
1096	F3	tem demais...	
1097	F2	ironia...	
1098	F1	eu lembro...	
1099	F2	e outras formas de linguagem...	
1100	F1	quando eu lembro...	

(Banco conversacional de Natal, p. 35)

Os excertos em exposição revelam o item sob análise em exercícios funcionais considerados mais textuais. Pelo observado, ele se envolve em uma relação de conector/juntor, contudo, percebe-se que em cada contexto exerce um matiz diverso. Em (118), o turno da conversa em que ocorre o *agora* encadeia uma relação de causa-consequência, já que a atitude de gritar foi gerada pela boa colocação no jogo. Sobrepõem-se, então, os traços de (+conexão), (+causalidade), (+fixidez). Por sua vez, em (119), o item acontece em meio a informações que contrastam por força de comentários negativo/positivo, sobrepondo-se os traços (+conexão), (+oposição), (+fixidez). Por fim, em (120), a conexão ou juntura se realiza pela ação de informações que se somam na sequência de falas ou de turnos dos interlocutores, delineando-se um matiz de adição. Nesse caso, são ativados os traços (+conexão), (+aditivo), (+fixidez).

Modalidade escrita

Na modalidade escrita, a despeito de ser recorrente, se comparado à modalidade escrita do período, o item ocorre em índices menores nessas subfunções. Os dados levantados a seguir constituem exemplificação de seu uso em dados da escrita.

(121) Uma dona da nossa família era casada com ele. Naquela base, entende? O padre morreu, a comadre guardou o banco de lembrança. O senhor vê que este banco é sagrado. Não vendo ele pra Onassis nenhum. Ninguém tem o direito de sentar nele. Nem eu. Sou pobre mas sustento a honra do passado. **Agora** que já sabe tudo, o senhor aceita uma xícara de café coado na hora? (De notícias e não-notícias faz-se a crônica, Carlos Drummond de Andrade, p. 100)

(122) Sem eu não tinha te escrito pois não queria que os linguarudos dissesse que eu já tinha ido embora da guanabara mas mesmo assim só quero que comfei nas minhas

palavras e de mais alguém . pois são latras Profundas e mesmo por isto quero te pedir que < ↑ PALAVRAS > procuram se distrair se recuperar normalmente pois graças ao bom Deus não sou aquilo que muitos disem e nem por isto tenho tristeza pois tenho as minhas Personalidade limpa .

Sim Lourdes você devem ter uma ideia que a quem tanto [?] sculir para entregar o meu coração não vou dar o desprezo sem nem um motivo e graças a Deus não sou [?] negativo. **.agora** o que não tenho certeza e se vamos ficar aí ou não pois ainda não tenho realidade mais isto não me e problema .

meu bem estes que falam de mim e por que tem inveja Sem peço lhe que [[que]] dei o meu abraço em Dasnevis e os meninos aceite todos os meu abraços e dona nica aseite a minha benção . e vou finalizar enviando muita lembrança para Lusto e Iris .

(Carta 16-AAD-26-10-1968 -[CE-DOHS]).

(123) Minha querida Yáyá

Fazia intenção de lhe escrever no sábado, mas não sei como me distraí , de modo que quando dei acordo de mim , já tinha passado a hora da mala .

Mamãezinha ainda não está livre da gripe, diz Dr. José Olympio que quando é recaída 1 , custa muito a passar . Mariquinhas é de pouco comer, mas com o fastio da gripe, se alimenta pouquíssimo.

Agora está Celina gripada; adoeceu justamente no dia que Joaquim foi para a Bemfica. Felizmente é coisa benigna, pois a febre não passou de 37,4.

Ontem , como não choveu , fui á Boa Viagem

[footer: 1 Borrado .[...]

(Carta 16-ATW-12-06-1934-[CE-DOHS]).

O grupo de ocorrências reflete o uso do item nas funções mais textuais em textos escritos. Em (121), o *agora que* assume uma função de conector com nuance de causalidade, tendo em vista que figura com a subfunção de causa/consequência, ativando-se os traços de (+conexão), (+causalidade), (+fixidez). Já o (122) consta em uma relação de oposição/contraste entre os enunciados afirmativos/negativos, enfatizando-se os traços de (+conexão), (+oposição), (+fixidez). Por sua vez, o dado (123) exhibe conteúdo de valor aditivo pondo em relevo os traços de (+conexão), (+aditivo), (+fixidez).

5.1.3 *Agora* marcador discursivo nas modalidades

Tabela 6.3: *Agora* marcador discursivo nas modalidades

Funções	Modalidades	Modalidade oral	Modalidade escrita	TOTAL
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno		02/2,1%	04/4,9%	06/3,4%
3.2 abertura/retomada de tópico/turno		09/9,6%	01/1,3%	10/ 5,7%
TOTAL		11/11,7%	05/6,2%	16/9,1%

Fonte: elaboração própria.

Na função de marcador discursivo, o item avança para um contexto mais discursivo cuja atuação parece acontecer na organização do discurso, preparando o interlocutor para a mudança de assunto ou de tópico, assim como para abertura de tópico/turno ou a retomada deles. Na escrita, ocorre, geralmente depois de pausas marcadas por vírgulas, quando entre os enunciados. Na fala, também atua na organização do discurso, comportando-se de forma mais farta entre pausas mais demarcadas com suspensão de pensamento entre os turnos, deixando-se entrever relações intratextuais. Vale ressaltar que em ambas as modalidades subjaz a ideia de *dêixis* discursiva, ou seja, daquilo que aponta para a direção do discurso, incitado pelo contexto interacional. Em termos de percentuais, de acordo com a tabela 6.3, o item é pouco produtivo ainda nas duas modalidades, se comparado às funções de dêitico temporal e de conector, sendo um pouco mais recorrente nos contextos de fala, o que já era esperado.

Modalidade oral

Na modalidade oral, a função é bem mais produtiva (11,7%) de 94 dados, talvez porque o ambiente familiar e espontâneo da conversa favoreça o uso do item como organizador de tópico. Atente-se para os dados:

- | | | | | |
|-------|------|----|---|-----------|
| (124) | 1489 | F1 | aqui de fato... | |
| | 1490 | | a gente não enxer/não vê a realidade né? | |
| | 1491 | | quer dizer... | |
| | 1492 | | existe uma coisa que é o signo... | |
| | 1493 | | que vai substi/ que substitue o/... | |
| | 1494 | | num dado momento o objeto... | |
| | 1495 | | () | |
| | 1496 | | num é assim? | |
| | 1497 | F2 | menina mas isso [aqui...] | |
| | 1498 | F1 | aí tem o [imediato e o::] | |
| | 1499 | F2 | agora me diga como é que a gente vai transferir... | |
| | 1500 | F1 | a gente vai transferir da seguinte maneira... | |
| | 1501 | | por exemplo... | |
| | 1502 | F2 | é só isso que eu quero saber agora... | |
| | 1503 | F1 | ó J... | |
| | 1504 | | assim você já tá querendo demais... | |
| | 1505 | F2 | não... | ((risos)) |
| | 1506 | | porque... | |
| | 1507 | | tá entendendo C.... | |
| | 1508 | | o que eu quero dizer? | |
| | 1509 | F3 | tô entendendo... | |

(Banco conversacional de Natal, p. 44)

- | | | | |
|-------|-----|----|--|
| (125) | 001 | F1 | é porque eu estou precisando de dez... |
|-------|-----|----|--|

002	F2	pra quê?
003	F3	tem certeza?
004	F1	pra eu ir pro <i>show</i> ...
005	F2	agora diga qual é o <i>show</i> ...
006	F3	de Reginaldo Rossi...
007	F2	por aí você tira...
008	F3	e a senha...
009		é quanto?
010	F1	oito...
011	F2	eu vou também...
012		quando é?
013		sim...
014		é dia dez...
015		é eu vou...

(Banco conversacional de Natal, p.129)

Os excertos (124) e (125) acusam o uso do item na função de marcador discursivo, tendo em vista que parece guiar a mudança de turno dos falantes, associando-se a um tópico contíguo no processo interacional, quando se percebem atenuados os traços (+prototípico) de (+referência dêitico temporal) para dar lugar ao traço (-prototípico) de (+discursivo).

Modalidade escrita

Na modalidade escrita, o item é menos produtivo nessa função, haja vista que ocorre em 6,2% de um total de 81 dados. Eis algumas evidências:

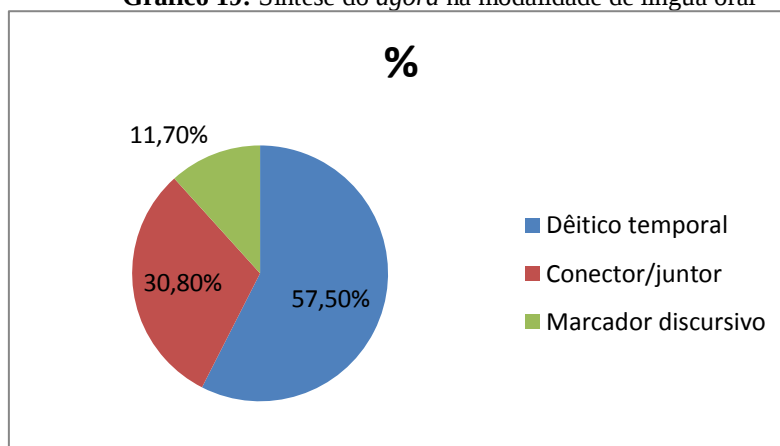
- (126) Dantinhas – ciente do que me diz sobre a vitória final na Academia de Letras . Efetivamente, recebi da arauta o ofício comunicando a perda do Carneiro Ribeiro Filho , e a conseqüente abertura de in [...] rições , ao mesmo tempo em que aviso a sua eleição por 26 votos , “ após a renúncia do candidato Aloysio Henrique de Barros Porto , com fito superior , honroso para si e para a Academia ” . Que participação extravagante! Também ciente do que me diz sobre a saída do coletor de Nilo Peçanha. Certo. **Agora**, outro assunto: recebi ontem telegrama urgente de João Torres Lopes Primo, escrivão na Feira, anunciando o acesso de classe, mas a designação, pela portaria 875, para servir em Valença. Deseja, entretanto, continuar na Feira, onde tem família, e pais , velhos . A razão de me procurar é a seguinte: filho do meu velho amigo de Cruz de Almas, e depois da Feira, coronel Rosendo Lopes, assisti ao seu ingresso, por concurso, na carreira de exator, ajudando-o, desde então, até a atual situação, através de Costa Lino , Marback , [...] (Carta 14-ALCF-28-09-1949, [CE-DOHS]).
- (127) [...] Não pode me ajudar, lembrando? Vamos, lembre, lembre, é tão simples. Bem, **agora** o seu fim de semana. Quais os movimentos do meu amigo, a partir do instante em que põe o pé na rua, no sábado? Falta pouco para terminar, mas que é isso? Está se sentindo mal? Aborrecido comigo? Porventura acha que fui indiscreto, eu que tive o maior cuidado em não devassar o que quer que fosse de sua vida particular, dos refolhos de sua *privacy*? (De notícias e não-notícias faz-se a crônica, Carlos Drummond de Andrade, p. 158).

Os dados (126) e (127) assinalam o uso do *agora* na função de marcador discursivo, ingressando em uma porção mais abstrata do texto. Em (126), ele apresenta propriedades similares a de um marcador de mudança de assunto, embora não se registrando pausas maiores entre os enunciados, como é mais comum nos marcadores da modalidade oral. Em (127), ela aparece imediatamente após um marcador de interação, porém deixa perceptível o *agora* também em uma função interativa de mudança de assunto na sequência dialogal da crônica, pondo em evidência, nos dois casos, os traços de (+discursivo) e (+mudança de assunto). Soma-se a isso, o fato de que o elemento pode ser retirado da frase sem comprometer-lhe o sentido.

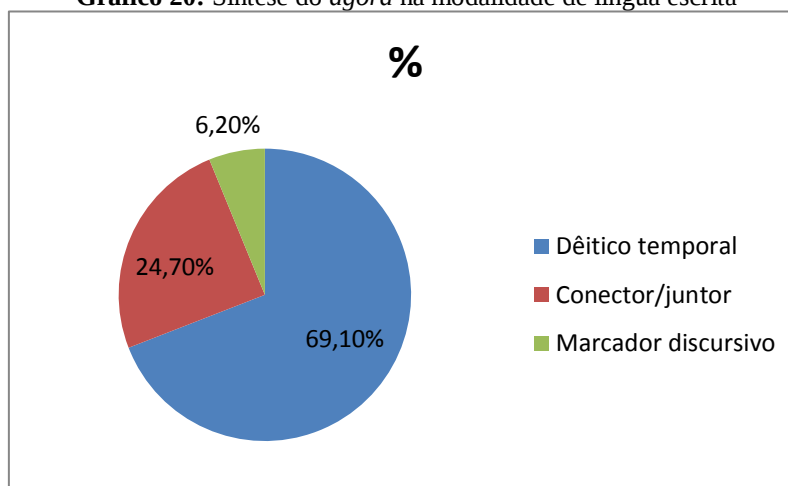
5.1.4 Síntese das funções do *agora* nas duas modalidades

Os gráficos a seguir expõem sinteticamente as funções do item, levando em consideração a fala e a escrita.

Gráfico 19: Síntese do *agora* na modalidade de língua oral



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 20: Síntese do *agora* na modalidade de língua escrita

Fonte: elaboração própria.

Diante dos dados do gráfico, observa-se que os números evidenciam a categoria dêitico temporal como sendo maioria nas duas modalidades, portanto, considerada (+frequente), seguida pela função de juntor e marcador, respectivamente (+/-) frequente e (-frequente). Contudo, se se comparar o valor temporal nas duas modalidades, nota-se que na língua oral há um aumento na função de juntor e marcador se consideradas as duas modalidades.

Expostos os quantitativos, segue-se a análise da ordem sintática correlacionada às funções nas modalidades oral e escrita.

5.2 Ordem sintática relacionada às funções nas modalidades

Considerando que a ordem estrutural pode estar relacionada a fatores interpessoais e representacionais do mundo comunicativo e cognitivo, os quais podem determinar preferências e escolhas linguísticas, enfatiza-se, neste tópico, a arquitetura sintática correlacionada às funções do *agora* nas duas modalidades. Para analisar este tópico, retomam-se as denominações definidas no capítulo 4, seção 4.3, as quais foram utilizadas, quando da análise da ordem através dos séculos, na modalidade escrita. Neste caso, averigua-se a ordem relacionada às funções nas modalidades oral e escrita em séculos mais recentes, adiante explicitadas e exemplificadas através de ocorrências dos *corpora* nas duas modalidades. São elas:

AV- anteposta ao verbo, geralmente ocorrendo após um verbo, independente da existência ou não de material linguístico interveniente entre eles, sem que esteja iniciando

uma oração ou enunciado. Os excertos (128) em (129) foram selecionados para exemplificar essa ordem nas duas modalidades de língua.

- (128) 0034 F2 [não...]
 0035 é livro assim que...
 0036 possa assim...
 0037 cortar que você não queira mais mesmo...
 0038 porque Layce tinha um de português lá que tinha um...
 0039 uns desenhinho bons...
 0040 que eu pegava e cortava...
 0041 pra levar pra os menininho que eu preciso...
 0042 Dayane...
 0043 comprar um bocado de coisa pra eles...
 0044 eu acho que **agora**...
 0045 eu vou numa:: livraria comprar joguinho...
 0046 comprar num sei o quê...
 0047 F1 sabe onde é que tu encontra jogo?
 0048 assim barato...
 0049 no um e noventa e nove...
 0050 F2 é...
 0051 mas tem que ser uma coisa assim...
 0052 F1 sabe aonde?

(Banco conversacional de Natal, p. 136).

- (129) Viu? Você passou a compreender a primeira letra da barata. Não é “i” de imunda, é “m” de miséria. Pobre ser miserável, condenado a destruir e ser destruído. Criação triste da natureza.

_ Começo a ter pena da baratinha.

_ Mas **agora** é tarde. Ela está se movendo, não parece mais disposta a uma aliança comigo. Retomou o ar dissimulado. Vou matá-la.

_ Não faça isso, espere...

_ Pronto. Matei.

_ Monstro!

Ah, mulheres, mulheres!

(De notícias & não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p. 137).

Os exemplos selecionados acusam o item acontecendo na posição AV, ou seja, em posição anterior ao verbo da oração ou do enunciado. Em ambos os exemplos, verifica-se o item no exercício da função de dêitico temporal no valor extensivo de futuro, no primeiro caso, e de valor pontual de presente, no último caso. No primeiro exemplo, destacam-se os traços (+referência temporal presente/futuro) (+circunstanciador) e (+mobilidade) e no último (+referência temporal presente) (+circunstanciador) e (+mobilidade).

PV- posposta ao verbo, geralmente ocorrendo após um verbo independente da existência ou não de material linguístico interveniente entre eles, a exemplo das ocorrências (130) e (131).

- (130) 0684 F1 tu é um ano mais velha que eu doida...
 0685 [tu vai estar com trinta e um...]
 0686 F2 [perai trinta e um?]
 0687 é mesmo...
 0688 vixe...
 0689 até parece... ((risos))
 0690 F2 mulher...
 0691 tia Zélia ligou **agora** lá pra casa...
 0692 pra dizer que::...
 0693 F1 fo::i?
 0694 onde é que ela tá?
 0695 F2 tá no treino de v/treino de vôlei...
 0696 disse que foi treinar na escolinha lá do vôlei...
 0697 aí Betânia...
 0698 que é a:: treinadora dela gostou do::...
 0699 dela jogando...
 0700 e chamou ela pra treinar na equipe...
 (Banco conversacional de Natal, p.150)

- (131) Não sei explicar como se arranhou vir o corpo 1 de Mauricio – Deus teve pena do 2 que havíamos de passar durante os anos que ele ficasse atirado lá em Singapura . Com certeza não será **agora** que Você venha fazer companhia aos exilados , só será depois de nosso Bóló descansar em terra natal . A minha dôr é grande por não poder estar aí nessa ocasião , mas resigno me á Vontade de Deus.(Carta pessoal 05-ATW-30-08-1922[CE-DOHS]).

Conforme se pode visualizar, o item nesses contextos atua em posição PV, ou seja, na ordem pós-verbal. Em (130), ocorre na função de dêitico temporal com extensão de passado, ativando-se os traços de (+referência temporal passado), (+circunstanciador) e (+mobilidade). Semelhante condição significativa de dêitico temporal acontece com o exemplo (131), embora nesse a extensão seja para o futuro, ativando, pois os traços de (+referência temporal futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

IO- posição no início da oração ou de tópico, abrangendo um contexto maior. Os fragmentos (132) e (133) acusam tal posição:

- (132) 1573 o próprio conteúdo...
 1574 é que que que faz com que ela escrever assim...
 1575 entendeu?
 1576 F1 tudo pode ser explicado [(ao outro...)]
 1577 e tudo pode ser esclarecido...
 1578 F2 **[agora era...]**
 1579 **agora** era...
 1580 obrigação dele...
 1581 fazer assim...

1582 se ele quisesse né...
 1583 que a gente...
 1584 fizesse as relações...
 1585 porque esse texto...
 1586 se ele conhece o texto...
 1587 ele ia vê que::...
 1588 pelo amor de Deus...
 (Banco conversacional de Natal, p. 46)

- (133) Ainda me sinto ressentido de você dizer que estraguei sua vida, embora eu tivesse desculpado estas palavras, considerando-as como dramatismo momentâneo e que nem mesmo você acreditara no que dissera. Uma “mascarazinha”. Mas, nunca você esteve tão perto de me ofender. Por isso eu pergunto: Não lhe causarei mal em manter correspondência ? Tempos atrás, eu compreendi que assim seria e fui bastante honesto em lhe evitar qualquer dano moral. E não lhe escrevi mais do que uma carta. . (Até esta justificativa eu tenho para opor à suas palavras.) - **Agora** , porém , você é capaz de decidir . Bem! Chega! A pedra vai grande desta vez. (Carta Pessoal 07-OR-30-12-1948[CE-DOHS]).

Os fragmentos de textos selecionados exemplificam o uso do item em análise na posição de início de tópico ou de oração, com uma abrangência contextual mais ampla. Em (132), observa-se o *agora* no exercício da função de conector/juntor com nuance de oposição, pondo-se em relevo os traços de (+conexão), (+causalidade), (+fixidez). Em (133), ele se envolve em uma relação de dêitico temporal com valor pontual de presente. Nesse caso, ativam-se os traços de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

FO- posição no final da oração ou turno, demarcando-se o final pela marca de ponto na escrita ou de pausas maiores no final do turno na oralidade. Eis os exemplos (134) e (135) representando o item em tal posição.

- (134) 2592 eu vou pra casa...
 2593 [tomá um banho descansá e estudá...]
 2594 F2 [A. é da sua turma?]
 2595 [A....]
 2596 F1 () tá bom...
 2597 ele fez a última **agora** ()...
 2598 F3 ei eu vou lá...
 2599 então a gente se encontra amanhã?
 2600 que horas?
 2601 F2 amanhã...
 2602 na aula mesmo
 2603 F1 na aula a gente se encontra e marca...
 2604 você faz Q.?
 2605 você faz...
 2606 psicologia? ((corte na fita))

2.1 Oposição/ Contraste	16/34,8 %	-	05/21,7%	-	04/15,4 %	-	05/17,3%	-	30
2.2 Causalidade	03/6,5%	01/7,2%	02/8,7%	-	03/11,5 %	-	04/13,8%	-	13
2.3 Adição	01/2,2%	-	01/4,4%	-	01/3,9%	-	03/10,3%	-	06
Subtotal %	20/ 43,5%	01/ 7,2%	08/ 30,8%	-	08/ 30,8%	-	12/ 41,4%	-	49
Marcador discursivo									
3.1 mudança de assunto/ Turno	-	-	02/	-	-	01/4,8%	03/10,4%	-	06
3.2 abertura/ retomada de tópico/ turno	-	-	09	-	-	-	01/3,4%	-	10
Subtotal %	-	-	11/42,3 %	-	-	01/4,8 %	04/13,8 %	-	16
TOTAL %	46/ 100%	14/ 100%	26/ 100%	08/ 100%	26/ 100%	21/ 100%	29/ 100%	05 100 %	175

Fonte: elaboração própria.

Em termos gerais, segundo a tabela, a ordem AV é a mais recorrente na modalidade oral com 46 ocorrências de um total de 94 e a ordem IO, na modalidade escrita, com 29 ocorrências de um total de 81 dados. Em se tratando especificamente da ordem AV, visualiza-se que esta acontece prioritariamente com o item no valor de dêitico temporal com 56,5% de um montante de 46 ocorrências na modalidade oral e 69,2% de um total de 26 na modalidade escrita.

Convém se ressaltar que a ordem IO/IT na modalidade oral se fez mais recorrente correlacionada à função de marcador discursivo: 42,3% de um grupo de 26 dados. Na modalidade escrita, a recorrência maior fica a cargo da função de dêitico temporal, seguida pela função de conector/juntor.

Ainda a respeito da ordem IO/IT, faz-se necessário comentar que a função de marcador discursivo ocorre quase que completamente vinculada a essa ordem, pois se registra apenas um caso da função relacionada a outra posição que não é a IO/IT.

Outro fator digno de nota concerne à posição FO/FT, a qual só ocorre no posto de dêitico temporal, tanto na modalidade oral como na escrita. A tabela, a seguir, expõe de forma mais específica os dados na ordem AV, levando-se em consideração as duas modalidades de língua.

5.2.1 Ordem AV nas modalidades

Tabela 7.1: A ordem AV/funções nas modalidades

Funç. \ Mod.	Modalidade oral	Modalidade escrita	Total
Dêitico temporal			
1.1 Presente	19/41,3%	14/53,8%	33
1.2 Passado	03/6,5%	04/15,4%	07
1.3 Futuro	04/8,7%	-	04
Subtotal %	26/ 56,5%	18/ 69,2%	44
Conector/juntor			
2.1 Oposição/ Contraste	16/34,8%	04/15,4%	20
2.2 Causalidade	03/6,5%	03/11,5%	06
2.3 Adição	01/2,2%	01/3,9%	02
Subtotal %	20/ 43,5%	08/ 30,8%	28
Marcador discursivo			
3.1 mudança de assunto/ turno	-	-	-
3.2 abertura/ retomada de tópico/ turno	-	-	-
Subtotal %	-	-	-
TOTAL %	46/ 100%	26/ 100%	72

Fonte: elaboração própria.

Modalidade oral

Na ordem AV, na modalidade oral, predomina a função de dêitico temporal, especificamente, com o valor de presente. Nesse ambiente, é perceptível que a função de conector/juntor vai ganhando espaço em funções mais textuais com realce para a nuance de oposição/contraste.

Merece destaque também o fato de não se registrar nenhum caso de marcador discursivo nessa posição.

O excerto (136) ilustra o item nessa posição na modalidade oral:

- (136) 0976 o trabalho ficava muito interessante...
 0977 é vê por exemplo...
 0978 coisa que é muito conhecida...
 0979 geração e geração leram e vão ler...
 0980 turma do cebolinha né...
 0981 da Mônica...

0982	F2	da Mônica...
0983	F1	então é inte/dá um trabalho danado...
0984		a pessoa pegar...
0985		e hoje isso já tá aqui...
0986		tá no estojo...
0987		já virou...
0988		e agora vai...
0989		o que meu Deus que eu vi...
0990	F2	vige tem tanta/tem danone...
0991		tem um monte de coisa...
0992	F1	tem danone...
0993		tem nesses produtos né...
0994		de alimentação...
0995		tem em televisão...
0996		tem...
0997		nos quadrinhos...
0998		(que é como surgiu...)
0999	F2	tem nos cinemas...
1000	F1	no cinema...
1001		() fazer um trabalho muito aprofundado...
1002		fazer...
1003		como como...
1004		como é manipulada a linguagem...
1005		quando transfere de um [meio pra outro...] (Banco conversacional de Natal, p.33)

Pelo excerto, visualiza-se que o *agora* ocorre na posição antes do verbo, ou seja, AV. No contexto, o item assume a função de conector/juntor com valor de causalidade, visto que se percebe uma relação de causa/consequência entre os enunciados, evidenciando-se os traços de (+conexão), (+causalidade), (+fixidez).

Modalidade escrita

Na modalidade escrita, destacam-se a função de dêitico temporal, com 53,8% de um total de 26 ocorrências. À semelhança da modalidade oral, nessa modalidade, o item assume valores de conector/juntor, sem chegar ao que se está denominando discurso, porém, em índices menores nesta, se comparadas as duas modalidades, possivelmente motivado pela tendência a acompanhar um verbo. Para exemplificar a posição na modalidade segue um recorte da amostra:

- (137) Será que esta vai lhe encontrar em Valente ou em Salgadália ? Resolvi mandar para aí por você me disse que depois do dia 30 de outubro já estaria em Valente .
E **agora** você vai ficar parado ? terminar seus estudos até o fim do ano , sem perder mais aulas ; ou vai viajar para outra cidade ?

Na escola eu vou indo bem , já estou passada em uma matéria , nas outras ainda não recebi a segunda nota . Mas eu sei que terei de fazer duas finais , precisando de pouca coisa .(Carta 23-APACA-01-11-1980 [CE-DOHS]).

No excerto de carta, exemplifica-se um caso em que ocorre a ordem AV. Visualiza-se, nessa posição, o item no exercício da função de dêitico temporal, cujos destaques ficam a cargo dos traços (+referência temporal futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

5.2.2 Ordem PV nas modalidades

Tabela 7.2: A ordem PV/funções nas modalidades

Mod. Funç.	Modalidade oral	Modalidade escrita	Total
Dêitico temporal			
1.1 Presente	08/57,1%	11/52,4	19
1.2 Passado	01/7,1%	05/23,8	06
1.3 Futuro	04/28,6%	04/19,0	08
Subtotal %	13/ 92,8%	20/ 95,2%	33
Conector/juntor			
2.1 Oposição/ Contraste	-	-	-
2.2 Causalidade	01/7,2%	-	01
2.3 Adição	-	-	-
Subtotal %	01/ 7,2%	-	
Marcador discursivo			
3.1 mudança de assunto/ Turno	-	01/4,8%	01
3.2 abertura/ retomada de tópico/ turno	-	-	-
Subtotal %	-	01/4,8%	02
TOTAL%	14/ 100%	21/ 100%	35

Fonte: elaboração própria.

Modalidade oral

Na posição PV, o item ocorre com menos frequência do que na posição AV, acontecendo predominantemente na função de dêitico temporal no valor de presente (92,8%), com uma pequena parcela de ocorrência no plano textual (7,2%), não chegando ao discurso. Os fragmentos (138) e (139) são exemplos do item atuando nessa posição na modalidade oral.

- (138) 1156 o curso?
 1157 F2 sim...
 1158 quer ou não quer?
 1159 F3 se der...
 1160 eu queria terminar esse ano...
 1161 F2 você tá nivelada?
 1162 F3 não...
 1163 tem uma disciplina...
 1164 F1 qual é?
 1165 F3 a que vocês tão pagando **agora...**
 1166 história...
 1167 da...
 1168 da...
 1169 da...
 1170 F2 história da língua portuguesa...
 1171 F1 bateu horário foi?
 1172 F3 foi...
 1173 com:: literatura portuguesa...
 1174 pagando [com C....]
 1175 F2 [três?]
 1176 F3 é...
 1177 F2 ah...
 1178 mas isso aí dá...
 (Banco conversacional de Natal, p.37).

O fragmento de conversa mostra o item na posição pós-verbal, ocupando a função de dêitico temporal com valor de presente, exibindo, pois, traços prototípicos de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Modalidade escrita

O mesmo pode ser dito em relação à modalidade escrita, pois, nesse contexto, o *agora* ocorre com maior índice na função prototípica de dêitico temporal, 95,2% de 21, registrando apenas uma pequena entrada pelos campos mais discursivos. O exemplo (147) retrata o item nesse ambiente:

- (139) [...] O meu trabalho presente é equilibrar uma cousa à outra. Até que –, possivelmente sem eu notar – outras transformações se processem e eu me veja coerente, unificado. São tantas as razões de uma angústia! Que o melhor é acreditar na inconstância humana e se agarrar desesperadamente ao Tempo que sanará tudo, uma vez que a que sinto **agora** será substituída por outras e outras até que um dia, enfim, nenhuma. Mas eu sei que há outra solução que nada tem de conformista e que me dará a quietude. Tudo isto que escrevi acima, extrai d'um rascunho. Que talvez tenha sido escrito só para mim, nojento pesquisador que sou! Porém... Que vou escrever a você? Não será com cartas que nos conheceremos. [...] (Carta 09- OR-25-01-1949- [CE-DOHS]).

Na amostra, observa-se que *agora* aparece nesse contexto em uma posição pós-verbal, embora se o visualize dubiamente na posição pré-verbal/pós-verbal, talvez ocasionada pela predisposição do item a assumir mais mobilidade neste posto funcional, tendo em vista estar assumindo funções (+prototípicas) de dêitico temporal, exaltando-se os traços de (+referência temporal presente/presente; presente/futuro), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

5.2.3 A ordem IO/IT nas modalidades

Tabela 7.3: A ordem IO/IT/funções nas modalidades

Modalidades Funções	Modalidade oral	Modalidade escrita	Total
Dêitico temporal			
1.1 Presente	07/30,4%	12/41,4%	19
1.2 Passado	-	01/3,45	01
1.3 Futuro	-	-	-
Subtotal %	07/30,4%	13/44,8%	20
Conector/juntor			
2. 1 Oposição/ Contraste	05/21,7%	05/17,3%	10
2.2 Causalidade	02/8,7%	04/13,8%	06
2.3 Adição	01/4,4%	03/10,3%	04
Subtotal %	08/ 34,8%	12/ 41,4%	20
Marcador discursivo			
3.1 mudança de assunto/ turno	02/7,7%	03/10,4%	05
3.2 abertura/ retomada de tópico/ turno	09/34,6%	01/3,4%	10
Subtotal %	11/42,3%	04/13,8%	15
TOTAL %	26/ 100%	29/ 100%	55

Fonte: elaboração própria.

Modalidade oral

Na modalidade oral, percebe-se uma associação maior da ordem IO/IT à função de marcador discursivo (42,3%) e a funções mais textuais como a de conector/juntor com 34,8%.

Assim observando, na posição ora em análise, o item se afasta um pouco da *dêixis* temporal para transitar mais livremente pelo texto e pelo discurso. Certamente, o ambiente

de conexão entre os turnos de fala propicia esse movimento, tendo em vista que os conectores atuam ligando orações/turnos, tanto em contextos mais textuais, como também mais discursivos. O excerto (140) mostra o item acontecendo na posição em análise.

- (140) 001 F1 você já vai?
 002 F2 não...
 003 F1 **agora?**
 004 é?
 005 F3 vai pra onde...
 006 F2 vô lá no Alecrim...
 007 comprar umas calcinhas...
 008 e comprar uns negócio...
 009 F3 com que()?
 010 F1 [Ah....]
 011 Lindebergue...
 012 num
 013 F3 () num recebi dinheiro não...
 014 Fátima...
 015 F1 por quê?
 (Banco conversacional de Natal, p.113)

Pelo que se percebe, *agora* se posiciona, no fragmento, iniciando o discurso ou turno imbuído de traços (+prototípicas). Nesse contexto, assume a função de dêitico temporal, com incidência dos traços (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Modalidade escrita

No ambiente de modalidade escrita, verifica-se que o item continua ainda predominantemente vinculado às funções de dêitico temporal, com 44,8% de ocorrências em um total de 29 dados. Na modalidade em questão, assim como na oralidade, ele já assume função mais textual e nele permanece de forma mais significativa em termos de percentual, chegando ao discurso, no entanto, sua incursão pelo discurso apresenta frequência bem menor (13,8%), caso se compare com os dados da oralidade. O recorte (141) comprova a atuação do item em ordem IO na modalidade ora analisada.

- (141) Restaurar a janela é um meio de restaurar a vista e o visto. Não digo isto para vender o meu peixe. Pergunto por perguntar: há muito tempo que não reforma suas persianas?
 _ Francamente, não me recordo.
 _ Então, meu caro, elas devem estar caindo de cansadas.
 Neste caso...
 _ **Agora** percebi.
 _ O quê?

_ O senhor fica junto ao guichê dos aposentados porque acha que eles devem morar em apartamentos adquiridos há mais de 30 anos, portanto com persianas gastas. Fatalmente serão seus clientes.
(De notícias & não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p.31).

Do fragmento exposto, depreende-se que o item está assumindo a posição IO/IT correlacionada à função de dêitico temporal com valor de passado. É bastante observar que ele ocorre com o sintagma verbal de pretérito, apesar de se perceber a sobreposição de traços da função de conector/juntor com valor de causalidade. Predominam, pois, os traços prototípicos de (+referência temporal presente/passado), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

5.2.4 A ordem FO/FT nas modalidades

Tabela 7.4: A ordem FO/funções nas modalidades

Mod. Funç.	Modalidade oral	Modalidade escrita	Total
Dêitico temporal			
1.1 Presente	05/62,5%	05/100%	10
1.2 Passado	02/25%	-	02
1.3 Futuro	01/12,5%	-	01
Subtotal %	08/ 100%	05/ 100%	13
Conector/juntor			
2.1 Oposição/ Contraste	-	-	-
2.2 Causalidade	-	-	-
2.3 Adição	-	-	-
Subtotal %	-	-	-
Marcador discursivo			
3.1 mudança de assunto/ Turno	-	-	-
3.2 abertura/ retomada de tópico/ turno	-	-	-
Subtotal %	-	-	-
TOTAL %	08/ 100%	05 100%	13

Fonte: elaboração própria.

Modalidade oral

Na ordem FO/FT, vê-se que o item ocorre apenas com a função de dêitico temporal, função considerada nos dados a mais recorrente. Vale destacar que, nessa modalidade, o

valor de dêitico temporal acontece matizado pelo valor de presente (62,5%), entretanto, registram-se extensões do item para os valores de passado (25%) e futuro (12,5%) de um total de 08 ocorrências. Importa observar, ainda, que o *agora*, nessa ordem, foi mais frequente na modalidade oral do que na escrita, comportamento já esperado, tendo em vista que é uma posição que abrange mais informações, estendendo-se mais plenamente por todo o turno.

- (142) 0366 F2 ei...
 0367 foi a continha do portão...
 0368 hein?
 0369 hum?
 0370 isso foi calculado? ((falando sobre o portão da casa))
 0371 F1 caraca... ((que passou por uma reforma))
 0372 F2 legal...
 0373 você já pensou se num fosse...
 0374 depois de pronto tivesse que derrubar a parede?
 0375 F1 não...
 0376 F2 ei...
 0377 ele passou o dia aí em cima hoje foi?
 0378 F1 não... ((sobre o gato que estava em cima do muro))
 0379 ne/eu botei ele aí **agora...**
 0380 F2 ô mulhé...
 0381 já deu de comer [quantas vezes pra ele?]
 0382 F1 [sim...]
 0383 [ontem...]
 0384 ontem eu tava assistindo ()...
 (Banco conversacional de Natal, p.143)

O excerto mostra a ocorrência do item ora analisado na posição de final de turno em correlação com a função de dêitico temporal matizado pelo valor de presente/passado. Nesse contexto, predominam os traços prototípicos de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Modalidade escrita

Na modalidade escrita, a ordem FO/FT se concentra na função de dêitico temporal, com valor pontual de presente, 100% de um total de 05 ocorrências sem se estender em relações de passado e futuro como na modalidade oral. A ocorrência (143) pode ser vista como um exemplo da direção dos dados na modalidade ora em análise.

- (143) Este segredo posso revelá-lo **agora**. Desde então me interessei, de longe, pela vida de ambas as mulheres, que já não são deste mundo e não deixaram descendência nem parentes próximos ou remotos. [...]
(De notícias & não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p.180).

No fragmento, o item encontra-se na posição de final da oração. Vale ressaltar que nos dados essa posição é considerada pouco frequente em relação as outras posições. Exerce, nesse fragmento a função de dêitico temporal com valor de presente, com ênfase para os traços de (+referência temporal presente), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Em suma, nos dados escritos, na posição AV prepondera também a função de dêitico temporal, no entanto, ao se comparar com os dados orais, percebe-se que o índice de ocorrência do item nessa função considerada canônica foi bem maior nos dados escritos, percorrendo o caminho que leva ao texto. Nessa ordem, também não chegou ao discurso. É bem possível que isso se deva à natureza das funções discursivas que costumam ocorrer em início de oração. É relevante se considerar que há uma evolução gradativa e paralela do item pelas funções, pois é observável que quando o *agora* mantém-se mais firme em um posto funcional, perde espaço no outro domínio. Assim, na modalidade escrita, na posição AV, o item mantém-se mais frequente na função de tempo, chegando ao texto de forma menos recorrente do que nos dados orais.

Na ordem PV, dita posposta ao verbo, o item permanece fortemente vinculado à função canônica de dêitico temporal, com 92,8% dos dados, chegando ao texto em apenas 7,2% dos dados. É necessário se considerar que, segundo a gramática normativa (CUNHA e CINTRA, 1989), a colocação dos advérbios de tempo pode ser antes ou depois do verbo, fato que não aconteceu nos dados desta pesquisa, pois pelo visto a ordem preferencial é antes do verbo.

Na ordem IO/IT, modalidade oral, constata-se um percurso bem diverso das demais posições. Nesse ambiente, a função de dêitico temporal, que prepondera nas colocações AV, PV e FO/FT, cede espaço para as funções discursivas e textuais que exibem o marcador discursivo, com 42,3% e o juntor, com 34,8% de ocorrências contra 30,4% na função de dêitico temporal de um total de 26 dados. Assim, pois, a frequência se inverte. É bem possível que essa realidade quantitativa resulte da posição de início de turno/oração que em geral vem ligando os enunciados anteriores e posteriores, favorecendo as funções mais textuais e discursivas.

Na língua escrita, a configuração foi um pouco diversa, se comparado aos dados orais. Nessa modalidade, percebe-se que há um equilíbrio maior entre os blocos funcionais, de modo que as funções de dêitico temporal e juntor exibem percentuais um tanto próximos, entretanto, a função temporal continua detentora do maior número de ocorrências. Outro ponto relevante nos dados é que a função de marcador também se faz presente com uma visibilidade maior do que nas outras posições de dados escritos. Certamente, a posição favoreceu o uso dessa função.

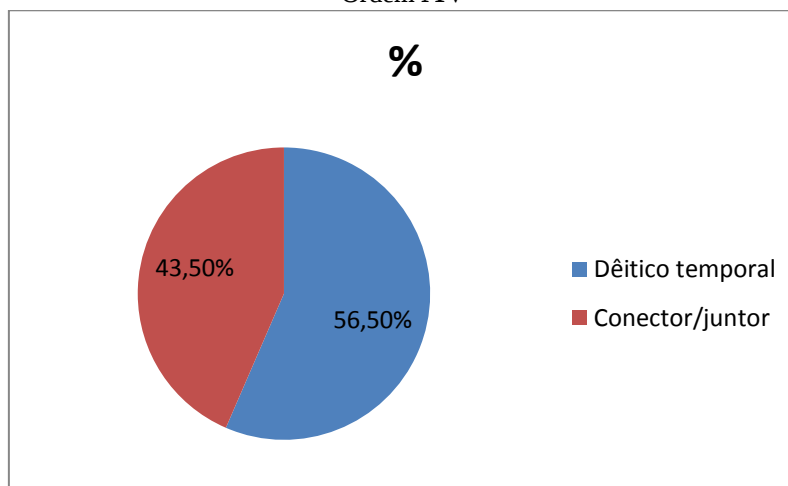
Na posição FO/FT, nas modalidades oral e escrita, a função de dêitico temporal ostenta categoricamente todo o numerário de ocorrências, diferenciando-se uma da outra só em termos de quantidade de dados, pois a modalidade oral registrou mais ocorrências nessa ordem do que a escrita. Provavelmente, a baixa produtividade acontece porque se está diante de uma posição que abrange mais contexto, haja vista a posição de final de oração, ficando mais distante do enunciado, o que o torna, conceptualmente, mais distante.

Comparando as duas modalidades, nota-se que, nas duas modalidades, a ordem AV é a escolhida como preferida pelo escrevente/falante, sendo superada apenas pela posição IO/IT nas funções mais textuais e mais discursivas dos dados orais. Um ponto relevante nos dados que não é demais repetir é a tendência sempre premente dos domínios perderem ou ganharem espaço um para outro, verificando um equilíbrio funcional gradativo entre os três blocos de funções, tendo em vista que quando um ganha a adesão do falante/escrevente perde espaço o seu concorrente.

5.2.5 Síntese das funções do *agora* nas modalidades conforme a ordem

Os gráficos (21) e (22) expõem em síntese o percentual de frequência das ocorrências do item em relação à ordem AV, relacionadas às funções nas modalidades oral e escrita.

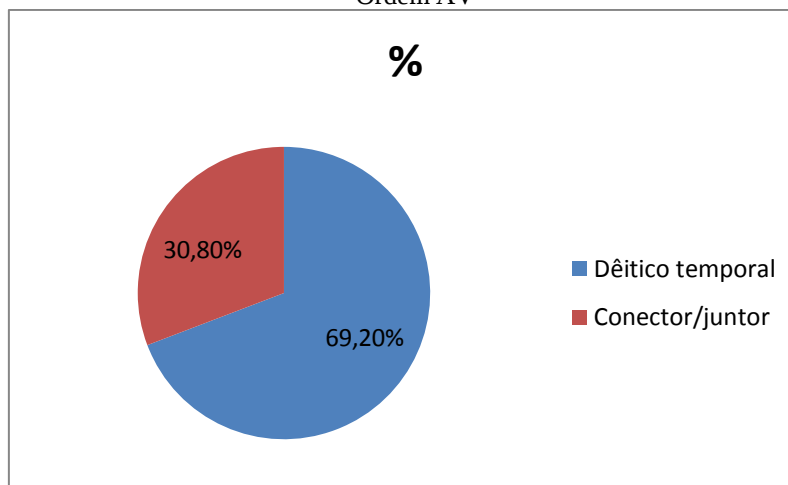
Gráfico 21: Síntese das funções do *agora* na modalidade oral-
Ordem AV



Fonte: elaboração própria.

A figura mostra que na posição AV, em dados orais, o *agora* ocorreu com maior incidência na função de dêitico temporal, seguida pela função de conector/juntor, sem passagem para o discurso.

Gráfico 22: Síntese das funções do *agora* na modalidade escrita-
Ordem AV

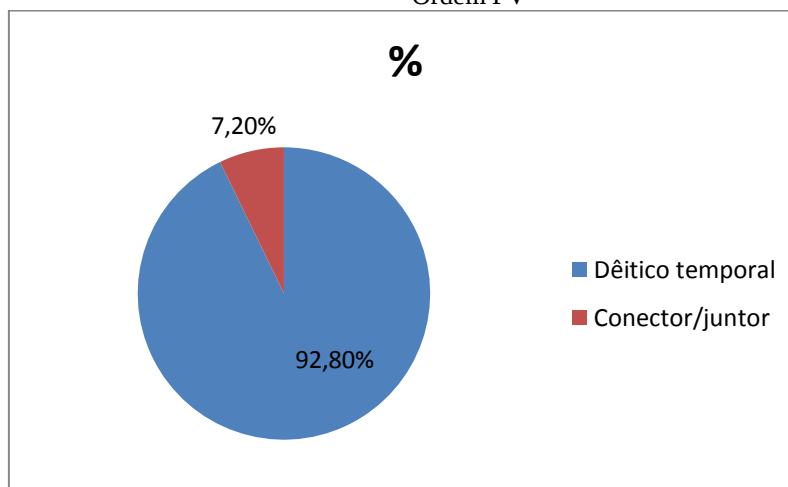


Fonte: elaboração própria.

Nos dados escritos, na posição AV prepondera também a função de dêitico temporal, percorrendo o caminho que leva ao texto. Nessa ordem, também não chegou ao discurso. É bem possível que isso se deva à natureza das funções discursivas que costumam ocorrer em início de oração. É relevante se considerar que há uma evolução gradativa e paralela do item pelas funções, pois é observável que quando ele se mantém mais firme em um posto funcional, perde espaço no outro domínio. Assim, na modalidade escrita, na

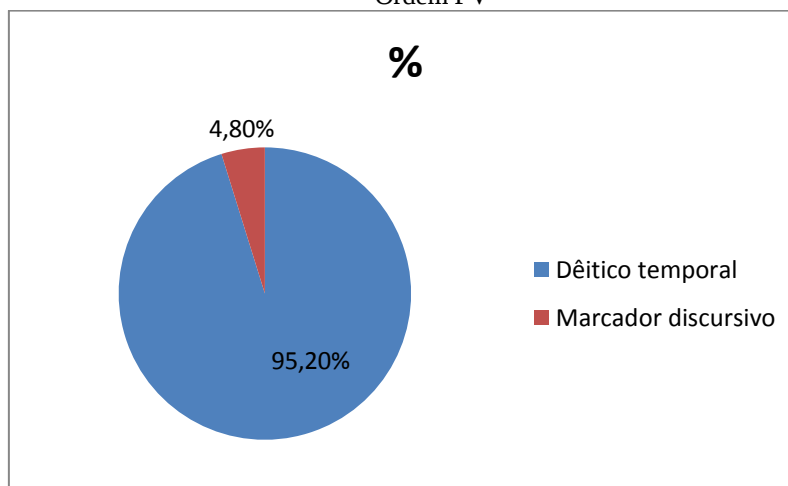
posição AV, o item mantém-se mais frequente na função de tempo, chegando ao texto de forma menos recorrente do que nos dados orais.

Gráfico 23: Síntese das funções do *agora* na modalidade oral-
Ordem PV



Fonte: elaboração própria.

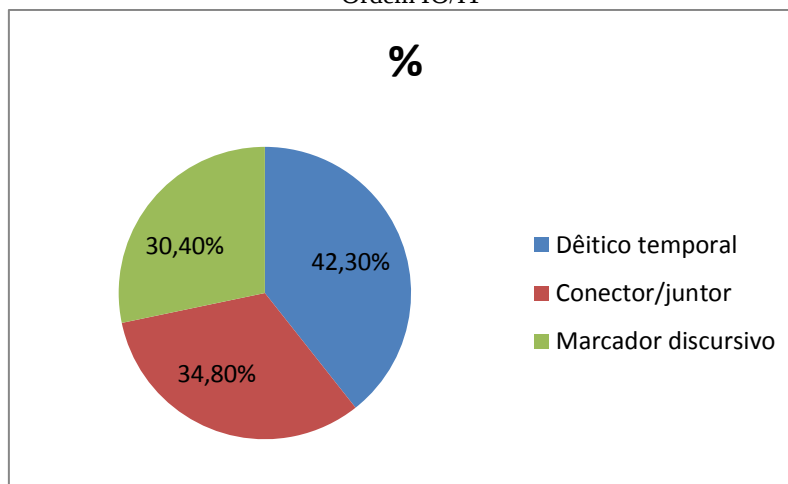
Gráfico 24: Síntese das funções do *agora* na modalidade escrita-
Ordem PV



Fonte: elaboração própria.

Na ordem PV, ou seja na ordem pós-verbal, o item permanece fortemente vinculado à função canônica de dêitico temporal, com 92,8% dos dados, chegando ao texto apenas 7,2% dos dados na modalidade oral. Na escrita, a ordem também aparece mais relacionada à função de dêitico temporal.

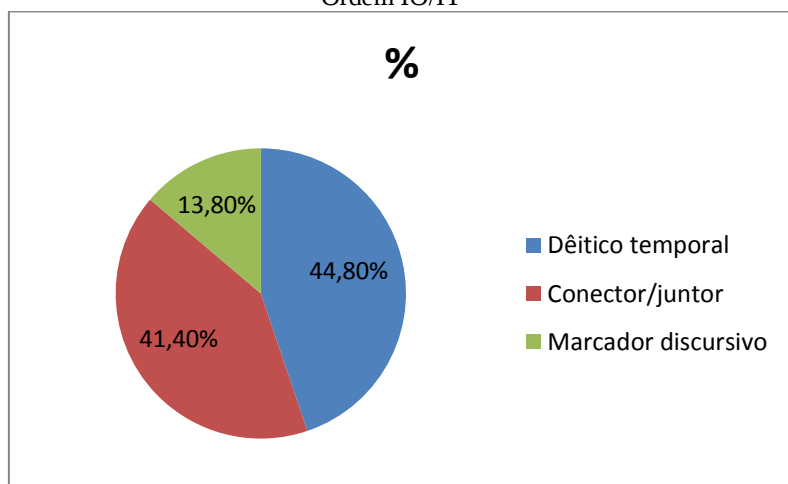
Gráfico 25: Síntese das funções do *agora* na modalidade oral-
Ordem IO/IT



Fonte: elaboração própria.

Na ordem IO/IT, modalidade oral, constata-se uma realidade bem diversa das demais posições. Nesse ambiente, a função de dêitico temporal, que prepondera nas colocações AV, PV e FO/FT, cede posição para as funções discursivas e textuais que exibem o marcador discursivo com 42,3% e o juntor com 34,8% de ocorrências contra 30,4% na função de dêitico temporal de um total de 26 dados. É bem possível que essa realidade quantitativa resulte da posição de início de turno/oração que em geral vem ligando os enunciados anteriores e posteriores favorecendo as funções mais textuais e discursivas.

Gráfico 26: Síntese das funções do *agora* na modalidade escrita-
Ordem IO/IT



Fonte: elaboração própria.

Na língua escrita, ocorreu um contexto um pouco diverso, se comparado aos dados orais. Nessa modalidade, percebe-se que há um equilíbrio maior entre os blocos funcionais,

de modo que as funções de dêitico temporal e juntor exibem percentuais um tanto próximos, entretanto, a função temporal continua detentora do maior número de ocorrências. Outro ponto relevante nos dados é que a função de marcador também se faz presente nos dados com uma visibilidade maior do que nas outras posições de dados escritos. É possível que a função tenha favorecido o uso dessa posição.

Na posição FO/FT, nas modalidades oral e escrita, a função de dêitico temporal ostenta maciçamente todo o numerário de ocorrências, diferenciando-se uma da outra só em termos de quantidade de dados, pois a modalidade oral registrou mais ocorrências nessa ordem do que a escrita. Provavelmente, a baixa produtividade acontece porque se está diante de uma posição que abrange mais contexto, tendo em vista a posição de final de oração.

Assinaladas as sínteses da frequência do item correlacionando-se ordem e função, segue-se, então, para a análise do princípio da marcação, no propósito de averiguar motivações funcionais para determinados usos.

5.3 Da aplicação do princípio da marcação nos dados da fala e da escrita de séculos mais recentes

Realizada a análise dos traços estruturais em ambas as modalidades, em sincronias mais atuais, procede-se à análise com base na atuação do princípio da marcação no intuito de buscar outras explicações para o processo de gramaticalização do *agora*, considerando os critérios da complexidade estrutural, complexidade cognitiva e frequência de uso, baseando-se em traços semântico-pragmáticos característicos de cada contexto. Para tanto, vale retomar o que já foi dito no capítulo anterior: quanto à complexidade estrutural será menos marcado o que é morfologicamente mais simples; quanto à complexidade cognitiva será considerado menos marcado o que é de mais fácil processamento/interpretação e, no que diz respeito à frequência, o que apresenta maior número de ocorrências. Obviamente, o contrário vale para o mais marcado. (FURTADO DA CUNHA, COSTA, CEZARIO, 2015)

De início, procede-se à análise do princípio da marcação, no que diz respeito à complexidade estrutural e à complexidade cognitiva.

Quadro 12: Marcação funcional em relação à complexidade estrutural na modalidade oral

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/ juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
		
-complexidade estrutural	+/- complexidade estrutural	+ complexidade estrutural

Fonte: elaboração própria.

Quadro 13: Marcação funcional em relação à complexidade estrutural na modalidade escrita

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/ juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
		
-complexidade estrutural	+/- complexidade estrutural	+ complexidade estrutural

Fonte: elaboração própria.

A propósito dos quadros 12 e 13, visualiza-se o princípio da marcação atuando nos contextos orais e escritos em relação ao critério da complexidade estrutural. No contexto de fala, onde predomina o discurso espontâneo com atenção mais voltada para a atividade interacional do que para o evento da linguagem, a função de dêitico temporal é considerada menos marcada por apresentar menor complexidade estrutural, já que construções envolvendo o dêitico temporal são estruturas que implicam menos material linguístico, optam pela ordem direta e usam, preferencialmente, verbos na modalidade *realis*. Essas características não são frequentes nas estruturas das funções de juntor/conector e marcador discursivo. Enquanto o primeiro é morfologicamente mais simples, provavelmente porque são mais comuns na experiência do falante, os últimos se envolvem em contextos mais argumentativos, relações textuais de maior complexidade, junção de informações, entre outras que requerem mais estrutura morfológica do que a que aciona a função temporal.

Na ponta direita da linha se encontra a função de marcador discursivo, haja vista ser a categoria mais complexa estruturalmente em relação as outras funções, talvez, por isso, menos frequente, uma vez que se envolve em unidades discursivas mais abrangentes, as quais são morfologicamente mais complexas, isto é, se compõem de maior volume estrutural.

Desse modo, a categoria de conector/juntor ocupa um ponto intermediário no *cline* da marcação, é a mais ou menos marcada porque, nos contextos estruturais sob análise,

apresenta-se mais ou menos complexa levando-se em conta as duas outras funções exercidas pelo item. Nesse contexto funcional, o discurso envolve orações complexas com nuances de causalidades e oposição, entre outras que implicam mais explicação e demandam mais material linguístico do que a categoria tempo, e menos do que o *agora* em contexto de marcador discursivo. É possível que a quantidade mediana de material linguístico determine sua complexidade mediana nos contextos conversacionais. Considera-se, pois, que o item, nesse ponto da trajetória funcional, acumula traços da sua função anterior, bem como da sua função posterior, sendo, pois, considerado de média complexidade, quando comparadas as categorias.

Na modalidade escrita, nos gêneros carta e crônica, a função tempo é considerada menos complexa porque é morfologicamente mais econômica, uma vez que ocorre em orações simples, próximo aos verbos, predominantemente na ordem direta. Essas características a tornam menos complexa, logo, menos marcada estruturalmente. A função de juntor/conector é, comparativamente, mais ou menos complexa porque se envolve em relações textuais de complexidade morfológica maior do que a de tempo, ocorrendo, predominantemente, em posições mais distantes dos verbos, tornando-se pois, mais ou menos marcada em relação à função de tempo e à de marcador. Por seu turno, o marcador é a função mais complexa, pois necessita de mais estrutura morfológica, tendo em vista se envolver em hesitações, truncamentos, rupturas entre informações, discursos diretos, superposição de vozes que requerem pontuação específica, o que justifica a sua maior marcação.

Dada à relatividade da marcação, em se comparando as duas modalidades, note-se que o marcador discursivo, que é considerado mais complexo em relação aos valores semânticos de dêitico temporal e juntor/conector na modalidade escrita dos dados, pode se tornar menos complexo em termos pragmáticos, na oralidade, porque o próprio contexto discursivo-interacional facilita seu processamento. Por isso, em relação às modalidades oral e escrita, considera-se o marcador discursivo menos complexo e, portanto, menos marcado nos contextos orais, se comparados com os da escrita, podendo-se, assim, explicar a sua maior frequência no gênero conversacional.

Vale ressaltar que ao se comparar as duas modalidades, a língua oral é menos complexa, pelo fato de ser a primeira aquisição (Cf. GIVÓN, 1995) e inserir-se em um gênero conversacional, considerado como mais espontâneo, tendo em vista que os

interlocutores partilham um ambiente em comum⁴⁰, entre familiares, amigos ou pares, além de estarem presentes os elementos extralinguísticos, tornando-os, mais simples e automático. Assim, essa modalidade é, potencialmente, menos complexa morfológicamente em relação à modalidade de língua escrita que carece de estruturas mais elaboradas⁴¹, já que os interlocutores estão distantes. Sequencialmente, será analisado o critério da complexidade cognitiva.

Quadro 14 : Marcação funcional em relação à complexidade cognitiva na modalidade oral

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/ juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
-complexidade cognitiva	+/- complexidade cognitiva	+ complexidade cognitiva

Fonte: elaboração própria.

Quadro 15 : Marcação funcional do *agora* em relação à complexidade cognitiva na modalidade escrita

-marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/ juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
-complexidade cognitiva	+/- complexidade cognitiva	+ complexidade cognitiva

Fonte: elaboração própria.

No que tange à complexidade cognitiva, considera-se que a função de dêitico temporal é menos complexa, já que se caracteriza pela presença de informações previsíveis, as quais exigem menos esforço interpretativo, tornando-se assim menos marcada, em relação às demais funções elencadas.

Nessa linha em que se dispõem as três funções, a de marcador discursivo se apresenta como mais complexa, haja vista ser a categoria mais generalizada e menos transparente, demandando do leitor maior atenção ou mais esforço para decodificar e processar as informações. Ela estabelece organizações do fluxo discursivo, atua na coesão

⁴⁰ É importante se considerar que as falas da amostra do gênero conversacional acontecem em eventos linguísticos no ambiente familiar tais como: na calçada, no jogo de futebol, na cozinha, no *video-game*, ou seja, em contextos que envolvem amigos, colegas de evento, membros da família, tornando mais fácil e simples a interação entre os falantes.

⁴¹ É sempre necessário ratificar que o princípio da marcação somente pode ser observado em situações de língua em uso. No que concerne às modalidades oral e escrita, há, naturalmente, um gradiente de (in)formalidade que pode comprometer quaisquer análises aprioristicamente realizadas.

das ideias, na superposição das vozes, na mudança de assunto, entre outras atuações que dizem respeito à organização tópica.

Por sua vez, a categoria mais ou menos complexa parece ser a de conector/juntor porque, nesse caso, o item acumula traços da sua função anterior, bem como da sua função posterior, sendo, pois, considerada de média complexidade, quando comparadas as outras categorias. A função de conector/juntor atua na junção de orações, geralmente ativa efeitos argumentativos, relaciona pontos de vista, ou seja, articula mecanismos que parecem cognitivamente mais complexos do que informações de caráter temporal, que são semanticamente transparentes, mas menos complexa que a dos marcadores, que atuam em maior nível de intersubjetividade.

Em se considerando as modalidades oral e escrita, é digno de comentário o fato de o marcador discursivo ser mais marcado na fala em relação às funções, porém, ao contrastar as duas modalidades, percebe-se que ele se torna menos complexo na fala, devido às pressões contextuais de natureza pragmática, tornando-se, pois, menos marcado. É importante salientar que a frequência é também um critério que afere o nível de marcação. Por isso, a seguir, será averiguada a marcação de acordo com a frequência.

Quadro 16: Marcação funcional em relação à frequência nas modalidades

- marcado	+/- marcado	+ marcado
<i>Dêitico temporal</i>	<i>Conector/juntor</i>	<i>Marcador discursivo</i>
+ frequente	± frequente	- frequente

Fonte: elaboração própria.

Do quadro, pelo critério da frequência, depreende-se que a função de dêitico temporal é menos marcada, logo é mais frequente; a de conector/juntor é mais ou menos marcada, logo mais ou menos frequente, e a de marcador discursivo é mais marcada, portanto, menos frequente. Na modalidade oral, o item apresenta a mesma distribuição em termos de posição no percurso escalar, porém se diferencia em relação aos percentuais de ocorrências, uma vez que, na oralidade, enquanto o item é menos recorrente na função dêitica temporal do que na mesma função na escrita, nas funções mais textuais/discursivas, ele é mais recorrente nessas categorias se comparado com a modalidade escrita.

Conforme se observa, na complexidade cognitiva, nota-se que a função tempo é considerada menos complexa cognitivamente por ser mais esperada, como também ser a

função que predomina na gramática normativa, fato que pode explicar sua maior frequência, seguida respectivamente pelas funções de conector/juntor e marcador, tanto na modalidade oral como na escrita, exibindo um contexto funcional de marcação gradual que vai do (-complexo) para o (+complexo).

Se forem comparadas as duas modalidades, é importante lembrar que na modalidade oral, o marcador passa a ser considerado menos complexo e, portanto, menos marcado, porque o contexto pragmático facilita o processamento, fato que não acontece na modalidade de língua escrita, que, nesta pesquisa, analisa dados dos gêneros carta e crônica⁴², os quais, a despeito de serem considerados gêneros em que predomina uma linguagem relativamente espontânea (a carta mais do que a crônica) são menos informais do que o gênero conversacional, tornando o último cognitivamente menos complexo, sendo, assim, menos marcado. É possível que essa seja a razão dos marcadores discursivos serem mais frequentes na fala do que na escrita.

Chegando ao fim a análise das funções do *agora* na fala e na escrita, em séculos mais recentes, prossegue-se com a síntese da gramaticalização do item nas duas modalidades.

5.4 Gramaticalização do *agora* nas modalidades oral e escrita

Através de consulta a Machado (1977), observa-se que o item *agora* provém do sintagma nominal latino *hac hora* (*esta hora, neste momento*). Pormenorizando o sentido do sintagma, considera-se que o *hac* (=por aqui) representa o advérbio espacial dêitico, estabelecendo uma relação de proximidade entre os falantes e o *hora* significa o momento presente. Ainda a respeito dessa origem, Houaiss, Vilar e Franco (2004), baseados no Índice do Vocabulário do Português Medieval, compartilham do mesmo pensamento, porém, acrescentam uma linha evolutiva do termo que vai do século XIV ao século XVI, a qual é assim demonstrada em forma de aglutinações: *agorra* > *aguora* > *haguora*.

Assim sendo, a origem do termo se reporta a valores espaciais e, no português, em seu uso canônico, a forma assume o valor de *neste momento*, advérbio dêitico temporal, já migrando para as instâncias discursivas no exercício de outros valores. Isso significa que o item vem assinalando um trajeto funcional a caminho de terrenos mais abstratos, ou menos concretos, pois apresenta caracteres que o fazem tender à mobilidade, como, por exemplo, a

⁴² Cf. capítulo 4, seção 4.2.

evolução gradual de seus valores semânticos que emergem do valor espacial remanescente ao valor temporal para, depois, percorrer o texto e desaguar no discurso.

Essa trajetória pode expressar, semanticamente, o aclave universal de gramaticalização, proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991): *espaço* > (*tempo*) > *texto*, configurando-se uma evolução a caminho da abstratização, o qual atesta sua unidirecionalidade. Os excertos (144) a (152) evidenciam tal constatação:

(144) [...] dizer tã maa cousa que avyã feita os iffantes ã as filhas do Cide, pesoulhe muyto. E tomou logo hũa azemella bem guisada e fuisse com Ordonho ao môte hu estavã as donas e levou conssego dous filhos que avya. E as donas, quando virõ o lavrador e os filhos, ouverõ mui grande vergonça e quiseronsse emcobrir. E o lavrador fezelhos muy homildosa reverença, chorando muy fortemente cõ piedade dellas, e disselhes: - Senhoras, eu som mercee do Cide, vosso padre, e elle pousou ja muitas vezes ã mynha casa. E acaeceu **agora** per ventuira que este mãcebo, que diz que ha nome Ordonho, me disse o mal e desonrra que vos fezerõ vossos maridos; e a my pesou muyto. E, por o grande amor que ey de servyr a vosso padre, som aquy viindo com elle pera vos levar pera minha casa ã esta azemella, em que ambas bem pode re des yr. E peçovos por mercee que o façades e nõ fiquedes mais em esta montanha, onde vos poderiã comer as bestas feras. E, depois [...] (Crônica Geral de Espanha de 1344, CDP, Séc. XIV)

(145) [...] Sodes moy rricos et moy poderosos. Et al uos quero dizer: mays ualedes en armas que tódoslos do mûdo, et sodes mays ardidos et mays leaes et esforçados et vrgullosos et mays fidalgos et de mayor ualor que tódoslos que eu sey. Et tâto auedes cõquerido en terras estrayas que nõ sey home ãno mûdo que por njhũa rraz'õ açertar podesse pera cõtãr quanta bõa terra et rrica uós auedes cõquista et destroyda per uossa bondade, et quantas batallas uêçestes et quantos estrayos feytos auedes começados. Et nũca delles fostes maltreytos nẽ seeredes, se Deus quiser. **Agora** uos rogo eu que, poys aquí somos de cõsún ajuntados, et nõ o sabe njh'ũ, que tomemos ontre nós tal consello que adugamos a atal çima nosso pleito, que daquesta vegada aiamos onrra et prez de tã grã feyto cõmo comesçamos. Crônica Geral de Espanha de 1344, CDP, Séc. XV)

(146) [...] entrada dos nossos padres na China não foy obra de homẽs, senão de Deos, nem industria humana senão divina. Na nova residencia de Xauquim (que he a cidade principal da provincia de Cantão pola China dentro) vivem quatro padres, & tem sua casa, & hũa pequena igreja com corenta Christãos, que por ser dentro na China & nos principios, se podem estimar em corenta mil doutras partes: não são ainda os bautizados mais em numero, não por falta de quem deseje tomar nossa santa ley & receber o bautismo, mas porque cõvem ir **agora** de vagar & com muita prudencia & consideração, pera fundar & assentar melhor as cousas, & tambem porque quanto mais lhe dilatam o bautismo, tanto mais o desejà & vem [18]a elle com mayor sede & vontade. São os padres bem quistos & tidos em boa conta dos Mandarins, os quaes ategora não mostram tomarẽ mal que façam Christãos em suas terras, & de taes principios esperamos em nosso Senhor grandes progressos. O principio & modo que ouve dos padres entrarem na China, foy desta maneira [...] (Cartas dos Jesuítas, Amador Rebello, CDP, Séc. XVI).

- (147) raynha dona Orraca, cõta a estoria e diz assy: a muy nobre rainha dona Orraca, sua molher deste rei dom Ramiro, honrrou outrosi a igreja de Santiago de quantas cousas ella pode aver d'ouro e de prata e de pedras preciosas e de vestimentas e de cortinhas de seda. Outrossi fez a igreja de Sam Salvador d'Ovedo e, das rainhas que ouverom siso /sic, ella foy muy boa cristãã. E este rey dõ Ramiro era muy bõõ aos bõõs e mui bravo aos maaos; e desfazia de sua terra os ladrõões e queymava as feiticeiras. **Agora** leixa aquy a estoria os bõõs feitos e muy catholicos del rey dom Ramiro e torna a contar de Abdenaame, rey de Cordova, e doutros mouros. Como correrõ Sevilha hûas gentes estranhas que se forom por medo de Abdenaamer, rei de Cordova Andando o terceiro anno do reynado del rei dom Ramiro, arribarõ a Lixboa cinquenta e quatro naves e cinquenta e oito galees. E Lixboa era ainda enton de mouros e tiinhaa enton Abde n aame, rey de Cordova. E, quando soube daquellas gentes, [...](Crônica geral da Espanha de 1344, CDP, Séc. XIV).
- (148) [...] neste aperto, como se foram portugueses antigos, com extraordinário brio acharam que lhes era mais sofrível perder a vida que pôr em risco a honra. Com esta determinação investiram à porfia ao inimigo, e com uma força tão impetuosa que a não puderam sofrer os holandeses, nem se atreveram a sustentar o campo, e logo viraram as costas; para que se entenda e veja bem que o tomarem uma vez a cidade foi mais fraqueza nossa, causada de pecados, que esforço seu, pois os que então uma vez, sem pelejar, lhes fugiram, **agora**, tantas vezes os faziam fugir pelejando. Considerando, pois, os inimigos o ruim sucesso que por esta via tinham, mudaram as saídas, mas nem por isso mudaram a ventura. Levaram uma nau com um patacho e lanchas ao Camamu, e aí, no engenho do Colégio, tomaram algum gado; mas não tomaram muitos mercadores, porque, saindo três ou quatro índios a um batel seu, por sete bois que levavam mataram sete holandeses. Também entraram de paz na vila de Cairu, para [...] (Cartas de Pe. Antônio Vieira, CDP, XVII).
- (149) o Dr. José Caetano pronunciou um homem que se dizia ter fortes proteções. Agora o Sr. Dr. Izidro condena uma pessoa que ocupa uma posição distinta na sociedade pelos seus grandes haveres e pela sua influência. Não entramos no mérito da sentença, nem podemos apreciar os seus fundamentos; mas o que não se pode negar é que o juiz que lavrou uma condenação desta ordem, deu uma prova incontestável de inteireza e de retidão. Quando mesmo a sentença não fosse justa, estamos certos que a intenção que a ditou foi da mais vigorosa equidade. **Agora**, meu amável leitor, até 1º de abril. Entendeis? XXV Rio, 1º de abril Descobriu-se afinal! A questão das custas é uma querelle d'allemand! O regimento foi o pretexto, e a causa verdadeira não se pode conhecer. Quem sabe! Talvez os que censuram o regimento sejam empregados da Secretaria da Justiça, ou eminentes jurisconsultos incumbidos da fatura de códigos civis! Os defensores, estes, são homens independentes, que nunca solicitaram coisa alguma do Ministério da Justiça, que podem ter aceito uma [...] (Ao correr da pena, José de Alencar, CDP).
- (150) [...] Saudação [...] 7 9 de julho de 62 Estimado querido Amigo compadre pitanga eu mando Dez mil cruzeiro por metodi [...] 8 s s sim compadre o senhor se puder pague a [...] 9 Francisco mota 10 Zacarias é de outra vez sim compadre eu não [...] 11 Ainda não mandei A mais s tempo porque não arranjei logo **agora** eu mando 10 mil cruzeiro por metodi [...] vai resolver a minha vida Compadre pitanga aqui vai dez mil cruzeiro para o senhor resolver A minha vier Vida por aqui e sim compadre eu não sei quando é que eu vou Deus é quem sabe não marco 12 tempo de ir nada mais do seu DpC Antonio Fortunato da Silva
[footer: 12 Escreveu com a letra “ g ” e corrigiu com a letra “ c ” [...] (Carta 03-AFS-09-07-1962[CE-DOHS], Séc. XX).
- (151) 0162 F4 meni::na...

- 0163 e quem é que/mulhé::...
 0164 pelo amor de Deus...
 0165 olhe a minha cara de coroa...
 0166 a senhora acha que eu vou fazer questão?
 0167 por causa disso?
 0168 **agora...**
 0169 aquelas duas lá do [interior pode fazer...]
 0170 F5 [elas num tão nem sabendo...
 0171 pra você ver
 0172 F4 ou...
 0173 pois num convide não...
 0174 F1 no interior igual a () é assim...
 0175 F5 e...
 0176 F4 pois num convide não viu...
 0177 F1 (tô dizendo)...
 0178 F5 vocês vieram do interior...
 0179 porque esse ventre aqui...
 (Banco conversacional de Natal, p. 207, Séc. XXI)

- (152) [...] ... Não pode me ajudar, lembrando? Vamos, lembre, lembre, é tão simples. Bem, **agora** o seu fim de semana. Quais os movimentos do meu amigo, a partir do instante em que põe o pé na rua, no sábado? Falta pouco para terminar, mas que é isso? Está se sentindo mal? Aborrecido comigo? Porventura acha que fui indiscreto, eu que tive o maior cuidado em não devassar o que quer que fosse de sua vida particular, dos refolhos de sua *privacy*? (De notícias e não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p.158, Séc. XX).

Pelos excertos expostos observa-se que nesse percurso está implicada a atuação de mecanismos metafóricos agindo pela aproximação entre os domínios, haja vista que o item registra uma mobilização progressiva que desliza de um plano (+concreto) para um (+abstrato), uma vez que se o percebe no exercício de sua função de dêitico temporal em (144), (145), (146) e (150); de conector/juntor em (148) e (151) e de marcador discursivo em (147), (149) e (152).

A metonímia também se faz presente nesse percurso, quando o item, na sua função de conector/juntor opositivo, passa da adversidade para a concessividade, conforme o exemplo (153):

- (153) Salvador, 7 de fevereiro de 1980

Olá Maro!

Como vão você e todos os seus? Aqui estamos bem, porém sem novidades. Minhas férias continuam tranquilas. **Agora** o tempo dificultou um pouco a ida a praia, mas espero que dentro em breve possa voltar a me queimar .
 Você soube que eu estive em Feira? Fui conhe- [espaço] cer a lavagem da matriz. Foram dias [espaço] ótimos; o colega de minha irmã, [espaço] o dono da casa que ficamos em Feira, fez o máximo para nos agradar.

Enquanto eu [espaço] estiver de férias, você receberá [...] (Carta 14-APACA-07-02-1980[CE-DOHS]).

No exemplo, nota-se que o *agora* retoma parte do enunciado anterior, anulando parte do direcionamento que vinha sendo tomado anteriormente, característica de enunciados concessivos, sinalizando uma evolução menos brusca de sentido, visto que este se mobiliza dentro do próprio domínio da oposição.

Ainda a respeito de fatores que contribuem para a gramaticalização, observa-se, nos dados, o item em análise coocorrendo com outros conectores como o *e* o *mas*, fato que, possivelmente, tenha influenciado a função de conector/juntor nas nuances de adição e adversidade, pois pesquisas de Tavares (2003), Silva (2005) e Oliveira (2009) o apontam como protótipos dessa categorias. Os excertos (154) e (155) são exemplos de tal coocorrência.

(154) [...] França, que pode ser cheguem primeiro, para que lá se saiba como também tenho avisado o estado em que cá está aquele dinheiro, e se mande remediar por créditos de outros mercadores, que o de Duarte da Silva não vale nada depois da sua prisão. - Criado de V. Ex.^a António Vieira CARTA XXII Ao marquês de Nisa 1648-Fevereiro 17 Ex.^{mo} Sr. - No correio passado signifiquei já a V. Ex.^a quão acertada me havia parecido a última resolução, que V. Ex.^a tomou, de avisar e esperar resposta de S. M.; e **agora** que V. Ex.^a resolve que se parta logo com o mesmo aviso o Sr. Residente, suposta a licença que tem de S. M., parece que é tudo o que V. Ex.^a pode e deve não só fazer, mas ainda desejar; porque as informações de papéis, e muito mais nos nossos conselhos, ainda que proponham verdades tão claras como o Sol, se não têm quem as assista e responda às objecções, e importune pela resposta, têm primeiro as dilações, e depois os (Cartas de Pe. Antônio Vieira, CDP).

(155) [...] quitedes a jura e o preito que cõvosco fiz. E o rey mouro disse que lhe prazia e deuho por quite per tres vezes. Depois que esto foi feito, mandou el rei trager o livro dos Sanctos Evãgelhos e disse a el rei de Tolledo: - Pois que vos hora em meu poder sodes, agora vos quero jurar e prometer de nũca hyr contra vos nẽ contra vosso filho e de vos ajudar contra todollos homẽes do mundo. E esta jura vos faço por que avya razõ de quebrãtar a jura que vos fezera em vosso poder; *mas agora* nõ averei razõ de quebrãtar esta, pois que vos sodes ã meu poder e que posso fazer de vos o que eu quiser. Entõ pos as mããos ãnos Avãgelhos e jurou de nunca hyr contra elle nẽ cõtra seu filho e de o ajudar contra todollos homẽes do mundo. E, depois que esto firmou, disse ao rei de Tolledo que, por o mal que el rey de Cordova estragara os pãaes e os outros frutos ã Tolledo, que lhe queria hyr fazer guerra. Muyto foy alegre el (Crônica geral da Espanha de 1344, CDP).

Em relação a sua posição estrutural, é perceptível também o delinear de um movimento do item que já alcança as informações contrastantes, bem como em início de perguntas, mostrando-se disposto a se deslocar da posição que ocupa nos enunciados prototípicos - de circunstanciador ou dêitico temporal -, passando a assumir posições mais

fixas à medida que se constata sua evolução para domínios textuais e discursivos, como fica mais explícito nos dados (156) e (157):

- (156) “Divino” parece que enfraqueceu, pois foi necessário tonificá-lo com “divino maravilhoso”. E tem “infernai” como competidor.
 “É um sonho?” “É um sarro?” Antes era “um estouro”. Já foi “piramidal”. Se **agora** é “fora de série”, naqueles tempos era “incomparável” ou “inigualável”, “sem rival”. “O máximo”, “o maior” deram seus recados. “Espetacular” ainda resiste. “Genial”, de uso imoderado, prova que a genialidade é atributo de todos os brasileiros.
 (De notícias & não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p.58).

- (157) 0370 F5 eu num faço nada disso...
 0371 ela é quem faz pra mim...
 0372 sopa e tudo pra gente jantar quando eu tô lá...
 0373 F3 () mainha...
 0374 F1 [claro que tu vai...]
 0375 F3 [**agora** pergunte...]
 0376 e o velho?
 0377 onde é que fica o velho?
 0378 F5 o velho/ o velho fica no rol dos esquecido...
 0379 F1 é:: é::...
 0380 F3 [ó aí ó...]
 0381 [(só quem) presta viu...]
 0382 F4 [até pela senhora...]
 0383 [cuidado viu...]
 0384 pecadora...
 0385 F5 mas eu não/ eu::...
 0386 F3 a senhora morre de medo de...
 0387 de ser uma velha sozinha...
 0388 [deixando o velho sozinho...]
 (Banco conversacional de Natal, p.211)

As ocorrências explicitam o uso do item em posição pré-verbal e início de perguntas, respectivamente, evidenciando mudanças no nível preferencial de uso em relação a sua estrutura, um vez que, antes, se posicionava, preferentemente, antes ou depois do verbo.

Outro fator observável que retrata o caráter de mobilidade do item, consigna-se na tendência a aparecer em contextos durativos, retro ou progressivo, numa demonstração de que o seu valor como circunstanciador temporal passa por uma extensão. A disposição para aparecer com esses valores ofusca-lhe a supremacia da posição de pontualidade do seu valor temporal, como nas passagens (158) e (159).

- (158) Endereço do colega?
 _ Viaduto São Sebastião, pilastra nº 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Aparece por lá.
 _ Ótimo. Vou aparecer, mas **agora** não. Estou de mudança.

_Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?

_Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás, muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuro um na cidade. (De notícias & não notícias faz-se a crônica- Carlos Drummond de Andrade, p. 31).

(159) – Bem, como ia dizendo, todos os que se interessam por mim , a “ inútil ” , souberam do fato , exceto Rui , e este é o único cuja op[-]inião gostaria de saber , exclusivamente pelo motivo de ser seu amigo . Os outros, ou melhor, a opinião dos outros não me alteraria. Portanto Otto, não se inquiete por mim; pois até **agora** nada me disseram que me ferisse [m] ou ofendesse a você; creia sinceramente. Soube por acaso, que a cama desocupada [n]do quarto dos meninos está reservada para você , é verdade ? Se for será um prazer, pode estar certo. Francamente, não sei como consigo continuar a escrever [...] Carta Pessoal (Carta 14- RO-10-08-1949 [CE-DOHS]).

Nos excertos acima, o item sob análise se mobiliza do seu valor pontual de presente para extensões de futuro e de passado.

Desse modo, pode-se sinalizar que o item *agora* realiza movimentos graduais na modalidade de fala e escrita e conforme as análises, exerce variadas funções, tais como:

Dêitico temporal (presente, passado e futuro) > conector > marcador discursivo

Isso posto, nota-se a disposição do item para deslizar de seu valor temporal para valores mais textuais e discursivos, podendo-se indiciá-lo como um elemento que passa por um processo de gramaticalização, uma vez averiguada a incursão por instâncias mais abstratas do texto.

Vale-se ressaltar que o fator frequência, tão importante para o processo de gramaticalização, foi considerado nesta pesquisa com o propósito de averiguar o uso do elemento sob análise nas modalidades oral e escrita. Com efeito, os índices de ocorrências do item na modalidade oral em funções mais textuais tendem a ser mais frequentes do que na escrita, o que já era esperado, pois é comum as pesquisas revelarem maior índice de mudança nos contextos de oralidade.

Para atestar ainda mais os indícios de que o elemento em análise vem se gramaticalizando, convém considerar os princípios de Hopper (1997), os quais foram explanados no capítulo teórico e serão aqui retomados de forma sintética para ratificar que o item vem se gramaticalizando desde o seu valor original.

Arrisca-se a interpretar a ativação do princípio da estratificação, o qual poderia ser exemplificado pelo uso paralelo do *agora* na função de dêitico temporal, juntor/conector e marcador discursivo desde épocas remanescentes. Ou seja, teríamos um caso em que as

camadas funcionais desfrutam da polifuncionalidade do item, constituindo uma espécie de estratificação às avessas: uma forma para várias funções.

O princípio da especialização, nos dados do *corpora*, manifesta-se pelas diferentes nuances semântico-gramaticais, como a nuance temporal competindo com a de conexão e a de marcador. Os índices de frequência aferidos são indícios de que na oralidade, por exemplo, o item esteja se especializando em funções discursivas.

Em se tratando do princípio da persistência, esse também está presente na gramaticalização do item ao se perceberem os traços do valor temporal subjacentes às relações marcadas pelas conexões e pelos marcadores. O *agora* não descarta de todo seu valor temporal, mesmo no exercício das funções textuais ou das discursivas.

Em consequência de sua inserção nos princípios hopperianos, assim como nos outros pontos comentados sinteticamente a respeito da mudança, o item *agora* apresenta sinais que podem indicá-lo como elemento que está se gramaticalizando, seja pelos aclives de evolução dos níveis e funções:

concreto > abstrato

representacional > interpessoal

tempo > (texto) > discurso

advérbio > conjunção > marcador

Esses percursos, embora não possam ser documentados pela linearidade cronológica em que se sucedem nos dados, são vislumbrados a partir das alterações que a frequência de uso vai desenhando ao longo das sincronias. Essa perspectiva configuraria um dos postulados fortes da gramaticalização - a unidirecionalidade -, uma vez que quanto mais se aproximam da sincronia atual, mais produtivos vão ficando os usos que estão na extremidade direita dos *clines* acima configurados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar os usos e o processo de gramaticalização do item *agora* sob uma abordagem pancrônica, correlacionada à verificação de aspectos referentes à frequência de uso, funções sintático-semântico-discursivas e aplicação dos princípios e mecanismos da gramaticalização, considerando-se os períodos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX e XX-XXI, na fala e na escrita, propositando a verificação do que está se tornando regular na língua em relação ao comportamento funcional do elemento. Diante do exposto, retoma-se, implicitamente nos comentários desta conclusão as questões orientadoras da investigação com vistas a expor em síntese os resultados obtidos.

Em se tratando de frequência de uso nos períodos compreendidos entre os séculos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX e XX-XXI, a pesquisa aponta as seguintes tendências: o *agora* é um item que vem se tornando gradativamente (+frequente), através dos tempos.

No período XIV-XVI, já era bem frequente nos textos longevos com destaque para o exercício da função temporal com valor de presente, e ligeiras extensões para o passado e o presente. Em paralelo, exerceu também funções textuais/discursivas, os textuais matizados por subvalores de oposição e causalidade, e os discursivos por subvalores de mudança de assunto e abertura de tópico. Salienta-se que esses valores mais textuais/discursivos ocorreram em percentuais bem menores se comparados à função de dêitico temporal.

No período XVI-XVII, continuou se destacando no exercício de funções temporais, porém em percentuais um pouco mais baixos do que no período anterior. Nesse intervalo de tempo, percebe-se um aumento dos deslizamentos da função (+referencial) para a (-referencial), o que em outras palavras significa que o item perdeu traços dos seus valores (+prototípicos) para ingressar nos valores (+/-prototípicos). Certamente, a queda de percentual na sua função lexical ocasionou um aumento nas funções mais textuais/discursivas matizadas por subvalores de adversidade, causalidade e adição. É mister considerar que neste período o item já se distribui com mais uniformidade por todos os valores relacionados, fato que se consolida ainda mais nos períodos subsequentes.

No que diz respeito aos períodos XVIII-XX e XX-XXI, a despeito de exercer com supremacia o posto de advérbio de tempo, evidencia-se um aumento do exercício de funções mais textuais/discursivas em relação aos períodos remanescentes.

Com relação ao último, em que se colocam gêneros representativos da fala e da escrita dos períodos mais recentes, constatou-se que o elemento foi mais frequente nos gêneros da oralidade de que nos da escrita, comprovando-se a hipótese de que a fluidez

categórica desse é mais recorrente no discurso oral, certamente, em decorrência de ter sido analisado no gênero conversacional, ambiente em que os participantes se conhecem e compartilham experiências semelhantes em eventos de informalidade.

Assim, de um modo geral, os dados tendem a demonstrar que o item caminha em todas as sincronias por um percurso escalar, no qual o valor temporal se destaca como função mais frequente, no entanto, é possível observar que as mudanças operam de forma paralela, pois, enquanto o item continua firme na função de dêitico temporal, registra aumento de frequência nos valores mais textuais/discursivos.

Importa comentar que princípios comunicativos foram analisados em busca de motivações cognitivas para explicar alguns usos. Assim, foi utilizado o princípio da marcação com o propósito de averiguar correlações entre complexidade estrutural, complexidade cognitiva e frequência.

Ressalte-se também que os dados instigam o reconhecimento de uma mudança em processo quando atestam o item no exercício de valores cujo percurso pode ser representado pelo *cline* de Advérbio > conjunção > marcador, constatando uma migração gradativa do elemento na direção de valores (+referenciais) para valores (-referenciais), na indicação de que o elemento vem sofrendo um processo de abstratização ocasionado por mecanismos de ordem metafórica, pois desloca-se, gradativamente, de domínios mais concretos com vistas a alcançar domínios mais abstratos.

Vale se destacar que esse processo começa desde a sua origem no latim quando as noções de espaço e tempo se fazem presentes na expressão *ac hora* e vão evoluindo através de movimentos em direções mais textuais e mais discursivas, as quais também atestam a ação do princípio da unidirecionalidade.

Os fatores mencionados somados à frequência de uso e a inserção nos princípios de Hopper são suficientes para indiciá-lo em um processo de gramaticalização, tanto na modalidade de língua oral como na escrita, observando-se que pelos percentuais de frequência de uso e pelas observações do princípio da marcação, o processo se torna mais adiantado na modalidade de língua oral, possivelmente, porque é dessa modalidade que provêm todos os outros usos.

Quanto à ordem sintática, torna-se oportuno apontar que a ordem AV ganha a preferência do falante/escrivente nos textos analisados, tanto sincrônica como diacronicamente, em um processo gradativo de competição com a ordem PV e IO através dos tempos, de modo que a ordem AV só é superada nos períodos mais recentes da história

do item, quando a função de juntor/conector se torna mais produtiva, favorecendo o uso da ordem IO.

Em face dos resultados atingidos, sobretudo, observáveis pela atuação do princípio da marcação, provavelmente há uma correlação lógico-semântica entre os valores semânticos e a ordem, tendo em vista que se percebeu uma tendência a ordem AV, considerada (-marcada) nos dados a se relacionar com a função temporal também (-marcada) e a IO (+/-) marcada a se relacionar com valores (+/-) marcados como a função de juntor/conector que mobiliza elementos referentes à organização lógica das ideias. Assim sendo, convém se dizer que a ordem do elemento pode contribuir para a mudança de sentido, atraído pelas vicissitudes do contexto.

Em suma, as hipóteses de que o item está se recategorizando tanto na modalidade oral como na escrita, com flutuação mais farta, na oralidade, confirmam-se, assim como a mudança de sentido ocorrer unidirecionalmente na direção de (+circunstanciador) (+referência temporal) (+mobilidade) rumo à (+conexão) (+fixidez), conforme já comprovou Rodrigues (2009) também se comprova nesta pesquisa. De igual modo, comprova-se o acúmulo de outros valores paralelos ao de dêitico temporal, desde os séculos passados, seguindo um caminho à abstratização, fato que corrobora o pensamento de Hopper e Traugott (2003) de que diacronicamente as categorias menores se originam de categorias maiores ou intermediárias como é o caso dos advérbios.

Enfim, a pesquisa aponta que o item *agora* vem se gramaticalizando desde as épocas remanescentes, em um processo gradativo que opera dêiticos temporais, hoje, circunstanciadores, juntores/conectores e até marcadores discursivos, em um ato contínuo que envolve perda de traços semânticos ou atenuação de sentido, cujas mudanças implicam também mobilidade, de ambientes mais móveis para ambientes mais fixos, sem, contudo, perder o posto de circunstanciador, comportamentos que implicam na sua multifuncionalidade.

Ademais, como o processo de mudança é de caráter cíclico e permanente, convém se conclamar para que a pesquisa continue, uma vez que há muito a se investigar a respeito do item, averiguando-se outros dados do século XXI, em gêneros diferentes dos pesquisados, já que nesta pesquisa os dados não foram abundantes, principalmente em relação aos gêneros sob análise.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **José. Rio de Janeiro: José Olympio**, 1942.
- _____. **De notícias e não-notícias faz a crônica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARRETO, Teresinha Maria Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador: 1999.
- BARCELONA, Antônio. **Metaphor and metonymy at the crossroads**. New York, 2003.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. In: HOFFNAGEL, Judith Chambliss ; DIONISIO, Ângela Paiva (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2005.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.
- BOLINGER, Dwight. **The form of language**. London: Longmans, 1977.
- BRINTON, Laurel. TRAUGOTT, Elizabeth. **Lexicalization and language change**. Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. **The emergent lexicon**. CLS 34/2:421-435, 1998.
- _____; HOPPER, Paul. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- _____. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. Introduction: Conceptions of grammaticalization and their problems. **Language sciences**, 23, 2001, pp. 93-112
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **gramaticalização**. Cadernos de estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 1997.
- _____. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de. [Org.]. **Funcionalismo linguístico**. Novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012, p.17-42.
- _____. *et. al.* O advérbio. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume III. Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014, pp.266-273.
- _____; ILARI, Rodolfo. Advérbios predicadores. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume III. Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014, pp.275-309.
- _____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Entrevista: funcionalismo(s) e teoria multissistêmica. Revista **PROLÍNGUA**. V.9, N.2. 2014. (Entrevista concedida a Camilo Rosa Silva).

CASTRO, Ivo [Ed.]. **Seten ensaios sobre a obra de J.M.Piel**. Lisboa: Instituto de Linguística de Lisboa, 1988.

CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40 ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, Edson Rosa [Org.]. **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2003.

COLLINS, Allan; QUILLIAN, Ross. **Cognition in learning and memory**. Oxford, England: John Willeis & Sons, 1972.

CORPUS CE-DOHS. **Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão** (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010). Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira (UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq. 401433/2009-9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009) Disponível em: www.uefs.br/cedohs. Data do último acesso. 29/12/2016.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1978.

COSTA, Sá da. **Cartas de Cavaleiro de Oliveira**. Lisboa, 1960.

CRHISTIANO, Maria Elizabeth; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da [Orgs.]. **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. Idéia: João Pessoa, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática o português contemporâneo..** 4 ed. Rio de Janeiro: Lexicon digital, 2007.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael Ferreira. **Corpus do português**. 2006. Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Data do último acesso: 29/12/2016.

DUQUE, Paulo Henrique. **O elemento agora sob o enfoque da gramaticalização**. Dissertação de Mestrado. UFRJ: 2002.

_____. O processo de gramaticalização do item agora. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIII, Nº 04. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, pp. 943-956.

ELVIRA, Javier. **Lingüística histórica y cambio gramatical**. Madrid: Sintesis, 2015.

FÁVERO, Leonor Lopes. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. In: CLEMENTE, Elvo [Org.]. **Lingüística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, pp.52-61.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2003.

FORD, Cecília; FOX, Barbara; THOMPSON, Sandra. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed). **The new psychological of language**. v. 2, Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, pp.119-143.

FREIRE, Francisco José. **O secretário português compendiosamente instruído no modo de escrever cartas...** Lisboa: off de Antônio Izidoro da Fonseca, 1746.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica [Org.]. **Corpus discurso & gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. **Banco conversacional de Natal**. Natal: EDUFRN, 2010.

_____. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. In: _____. [Org.] **Procedimentos discursivos na fala de Natal**. Uma abordagem funcionalista. Natal: EDUFRN, 2000.

_____; TAVARES, Maria Alice. Linguística Funcional e Ensino de gramática. In: _____. [Orgs]. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

_____; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. In: **D.E.L.T.A.** São Paulo: fev/july, 1999, v. 15. n. 1.

_____; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas In: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica [orgs.]. **Linguística funcional centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, pp.13-39.

_____; COSTA, Marcos Antônio; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: _____. OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística funcional: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Editorial, 2015.

GALVES, Charlotte. Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, Tânia *et al* [Orgs]. **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

GIVÓN, Talmy. Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist's field trip. **CLS**, Chicago linguistic society, n.7, 1971, pp. 384-415.

_____. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

_____. **Syntax**. A functional-typological introduction. v. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. **Functionalism and grammar**. John Benjamins: Amsterdam/ Philadelphia: 1995.

_____. The functional approach to language. In: TOMASELLO, Michael. (Ed). **The new psychology of language**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. pp. 41 -66.

_____. **Syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, v.1.

_____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2002, v.2.

_____. **Context as other's minds**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Casseb [Orgs.] **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, Michael. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John [Org.] **Novos horizontes em lingüística**. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, pp. 134-160, (trad. J. A. Durigan), 1970.

_____. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnald, 1973.

HEINE, Bernard; REH, Mechthild. **Patterns of grammaticalization in African languages**. AKUP-47, Cologne: Universitätzu Köln, Institut für Sprachwissenschaft, 1984.

_____; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago/London: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernard. **English grammar: a functional based introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

_____; KUTEVA, Tania. **The Genesis of Grammar**. A reconstruction. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University press, 2007.

HOPPER, Paul. **Emergent Grammar**. BLS 13. 1997, pp. 139-57.

_____. Emergent grammar. In: TOMASELLO, Michael. (Ed). **The new psychology of language**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. pp.155 -175.

_____. On some principles on grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Eds). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, v.1. pp. 17-35

_____; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Grammaticalization**. 2nd. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. Emergent grammar and temporality in interactional linguistics. In: AUER, Pfander, (Eds.). **Constructions: emerging and emergent**. Berlin: De Gryter, 2011, pp. 22-24.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, Rodolfo. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de [org.]. **Gramática do português falado**, v. II. Campinas: UNICAMP, 1990.

_____; BASSO, Renato Miguel. Advérbios verificadores. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume III. Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014, pp.312-344.

KURYLOWICZ, Jerzy. **The evolution of grammatical categories**. Esquisses linguistiques, Munich, v. 2, 1965.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. (coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de letras, São Paulo: EDUC, 2002 [1980], 360 p.

LANGACKER, Ronald. **Foundation of cognitive grammar**. v.1 e 2. Stanford: Stanford University Press, 1987/1991

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization: A programmatic Sketch**. Vol.1 Köln: Universität zu Köln. Institut für Sprachwissenschaft, [1982]1995.

LINS, Ivan. **Aspectos e trechos escolhidos dos Sermões e cartas do Padre Antônio Vieira**. Coleção prestígio. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1945.

LOPES, Célia Regina dos Santos *et al.* Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em corpora históricos. **REVISTA Gragoatá**. Niterói, n.29, pp.239-253, 2º sem., 2010.

LOPES, David. **Chonica dos reis de Bisnaga**. Lisboa: Imprensa nacional, 1897, manuscripto. Disponível em [https:// archive.org](https://archive.org). Acesso em 11/01/2017.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de literatura portuguesa e brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1973.

_____. **Moderna gramática brasileira**. São Paulo: Globo, 2008.

LUQUETTI, Eliana Crispim França. **Os advérbios de tempo e de aspecto em -mente e sua ordenação: uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008. Tese de Doutorado em Linguística.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional/Edusp, 1979.

MACHADO, José Pereira. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. V. II, Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MARCUSCHI, Luís Antônio. A hesitação. In: NEVES, Maria Helena [org.]. **Gramática do português falado: novos estudos**. Campinas: Unicamp: Humanitas/FAPESP, 1999, pp.159-195. v II.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: _____; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura Cezário. **Gramaticalização no Português do Brasil: Uma abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

_____. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. In: **Veredas: revista de estudos lingüísticos**, Juiz de fora, v-2, n. 3, 1988, pp. 37-56.

_____; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; MARTELOTTA, Mário Eduardo; OLIVEIRA, Mariângela Rios de [Orgs.]. **Lingüística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, pp.17 - 28.

_____. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião José; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras: UFRJ, 2004.

_____. **Palestra** realizada no CCHLA (programa de pós graduação em estudos da linguagem) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sobre o desenvolvimento de advérbio para conectivo: um processo de gramaticalização, no segundo semestre de 2007.

_____. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo [Org.]. **Pesquisa em lingüística funcional: convergências e divergências**. Rio de janeiro: Léo Christiano, 2009, pp. 1-20.

_____. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice [Orgs.]. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade- 1924-1944**. Natal-RN: EDUFRN, 2012.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**. Rio de Janeiro: Contexto, 2006/2015.

_____. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN-CM, 1989.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1948 [1912].

MELO, Glaudstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S. A.: 1978.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____; PAES, José Paulo [Org.]. **Pequeno dicionário de Literatura brasileira**. 2.ed. São Paulo: Cultrix (s/d).

NEVES, Maria Helena Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Estudos Funcionalistas no Brasil. In: **D.E.L.T.A.** v. 15. n. especial. São Paulo, 1999.

_____. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Circunstanciais. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume III. Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014, pp.329-344.

_____; BRAGA, Maria Luísa; PAIVA, Maria da Conceição [Orgs.]. Apresentação. **ALFA**, v.41, 1997, pp. 5-10.

NEWMAYER, Jarlotte. Deconstructing grammaticalization. **Language sciences**, v.23, 2001, pp. 187-229.

OLIVEIRA, Maria José de. **Conectores adversativos na fala do natalense**: uma análise funcionalista com implicações para o ensino. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ UFRN. Natal-RN, 2009.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, Edson Rosa de Sousa [Org.]. **Funcionalismo linguístico**. Novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Contexto: definição e fatores de análise. In: _____. ROSÁRIO, Ivo da Costa [orgs.]. **Linguística centrada no uso**: Teoria e método. FAPERJ: Lamparina, 2015, pp. 22-35.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português**: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.

RISSO, Mercedes Sanfelice. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira. [Org.]. **Gramática do português falado**. Volume III: As abordagens. Campinas, SP: São Paulo: FAESP, 1998.

_____. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça [Orgs.]. **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

RODRIGUES, Fernanda Costa Demier. **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então**. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

ROSCH, Eleonor. Natural categories. In: **Cognitive psychology**, n.4, 1973, pp.328-350.

_____. Cognitive representation of semantic categories. In: **Journal of experimental psychology**, n.104, 1975, pp.573-605.

SACONNI, Luís Antônio. **Nossa gramática: teoria**. 14 ed. São Paulo: Atual, 2011.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Teorias da linguagem – a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Margarida Martins [Orgs.]. **Construções do português: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, pp. 20-32.

SARMENTO, Leila Lauer. **Gramática em textos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

SILVA, Camilo Rosa da. **Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa, 2005.

_____; OLIVEIRA, Maria José de. O advérbio agora em processo de gramaticalização: é preciso ensinar que/como/porque a língua muda. **Revista do GELNE / Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste** - Vol. 14 - Números 1/2 - Natal: UFRN, 2013.

_____; Reflexões sobre a multifuncionalidade dos conectores adversativos. In: SILVA, Camilo Rosa; Matos, Denílson Pereira de [Orgs.]. **Usos linguísticos: formas&funções**. Curitiba: CRV, 2016.

SIMÕES, Maria Alzira Proença. **Catálogo de tipografia português do século XVI**. Biblioteca nacional de Portugal, 1990.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

_____. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de. **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012.

TOMASSELLO, Michael [Ed]. **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernard. **Approaches to grammaticalization. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues**. Amsterdam: Benjamins, 1991.

_____; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. ‘**All he endeavoured to prove was...**’: constructional emergence from the perspective of grammaticalization. 2008. (Texto digitado).

VASCONCELOS, José leite. **Lições de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VIEIRA, Francisco Eduardo. **Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização**. Tese (Doutorado em Letras). PPGL/UFPE, Recife, 2015